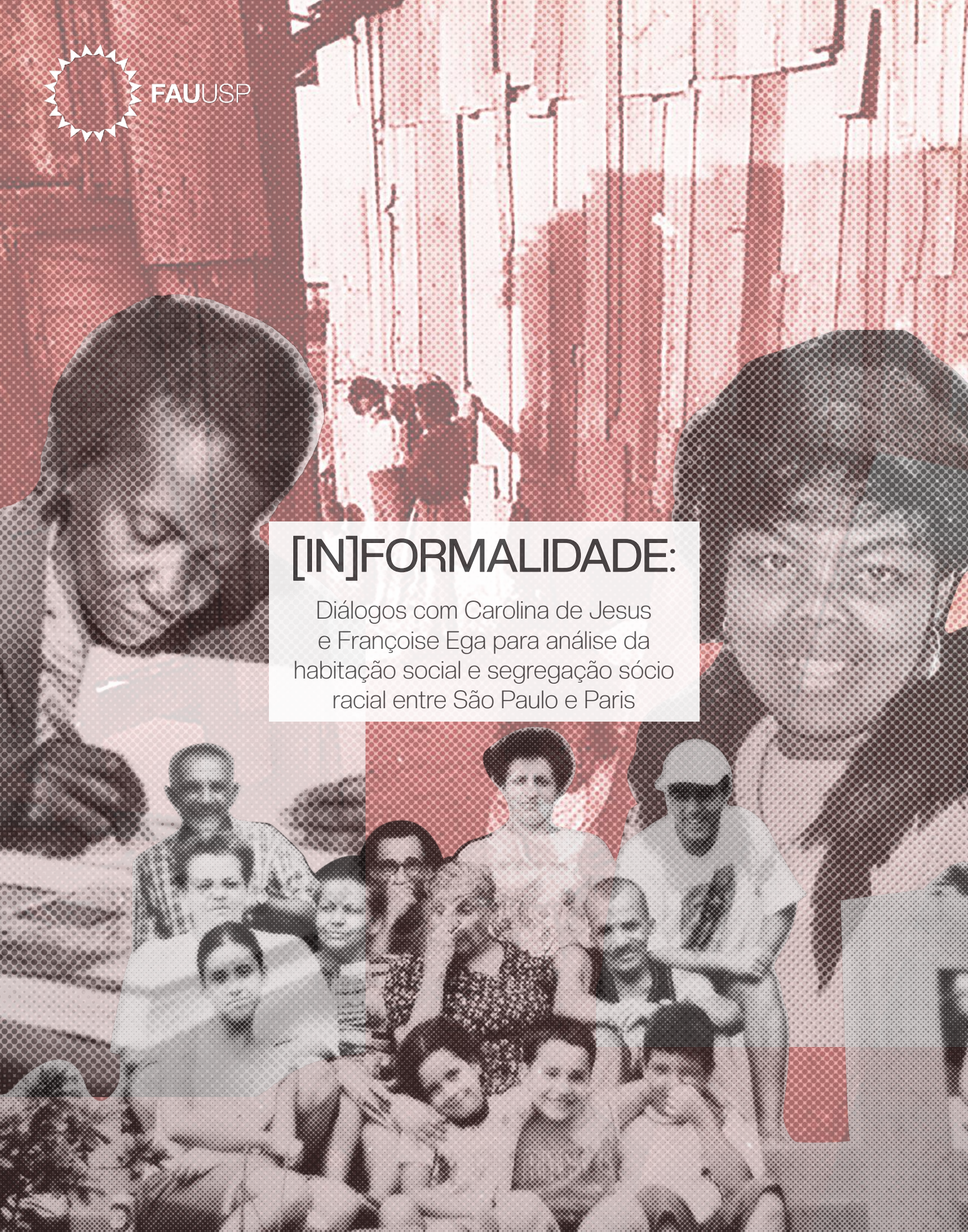


FAUUSP

[IN]FORMALIDADE:

Diálogos com Carolina de Jesus
e Françoise Ega para análise da
habitação social e segregação sócio
racial entre São Paulo e Paris



Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Fernandes do Nascimento, Débora

[IN] FORMALIDADE: Diálogos com Carolina de Jesus e Françoise Ega para análise da habitação social e segregação sócio racial entre São Paulo e Paris / Débora Fernandes do Nascimento; orientador Maria Camila Loffredo D'ottaviano. coorientador João Sette Whitaker Ferreira - São Paulo, 2021. 217 p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

1. Relações Socio-raciais-urbanas. 2. Paris e São Paulo. 3. Carolina de Jesus. 4. Françoise Ega. I. Loffredo D'ottaviano, Maria Camila, orient. II. Sette Whitaker Ferreira, João, coorient. III. Título.

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP)

[IN] FORMALIDADE:

Diálogos com Carolina de Jesus
e Françoise Ega para análise da
habitação social e segregação sócio
racial entre São Paulo e Paris

Débora Fernandes do Nascimento
Orientadora: Camila D'Ottaviano
Coorientador: João Sette Whitaker Ferreira

Sumário

Agradecimentos	4
Prólogo: A Academia não está preparada para falar sobre raça.....	8
Introdução	12
Justificativa de texto: Escrevivências: Minha história em diálogo com Carolina de Jesus e Françoise Ega	16
1. Habitação: O sonho da Casa Própria e do reconhecimento da cidadania.....	22
1.1. São Paulo e a década de 1960: o encontro de 3 histórias.....	25
1.2. Paris e os HLMs: as experiências de moradia.....	34
2. Urbanização: O Papel do Estado e o Direito à cidade	42
2.1. Movimentos Migratórios e urbanização: a busca por qualidade de vida e a expulsão dos centros urbanos	46
2.2. Favela, <i>Taudis</i> , Loteamento e HLM: as opções de moradia e suas relações sócio-raciais.....	59
3. Educação, Saúde e a Pobreza: O reconhecimento de si próprio como agente e os meios para ascensão social	72
3.1. Saúde: Atenção primária e pandemia na expressão de desigualdades sócio-raciais.	86
4. Sociedade e Mulheres na cidade: protagonismo feminino na construção urbana.....	122
4.1. Entrelinhas. Histórias que se relacionam	160
4.1.1. São Paulo:	161
4.1.2. Paris	173
4.1.3. Conclusão	183
Álbum de fotos: Um aprofundamento nas histórias por meio da fotografia.....	190
Bibliografia	207

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe, Doralice Fernandes, por ser uma mulher incrível e me apoiar em tantos sonhos, sem ela nada disso seria possível. Sempre a primeira a saber dos meus objetivos, ela incansavelmente me deu suporte para sonhar e alcançar, mesmo que, para mim, esses objetivos parecessem impossíveis. Resiliência e força são as características que ela me passou.

Quero agradecer ao meu pai, Carlos José Batista do Nascimento, que foi quem olhou para o meu interesse pelo desenho e me deu meu primeiro livro sobre, sem dúvidas o seu apoio me trouxe até aqui. Inteligente e com o dom da palavra, me passou a importância de escutar e da saber se expressar.

Agradeço a minha irmã, Thais Fernandes do Nascimento, que foi um grande suporte para mim, não só nesse trabalho, mas em todo o processo para me afirmar como eu sou. Crescer com você me ensinou muito sobre o amor e a fraternidade. Acompanhamos as mudanças uma da outra e, mesmo sem perceber, cuidamos e protegemos mutuamente. Você me ensinou sobre a importância de ter um ponto seguro.

Eu amo vocês.

Agradeço às minhas tias maternas:

- Wilma Sônia, por, desde pequena, ter cuidado de mim com tanto carinho e me ensinado a conhecer a cidade como ninguém. Grande contadora de histórias e conhecedora de São Paulo, permeou minha infância com as histórias da família e devo muito a ela por esse trabalho.
- Luci Lei, por ter me mostrado que "meninas boazinhas não vão para o céu", ou seja, que eu devia me afirmar e me impor. Por ter me ensinado sobre a generosidade. Sempre presente, ela apoiou meus objetivos e esteve sempre lá, para o que eu precisasse.
- Minha tia Maria de Lourdes por ter me incentivado e apoiado, me ensinando sobre o poder de mudança e da proatividade.
- Minha tia Maria José, vizinha por tantos anos, me ensinou muito sobre o cuidado. Guardo com carinho as tardes na casa dela e nossos finais de dia na calçada, quando ela me contava com excelência as histórias da família e do bairro.
- A minha tia Vitória Regia, pelos relatos e histórias, que mesmo tanto tempo depois, ainda permaneceram em minha memória e aparecem ao longo deste trabalho.

Agradeço também à minha avó Florentina Pereira do Nascimento que me cedeu informações sobre nossa família, fotos e tão gentilmente me relatou a sua história.

Meu muito obrigada à minha prima Regiane Aparecida, que se disponibilizou a me ajudar com todas as datas e informações de nossas tias, além das fotos, e minha prima Iara Janaína pelas fotos que me ajudaram nesse trabalho.

Aproveito esse momento para agradecer também aos professores e funcionários da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Eu, como aluna e profissional, tive minha formação alimentada por todos os professores que passaram pela minha trajetória, que me ensinaram a encarar a arquitetura e o urbanismo como expressões da sociedade e como meios de construir um futuro.

Em um momento em que a Universidade Pública é atacada diariamente, são os funcionários, desde aqueles que mantêm a manutenção dos ambientes (limpeza, organização, agendas e etc) até os docentes, que mantêm a Faculdade como um ambiente vivo, que suscita o debate, absorve e devolve experiências.

A pandemia que vivemos hoje mostrou mais uma vez a força dessa instituição, que tanto me orgulho de fazer parte. Assim demonstro aqui meu reconhecimento a funcionários que auxiliam a manter esse ambiente, que me formou até aqui.

Não poderia deixar aqui de mencionar a importância do fomento à pesquisa que encontrei durante os meus anos na FAUUSP. Nesse sentido agradeço a professora Rosana Helena Miranda, que me acolheu, não só em Fundamentos do Projeto (meu primeiro contato com a arquitetura na Universidade), como em suas pesquisas 65 anos de produção de projetos públicos de EDIF - Departamento de Edificações da Prefeitura do Município de São Paulo e Renovação Urbana: o projeto urbano e história nos bairros centrais de São Paulo.

Agradeço também a professora Ana Claudia Castilho Barone, pelo aprendizado que adquiri no Laboratório de Raça e Espaço Urbano (LabRaça) e pela orientação na pesquisa *"O Prefeito Antônio Prado e a população ne-*

gra da cidade de São Paulo (1899 – 1911)". Estendo meus agradecimentos aos alunos, mestrandos e doutorandos que fazem e fizeram parte deste laboratório durante minha formação. As reuniões, pesquisas e simpósios foram essenciais na minha trajetória.

Agradeço à minha orientadora Camila D'Ottaviano pelo apoio e orientação, imprescindíveis para esse trabalho, mais do que academicamente, foi um ponto de apoio essencial. Agradeço também ao coorientador João Sette pelo incentivo, desde a primeira ideia de tema.

As pessoas que me acompanharam durante esses anos também foram extremamente importantes na minha trajetória. Agradeço às minhas amigas Carla dos Santos Gomes e Vitória Paiva por fazerem parte da família que levo dessa faculdade.

Compartilhamos os anos no caramelo, as idas ao teatro, bandejão e o intercâmbio, no qual morei com a Carla em Paris e Vitória estava em Nantes. Vocês estiveram comigo nos momentos de maior alegria e maior tristeza, mesmo que isso significasse a perda de um cartão SD. Famílinea para sempre!

Agradeço também a minha amiga Maria Gabriela, que me acompanhou em tantos momentos tornando-se um grande suporte nessa trajetória FAU. Nosso crescimento durante esses anos de faculdade, é um dos grandes presentes que tenho dos meus anos de estudo. O Coletivo Malungo, que auxiliamos a construir, a disciplina "Negritude, Cultura e Cidade", um dos maiores passos que tivemos na FAUUSP, e dentre outras tantas vitórias, aprendizados e desafios que tivemos nesses anos em uma faculdade que ainda é branca e elitista. Nossa amizade é o melhor presente.

Cito aqui as amigas queridas Lilian e Mariana, que conheci durante a época do vestibular e que me acompanharam até aqui, além de Karinne, Yume e Victoria, amigas queridas que são grandes presentes que ganhei durante esses 7 anos.

Agradeço a Rafael, Ygor, Thaís, Joana, Marcela, Edmur, Gabriela, Leonardo, Patrick, Santiago, Luiz e Vivi, amigos "Paulo Limão", pelo apoio. Agradeço a Ana Beatriz, Eric, Guilherme, João Vitor, Giovanni e Julia Miwa pela amizade, que traz tantas alegrias, mesmo estando agora tão longe.

Aos meus amigos do atelier da *École d'urbanisme de Paris*: Paul, Hawa, Bilel, Eve, Sloane, Mathieu e Lucas, que, pacientes, me deram apoio nessa empreitada de realizar um Master ao mesmo tempo que um TFG. Além de reiterar a Mathieu o agradecimento pela entrevista, assim como a Sara.

Meu agradecimento à Pascal Mobailly por ter sido um dos meus maiores companheiros nesse momento em que, longe de casa, me desafiei a terminar uma jornada, ao mesmo tempo que iniciava uma nova. O apoio, carinho e cuidado que ele teve comigo foram de extrema importância para que eu chegasse até aqui.

Estendo essas últimas linhas para agradecer à Nathalia Fujii que me ajudou com a diagramação deste caderno, escolha de imagens e me incentivou em todo esse processo; à Letícia Martins por ter auxiliado nesse trabalho, além de ser um apoio emocional extremamente importante; à Paloma Betini por ter lido e corrigido este trabalho, com tanto carinho.

Um agradecimento especial a você, Julia Albuquerque, uma das minhas melhores amigas, grande arquiteta e ur-

banista, que deixa uma saudade imensurável. As linhas grafadas nesse caderno são para você, que me ensinou que a saudade é companheira eterna. Como uma linha pode estar emaranhada ou contínua, mas será sempre presente.

Não somos seres totalmente formados, absorvemos durante toda a vida pequenos pedacinhos, experiências, conversas, aprendizados....Agradeço a todos que fizeram parte do meu caminho, que infelizmente não pude citar seus nomes (sob o risco de obter 7 páginas de agradecimentos e, ainda assim, não citar todos que gostaria). Sintetizo todos na seguinte frase: Obrigada a todos, por fazer parte dessa minha pequena e linda colcha de retalhos, que faz parte de quem eu sou.

A Academia não está preparada para tratar sobre raça.



A Academia não está preparada para tratar sobre raça.

A Academia não está preparada para acolher quem é raça, quem debate sobre raça e quem luta pelo seu espaço.

Digo ser raça, não no sentido de carregar um peso, ser mártir. Mas no sentido de ser reconhecido no espaço sócio-urbano como negro, de ter locais na sociedade, na cidade e na própria universidade que são designados conforme a sua posição sócio-racial.

A Academia – em especial no contexto brasileiro – não foi historicamente um espaço criado para o sujeito preto e, através de maiores embates por uma igualdade de acesso, a Academia se vê em um local diferente: com a entrada de estudantes negros, pesquisadores negros, professores negros – que agora deixam de ser a minoria, os “*outsiders-within*”, como define Joice Berth¹ – a Academia se vê obrigada a tratar sobre racismo e a encarar suas próprias falhas. A academia é racista.

Quando um estudante negro decide falar sobre a dinâmica de raças e suas consequências socio-urbanas, ele não trata o tema apenas como objeto de pesquisa, esse é o momento de abordar suas próprias vivências e explorar suas raízes. O objetivo é sim expor, mas também compreender e – porque não? – mudar. Mas essa mudança não vem sem embates.

Ser negro na Universidade é travar uma intensa batalha

com o meio onde se vive e o meio onde se estuda. A Universidade de São Paulo, como o próprio Flavio Villaça (2012) realça, não está na periferia da cidade, os instrumentos de Estado pouco se concentram nesses locais, por motivos que a presente pesquisa buscará desenvolver.

A USP tem suas origens no projeto de emancipação de São Paulo – decorrente da derrota na Revolução de 1932 – como um espaço de formação da elite branca dominante, numa sociedade que havia pouco deixou de ser escravocrata, e ainda carregava – como carrega até hoje – sua herança. A USP nasceu como um projeto das elites brancas paulistas e, hoje, sua localização em área central e nobre da cidade, longe da periferia, como indicou Flávio Villaça (2012), só reforça sua lógica elitista.

O que me importa colocar neste momento é que ser mulher-negra na Universidade é viver a cidade, seus embates de classe, raça e gênero, diariamente. Não se escolhe o que vivenciar, ao longo do trajeto a periferia dá espaço para os prédios do Centro, seus escritórios, seus espaços de lazer...existe um contraste claro entre o local negro e local branco em São Paulo. Por isso trato a cidade por territórios, concordando com a definição de Raquel Rolnik (1997), pela qual estes atribuem características de civilidade e cidadania conforme os grupos que o ocupam. E São Paulo é evidência dessa relação.

O trajeto, que não se conta em quilômetros, mas em horas, escancara na janela do transporte público a segrega-

¹ Meu primeiro contato com o termo foi em uma palestra da Arquiteta, Urbanista, Colunista e Assessora Política Joice Berth; O termo, cunhado por Patricia Hill Collins, trata de uma posição social – que a princípio se relaciona com as mulheres negras, mas que, para o que busco tratar nessa pesquisa, relaciono também aos homens negros – em que o marginalizado consegue ocupar um espaço num ambiente social que não foi a ele designado. Assim, o indivíduo (*outsider*), se vê nesse território (*within*), mas não se encontra totalmente incluído nesse local. Ele está lá, mas o ambiente demonstra, repetidas vezes, seu não pertencimento.

Ao mesmo tempo, quando fora, ao retornar à sua origem, o indivíduo também não é mais completamente parte dessa região, pois está mudado, seja pelo nível de educação acadêmica superior, seja pelos questionamentos que constrói, que já não são respondidos por nenhum dos ambientes que se insere, nem pela Universidade, nem pela periferia.

ção. Ao longo da graduação li diversos livros que diziam que essa distância se devia ao "espraiamento de desenvolvimento urbano", mas quero terminar minha formação reformulando essa frase: Essa distância se deve ao racismo estrutural que fundamenta o desenvolvimento urbano, no que Silvio Almeida (2019) define como elemento que integra organização política, econômica e social da sociedade.

Nesse sentido, acho irônico o medo do termo *raça*, que me acompanhou durante toda minha graduação. O medo do ser negro (e nessa palavra insiro o verbo e o substantivo, ou seja, tanto o indivíduo quanto sua posição na sociedade). Paris me mostrou, que esse medo não é brasileiro, mas globalizado. No entanto cada região tem suas formas raciais estabelecidas, que se originam em processos históricos muito distintos, mas acabam desenvolvendo fenômenos de exclusão semelhantes.

A Academia não está preparada para tratar sobre *raça* e vai buscar justificar sua posição, responsabilizando o indivíduo racializado. Mas não é função desse indivíduo educar, mas é função da Academia abrir espaços de estudo, de conhecimento, evidenciar a segregação e construir um espaço que suscite o debate e a mudança. Tratar sobre o racismo não é apenas uma análise, é resistência, é permanência, é falar do que somos e do que queremos ser. Não posso "decidir" não falar sobre isso, porque esteja onde eu estiver, eu carrego o que sou: mulher negra, latina e periférica.

Opressões não se sobrepõem, são somadas. Como coloca Guimarães (2009), opressões podem ser articuladas, mas nunca poderão ser analisadas de forma dissociada. Paris, assim como São Paulo, evidenciaram essa realidade. Na França a miscigenação não foi tão forte quanto no Brasil – devido a sua posição de país colonizador escrava-

vagista e não de colônia escravizada -, logo o colorismo não é tão debatido (o que Paulina Alberto, 2017, vai realçar em seu livro, como as elites brasileiras, miscigenadas demais para a Europa, espelham distorcidamente os conceitos do dito primeiro mundo. Mesmo o racismo no Brasil, será diferente na Europa, nos EUA).

Mais recentemente a miscigenação tem sido debatida na França, um processo moderno que aproxima os países, mas que a França, devido a seu histórico colonizador, ainda está no início. Isso tem reflexo sobre mim e minha posição na sociedade francesa: eu não tenho local definido aqui. Eu não sou negra, mas também não sou branca... Eu sou eternamente *bronzée*.

Isso ocorre porque *raça* não é uma questão biológica, *raça* é sociocultural. Não se dissocia ser negro do meio em que se vive. Eu sou mulher negra onde quer que eu vá, porque, no meio em que me formei, a sociedade me evidenciou como tal. Paris, mesmo não tendo uma "caixinha certa" para me colocar, me racializou como mulher, como imigrante latina e miscigenada, me segregando de determinados espaços, um espelho dos processos capitalistas de formação urbana.

Agora me parece estranho ter ficado surpresa com essa situação de desencaixe. Ser negro não é um sujeito universal, não existe "O racismo", "O negro", "O movimento negro". Esses termos são plurais, porque são diferentes os países, as sociedades, os territórios. Isso eu não aprendi na Universidade, assim como não tive contato com arquitetos negros ou com o continente africano, que não pela sua pobreza.

A Academia não está pronta para discutir seu racismo interno, sua participação na racialização do espaço urbano. Mas esse assunto será tratado, não para apontar res-

ponsáveis, mas para evidenciar uma atuação e também uma alternativa a isso. Enquanto não evidenciarmos o papel do planejamento urbano na divisão racial do espaço e dos investimentos urbanos, estaremos fadados a perpetuar ciclos de expulsão e segregação, que se mantém desde o fim da escravidão.

A ação assertiva é necessária neste momento, mesmo que o ambiente universitário se mostre tantas vezes reticente à mudança. Essa mudança vem, quanto a isso não existe dúvida. Somos parte dessa onda e ela não tem nenhum outro caminho a seguir que não seja o crescimento.

A Academia não está pronta para isso, nunca vai estar, mas cabe a nós, estudantes, e demais membros da universidade, estabelecer nosso lugar, o lugar da negritude. Esta pesquisa, portanto, não serve para apenas para marcar minha passagem de aluna para arquiteta-urbanista, mas serve para fortificar o meu lugar e de tantos estudantes na Universidade Pública Brasileira. Faço isso não só por mim, mas para aqueles que lutaram pelo espaço que ocupo agora e para abrir ainda mais caminhos para os alunos que virão.

Introdução

No âmbito do meu Trabalho Final de Graduação (TFG) na USP, apresento o trabalho intitulado "[IN] FORMALIDADE: Diálogos com Carolina de Jesus e Françoise Ega para análise da habitação social e segregação sócio racial entre São Paulo e Paris" sob orientação da professora Camila D'Ottaviano e coorientação do professor João Sette Whitaker.

Nesse trabalho coloco em diálogo as autoras e minha própria história, como mulher e arquiteta negra, para discutir a construção sócio-racial-urbana das cidades de Paris e São Paulo, e os fenômenos de exclusão que conectam essas metrópoles de contextos históricos tão diferentes, além de traçar um panorama sobre a atualidade das críticas de Carolina e Françoise.

O presente trabalho nasceu das minhas inquietações como imigrante em Paris associadas à minha vivência como mulher negra em São Paulo. Morando em São Paulo em um bairro periférico, me desloquei durante toda a graduação no trajeto Zona Oeste – Zona Leste, da minha casa ao Campus da USP.

Ao ingressar na FAUUSP me deparei com todas as oportunidades que me ofereciam a Universidade Pública, mas também as questões que esse ambiente, ainda muito branco e elitista, apresentava a mim mesma. O nível econômico de muitos alunos, que era diferente do meu – durante toda a graduação em São Paulo vendia então torta de frango na "mesinha" (espaço de vendas, gerido pelos próprios estudantes) –, meu contraste pelo local de habitação, pela raça e etc. Eu estava na Universidade, mas ao mesmo tempo eu não estava totalmente inserida.

Por outro lado, na França há pouco mais de 2 anos, já vivi diversas experiências no país que por vezes encontram essas experiências passadas, por vezes a contrapõem.

Ao longo desse período me inquieto com o racismo, com as semelhanças e as diferenças que consigo traçar (e que são impossíveis de ignorar). Na França eu senti na pele a miscigenação do Brasil e a relação de somatória entre as opressões e o peso da imigração.

Desde que cheguei no país, desempenhei diversas "funções", até chegar hoje, como estudante no Master 1 da *École d'Urbanisme de Paris* (EUP). Fui garçonete no Amorino (linha italiana de boutiques de sorvetes e sobremesas) em um dos complexos de luxo mais famosos de Paris (la Vallée Village), fui estagiária em escritórios de arquitetura e urbanismo, fui babá.

Nessa trajetória, vivi Paris tanto socialmente quanto profissionalmente, auxiliando em operações urbanas que, algumas vezes, passavam por lugares por mim conhecidos. Suscitando em mim a questão: para quem estamos construindo Paris?

Era impossível dissociar de mim o que vivi em São Paulo, onde, trabalhando na Secretaria de Habitação do Município, lidava com as favelas, com os planos urbanos e também me questionava: Para quem continuamos construindo São Paulo?

Nesse momento vale uma especificação: quando escrevo Paris, me refiro não só à área intramuros (o caracol de arrondissements), mas à metrópole, Paris Île-de-France. Para São Paulo, uso como comparação a metrópole de São Paulo.

Diante das minhas inquietações me apoiar nos livros de Françoise e Carolina foi uma grata surpresa, que possibilitou também explorar a história da minha própria família. Carolina de Jesus permeou minha graduação, dediquei a ela alguns dos meus trabalhos, mas Françoise foi a pri-

meira vez que a li.

A sugestão de seu livro veio da professora Ana Castro, que me indicou a leitura. Ela não o tinha lido (a tradução do livro foi feita esse ano e o livro original não era disponível no Brasil), mas sabia que poderia me interessar. Quando eu o li, decidi que meu trabalho precisava falar sobre essas duas mulheres, conectá-las, como Françoise tanto queria, mas também me conectar com elas por meio da escrita.

Foi com a leitura desses livros que pude explorar as minhas inquietações com Paris e confirmar que minhas comparações não eram em vão, porque Françoise me assegurava: a pobreza é universal.

Em muitos momentos ao longo trabalho me senti insegura e agradeço imensamente a minha orientadora Camila D'Ottaviano, que me impulsionou a continuar a escrita, ao coorientador João Sette Whitaker que me auxiliou muito com as questões entre Paris e São Paulo, e minhas companheiras de TFG: Cecília Andrade, Juliana Lima, Maryana Hipólito e Aline, que me ofereceram suas amizades e sugestões que enriqueceram grandemente este trabalho.

Eu não poderia ter escolhido outro tema para o meu Trabalho Final de Graduação, pois eu sou uma mulher negra, futura arquiteta e urbanista, eu vivo a cidade pelo seu viés sócio-racial. Isso não quer dizer, no entanto, que não tenha sido duro (sobretudo emocionalmente) tratar dos assuntos que escolhi explorar, justamente porque eles são também vividos por mim. Isso explica a linguagem pessoal utilizada ao longo da pesquisa.

Como aluna negra na melhor faculdade de arquitetura e urbanismo do país e uma das melhores da América latina, a FAUUSP me deu inúmeras oportunidades, mas também

me mostrou os desafios de ser uma estudante racializada na Academia e os obstáculos para tratar desse assunto.

Desde o tema, até a escolha da banca, meu trabalho foi fundamentado em embates, que eu muitas vezes tratava dentro de mim mesma. Isso também considero uma carga racial, que tornou o trabalho ainda mais difícil. Tratar da minha vivência, a da minha família, ligar Carolina e Françoise...eu me obriguei a ser o melhor que eu poderia ser, porque eu estaria representando muitas histórias. Isso me custou muito esforço emocional, mas no fim percebi que, independentemente do que eu tratasse, eu estaria levando todas essas "bases" comigo. Eu, não apenas mulher negra na Universidade, mas apenas eu, já é suficiente.

Escrevivências²: Minha história em diálogo com Carolina de Jesus e Françoise Ega



Em um primeiro olhar pode-se comparar Carolina de Jesus³, Françoise Ega⁴ e eu mesma por nossos fenótipos e situação urbana. Três mulheres negras, moradoras da periferia e que vivem a cidade e suas relações de gênero, classe e raça. Mas minha história se entrelaça com as dessas duas mulheres de forma mais profunda do que esse primeiro olhar pode sugerir.

Eu também me relaciono com elas pelo gênero e pela raça, mas, como Lélia Gonzales (2020) e Guimarães (2009) defendem, opressões não se relacionam em hierarquia, mas em soma. Em São Paulo, com Carolina, a relação **raça x gênero** ganha novos contornos quando falamos de espaço urbano. Na França, com Françoise, além dessa relação adicionamos o status de imigrantes. À essas duas visões, adiciono as minhas percepções.

Foi ao ler os livros das autoras que percebi que compartilhava com elas muitas visões sobre as cidades de São Paulo e Paris, que a cidade ambígua de Carolina era por mim compartilhada, que a análise sobre a exploração da mulher negra por Françoise também me atingia. Não só, suas leituras cabiam também à minha família e me suscitaram a pergunta: por que cidades diferentes, em tempos diferentes, ainda trazem essas mesmas percepções? A quem interessa a perpetuação desses ciclos e como quebrar essas formas de produção socio-urbana?

Por isso vejo nossas histórias como um triângulo, pois os ciclos de segregação que elas demonstram se repetem, fazendo com que todas estejamos ainda em relação. Ao colocar Françoise e Carolina juntas e me inserir nas suas histórias, também permito a mim mesma expressar minhas experiências, como mulher, como latina, como imigrante e como arquiteta urbanista.⁵

O que busco com esse trabalho é estabelecer um diálogo com essas duas mulheres, que nunca se conheceram pessoalmente⁶, mas que compartilharam relatos de compreensão profunda, relatos que, anos depois, também me fizeram compreender melhor minhas próprias vivências tanto em São Paulo, quanto em Paris. Assim traço uma linha que nos conecta e que, surpreendentemente, revelou conexões muito mais profundas, que também conectam a história da minha família e do bairro onde passei minha infância e adolescência em São Paulo.

A partir de Carolina (JESUS, 2014) podemos ver o contraste entre centro e periferia: andamos pelas ruas com ela, vemos a sala de visitas (a cidade) e a favela, seguindo a descrição de seus caminhos e de sua vida. Françoise Ega (EGA, 1978) trata também da exclusão do racismo e de uma cidade adversa ao negro, uma cidade construída para os ricos, onde a sala de entrada, com elevador, era para a Madame, enquanto a entrada dos fundos com

2 Termo cunhado por Conceição Evaristo, que designa uma escrita baseada na vivência. De acordo com definição de Lívia Natália (2018), fornecida por Maria Carolina Casati Digiampietri, em evento online do Instituto BRAVA, intitulado Carolina e Françoise: escrituragem, inspiração e legado, o termo escrituragem demarca como se constituem formas de escrita negra contemporânea, expressam aquilo que a literatura hegemônica recalca na sua representação. A expressão alcança elementos, cenas e formas que residem no limiar entre a ficção e a realidade.

Maria Carolina ressalta: "Não necessariamente é a vivência, mas passa pela vivência e pela escrita. [...] Elas se escrevem e justamente por escreverem sobre si, elas escrevem sobre todas as outras. [...] Não importa se tudo aconteceu exatamente assim, o que importa são as interpretações"

3 JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus; 10. Ed. - São Paulo : Ática, 2014.

4 EGA, Françoise. *Lettres à une noire*. Paris : L'Harmattan, 1978

5 Atualmente me encontro em Paris, iniciando também meus estudos na *École d'Urbanisme* de Paris.

6 Carolina de Jesus nunca teve contato com o livro de Françoise Ega e a segunda tem ciência das dificuldades de encontro entre elas (pautada principalmente pelo idioma). Assim esse estudo tem também esse importante papel de encontro entre suas histórias, uma vontade ressaltada por Françoise ao longo de todo seu livro, que vê Carolina como uma irmã.

escadas intermináveis era para a “*Bonne*” (empregada), negra.

Eu, nessa relação, possuo o papel de ligação, de arquiteta e urbanista que evidencia um planejamento urbano que se fundamenta em exclusões sócio-raciais vividas pela minha vó, minhas tias, minha mãe, por Carolina, Françoise e por mim mesma... Escrever sobre isso é um ato político, de evidência de conjunturas de segregação, pois se a cena da distribuição de ossos de Carolina se repete para Françoise com o mercado de “lotes de carne”, repetindo-se mais de 60 anos depois no Brasil de 2021, isso não serviria de alerta para um ciclo de exclusão? Um cenário claro de que continuamos a construir uma cidade e uma sociedade racistas?

Soma-se a isso o papel da mulher nesse cenário. Tanto nas narrativas de Françoise quanto de Carolina a mulher tem papel principal, não só por ocupar o espaço de narradora, mas de provedora da família. As mulheres são essenciais, como personagens, como apropriadoras/construtoras do espaço urbano, marcadas pela resistência. Neste ponto nossas histórias se cruzam: na minha família as mulheres têm papel fundamental. A vida doméstica (espaço do negro) marcou suas formações, a cidade foi palco de seus embates. *E a educação foi o fator essencial de ascensão social.*

Por parte de mãe, tenho largamente um número maior de tias do que de tios (8 mulheres para 2 homens) e o ambiente no qual cresci foi marcado pelas relações de apoio, muito baseadas no matriarcado. Por parte de pai, mesmo que de 4 filhos, apenas haja 1 mulher, o matriarcado é forte no papel da minha vó.

O caminho migratório também é ponto de encontro, Carolina nasce em Minas Gerais e migra para São Paulo

(morando na Santa Efigênia, em cortiços, favela do Canindé, Zona Norte e Palheiros), Françoise nasce em Martinique, vai para Paris e depois para Marseille. Minhas avós também migram, do Nordeste ao Sudeste, com os mesmos objetivos e sonhos: *melhor qualidade de vida e casa própria.*

Assim, por parte de mãe e pai, ambas as famílias têm as vidas entrelaçadas, não só pelo casamento dos meus pais, mas pela fuga para São Paulo em busca de melhores condições de vida, além do sonho da casa própria (estabilidade) e pelo papel de líder na figura feminina (contrastando com o machismo).

Minha vó materna saiu da Bahia ainda na década de 1920, fugindo dos abusos da sua madrastra. ***“A mãe morreu, o pai casou de novo e a madrastra não queria cuidar dos filhos ‘originais’, só queria saber dos dela. Minha mãe e os irmãos apanhavam muito”***, descreve minha mãe, Doralice Fernandes, em umas das conversas em que a questioneei o motivo de minha avó ter saído de casa.

Olinda Fernandes, à época tinha 4 irmãos (de acordo com as lembranças de minhas tias) e sofria muitos abusos. Os irmãos decidiram então deixar a cidade. Branca não tem paradeiro definido, Tia Bia foi para o sul, minha vó casou-se com seu primo e juntos foram para o interior de São Paulo.

Minha mãe me conta sobre a vida itinerante e pobre dos meus avós: ***“passaram por muitas cidades, cada filho nasceu em uma. Suas tias saberão te contar melhor a história”***.

E souberam. Minhas tias Maria de Lourdes, Wilma Sônia e Maria José contam sobre a passagem dos meus avós

por cidades como São José do Rio Preto, Mirassol e Votuporanga, até finalmente chegarem a São Paulo, onde primeiro se estabeleceram no bairro Nova Califórnia, no Carrão, na zona leste.

Neste primeiro lugar, em uma casa cedida, onde ainda não havia canalização de água e esgoto, a situação obrigava ao trabalho constante, mesmo para a minha vó, grávida de seu último filho Fernando. Este nasceria com hérnia (que minha mãe e tias acreditam ser por causa do trabalho de minha vó na casa) e morreria no hospital ao tentar operar a doença.

Do Carrão meus avós conseguiram comprar sua primeira casa, no final dos anos 1960, num terreno no Jd. Danfer, mais a leste, junto à várzea do rio Tietê. **“Não tinha asfalto, o ônibus a gente pegava na avenida São Miguel ou no Terminal Goulart. Era perigoso, a gente tinha medo”**, relatou a minha mãe.

Daniel Ferreira⁷ loteou os terrenos, vendeu e não fez a estrutura necessária. Asfalto e saneamento vêm depois graças ao mutirão, que a Associação de moradores (da qual minha tia Maria de Lourdes era presidente) lutou para construir junto com a Empresa Municipal de Obras de Urbanização (EMURB) e o então prefeito Mario Covas.

As obras foram feitas e pagas pelos moradores via notas promissórias. **“A gente agora tinha esgoto e asfalto. Uma maravilha!”**, interpela meu pai, mostrando a importância de uma infraestrutura mínima para a qualidade de vida dos habitantes.

Meus avós paternos também aproveitaram a oportuni-

dade do loteamento para conquistar a casa própria. Ambos tinham saído de Sergipe, mas não se conheceram antes de chegarem a São Paulo para trabalhar e morar na Vila Maria, zona norte da cidade, na fábrica de vidros Nadir Figueiredo.

“Minha mãe fugiu do machismo dos irmãos, que queriam mandar nela”, explica meu pai. Em São Paulo, Florentina Pereira Lima encontra seu marido, José Batista do Nascimento, eles se casam e vão morar em um cortiço, na Vila Maria.

O cortiço, na Rua Andaraí (Vila Maria Baixa - Zona norte) como descrevem, tinha 1 banheiro e 2 pias para lavar roupa. O aluguel era baixo, o que tornava essa alternativa comum para muitas famílias migrantes, mas mesmo assim era um peso financeiro grande para meus avós paternos.

Assim, eles foram morar com um parente da família, o Tio Domingos, em Cidade Ademar. Quando este tio se casou, a família se mudou com mais duas tias de volta para a Vila Maria, em uma casa no Jardim Japão até alugar uma casa maior junto com outras 2 irmãs de minha vó.

Meu pai e meu tio tinham um terreno em Congonhas, onde agora é o aeroporto. Venderam, o terreno tinha valorizado. Com o dinheiro meu pai e minha mãe compraram a casa no Danfer e saíram do aluguel.

Aqui as famílias se encontram no mesmo lugar: ambas compraram casas no Jardim Danfer entre 1960 e 1970. No entanto as casas vieram antes da infraestrutura urbana. Um problema comum em São Paulo, onde glebas eram loteadas antes da infraestrutura urbana.

⁷ Carolina de Jesus nunca teve contato com o livro de Françoise Ega e a segunda tem ciência das dificuldades de encontro entre elas (pautada principalmente pelo idioma). Assim esse estudo tem também esse importante papel de encontro entre suas histórias, uma vontade ressaltada por Françoise ao longo de todo seu livro, que vê Carolina como uma irmã.

Nesse momento as histórias tem um mesmo caminho. Meu pai explica que o esgoto era feito a céu aberto (nos leitos d'água da proximidade ou na rua) ou por fossa séptica. Poucos tinham dinheiro para fossas e poços, o que obrigava a população a opções menos higiênicas, que propiciavam a contaminação por doenças.

Com o mutirão na década de 1980 a situação muda: após o asfalto e o saneamento vem a o transporte mais perto e uma nova onda de loteamentos - na qual meus pais compram 2 terrenos - e favelas começam a se formar.

As décadas de 1960 e 1970 também são importantes para Françoise e Carolina. A primeira inicia seu livro, com cartas endereçadas à Carolina de Jesus - após ler a crítica de um jornalista sobre "Quarto de despejo". Enquanto isso, no Brasil, Carolina vivia uma mudança de vida: a saída da favela. O ambiente sujo e com mau cheiro, experienciado por ela, ficava para trás graças à estrutura da cidade. Vinha a estrutura, depois a casa própria. Para minha família, foi o inverso.

Se na relação entre territórios urbanos nossas histórias se relacionam, o mesmo ocorre com a posição do negro na sociedade. Françoise era empregada doméstica, Carolina foi empregada doméstica e grande parte de minhas tias encontraram sobrevivência nessa profissão ou trabalhando em fábricas.

De acordo com Barone (2019), Carolina deixou de ser empregada doméstica porque não gostava de limpar a sujeira dos brancos, Françoise dizia que era o único espaço para o negro na sociedade francesa. A saída? A mesma nos três casos: a educação.

Foi a escrita que salvou Françoise e Carolina. Seus livros, separados por cerca de 18 anos, expuseram um ciclo de

segregação que ainda é visto nas cidades, calcando um espaço de resistência que nunca mais foi apagado. A escrita e a educação possibilitaram o acesso ao ensino superior e a trabalhos melhores para as minhas tias, e uma melhor qualidade de vida para a próxima geração.

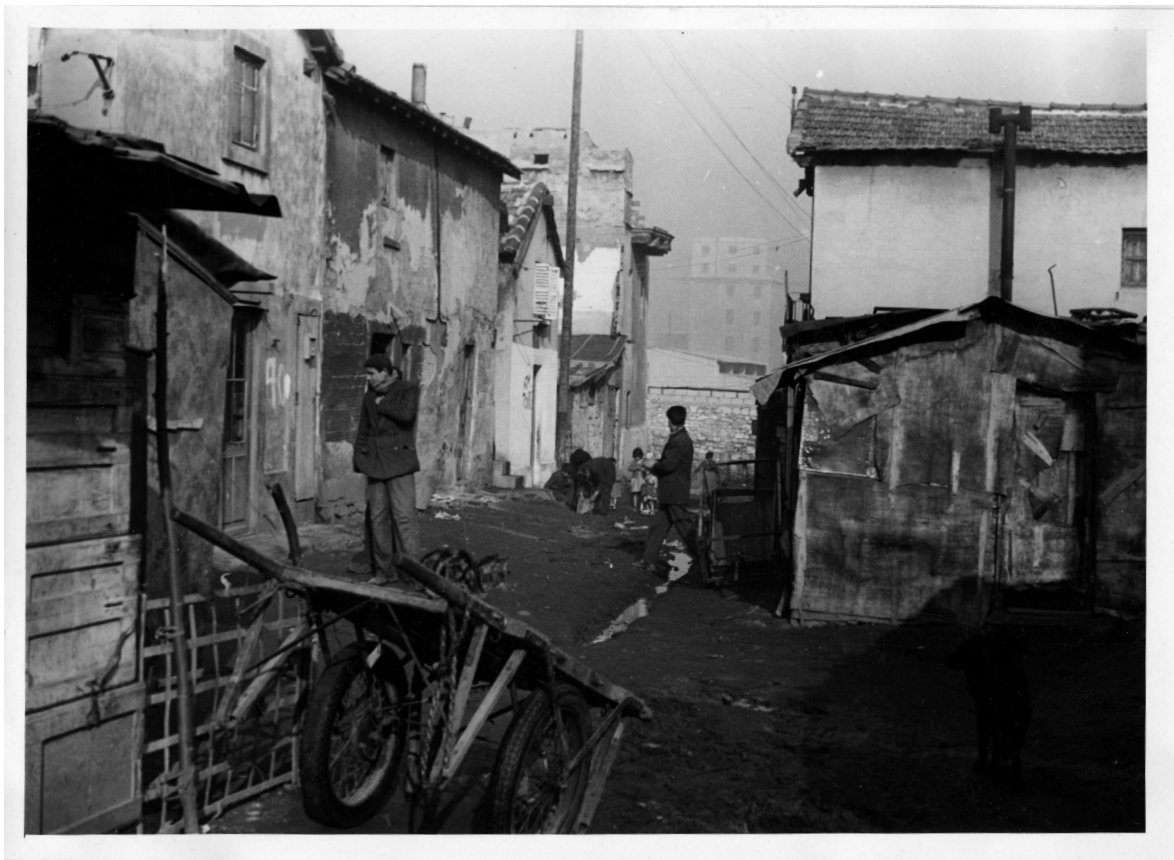
Assim, o que busco com este trabalho é, ao invés de tratar cidade e população numa escala macro, desenvolver justo o contrário: abordar população e cidade na sua relação entre a escala privada e pública.

Dessa maneira, é possível estudar a cidade, sua formação e suas relações de segregação sócio-raciais a partir de relatos individuais, a partir da história familiar, da história de Carolina de Jesus e Françoise Ega e das gerações seguintes, representadas por mim, por entrevistados e por enquetes realizadas durante a produção deste TFG.

Paris e São Paulo, cidades resultantes de contextos históricos muito diferentes, se relacionam em fenômenos de construção urbana que propiciam uma formação racial da cidade, com a concentração dos benefícios urbanos para determinadas camadas sociais. Essa situação é explicitada por Françoise, que decide escrever para Carolina por se reconhecer nas suas experiências, mas também pelas minhas vivências que - morando nos 2 países - me relacionei com essas duas mulheres, construindo por um lado relações sociais (como neta de migrantes, mulher, negra, imigrante) e por outro análises como arquiteta-urbanista, evidenciando ciclos de segregação e mecanismos urbanos que podem auxiliar na construção de pontes de cooperação entre São Paulo e Paris.

1. Habitação.

O Sonho da Casa Própria e do reconhecimento da cidadania.



Habitações precárias em Marseille. Fonte: Ançrages

*“Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui”
(DE JESUS, 1960, p. 20)*

*“Minha pobre Carolina, esse taudis¹ é encontrado por toda Marseille, é como todas as favelas: uma nuance é o que os diferencia um dos outros, se os que lá habitam estão otimistas ou desesperados. Esse casal amigo é otimista, nada os desanima, nem as críticas, nem o taudis, nem a vida precária que eles vivem².”
(EGA, 1978, p. 67)*

*Eu tinha 7 anos de idade quando minha mãe saiu do aluguel e teve a casa própria. As irmãs criticaram, porque era um lugar sem infraestrutura, meio vazio, mas as tias continuaram no aluguel, até comprarem (casas) também na periferia. A casa própria não é fácil a gente ter.
Carlos Nascimento (2021). Entrevista realizada em 26 de setembro de 2021*

¹ Tipo de Habitação irregular na França definida, segundo o Dicionário Larousse (2021), como habitação miserável, sem conforto ou higiene. As traduções desse trabalho foram feitas pela própria autora, a partir do livro original de Françoise Ega de 1978

Ao longo da leitura de Quarto de despejo, é latente a vontade de Carolina de deixar a favela, deixar o quarto de despejo e inserir-se na cidade, a qual para ela tinha sinônimo de infraestrutura, onde se encontravam as instituições do Estado, onde a modernidade e a urbanização têm raízes profundas: "O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos" (DE JESUS, 1960, p.32)

O sonho de Carolina era, portanto, deixar a precariedade e incluir-se na sociedade, na Casa de Alvenaria, que para Carolina tinha um sentido mais amplo do que apenas a mudança do material construtivo do barraco: significava a inserção e a segurança. A ascensão social.

Nos diálogos que Françoise trava com Carolina, a habitação aparece também associada ao grau de cidadania dos habitantes, o *taudis*, a habitação HLM,³ a cidade e seus apartamentos. As empregadas vivem nas habitações "inadequadas", ou nos subsolos das edificações, enquanto os "patrões" vivem nos espaçosos apartamentos. A forma de acesso também revela a desigualdade: as empregadas sobem e descem escadas, as madames utilizam os elevadores.

A própria Françoise nos explica em seu livro que, em sua terra natal, suas pernas nunca tinham tido contato com o sofrimento de subir diversos lances de escada como na França.⁴ O esforço físico vem assim associado à exploração, que está necessariamente entrelaçada à uma raça e classe muito bem definidas. Um dos trechos que mais marcam essa relação é a fala de uma das patroas de Françoise "as negras são sérias e trabalhadoras, não é por acaso que dizemos "trabalhar como um negro"⁵. (EGA 1978, p.57)

Os relatos de Françoise e Carolina terminam na década de 1970, mas as formas como elas enxergavam a representação da Habitação na cidade ainda ecoam tanto em São Paulo como em Paris.⁶ No que diz respeito à metrópole paulistana, a minha história e de minha família também rodeiam o objetivo da casa própria, mas no nosso caso a propriedade veio antes da infraestrutura e, portanto, o conceito de cidadania está ligado ao acesso aos benefícios da urbanização.

³ Segundo definição do *Ministère de la Transitions Ecologique*, uma Habitação HLM ou habitação social é uma edificação construída pelo Estado submetida à regras de construção, gestão e de atribuição precisas. Os preços de aluguel são igualmente regulamentados e o acesso à essas construções é condicionado aos recursos financeiros máximos do demandante.

⁴ Cf. EGA, 1978.

⁵ Trabalhar como um negro (*travailler comme un noir*) ainda é uma expressão muito utilizada na França. Eu mesma já a escutei por diversas vezes para designar um trabalho árduo, cansativo, associado à escravidão.

⁶ Tenho consciência que no momento que Françoise escreve seu livro, ela já vivia em Marseille. Durante sua trajetória, Françoise mora primeiro em Paris, mudando para Marseille na década de 1950 (cf. Desquenés, 2021). Durante o livro Françoise retorna a Paris e é possível também ter ideias sobre suas opiniões sobre a cidade propriamente dita.

Em todo o caso, o que me interessa nesse estudo são as vivências de Ega, assim eu me coloco em um papel de observar suas opiniões com ressalvas, ou seja, considerando a trajetória de Ega e o fato de suas questões ecoarem em diversos locais (tanto que a permitiram escrever para Carolina).

2.1. São Paulo e a década de 1960: o encontro de 3 histórias

De acordo com relatos de minha mãe, Doralice Fernandes, minha avó, Olinda Fernandes, saiu da Bahia com o meu avô, José Fernandes dos Santos, em busca de condições de vida melhores. Em direção ao sul/sudeste, passaram por diversas cidades até chegarem em São Paulo, ainda em 1960.

Com uma família numerosa - na época eram meus avôs, 8 filhos, 1 nora e 2 netos - os primeiros a chegar na capital paulista foram meu avô, meu tio Vavá, sua esposa Conceição e os dois filhos do casal: Tania e Valter (Valtinho).

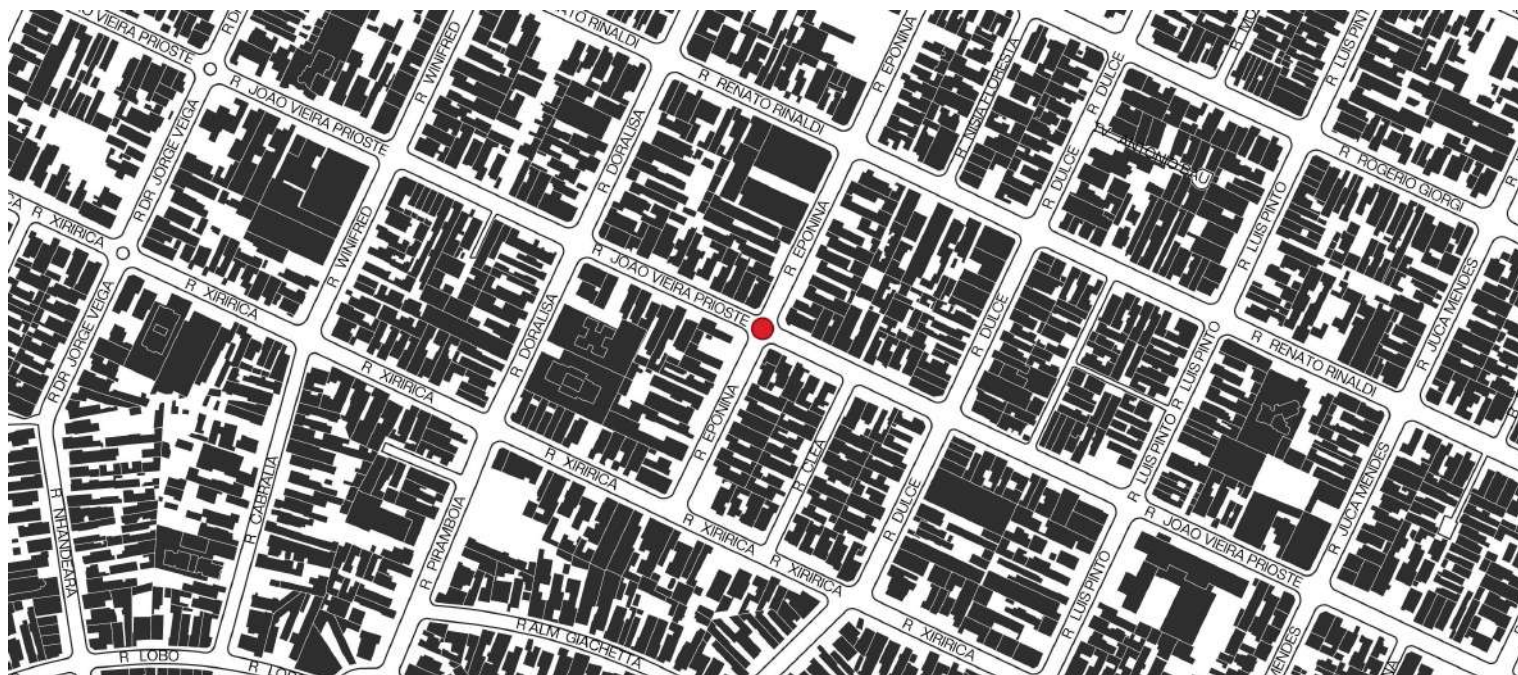




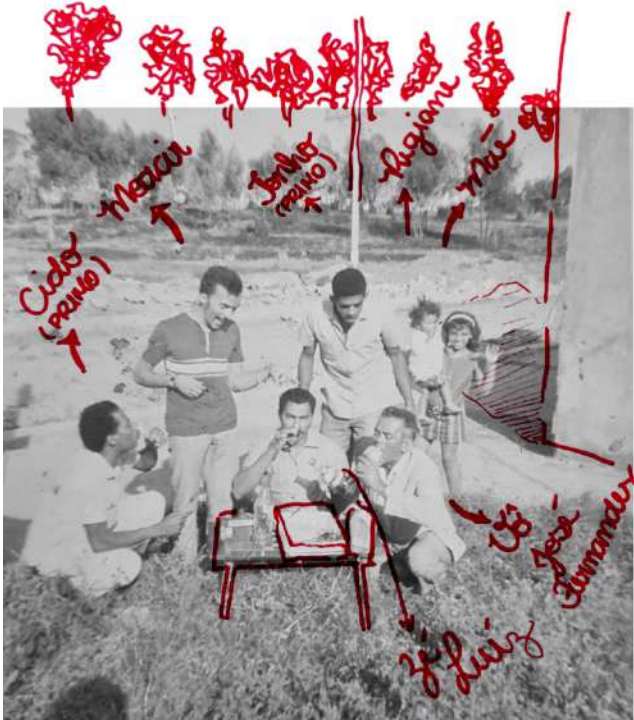
Localização primeira casa da família na Rua João Vieira Priost (Carrão)

A primeira casa era na Rua João Vieira Priost, na Vila Carrão. Após encontrar emprego, meu avô traz minha avó e o restante da família em 1962. Assim Vavá e sua família permanecem na Rua Priost, enquanto meus avós se mudam para a Vila California (Vila Carrão), em uma casa muito pobre alugada do "Seu Toninho", patrão do meu avô e dono de uma loja de materiais de construção na avenida Conselheiro Carrão.

A casa não tinha água potável ou rede esgoto, a estrutura estava já muito debilitada, o que obrigava minha avó, grávida, a trabalhar no terreno, cavando-o na busca de diminuir a umidade das paredes. A família acredita que foi esse trabalho árduo que fez com que seu filho mais novo, Fernando,⁷ nascesse com hérnias nos dois testículos.



7 Fernando Fernandes operou o primeiro testículo, mas morreu em meio a operação da segunda hérnia. Seu corpo foi enterrado antes mesmo que minha avó tivesse acesso ao seu filho. Até hoje é desconhecido onde está seu jazigo.



Seu Toninho, por fim, vende a casa. Com isso, a família de minha mãe, sem dinheiro para arcar com a compra, se muda para um terreno no Jardim Danfer, em 1966. Loteamento novo, mas sem infraestrutura, já que a lei que associava loteamento à infraestrutura mínima só seria promulgada 13 anos depois, em 1979.⁸

Por parte paterna, meus avôs, Florentina Silva Pereira e José Batista do Nascimento, saíram de Sergipe. Minha avó fugiu do machismo e em busca de trabalho, conta meu pai, enquanto meu avô veio em busca de condições de vida melhor. Em São Paulo, ambos trabalharam na mesma fábrica de vidros, Nadir Figueiredo, onde se conheceram.



Olinda Fernandes, Florentina e José Nascimento no casamento de meus pais
Doralice Fernandes do Carlos J.B. do Nascimento

A história das famílias materna e paterna ganha contornos semelhantes pela migração e pelo nomadismo no Sudeste. Meus avôs paternos moram primeiramente na

Vila Maria, por volta de 1956, em uma habitação semelhante a um cortiço, na Rua Andaraí (Vila Maria Baixa - Zona Norte), como caracterizam meu pai e minha avó Florentina. Eram várias habitações em um único quintal, que contava com apenas 1 banheiro para todas as 5 famílias habitantes e 2 tanques para lavar roupa.

“Foi terrível, porque o banheiro era dividido em 5 famílias, cada família tinha 1 semana para lavar o banheiro. Era muito ruim usar o banheiro que os outros usam.”
(Florentina Nascimento)

As descrições do local, relatadas pelo meu pai e por minha avó, me fizeram pensar novamente em Carolina, nos momentos em que ela se deslocava para lavar roupa ou pegar água na única torneira, que servia toda a favela do Canindé. Meus avôs paternos viveram na região por pouco tempo, pois logo a situação se tornou insustentável, forçando-os a se mudar, para a Rua Amambá (Vila Maria Baixa - Zona norte), onde ficaram 2 anos, e depois para a Cidade Ademar.

Na Cidade Ademar, moraram com “Tio Domingos” (parente da Florentina), até se restabelecerem:

“Ele [tio Domingos] morava na parte de trás. Nós pagávamos o aluguel de ‘um quarto e sala’, mas tínhamos a casa inteira para nossa família. Ficamos 4 anos lá”
(Florentina Nascimento)

“Eles tinham como vizinho o Charutinho [Adoniram Barbosa]” (Carlos Nascimento)

⁸ LEI No 6.766, 19 DE Dezembro de 1979

Em 1965, meus avós, agora com 3 filhos, partem para alugar uma casa no Jardim Japão, Zona Norte de São Paulo, em conjunto com as duas irmãs de minha avó.

“Fiquei 4 anos no Domingos e daí vim para o Jardim Japão. Seu pai estava com 6 anos, o Hermes com 8 e a Ruth com 2 anos.

Lá era numa casa com Maria e Joana. Era muita gente, não dava muito certo. Disse para o seu avô que se quiséssemos criar nossos filhos do nosso jeito, tínhamos que ter uma casa própria” (Florentina Nascimento)

Durante o período que viveram com Tio Domingos, meus avós conseguiram comprar, em conjunto com esse tio, um terreno, atrás do atual aeroporto de Congonhas. O plano era vender esse terreno para comprar uma casa na Vila Maria, mas os preços eram muito altos, assim resolvem procurar casas em bairros ainda mais a leste da cidade.

“Depois, cansada de pagar aluguel, eles [minha avó e meu avô] venderam o terreno que tinham com o Tio Domingos, onde hoje é o aeroporto de Congonhas, imagina o preço!

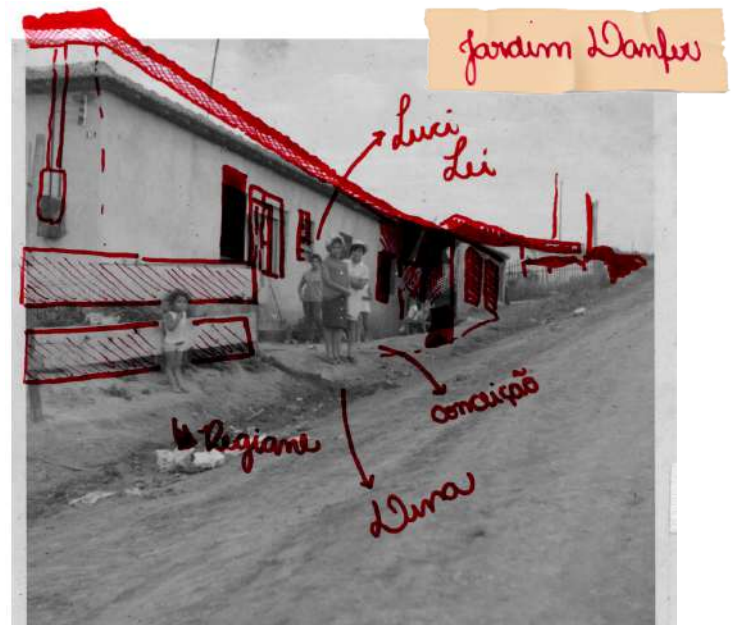
Eles resolveram vender e dividir o dinheiro entre si, o terreno tinha valorizado muito já, eles tiveram sabedoria. Foram comprar uma casa para sair do aluguel” (Carlos Nascimento)

Meu pai tinha 7 anos quando, em 1966, se mudaram para

o Jardim Danfer. Nesse ponto as histórias familiares se entrelaçam, não apenas pela região onde habitam, mas pelas vivências que compartilham.

Durante a entrevista uma das primeiras características que meu pai resalta é o odor. Nesse momento retorno à Carolina, quando Vera Lúcia, ao sair da favela e chegar à primeira casa de alvenaria, exclama para a mãe que “Eles não fedem, não é, mamãe?” (DE JESUS, 1961, p. 25).

Sem esgoto e sem água, no Jardim Danfer as pessoas recorriam às fossas sépticas ou ao esgoto a céu aberto (opção mais comum, pois o bairro era pobre). *“O esgoto a céu aberto causava doenças, era um rio de merda, a população morava em meio à merda”*, relatou meu pai. A esta afirmação, minha tia Maria de Lourdes, irmã mais velha de minha mãe, acrescentou *“as crianças eram barrigudas por causa das doenças, leptospirose ‘era direto’ e não tinha posto de saúde”*.



Casa na Rua do Ajanari, 117 na época de chegada da família e atualmente. Fonte: arquivo pessoal e Google.



Festa de Família na R. Ajanari. Fonte: Arquivo familiar

Aqui permito-me trazer um pouco da minha vivência sobre o Danfer, bairro onde vivi desde que nasci até minha partida para o intercâmbio, 24 anos depois. O bairro até hoje não tem um posto de saúde, apesar da luta constante dos moradores. Mesmo anos após o mutirão da EMURB na região, para mim, assim como para as minhas tias anos atrás, o bairro continua desprovido de infraestrutura, distante do conceito de cidade que aprendi na Faculdade.

Lembro-me do cheiro de umidade, de esgoto, quando entrava na casa de alguns amigos de infância. Mesmo na minha casa, o cheiro às vezes aparecia, como resultado da autoconstrução e dos encanamentos. Lembrando que, quando nasci, o bairro já tinha passado por um mu-

tirão da EMURB. Mas me marca que alguns traços do passado se mantiveram, marcando um quadro de distanciamento do Estado. Essa sensação de "abandono" não é específica de uma região. Quando meu pai diz que "vivíamos na merda", uma caracterização muito semelhante é traçada por Stébé (2010) ao escrever sobre entrevistas que realizou com os jovens moradores dos *banlieues* parisienses, mais de 40 anos após a chegada da minha família no Danfer:

"Ici, c'est la merde. Tout est minable et dégradé. On est pourri, on vit dans un contexte pourri" / "Aqui é a merda. Tudo é tudo está gasto e degradado. Estamos podres, vivemos em um contexto podre". (STÉBÉ, 2010, p 33, tradução livre)

A família por parte do meu pai teve que pagar privadamente, em parcelas, pela estrutura básica na Vila Belo Horizonte, bairro vizinho do Jardim Danfer, uma divisão que é apenas formal, já que os próprios moradores consideram que vive no Jardim Danfer. Ainda assim, essa construção demorou muito tempo para ser finalizada, cerca de 15 anos, e foi extremamente cara para os moradores da região.

Na casa da família da minha mãe, a ligação de esgoto e água só foi feita quase 20 anos depois, durante a gestão de Mario Covas (1983-1986),⁹ em um programa de

⁹ Em 1983 Mário Covas foi nomeado para a prefeitura de São Paulo, sendo conhecido à época como "Prefeito biônico", seguindo no cargo até 1986, quando foi substituído por Jânio Quadros. Segundo a Câmara Legislativa, Covas teve mandatos como deputado federal, senador e governador, tendo sido cassado como deputado federal entre 1967 - 1971 devido ao Ato Institucional nº 5.

Durante seu mandato como prefeito, o último antes da primeira eleição direta para a prefeitura, Covas investiu em asfaltamento e infraestrutura urbana. Apesar de seus esforços para eleger Fernando Henrique Cardoso para o posto, este acabou perdendo para Jânio Quadros. Segundo Clóvis Rossi, então Conselho Editor da Folha Online

"Foi conferir os mapas de votação e descobriu que Jânio tivera mais votos que FHC mesmo em bairros periféricos nos quais a prefeitura de Covas fizera muitas obras. 'São tantas as carências dessa gente que o poder público é visto como opressor. E o voto vai para a oposição', filosofou". (ROSSI, s.d.)

mutirão feito com a EMURB. Os moradores, além de auxiliarem na construção das obras, pagaram parcelas à EMURB pela infraestrutura. Nessa época minha tia Maria de Lourdes era presidente da Associação de moradores e teve papel essencial nas negociações com o poder público.

A casa que minha avó materna viveu por tantos anos no bairro foi resultado de autoconstrução e essa foi a forma de construção mais utilizada na região mesmo após o mutirão. Meus pais e meus tios, após a passagem da EMURB, tiveram a chance de comprar lotes na região, a partir do novo loteamento de Daniel Ferreira (que dá nome ao bairro).

Em 1986 meus pais compram dois terrenos. Meu pai desenhou a planta da casa principal, a partir do projeto da casa da minha tia Ruth, vizinha de lote, que havia contratado uma arquiteta para a sua própria casa. ***“Eu peguei uma folha de papel vegetal e fui copiando e mudando de acordo com o que a gente queria”***, disse meu pai.

Meus pais relatam a especulação imobiliária na época, a insegurança econômica e as mudanças constantes de moeda: “a gente pagava através de uma tablita, eles não gostavam, porque venderam por um preço e recebiam menos [por causa da mudança de moeda]” (nome, 2021)

A casa final, na Rua Floresta Azul, 181, foi construída em duas etapas: primeiramente foi o térreo – quando meus pais “entraram para morar” – depois o segundo andar. Quando nasci a casa já era um sobrado, que foi copiado para o segundo lote (comprado pela minha mãe), na Rua dos Ferreiras, 162, onde morei com minha mãe e irmã após a separação dos meus pais.

Minha tia Maria José, que comprou o terreno vizinho à

casa da minha mãe, relata as dificuldades na busca pela casa própria. Mais velha do que minha mãe, ela morou durante um tempo com seu marido fora do Jardim Danfer.

Sua primeira moradia foi em uma casa alugada na avenida São Miguel, meus avós foram os fiadores até a morte de meu avô. Após esse período, devido ao aluguel caro, minha tia foi morar na parte debaixo da casa da minha avó Olinda, no “salão”, como todas as minhas tias designam o local, que hoje é a garagem da casa.



José Luiz Junior e Regiane Aparecida em festa no Carrão. Fonte Arquivo familiar



Casamento de Maria José (Nheia) com Geraldo, 1974. Fonte: Arquivo familiar

Na nova venda de loteamentos na região, minha tia comprou seu lote, como meus pais, e iniciou a construção da sua casa:

“Nós só podíamos ir [à construção] nos finais de semana. Pegamos na prefeitura um caminhão de areia, alguns amigos do Geraldo vieram ajudar e eu e o Geraldo ‘vínhamos’ de ajudante.

Quando vínhamos no final de semana seguinte, o povo já tinha destruído tudo o que a gente tinha feito, então fizemos um muro e protegeu mais ou menos. Aí fizemos a parte de baixo e viemos morar, construímos devagar, demorou para fazer a parte de cima.

O Geraldo pediu uma planta na Prefeitura, de moradia econômica, o resto a gente fez por conta própria. Quando tirei a escritura, foi só o terreno, não teve ‘habiti-se’, a casa nunca passou pela fiscalização.” (MARIA JOSÉ FERNANDES DOS SANTOS)

A autoconstrução também marcou minha infância. Lembro dos problemas de encanamento e dos problemas de eletricidade que tivemos na casa. Quando contratamos um eletricitas para solucionar a elétrica da casa na Rua dos Ferreiras, onde morava com minha mãe e irmã, eu, ainda no terceiro ano de Arquitetura, pedi ajuda aos meus professores para “encontrar” os pilares e vigas na planta feita pelo meu pai, já que ele não havia demarcado a estrutura no desenho técnico. O exercício acrescentou muito à minha formação, mas marcou os perigos da au-

toconstrução.



Casa do meu pai na Rua Floresta Azul, 181, onde morei até antes dos meus pais se separarem. Fonte: Google



Casa de minha mãe na Rua dos Ferreiras, 162, onde habitei desde a separação dos meus pais até vir para Paris. Fonte: Google.

2.2. Paris e os HLMs: as experiências de moradia

Experiência semelhante teve Mathieu, meu colega na Escola de Urbanismo de Paris (EUP), cidadão francês de origem de L'île de la Réunion, um dos departamentos franceses chamados de *Outre-Mer*.¹⁰ Ao me relatar sobre sua infância, Mathieu relembra a casa que morou enquanto estava com seus pais:

“Quando compramos a casa ela era pequena e muito velha, fomos construindo outras partes, aos poucos. Nessa época, a casa era o presente de casamento da família, como eram muitos parentes, se cada um dá um pouco, era possível comprar alguma coisa.” (Mathieu DUBARD)¹¹

Mathieu vem de uma família numerosa para os padrões franceses, ele tem 4 irmãos, e é o único a seguir os estudos até a faculdade. Seus pais não tem curso superior e se mantêm de pequenos bicos e dos subsídios do Estado.

Para conseguir melhores oportunidades de estudo e trabalho, Mathieu também deixou seu local de origem e seguiu para a capital francesa, Paris, onde vive em um apartamento estúdio,¹² em um conjunto HLM. O apartamento foi adquirido graças ao seu estágio no *Accueil à Immigration*. A empresa onde trabalhava tinha uma por-

centagem de habitações HLM reservadas, às quais Mathieu se candidatou.

Em entrevista, ele relatou que a procura não foi fácil. Foram 2 anos de espera e mais de 100 candidaturas enviadas. Ele preferia manter-se no *13^{ème} arrondissement*, mas depois alargou suas escolhas para o *20^{ème}* e *18^{ème}*, onde vive atualmente.



Mapa Paris: deslocamento Mathieu (preto) e possibilidades de deslocamento (setas)

¹⁰ Segundo o *Ministère des Outre-Mer*, a França possui 12 territórios nessa classificação: *Guadeloupe, Guyane, Martinique, La Réunion, Mayotte, La Nouvelle-Calédonie, La Polynésie française, Saint-Barthélemy, Saint-Martin, Saint-Pierre-et-Miquelon, as Terres Australes et Antarctiques Françaises e as ilhas de Wallis-et-Futuna*. Esses territórios somam 2,6 milhões de habitantes, sendo 1,2 milhões de jovens. La Réunion, ilha francesa situada ao sul do oceano Índico, constitui um Departamento e uma Região “Outre-mer”, permitindo que coletividades regionais e departamentais existam no local. Sua população é marcada pelos jovens (42% dos *réunionnais* tem menos de 25 anos em uma população de cerca de 850.000 habitantes) e sua economia baseia-se na agricultura.

¹¹ As entrevistas com Mathieu foram realizadas em francês e a tradução se dá por conta da autora. Nesse caso o nome foi mantido por escolha do próprio entrevistado, ao qual reitero meus agradecimentos.

¹² Estúdio/Studio: apartamento T1, com um banheiro e quarto/cozinha.

Seu prédio é gerido pelo Paris Habitat¹³ e para Mathieu o seu apartamento tem um ótimo equilíbrio entre qualidade, preço do aluguel e miscigenação social. A chamada "*mixté sociale*" é um dos grandes objetivos em Paris, que permite o acesso aos HLM a todas as classes sociais, criando faixas de aluguel associadas aos salários.

A *mixté sociale* segundo Epstein e Kirszbaum (2003) pode ser definida como a distribuição uniforme de diferentes categorias da população no espaço, contrastando com a tendência urbana de especialização social. Uma "harmonização social" foi foco das políticas urbanas da França, com auge na promulgação da Lei SRU em dezembro de 2000.¹⁴ Ocorre que ainda hoje, diversas *Communes*, notadamente as mais ricas, se recusam a construir HLMs na sua região, preferindo pagar as multas pelo descumprimento da lei.

As *Communes* que estão incluídas na SRU e não atingem suas cotas de habitação social sofrem penalidades relacionadas ao seu parque construtivo deficitário:

Multa proporcional ao seu potencial fiscal e ao déficit de habitação social em relação ao objetivo legal (*Bilan annuel*)

Obrigações de plano de construção de 3 anos: uma taxa de recuperação definida para três anos que deverá permitir atingir a taxa legal em 2025 (*Bilan Triannuel*).

O tema da diversidade social teve grande sucesso desde o início da década de 1990. Em um contexto urbano marcado pela crescente especialização social dos territórios, a diversidade social agora se apresenta como um horizonte político vinculante para todos os atores da cidade. Da lei Besson de 1990 à Lei de Solidariedade e Renovação Urbana (SRU) de 2000, as disposições legislativas e regulamentares se multiplicaram, o que elevou esse princípio ao posto de objetivo prioritário das políticas públicas. A forte oposição que surgiu durante a revisão da lei SRU centrou-se nas modalidades de implementação do princípio e não no objetivo em si. O consenso político em torno desse valor é tanto mais notável quanto contrasta com as posições científicas. Os pesquisadores não apenas contestam os pressupostos do princípio da diversidade, mas questionam sua viabilidade diante das falhas registradas pelas políticas públicas e seus possíveis efeitos perversos. De maneira mais geral, o princípio da mistura social envolve um conceito de cidade que muitos pesquisadores estão debatendo. (EPSTEIN, KIRSZBAUM, 2003, p. 1).

¹³ Paris Habitat é um *bailleur* social presente em 54 *communes* da região metropolitana de Paris, gerindo cerca de 125.400 edificações. Um *Bailleur Social* é um organismo que aluga habitações sociais, podendo ser responsável pela construção dos mesmos. Os organismos HLM podem ser públicos ou privados. A Paris Habitat é uma instituição pública, anteriormente chamada de *Office Public de l'Habitat* (Escritório Público da Habitação), regulada pela lei de 1989, a qual atua sobre as relações de aluguel e construção de habitações (lei 6 de julho de 1989)

¹⁴ A Lei de Solidariedade e Renovação Urbana (*Solidarité et Renovation Urbain - SRU*) foi promulgada em 13 de dezembro de 2000 e atua sobre o chamado direito do urbanismo e da habitação na França, focando em 3 objetivos principais: maior solidariedade, desenvolvimento durável e incentivo à democracia e descentralização.

Em seu artigo 55 a lei obriga que as *Communes* com mais de 3.500 habitantes, situadas em aglomerações com mais de 50.000 habitantes e nas *Communes* de mais de 1.500 habitantes na IDF (Ile de France) a dispor de ao menos 25% de habitações sociais

Mathieu, além do acesso à um HLM, também possui APL¹⁵ e bolsa de estudos, o que, ao final, permite que ele pague cerca de 200 euros pelo seu apartamento. “Onde habito há a miscigenação, com franceses e imigrantes” faz questão de acrescentar durante a entrevista.

Se para Mathieu o HLM é um espaço cuidado, com boa qualidade, Sara¹⁶ tem uma visão muito diferente. Residente em uma habitação social no 18^{ème}, não muito distante de Mathieu, na região de *Barbès* (um dos locais parisienses conhecidos pela concentração de imigrantes):

A história dos bairros urbanos sempre foi resultado da interação entre um quadro mais ou menos restritivo (material e simbólico) e o trabalho de imposição e apropriação dos atores sociais e econômicos. Pensemos nos exemplos de Communes da periferia parisiense onde, na década de 1930, comunidades expulsas de seu país pela crise econômica puderam se integrar mobilizando tanto seus recursos sociais quanto as “qualidades” dos territórios anfitriões. Isso ainda está acontecendo hoje em *Barbès* ou *Belleville*. (BIDOU-ZACHARIASEN, 1997, p. 105)

Sara vive em um apartamento de 3 quartos com os pais e mais 3 irmãos e durante a entrevista me relatou a jornada de sua família na busca de melhores condições de

moradia. Como para Françoise e para Mathieu, os pais de Sara imigraram na busca de melhores condições de vida.

Seu pai saiu do Mali em direção à Paris em 1988, deixando sua mãe e a filha do casal no país. Seu pai chegou na França irregular e, como muitas das irmãs¹⁷ de Françoise, trabalhou no “noir”.¹⁸ Sua história me remete à passagem do “clandestino” no livro de Ega,¹⁹ na qual um jovem rapaz imigra de Guadalupe para Marseille em busca de condições de vida melhor.

Assim como para ele, que consegue emprego e moradia graças a rede de apoio que encontrou em Ega e sua família, o pai de Sara se estabelece em Paris graças a rede de apoio entre imigrantes no local.

“Ele morava em um quarto com várias pessoas. Eles se revezavam para dormir, muitas vezes, porque é difícil um imigrante ilegal conseguir alugar uma habitação, tanto pelos papéis quanto pelo valor [do aluguel].

Ele sempre achava ajuda nos imigrantes do Mali mais antigos, sempre tinha alguém para ajudar. Ele nunca dormiu nenhuma noite na rua, essas pessoas que eu chamo de tios e tias” (Sara, entrevista em

¹⁵ *Aides personnelles au Logement* (APL) ou assistência personalizada à habitação. Destina-se a qualquer pessoa: locatário de uma habitação nova ou antiga que tenha sido objeto de acordo entre o proprietário e o Estado que fixa, entre outras coisas, a evolução da renda, a duração da locação, as condições de manutenção e os padrões de conforto.

¹⁶ Sara foi uma das entrevistadas, mas teve seu nome trocado por escolha da entrevistada. Sua entrevista foi realizada em francês e traduzida pela autora. Reitero à ela também meus profundos agradecimentos.

¹⁷ Cabe colocar aqui que irmãs, para Françoise não remete à laços de sangue, mas mulheres com quem compartilha laços de raça, classe e etc.

¹⁸ Trabalho não declarado à *Securité Sociale*

¹⁹ Passagem do dia 18 de Agosto, inicia-se na página 174.

13/10/2021)

Após estabelecer-se em Paris, trabalhando em uma *boucherie* [açougue], o pai de Sara busca a mãe dela, mas a irmã mais velha permanece no Mali com a avó materna. Sua mãe chega em Paris em 1996 e os pais não veriam mais a filha mais velha até a sua chegada à França em 2003.

Sara e os irmãos são todos nascidos na França e conhecem bem os embates urbanos pela moradia. Ela nasceu em *Montmatre*, em um apartamento pequeno e insalubre. Depois seus pais se mudam para *Porte de Clignancourt*, em um edifício muito antigo e bastante insalubridade

“O apartamento era insalubre, tinha problemas de aquecimento. Era um quarto, uma sala, um pequeno banheiro e uma cozinha minúscula. Havia também problemas de água. Nós dormíamos todos no mesmo quarto, nós queríamos sair de lá, por isso minha mãe começou a ir nas manifestações por habitação (Sara, entrevista em 13/10/2021)”

Sara explica que, como sua família possuía crianças, tiveram prioridade para sair do edifício. Mas ele ainda existe e há diversas famílias vivendo lá até hoje.

Lá tem muitos problemas sanitários, era uma situação tão ruim que nos tiraram de lá, mas não destruíram o edifício. O tio da minha mãe ainda habita lá, faz 10 anos que ele está na lista [por habitação social], mas como ele está sozinho aqui, sua família está ainda no Mali, ele não é

prioridade. Ele não tem habitação, ele ainda está lá e as condições são insalubres. O que é pior é que a prefeitura sempre vai lá, porque o edifício precisa ser destruído, mas eles não fazem nada. Existem ratos, umidades...O estado é deplorável.

Lá tem muitas pessoas imigrantes irregulares, que não tem outro lugar para morar. Esse caso é grave, como é possível que a prefeitura não faz nada? É uma catástrofe, é o horror. [...]

A prefeitura sabe da situação, mas não faz nada para realocar essas pessoas [...] talvez porquê elas não são importantes para ela. (Sara, entrevista em 13/10/2021)”

Sara ainda retorna ao prédio para visitar os amigos que permaneceram no edifício e diz que cada vez que retorna se lembra das memórias de infância, que não são tão felizes. Ela relembra a felicidade que foi quando se mudaram para o apartamento HLM *“fomos os primeiros a chegar lá, é um apartamento de 80 a 90m²”*.

A conversa com Sara me fez retornar ao livro de Ega. Em uma das passagens na página 95, Françoise encontra a antiga empregada da família para a qual trabalhava, no porão do edifício, no mesmo local de descarte de lixo:

“É aqui que eu moro’. Ela me mostra um compartimento do porão, que tinha uma porta! Fora de Paris eu nunca tinha visto isso! *‘Não é possível’* disse eu. Ela responde *‘mas é verdade! Eu estou aqui há 18 anos! Pense a senhora 18 anos sem ver a luz do sol, com a luz ar-*



Fotos do edifício de Sara em Barbés (18^{ème}). Fonte: Arquivo pessoal.

tifical, verão e inverno! Meu marido morreu há algum tempo, o passarinho que tinha morreu também! Pense, eles morreram asfixiados lentamente pelo gás que penetra no porão! Nenhuma planta não pode resistir e as flores se acabam rapidamente quando eu as compro!”

Vale ressaltar aqui que Françoise afirma que já tinha visto condições de moradia como essas em Paris, mas jamais em outro lugar. Esse contraste entre a casa nobre e o porão – que me faz, não por acaso, pensar em Casa Grande e Senzala – pode ser pensado também quando Carolina caracteriza onde mora, em meio à lama, ao fedor e aos ratos, e a cidade, o Palácio.

Para Sara, a experiência no edifício insalubre, mais do que memórias ruins também trouxe problemas de saúde: até hoje seu irmão mais novo tem problemas respiratórios. É essa ponte, entre o passado e o presente, que torna o cenário da cidade tão cruel.

Após sair de *Clignancourt*, a família de Sara vai para *Barbès*. Morando no bairro desde 2003, eles viram grandes transformações na região. As que ela mais pontua, durante toda a entrevista, são a degradação do imóvel e a gentrificação, que retirou grande parte das famílias originais.

O aluguel, segundo ela, aumentou 50%, passando de 800 para 1200 euros, os comércios da região de se tornado “*bourgeois*”,²⁰ cada vez mais caros, valorizando o preço dos imóveis e expulsando os mais pobres. O edifício, que foi cedido pelo banco BNP Paribas, foi construído nos moldes da *mixté sociale*, mas a realidade é bem diferente.

“Eu conheço todo mundo, exceto os que chegaram agora, mas tem 5 famílias que saíram por causa do aluguel muito caro. Eles vão para longe, as crianças não se habituam [à mudança], uma família foi para o 77²¹ e os filhos sempre vêm para a Paris, porque eles não se habituam. Nós estamos no HLM, mas eles agruparam toda a população imigrante junta e a classe média do outro lado. Isso que é surpreendente. A segregação do espaço é resumida nesse edifício, no Norte você tem as pessoas intelectuais e do nosso lado, você tem os imigrantes. O lado deles é limpo, o elevador funciona, do nosso lado há sempre problemas”

A degradação e o abandono também marcam o “fracasso” da maioria dos grandes edifícios de habitação em Paris, que hoje são marcados pela segregação e marginalização. Segundo Stébé (2010), isso é resultado de um pensamento utópico sobre a harmonia social, bem como a formação de guetos nesses locais:

A proximidade física não exclui a distância social. Pelo contrário, pode aumentá-la e fortalecê-la, dando origem a tensões e conflitos muito diversos; na sua natureza, pequenos atritos observáveis na comunidade. Além disso, pensar que seriam harmoniosas as relações de vizinhança nos novos HLMs, seria esquecer que este tipo de habitação reúne categorias sociais para as quais as formas de

²⁰ Expressão para designar tipos de comércio de alto padrão. *Bourgeois* significa burguês.

²¹ '77' refere-se ao Departamento de *Seine et Marne*, coincidentemente o mesmo onde habito. Ele fica fora de Paris.

sociabilidade diferem. J. C Chamboreon e M. Lemaire (*Revue française de sociologie*, 10, 1970) mostraram como é ilusório pensar que a 'proximidade espacial' seria o catalisador para a convivência. (STEBE, 2010, p. 30)

A degradação e a expulsão que Sara relata se relacionam também com a minha família. Em entrevista com Luci Lei Fernandes dos Santos, irmã de minha mãe, ela me conta sobre a compra do seu primeiro apartamento, num conjunto habitacional, via Banco Nacional de Habitação/BNH.

O edifício era Campo Limpo, no Jardim Umarizal, e chamava-se Inocoop Parque das Orquídeas. Ela relata que no início conhecia os moradores, mas depois, por causa da crise econômica na década de 1980, muitos perderam seus apartamentos.

Depois disso os apartamentos foram vendidos com menor fiscalização da renda das famílias compradoras. As famílias mudavam muito, o edifício foi ficando cada vez mais degradado, até que ela decidiu vendê-lo e sair do local.

A expulsão e a busca pela Casa Própria em locais cada vez mais distantes é também fator que entrelaça as histórias apresentadas. Mas acredito que esse processo migratório é mais ligado a processos de urbanização desiguais e formação de territórios sócio-raciais do que à questão da habitação propriamente dita, por isso esse assunto será melhor abordado no capítulo seguinte.



1º apartamento de minha tia Luci Lei no Campo Limpo (Parques das Orquídeas).
Fonte: Arquivo pessoal.

2. Urbanização. O papel do Estado e o direito à cidade.

[a cidade é] a tentativa mais constante e, em geral, a mais bem-sucedida feita pelo homem para refazer o mundo em que vive de acordo com seu desejo mais caro. Mas, se a cidade é o mundo que o homem criou, é também o mundo em que doravante está condenado a viver. Assim, indiretamente, e sem perceber claramente a natureza de sua ação, ao fazer a cidade, o homem refaz a si mesmo.
(PARK, Robert. *Sobre controle e comportamento coletivo*, Chicago, Chicago University Press, p. 3)



Crianças na Bidonville du Chaâba, 1970. Biblioteca Municipal de Lyon

Como coloca a citação de Park a relação entre cidade e sociedade é uma relação complexa de desejo e, de certa forma, frustração. A cidade é expressão dos desejos do Homem, de suas visões do futuro, mas ela não é igualmente vivenciada por toda a sociedade, ela é a expressão do desequilíbrio.

Park coloca aqui uma noção clara de "direito à Cidade", a Cidade como um ambiente de transformações e de desejos, que para Harvey será *"o direito humano mais precioso, mas também um dos mais negligenciados"* (HARVEY, 2011, p. 8). Esses embates para mim são bem exemplificados pelos debates suscitados pelo professor Martin Vanier¹ para explicar sobre os desafios do planejamento urbano.

Para Vanier (2021)² existe uma clara diferença entre Planification (Planificação, planejamento baseado em mapas) e Projeto Urbano, baseada na liberdade de adaptação e nas relações entre sociedade, cidade e urbanismo.

Com isso, na planificação, o urbanismo designa a cidade e a "impõe" à sociedade. Essa relação autoritária e desigual, fadada assim à uma validade, será o problema de grande parte das normas urbanas que se tem na França atualmente (e me atrevo aqui a dizer que em São Paulo também).

Já o projeto, ele é, nas palavras do professor, mais "humilde", capaz de atualizações e de acompanhar a sociedade. A relação seria de interinfluência nesse caso, entre sociedade, cidade e urbanismo. Para mim esse é o modo de pensar mais próximo do que Park acredita de ser o

"Direito à Cidade".

Nesse sentido, a cidade não é um objeto fixo, ela é dinâmica, expressa os embates sócio-raciais-urbanos e é palco dessas relações. Como coloca Vanier (2021) "o espaço urbano é o espetáculo dos desequilíbrios"³ e talvez seja nesse sentido que a cidade ao mesmo tempo expressa os desejos e os frustra.

Para as pessoas que têm suas histórias apresentadas nesse trabalho, a cidade (e o deslocamento para alcançá-la) representa o sonho de uma qualidade de vida melhor, de cidadania, mas que não foi consolidado, pois a cidade não foi construída para oferecer a todos as mesmas oportunidades e comodidades.

Nesse sentido, vem a frustração, a marginalização social, a cidadania e civilidades incompletas, que podem ser bem exemplificadas pelo fato de, durante as entrevistas com minha família, minhas tias se reconheceram como cidadãs em momentos tardios (na faculdade, no mutirão, na saída do bairro e etc).

Durante grande parte da minha infância (e poderia mesmo dizer que durante todo o tempo que morei com minha mãe) havia uma grande importância voltada aos sapatos. Minha mãe e minhas tias ecoavam para as gerações mais novas a importância de sapatos limpos. "Do contrário vão pensar que você veio andando no barro", dizia a minha mãe. Na época eu nunca me questioneei sobre a relevância do barro, hoje me parece claro.

O barro e a poeira significam falta de asfalto, falta de infra-

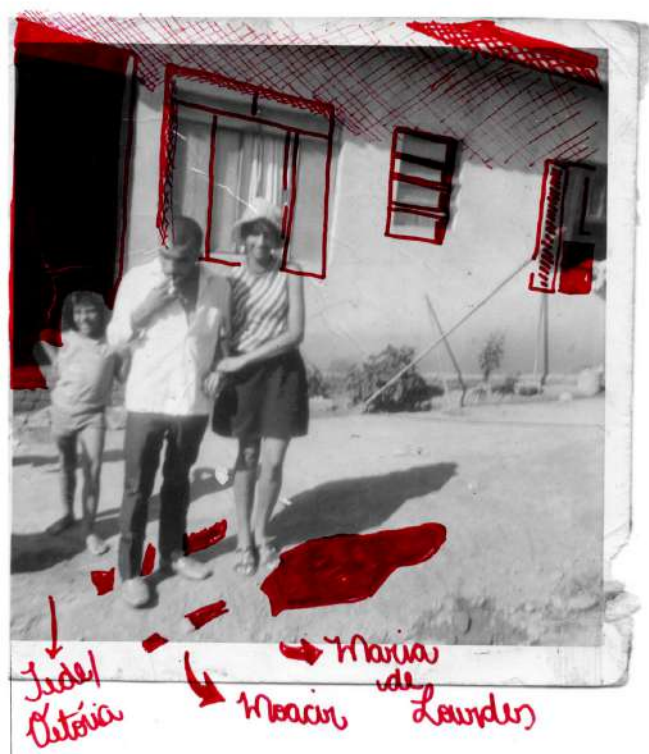
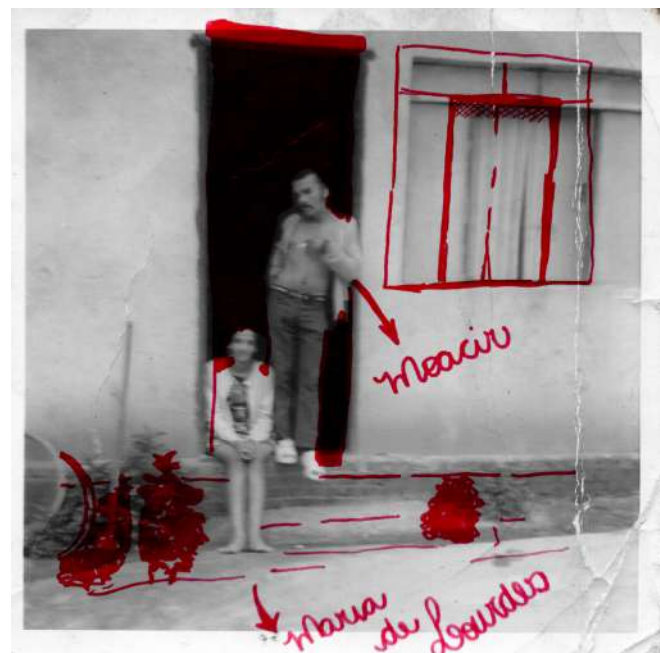
1 Martin Vanier é doutor em geografia e professor na Escola de Urbanismo de Paris e também membro do conselho científico do Institut des hautes études d'aménagement du territoire en Europe (IHEDATE)

2 As reflexões referem-se aos debates realizados nas aulas da disciplina "Planificação Territorial" no primeiro semestre do Master 1 Urbanisme et Aménagement da École d'Urbanisme de Paris, entre Setembro e Dezembro de 2021.

3 Expressão utilizada na aula sobre o ScoT (Schéma de Cohérence Territoriale), no dia 27/10/2021.

estrutura, ou seja, pobreza. Nas histórias de família, minha mãe, tias, avó e pai me contavam sobre a chegada ao bairro do Jardim Danfer, como tinham que andar longas distâncias até o ponto de ônibus mais próximo, muitas vezes, percorrendo zonas de mata. Minha mãe chegou até mesmo a pontuar que por vezes “pessoas da USP” iam até o bairro na busca de estudar algumas espécies de plantas raras.

Minha tia Luci Lei falava do medo “*era muito mato, quando via um vulto voltava para casa, com medo de ser um tarado. Aí chegava atrasada no trabalho*”.⁴ A diferença entre o local de moradia e de emprego era claro. O trabalho era exaustivo, ainda mais pelo esforço no transporte público.



⁴ Luci Lei, entrevista realizada em 20/10/2021

3.1. Movimentos Migratórios e urbanização: a busca por qualidade de vida e a expulsão dos centros urbanos

Nem sempre minha família morou no Jardim Danfer, na verdade a primeira moradia na cidade de São Paulo foi na Vila Carrão, onde ficaram por 7 anos. Nessa época o filho mais velho, Vavá,⁵ já era casado e não morava muito longe (permaneceu na Vila California, primeira casa com meu avô) e a segunda filha mais velha, Wilma, estava prestes a se casar com José Luiz.

Após o casamento, em 1966, os dois foram morar numa casa na Rua João Manuel, número 11 - casa 3, Serra de Botucatu (Tatuapé - zona leste). Casa alugada, na qual tiveram seus dois filhos, Regiane e José Luiz Junior, e na qual moraram por mais de 19 anos.

Eu gostava muito de morar lá, não fiquei porque não deu, era muito cara uma casa lá. A casa era de aluguel, era do Seu Raul. Quando eu mudei lá a casa era quarto, cozinha e banheiro, era bem pequenininho, fundo de quintal separado. Aí o homem morava na frente (Seu Raul) e o filho dele morava do lado, quando eu mudei de lá, S. Raul já tinha feito [mais casas], morava ele, morava o filho dele, morava uma mulher e outra casa do neto. Tinha 4 casas. Os filhos venderam e virou loteamento, pro pessoal fazer refeição, almoço, para fazer casa...entendeu?⁶ (Wilma Sônia, entrevista realizada em 28/09/2021)

A casa dos meus avós maternos foi alugada em situação de grande precariedade, mas estava bem situada, próxima das redes de transporte. Em entrevista, minha mãe e

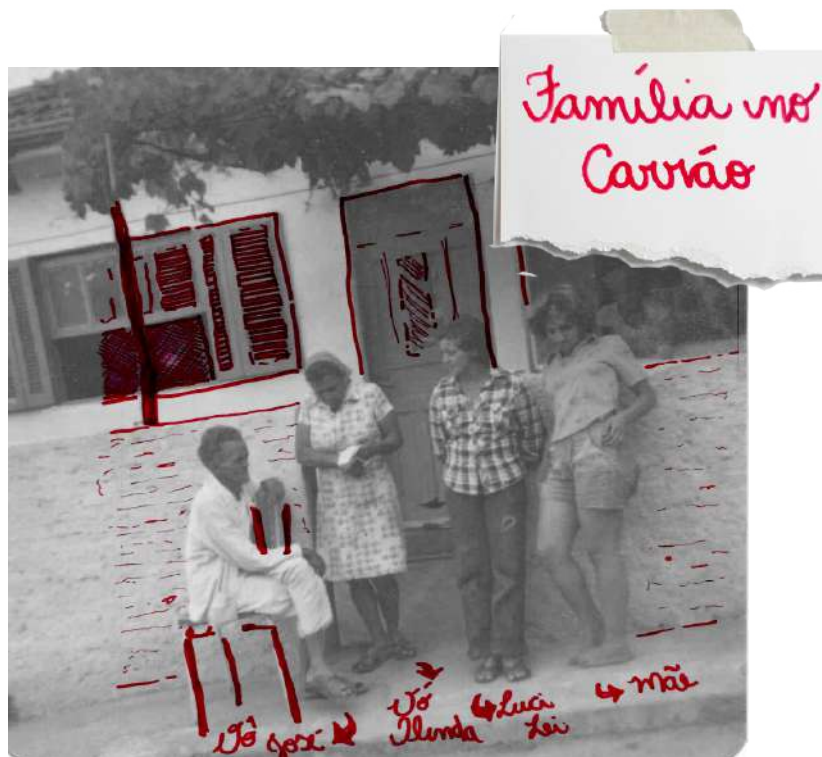
minhas tias Maria de Lourdes e Maria José caracterizam a moradia: o banheiro não era dentro da construção, a água potável vinha por parte dos vizinhos, tinha problemas estruturais, umidade...mas a localização era ótima. Mudar para o Jardim Danfer significou se afastar desse centro e das infraestruturas urbanas.



⁵ Apelido do meu Tio Walter.

⁶ Nessa passagem, minha tia Wilma Sônia expressa as mudanças da região, a gentrificação do bairro, que hoje é um dos mais ricos da Zona Leste de São Paulo, uma fábrica, como explica a minha prima anos mais tarde

Família no Mato Grosso. Fonte: Arquivo familiar



Família no Carrão. Fonte: Arquivo familiar

Conforme o bairro se desenvolveu, os alugueis foram aumentando, crescendo também a pressão financeira sobre a família como um todo. Tanto minha tia Wilma Sônia quanto o restante da família tiveram que sair do local, significando uma ruptura com os laços que construíram com a região, mas também uma ruptura com o conceito de cidade que estavam acostumados a ter. Uma quebra cruel, que foi expressa física e emocionalmente:

Quando eu comprei esta casa, eu comprei o primeiro terreno [Tatuapé] e quando eu vim morar aqui [Danfer], foi um dos últi-

mos.

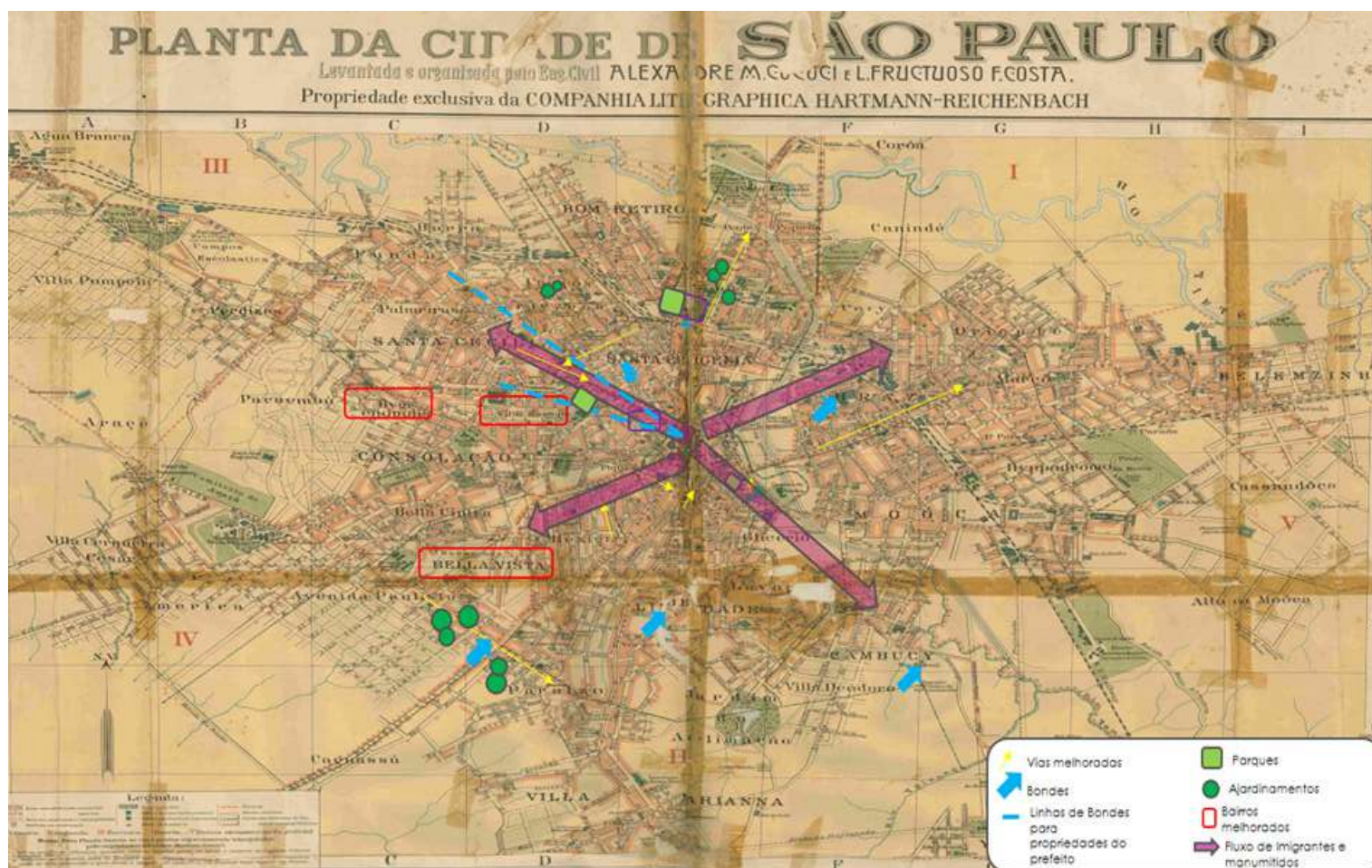
Olha o Junior chorava o dia inteiro, eu chorava o dia inteiro e a Regiane chorava o dia inteiro de morar aqui. Mas a gente tinha que morar, né? Tanto que a Regiane casou e ela foi lá para a Vila Laís [Penha], ela falava que ia embora.

Eles não gostam daqui, agora eu já me acostumei, nem sei se eu gosto...Eu gostei muito de lá, eu ainda gosto muito de lá [sobre o Tatuapé]. (Wilma Sônia, entrevista realizada em 28/09/2021). Em vista do processo de gentrificação,⁷ minha família foi expulsa do local onde habitava, segregada com relação aos benefícios urbanos. Essa migração exemplifica bem um processo de espraiamento populacional, que não é acompanhado pelas estruturas da cidade, e tão pouco é um processo novo. Durante o período de Antônio Prado⁸ (1899 – 1911), o primeiro prefeito da cidade e responsável por um dos maiores processos de urbanização vividos por São Paulo, a urbanização tornou-se sinônimo de expulsão para os manumitidos.

Ainda no início do século XX Prado investiu na criação de linhas de bondes, energia elétrica e calçamentos, mas esses investimentos se concentraram no centro da cidade, como é possível observar pelo mapa abaixo:

⁷ Processo decorrente do desenvolvimento urbano de um local, que vem associado a substituição de uma população por outra de renda maior. Em outras palavras, é o processo de transformação urbana e social, a valorização espacial é associada a expulsão de uma população de menor renda. No Brasil quase sempre é associada à expulsão dos moradores originais

⁸ Os resultados apresentados vem da pesquisa intitulada "O Prefeito Antonio Prado e a população negra da cidade de São Paulo (1899 – 1911), que foi realizada por mim sob orientação da Professora Doutora Ana Claudia Castilho Barone e com Bolsa de fomento FAPESP.



Croqui de expansão e obras a partir do Mapa Central da Cidade de São Paulo (1913). Fonte: mapeamento próprio.

Na pesquisa, fica clara a posição do primeiro prefeito de promover uma instrumentalização do Estado Patrimonialista, ou seja, a utilização dos instrumentos do Estado para defesa dos interesses da elite e na manutenção das camadas mais pobres e negras, na marginalidade socioeconômica e urbana (cf. MARICATO, 1996; FERREIRA, 2011; KOWARICK, 2012).



Prefeito Antonio Prado. Fonte: São Paulo em foco. Disponível em: < <https://www.saopauloinfoco.com.br/primeiro-prefeito-de-sao-paulo/> >. Acesso em 02 de novembro de 2021.

Autores como Florestan Fernandes (2008), Bastide (2008) e Paulina Alberto (2017) defendem a ideia de uma liberdade incompleta, que foi construída propositalmente como tal quando se refere à população ex-escrava. A abolição da escravatura não significou inserção socioeconômica e nesse ponto também adiciono a noção de inserção urbana, de acesso à cidade, pois a população negra foi desapropriada do centro, em prol do crescimento da cidade.

Assim, pode-se desenhar o cerco construído em torno do elemento negro nos pós abolição. Socialmente subjugado, espacialmente

marginalizado e economicamente explorado, o manumitido se viu em um ciclo no qual suas tentativas de resistência eram contidas por parte do próprio Estado.

Seus locais de moradia, atividade econômica, cultura, religião e encontro são alvos das intervenções municipais legitimadas pelo desenvolvimento da cidade, mas que, na análise mais profunda, demonstram uma atuação racista que pretende 'embranquecer' a cidade, desmobilizar a população negra e marcá-la como um grupo à margem da sociedade. (NASCIMENTO, 2019, p 57)

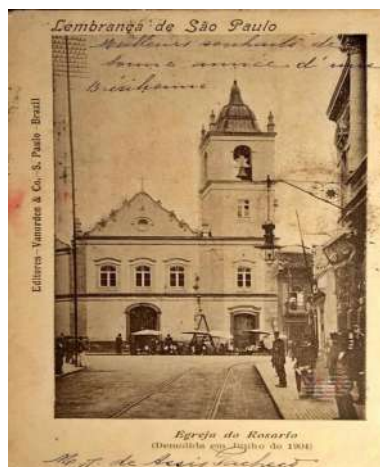
Os relatórios do então prefeito à Câmara demonstram que os maiores gastos da municipalidade foram em desapropriações (cf. Nascimento, 2019; HOMEM, 1998) e é graças ao jornal O Correio Paulistano e ao mapeamento das obras municipais que foi possível observar a proporcionalidade entre expulsão e investimento urbano, bem como as bases raciais que sustentaram essas ações.

O jornal expressava uma imagem pejorativa relacionada ao indivíduo negro, sua objetivação, além das situações de embate, com participação de negros nas páginas policiais. Esses relatos serviram não só para traçar as relações sociocracias e a posição dos manumitidos na sociedade pós-abolição, os endereços permitiram também observar os locais de moradia desses negros, desenhando o processo de migração à periferia.

Nesse sentido podemos pegar 2 exemplos: os mercados municipais e a Igreja do Rosário dos Homens Pretos.

- A igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos tinha como local original onde hoje atualmente é

a Praça Antônio Prado⁹. Sob justificativa da urbanização da praça, Antônio Prado destruiu a igreja e a reconstruiu no Largo do Paissandu.¹⁰ Apesar de no local original não haver apenas a igreja, mas outras construções (moradias e até cemitério), no Paissandu apenas a igreja foi reconstruída.



Postal da Igreja Nossa Senhora do Rosário em seu local original. Fonte: Vanorden & Co. Sampa Histórica



Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no seu local atual. Fonte: ArquiSP

Tanto as casas como o cemitério foram desapropriados. Ainda segundo Raul Joviano do Amaral, a 'utilidade municipal' (razão alegada para a desapropriação) era um eufemismo que escondia as verdadeiras intenções das autoridades: tirar a igreja dos negros do privilegiado local em que se encontrava, na área mais valorizada da cidade. A iniciativa da edilidade criou uma crise na Irmandade e houve necessidade de medidas conciliatórias para

não desunir os irmãos. Depois dos casebres africanos evidentemente seria a vez da velha igreja. (MOURA, 1983, p. 148)

- Mercados municipais: à época de Antônio Prado haviam 3 mercados municipais na cidade: São João, Concordia e 25 de março. De acordo com os relatórios de Prado à Câmara, os mercados significavam um "gasto" ao poder público e essa foi sua justificativa para destruir os 2 primeiros e reconstruir quase que completamente o último.

"A ideia dos pequenos mercados já está mais do que *condenada* pela experiência ou pelo menos ainda não parece *oportuna*. De fato, *decahem* progressivamente o de São João e o da Concórdia ao passo que prospera o sempre central, o da Rua 25 de março." (PRADO, 1899, p.9)

Ocorre que, segundo Raquel Rolnik, esses mercados representavam mais que apenas um locais de trocas financeiras, eram importantes para as relações socioculturais (ROLNIK, 1997, p. 61) e acrescento nesse ponto a relevância como locais de resistência dos manumitidos face às repetidas ações institucionais de marginalização socioeconômica e urbana.

O resultado da gestão para essa questão foi que municipalidade reformulou totalmente um dos mercados em detrimento dos outros dois. Assim, o da 25 de Março torna-se

⁹ "Atualmente, o antigo Largo do Rosário tem o nome de Praça Antônio Prado, em homenagem ao ex-prefeito. O passado de melhorias foi reconhecido a partir dessa mudança de nome, que privilegiou as conquistas da elite branca no local. No entanto em 2016 a importância do local para comunidade negra também foi valorizada, pela inserção de um monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares." (NASCIMENTO, 2019, p. 36)

¹⁰ A reconstrução da igreja no local atual, Largo do Paissandu, não foi feita sem embates. Os moradores do Largo tentaram impedir a construção, alegando que preferiam a construção de espaços de lazer, escondendo assim seu receio que a igreja atraísse também a população negra. No fim, a prefeitura manteve a reconstrução, não por defesa aos manumitidos, mas por questões financeiras: a prefeitura não tinha recursos para adquirir outro terreno (cf. NASCIMENTO, 2019).

símbolo da imagem que a prefeitura planejou para a cidade, com a modernização do seu espaço, enquanto os da São João e da Concórdia são desmontados, com a demolição de barracos de venda, declínio de gêneros vendidos e poucos investimentos municipais na sua manutenção.

Assim, o Mercado da Concórdia deixa de constar na tabela de investimentos do município, é adaptado, conforme coloca Maria Cecília Nacério Homem (1998), para teatro. Já o mercado da São João, Prado planeja demolir e reconstruir o mercado da São João próximo ao viaduto Santa Efigênia.

Enquanto isso as reformas planejadas e instaladas no mercado da 25 de Março são cada vez maiores, inclusive com a criação de regras de higiene e divisão do espaço do mercado para os diferentes gêneros a serem comercializados, evitando assim contaminações. Mais do que modernizar o comércio e o espaço, a atuação da prefeitura também resultará na expulsão dos negros do mercado.

Vale colocar que Prado também não considera em suas tabelas e estudos sobre os mercados as relações mercantis externas ou a importância social de cada um deles. A questão financeira é a justificativa para uma ação que contribui para manter a posição do negro nas camadas mais baixas da sociedade. (NASCIMENTO, 2019, p. 22 – 23)

Antônio Prado, como primeiro prefeito de São Paulo, encontra uma cidade que estava passando por grandes

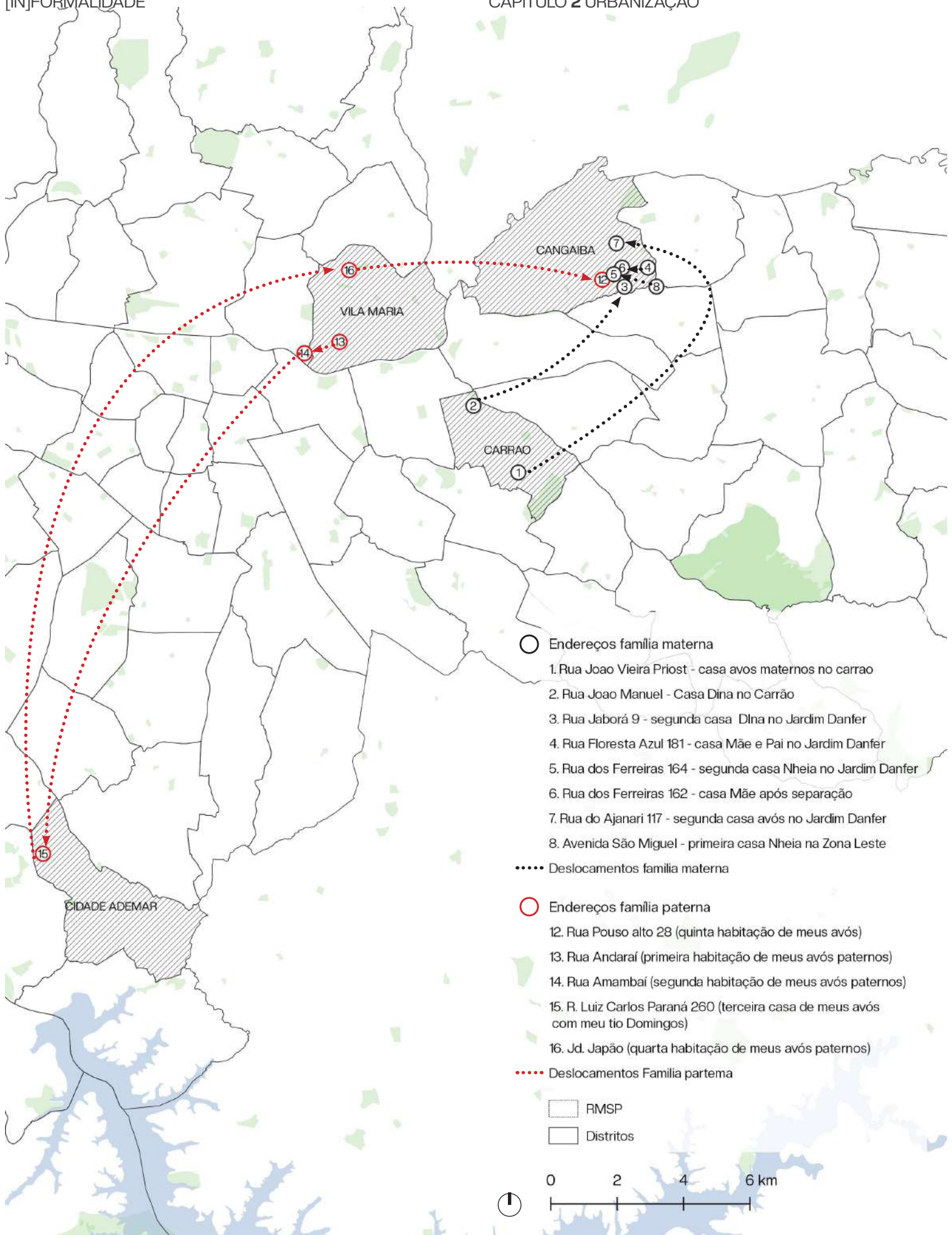
mudanças, um aumento populacional como nunca antes visto, a inserção de novos contingentes populacionais (imigrantes e ex-escravos) e nesse sentido investe no desenvolvimento da cidade e na construção do que acreditava ser a expressão da modernidade: uma cidade como Paris e, sobretudo, branca.

Após Prado a cidade de São Paulo continua se desenvolvendo, atraindo migrantes e imigrantes com suas promessas de mobilidade social e econômica. Quatro anos após o fim do mandato do ex-prefeito, em março de 1914 em Minas Gerais, nasce Carolina Maria de Jesus.

Neta de ex-escravos, Carolina expressa bem o plano de inserção dos negros e seus impactos ao longo das gerações. Nos relatos de Carolina vemos a busca pela inserção social, econômica, os reflexos das dinâmicas sociais com brancos e imigrantes e as ações institucionais que a mantiveram excluída socioeconômica e espacialmente por grande parte da vida.



Carolina de Jesus tomando café. Fonte: Veja Brasil.



"Carolina passou boa parte de sua adolescência e juventude deslocando-se entre pequenas cidades e fazendas de café de Minas Gerais e São Paulo na tentativa de encontrar um lugar no qual pudesse trabalhar e viver dignamente, quase sempre na companhia de sua mãe. A escritora trabalhou como empregada doméstica de doutores, babá dos filhos das senhoras, meeira de fazendeiros, trabalhadora rural com os colonos, em comércio dos imigrantes, cozinheira da Santa Casa de Misericórdia, acompanhante de doentes, dentre outros. Também mendigou, devido às enfermidades que a impossibilitavam temporariamente de trabalhar." (PEREIRA, 2019, p 26)

Para os meus avós o trajeto foi bem semelhante, tanto por parte de pai quanto por parte de mãe, eles escolheram migrar na busca de melhores empregos, de mobilidade social. Esse deslocamento tinha um objetivo: São Paulo. No entanto, ao chegarem à cidade, perceberam que esta não foi construída para trazer oportunidades iguais a todos, pelo contrário.

Como Carolina, que se mudou mais de 20 vezes na sua busca pela grande São Paulo (cf. PEREIRA), meus avós tiveram uma vida "cigana", como designa minha tia Maria de Lourdes,¹¹ marcada pela diversidade de casas, de profissões e pela esperança de tempos de maior tranquilidade. A cidade industrializada apresenta infraestrutura, trabalho e residência, em resumo, apresenta mobilidade socioeconômica e estabilidade, que juntos representavam o objetivo de uma vida.

"Ainda criança, ouve falar sobre São Paulo, que a cidade seria moderna, industrializada, onde até os pobres poderiam trabalhar, abrir conta no banco e morar com dignidade. Alcançar São Paulo passa então a ser seu objetivo, sua obsessão. No entanto, diferentemente do que idealizou, a cidade grande não foi tão generosa e, nela, a favela se concretizava como um dos poucos territórios acessíveis ao pobre." (PEREIRA, 2019, p 26)

O que é percebido, portanto, é um ciclo cruel, no qual o Estado e suas instituições, nos pós-abolição, reiteram a marginalização do negro e a cidade territorializa essa marginalização. Quando nem a inserção social foi plenamente concluída, o debate de ascensão social torna-se difícil. O debate de ascensão social resta então difícil, quando nem a inserção social foi plenamente concluída. O indivíduo negro, em diferentes gerações, enfrenta então um trabalho árduo de resistência e afirmação em um ciclo que o repulsa de diversas maneiras.

Outro paralelo que podemos traçar é a relação à imigração. Antônio Prado era grande incentivador da política da imigração, fundamentado em uma sociedade que acreditava no Racismo Científico, no qual o elemento negro – associado a um caráter degenerado – deveria ser apagado, o que só seria possível por meio da imigração.

Assim Prado, mesmo na época em que era Conselheiro,¹² utiliza de seus meios para incentivar a chegada de imigrantes europeus, como é possível ver pela página do Jornal de O Correio Paulistano:

¹¹ Maria de Lourdes Fernandes dos Santos em entrevista em 28/10/2021

¹² Antonio Prado teve longa carreira política, sendo conhecido como Conselheiro durante a monarquia (cf. NASCIMENTO, 2019)

[illegible]

Capa O Correio Paulistano. Fonte Hemerotoca Digital

O que se percebe é uma ligação entre o indivíduo negro e mão de obra, quando este deixou de ser importante para a economia, ele foi totalmente relegado. A preferência fica pelo imigrante, que representa o branqueamento (e também exploração) para a elite branca e o preterimento para o negro. Relatos de Florestan e Bastide (cf. BASTIDE, FLORESTAN, 2008), mostram os atritos crescentes entre negros e imigrantes, questão também tratada por autores como Lilia Schwarcz (2015) e Gegorge Andrews (2018), que analisam o tema sob a ótica do racismo científico ou mesmo Guimarães (2008) que trará o conceito de "personalidade-status"¹³ associada ao imigrante.¹⁴

Nesse contexto, por meio da política de branqueamento fica evidenciado a formulação de uma política que se baseia no apagamento do elemento negro da sociedade. Na gestão de Prado, grande entusiasta da imigração branca europeia, a cidade de São Paulo se destacou no âmbito nacional como o melhor exemplo do sucesso da política de branqueamento, por causa do fomento à imigração, como instrumento de substituição do negro tanto como mão de obra, quanto socialmente (ALBERTO, 2017 apud NASCIMENTO, 2019, p. 05)

Minha tia Luci Lei coloca, por exemplo, seu início, ainda muito nova, como empregada doméstica na casa de "uma italiana":

Eu trabalhei na casa de uma mulher que tinha um mercadinho, ela era italiana e escondia os docinhos de mim. No domingo ela me dava macarrão com limonada.
(Luci Lei Fernandes dos Santos)

Muitas de minhas tias relatam seus trabalhos, ainda jovens, na casa de senhoras portuguesas e italianas. Carolina também trabalha como empregada por algum tempo, mas, segundo Barone (BARONE, 2019, p. 45) ela não adapta:

Residia em casa própria, construída em adobe pelo mesmo avô. Mudou-se diversas vezes, pelos interiores mineiro e paulista, até chegar a São Paulo, em 1937, para trabalhar como empregada doméstica. Perdeu seu primeiro emprego, ao qual se sucederam outros de igual perfil, mas ela "não gostava de limpar a sujeira deixada pelos patrões". Viveu em cortiço e teve também como endereço de moradia o espaço protegido sob o viaduto de Santa Ifigênia. (BARONE, 2019, p. 45)

O que percebemos é uma primeira definição de espaço dito "negro", uma posição econômica ligada à servidão (e aqui tenho consciência da discussão que tem ganhado cada vez mais força, que associa o emprego doméstico à escravidão). Françoise Ega, na França, discute a posição de suas irmãs que trabalham como *bonne* [empregada

¹³ Conceito abordado por Guimarães (2008) no qual se relaciona uma construção de personalidade e um status social associado ao manumitido, ou seja, um indivíduo degenerado, preguiçoso e que, assim, se encontra nas camadas mais baixas da sociedade.

¹⁴ Conforme definido em relatório da Pesquisa: "A população negra foi eliminada, como coloca Fernandes (2008), em prol de um conceito de trabalhador livre, seguindo os moldes de "personalidade-status" defendida por Guimarães, que tinha como objeto o imigrante europeu, visto como a esperança nacional tanto no que se refere ao branqueamento da raça, como em relação ao desenvolvimento econômico do país na lógica capitalista. Assim, nas ocupações de funções importantes na expansão econômica urbana, como o comércio, o imigrante era privilegiado, pois possuía a personalidade-status ideal para desempenhar essa função." (NASCIMENTO, 2019, p. 77)

doméstica], seu acesso a direitos, seu acesso à cultura, seu acesso aos benefícios urbanos.

Me chama atenção no caso de Françoise o fato do Estado também agir de forma a manter as “ex-colônias” em uma relação de inferioridade velada, já que pela lei esses territórios passaram a se chamar Departamentos - ligados a um status legal de territórios franceses. No entanto sua população não possui o mesmo desenvolvimento socioeconômico que o hexágono¹⁵ Europeu.

Para Sara (2021), por exemplo, os DOMs seriam uma espécie de “colonização 2.0”, enquanto Mathieu (2021), em sua entrevista, ressalta o racismo com relação aos habitantes desses Departamentos, as diferenças de acesso à cultura, lazer e educação e os outros serviços de base.

No artigo sobre Françoise Ega (s.d), realizado pelo Comitê Mam'Ega, o qual apresenta a história de Françoise e suas contribuições. Fica clara a atuação do Estado francês na consolidação das desigualdades socio-raciais-urbanas que são encontradas no país e que se mantém marcantes. O governo também utilizou de seus meios para racializar uma profissão, como ocorre no Brasil. Em outras palavras, associar o trabalho doméstico a uma raça, gênero e classe social.

No entanto, no caso francês essa atuação também tem outros efeitos. Em 1963 são instaurados os Escritórios para o desenvolvimento de migrações nos departamentos ultramar (*Bureau pour le développement des migrations dans le départements d'outre-mer - Bumidom*),¹⁶

que ofereciam a possibilidade de imigração à metrópole, com a promessa de melhor qualidade de vida (empregos, formação e etc).



Imagem do filme « L'Avenir est ailleurs », d'Antoine Léonard-Maestrati. Fonte: FranceInfo

Ocorre que o objetivo, apesar de uma fachada de “igualdade de oportunidades”, era atrair a mão de obra dessas colônias e também oferecer obstáculos para o desenvolvimento das lutas pela descolonização, que à época eram fortes principalmente entre os jovens. Para a socióloga Stéphanie Condon (2000) o projeto também teve impacto sobre a natalidade, pois contribuiu para reduzir a natalidade nas Antilhas. Fazendo partir as mulheres, fez-se partir também as futuras mães.

Pierre Lezereau, do comitê Mam'Ega caracteriza o perío-

¹⁵ Hélixgono é um sinónimo comumente utilizado para designar a porção francesa que está inserida na Europa.

¹⁶ O Escritório para o Desenvolvimento da Migração nos Departamentos Ultramarinos, ou Bumidom, era um órgão público francês responsável por apoiar a emigração de habitantes dos departamentos ultramarinos para a França continental. Segundo reportagem da France. TV, criado em 1963 por Michel Debré, o Bumidom deveria resolver os diversos problemas vividos nas ex-colônias (desemprego, alta taxa de natalidade, pobreza .), que se tornaram Departamento Ultramarino em 1946. Acima de tudo, conseguiu deslocar quase 160 000 pessoas em vinte anos, oferecendo assim uma mão-de-obra barata a uma metrópole carente de mão-de-obra, sem oferecer soluções reais nos departamentos de ultramar em causa.

do como um genocídio por substituição,¹⁷ que assegura o enfraquecimento das ex-colônias e a sua exploração pela metrópole. A escravidão também está presente: Ega também tem avós ex-excravos e na sua história a exploração continua a ter papel essencial.

Assim, se o Estado, nas histórias aqui apresentadas, tem um papel fundamental na organização social das cidades, seu papel na organização espacial é também de extrema importância. O Estado é o grande responsável pelos investimentos urbanos, são as políticas públicas e não o mercado imobiliário que vão desenvolver determinadas regiões, estimulando ou não ciclos de exclusão socio-raciais.



Identidade Française EGA. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE



Artigo de jornal sobre a política dos BUMIDOMs. Fonte: TraceTV

17 Segundo Claire Palmiste (2018, p 1): "No início dos anos 60, enquanto os jovens martinicanos e guadalupenses emigravam para a metrópole para ocupar empregos no setor secundário e terciário, a chegada de funcionários metropolitanos das Índias Ocidentais a cargos de responsabilidade levou em 1977 Aimé Césaire, deputado do centro da Martinica, para qualificar esta tendência de "genocídio por substituição". A postura deste último refletia o medo de ver o espectro do colonialismo ressurgir com a transferência para os departamentos ultramarinos de funcionários metropolitanos e, inversamente, o afastamento de jovens índios Ocidentais. Para Aimé Césaire, os recursos disponíveis para os recém-chegados e a ideologia que eles carregavam os colocava em uma posição de força. Algumas décadas depois, o conceito de genocídio por substituição foi adotado por representantes de sindicatos e associações na Martinica.



Fotos da família de Françoise EGA. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em *CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE*



Bairro de Françoise. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em *CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE*

2.2. *Favela, Taudis, Loteamento e HLM: as opções de moradia e suas relações socio-raciais*

Como visto anteriormente, Antônio Prado, conhecido por ter realizado uma das principais gestões modernizadoras de São Paulo, associa um processo de desenvolvimento urbano destinado a determinada classe à expulsão de grupos que não condizessem à nova imagem da metrópole moderna e branca.

Assim, a população imigrante e negra são expulsas para a periferia, concentrando assim os ônus do desenvolvimento urbano sobre essas camadas sociais. Carolina exemplifica bem essa atuação na medida que a mobilidade faz parte da sua trajetória de vida.

Como coloca Barone (2019), Carolina viveu em cortiços, que serão alvos da atuação municipal calcada nas leis higienistas,¹⁸ depois vive em um terreno ocupado na rua Antônio de Barros, de onde será removida por ação municipal, partindo, então, para a favela do Canindé. Esta, por sua vez, será destruída nas obras de canalização do Rio Tietê.

Em Quarto de Despejo, Carolina relata constantemente seu desgosto por estar na favela, longe das estruturas da cidade, marginalizada: "Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê" (JESUS, 2014, p. 33).

A cidade é infraestrutura, civilidade e cidadania, a favela é o seu contraste. No entanto, a informalidade da favela era, pelo contrário, "formal", pois o próprio poder público era quem designava os locais de ocupação, oferecendo até certa infraestrutura, como no Canindé, mas insuficiente:

"não havia água, não podiam cavar poços, devido à proximidade do rio Tietê, a prefeitura

mandou instalar uma caixa d'água que abastecesse toda a favela" (GODINHO apud BARONE, 2019, p. 48)

"[...] a do Canindé, em 1948, também foi originada por consentimento do poder público, na figura do então prefeito Adhemar de Barros, em estreita relação com as obras de melhorias previstas para aquele local." (BARONE, 2019, p. 48)

O que pode explicar essa atuação é uma visão do Estado de que as favelas seriam uma fase intermediária de adaptação às novas dinâmicas econômicas e ao desenvolvimento da cidade, ou seja, esse espaço seria incompatível como progresso da metrópole, mas serviria como um espaço de acomodação e adequação à nova ordem econômica e urbana (cf. BARONE, 2019).

No entanto, há muito sabe-se que as favelas não são uma possibilidade de moradia temporária (cf. Barone, 2019 ; BOGUS , TASCHNER, 1999) e que elas evidenciam uma atuação do Estado que pouco considera os mais pobres, que é ineficiente em propor soluções para a questão habitacional. O resultado:

"O poder público, no entanto, visava outro tipo de solução para a residência dos mais pobres: os loteamentos sem infraestrutura urbana, distantes do centro e a ele ligados por linhas de ônibus. Sampaio aponta que a formação da periferia de São Paulo esteve associada a três fatores fundamentais: a ação dos loteadores privados, o incentivo do

18 Leis de Higiene são regras que visavam a diminuição da proliferação de doenças na cidade. Antonio Prado foi um dos grandes gestores nessa questão (cf. NASCIMENTO, 2019), influenciando o desenho da cidade com este fim. Um dos grandes influenciadores desse tipo de lei foi Victor Freire, que ocupou por 37 anos o posto de diretor municipal de obras da cidade de São Paulo (cf. ROLNIK, 1997 ; NASCIMENTO, 2019) ;

poder público para suas ações e a operação conjunta dos empresários de ônibus, ao abrirem linhas de condução a esses loteamentos. Incentivado pelo poder público, o agente privado atuou de acordo com os seus próprios interesses na abertura de loteamentos distantes.” (BARONE, 2019, p. 65)

Nesse sentido o Estado estimula, então, o espraiamento populacional e urbano (tão claramente visto pelos eixos do mapa de São Paulo metropolitana), mas essa transformação territorial não é acompanhada pela infraestrutura urbana mínima. O Poder público age assim em favor dos interesses do mercado imobiliário formal, agindo sobre o espaço de forma a concentrar a urbanização próxima das classes mais altas, expulsando os mais pobres das áreas com urbanização consolidada e, consequentemente mais valorizadas. (cf. Villaça, 2003).

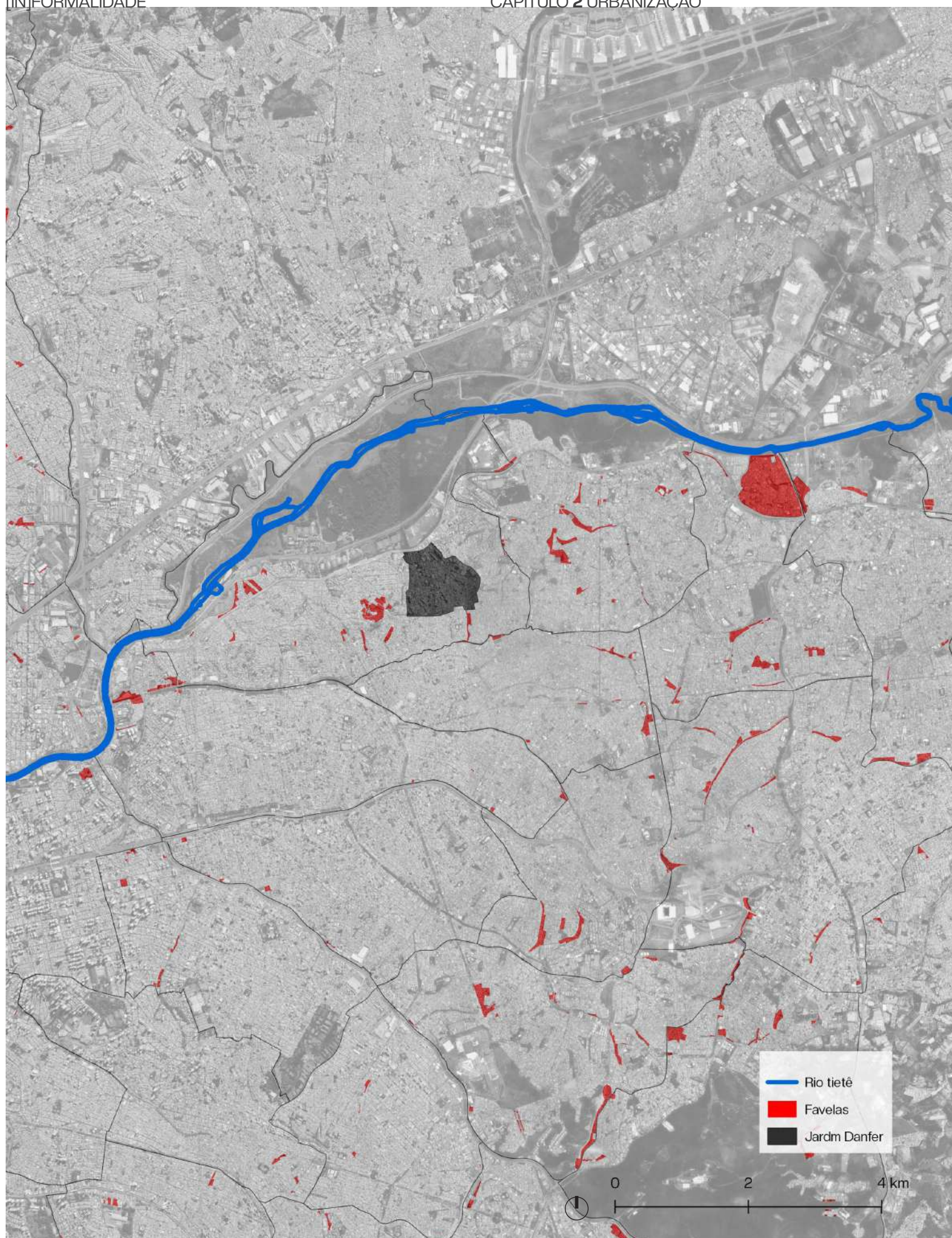
A favela do Canindé foi destruída em 1961, abrindo espaço para a canalização do rio Tietê e para obras de valorização espacial e fundiária. Minha família, da mesma forma, se vê expulsa do centro pela gentrificação, sendo empurrada para um loteamento distante, ligado apenas por 2 linhas de ônibus.

Mesmo que Carolina tenha saído da favela para uma casa de alvenaria em Santana, na Zona Norte, a cidade e a sociedade mostraram de forma cruel que ela estava inserida em um espaço que não era o dela. Sofrendo com a estigmatização e o racismo, ela foi novamente “impelida a se retirar”, passando a morar em um sítio em Parelheiros:

“O sucesso da primeira obra permitiu à autora realizar seu sonho mais contundente: sair do lugar que considerava degradante.

Assim, em 1961, Carolina de Jesus e seus filhos passaram a residir em uma casa à rua Benta Pereira, 562, em Santana, Zona Norte. O uso da violência contra a escritora negra não se limitou à discriminação, chegando às vias físicas. Jornais da época dão conta de que ela foi apedrejada quando saía da favela.¹² No bairro de Santana, sofria a hostilidade dos vizinhos, chegando a ter as vidraças de sua casa quebradas.¹³ Ali também a escritora não pode se manter por muito tempo. Assediada pelo estigma – apesar da repercussão de seu livro, traduzido para diversas línguas, e da publicação de outros títulos em seguida, já de menor sucesso – foi impelida a sair novamente. Durante o curto período de glória, ela recebeu por direitos autorais da transformação de seu livro em roteiro de cinema na Itália. Com esses recursos, comprou um sítio em Parelheiros, a cerca de 40 quilômetros do centro, para onde se mudou logo no ano seguinte. Lá permaneceu até falecer, em 1977. » (BARONE, 2019, 46)

A favela do Canindé será efetivamente destruída em prol do progresso urbano. A ironia cruel está aí: a favela, desprovida de infraestrutura mínima (uma torneira apenas para todas as famílias, o rio para lavagem de roupas, sem acesso à saneamento e etc), é destruída justamente para a chegada dessa infraestrutura urbana, demonstrando que esse investimento não focalizava a população negra e pobre.



"A remoção definitiva viria em seguida, após uma enchente que colocou em risco seus moradores. Em 1961, o poder público elegia a favela do Canindé como primeira a ser extinta, de um conjunto que incluía as favelas da Barra Funda, Ibicaba e Piqueri, que não chegaram a ser eliminadas nesse contexto. Além disso, a extinção da favela estava associada à retomada das obras de canalização do rio Tietê." (BARONE, 2019, p. 74)

"Nesse caso, fica clara a opção por adotar um projeto que favorecesse a drenagem da várzea, para a obtenção de áreas para a expansão urbana e a decorrente valorização desses terrenos, em detrimento da responsabilidade sobre o equacionamento de questões como o controle de vazão e a contenção de inundações em relação ao regime hídrico do rio.

Sendo assim, é evidente a relação entre as remoções condicionadas às obras de melhorias urbanas do período e a formação das primeiras favelas em São Paulo. Suas origens remontam a um processo de valorização imobiliária fomentado pelo próprio poder público quando da opção pelos projetos de melhoramentos, os quais estavam ligados à ideia do despejo, no caso, por exemplo, dos cortiços que porventura viessem a ser desapropriados: proprietários eram indenizados; moradores estavam na rua... Além disso, o próprio manejo desses núcleos, com sucessivas autorizações de ocupação seguidas de relocações que induziam a formação de novas favelas, engendrava um processo que, por si

só, alterava os valores do solo das áreas envolvidas. A favela que Carolina de Jesus habitou no Canindé foi, portanto, um elemento indissociável dessa articulação, que teve no poder público um agente estruturador." (BARONE, 2019, p. 56-57)



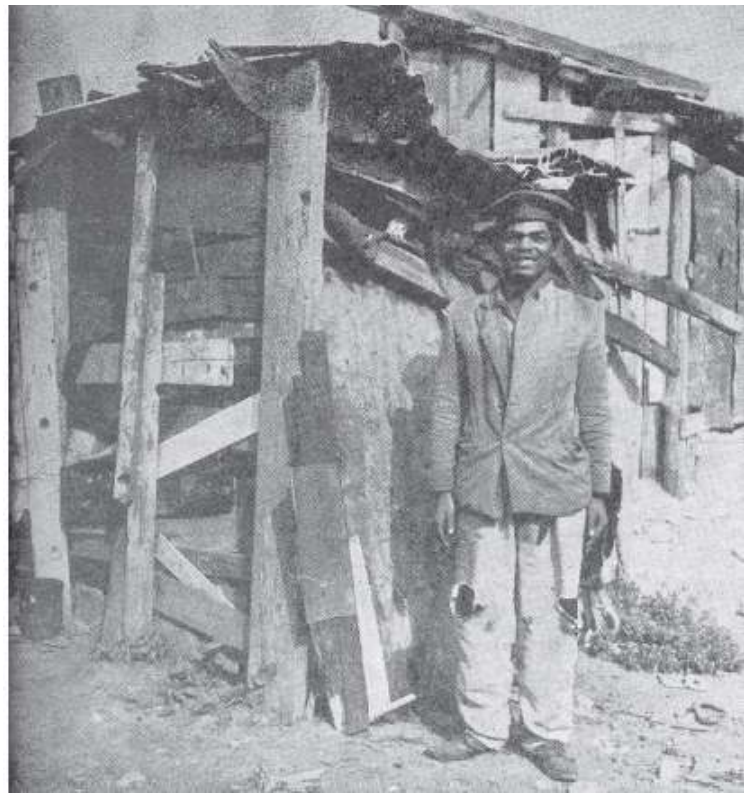
Carolina de Jesus e Audálio Dantas. Fonte: Autres Bressils



Morador da favela do Canindé. Fonte: BARONE, 2019



Enchente na favela do Canindé. Fonte: Histórias do Pari



Morador da favela do Canindé. Fonte: BARONE, 2019



Moradores da favela do Canindé. Fonte: BARONE, 2019

Para a minha família o loteamento irregular foi a solução de moradia mais próxima do sonho de estabilidade. Para Carolina foi a favela, para Françoise, Mathieu e Sara, o HLM. Mam'Ega, como era chamada Françoise por seus amigos e familiares, morou primeiro em Paris e depois nos *quartiers* de Olives e La Busserine, ambos em Marseille, onde participou ativamente da vida local, política, religiosa e sindical do bairro.

“Era a França profunda e provençal, aquela de uma infância maravilhosa. Vivíamos em 10 em uma minúscula casa, com minha tia e meus primos, nos aconchegávamos em nossas camas dobráveis, espremidos em quartos tão apertados que nos sentíamos como se estivéssemos sendo esmagados. [...] No [quartier] Olives, existia algumas crianças magrebinas, mas não negras. Na escola, eu conheci ‘sale nègre’, ‘tête de nègre’, como antes a comunidade italiana conheceu os ‘macaroni’ e outros ‘rital’¹⁹” (EGA, jean-Pierre, s.d.)

O Governo representava também para Françoise uma relação de ambiguidade, onde os eleitos não necessariamente a representavam ou praticavam políticas que a incluía. Em uma das lutas mais representativas, Mam'Ega participa das reuniões da ZUP (*Zone a Urbaniser en priorité* – Zona a urbanizar em prioridade) do seu bairro, para aportar modificações aos projetos, que consideravam as habitações, mas não a infraestrutura pública (como cultura, lazer e equipamentos públicos). Inclusive participando de uma greve local para que essa infraestrutura fosse

incluída.



Bairro de Françoise Ega. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em *CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE*

Françoise lutou por melhorias nos bairros do norte de Marseille, mas ainda hoje a situação é de combate. Em recente reportagem, de 16 de janeiro de 2021, os moradores de La Busserine fizeram um protesto em prol da luta por segurança, devido a um tiroteio ocorrido após uma partida de futebol.²⁰

Em entrevista de maio de 2017, os moradores do bairro de Olives reclamavam o desmonte que ocorria no bairro:

Tudo começou com o fechamento da subprefeitura, então há um ano foi a única agência bancária do bairro que baixou as portas. E hoje, é anunciado o fechamento dos correios ... Estamos em um vilarejo de

¹⁹ Sale nègre, Tête nègre são xingamentos racistas ainda utilizados na França, querem dizer, respectivamente em tradução literal, negro sujo, cara negra.

²⁰ Des habitants de La Busserine à Marseille mobilisés pour dire stop à la violence. France Bleu, 2021.

mais de 20.000 habitantes sem ponto de retirada de dinheiro. O que não convém aos nossos clientes, nem aos nossos depósitos de recebimentos. Hoje, com a Internet, é fácil, basta olhar: dos 111 bairros de Marselha, só o bairro das Oliveiras não tem banco. (CARMONA, 2017, tradução livre)²¹

Segundo relato de seu filho Jean-Pierre:

Deixamos o bairro das Oliveiras porque minha mãe temia a influência de um bandido local, que roubou alguns amigos. Viemos para La Busserine em 1969, o prédio “E” era novo. Ele tinha uma varanda em cada quarto, para nós era a América! O shopping Carrefour ainda não estava lá, do lado oposto. Em vez disso, havia um pequeno riacho, era o campo. Muito rapidamente, eles construíram o distrito de Flamants mais adiante, depois o shopping. Nós nos vimos cercados, trancados, com os problemas sociais que vêm com isso. Na época, em nosso prédio, os sobrenomes eram diversos, eram italianos, um judeu, um espanhol e um magrebino; passamos pelo cuscuz, pelo chouriço, pelo sal, tava navegando. Nós nos misturamos. Os colegas eles conheciam o zouk, eu os ensinei “ (EGA, s.d, p. 2)

Assim como para Carolina, para Françoise e para grande

parte da população negra e imigrante, tanto na França quanto no Brasil, a segregação funcionou como um mecanismo de exclusão e de dominação, que pode também ser observada pelo desenho das cidades. Como coloca Villaça:

Toda exclusão social (inclusive as não formais ou não oficiais) só é possível a partir de uma dominação e esta é uma dominação política, ideológica e, principalmente econômica. O chamado mercado, é o principal instrumento de dominação e exclusão econômica e quase sempre apresenta uma manifestação espacial. É, portanto, um instrumento de segregação. Vamos abordar aqui, o mercado imobiliário. Neste caso, ocorre a segregação. (VILLAÇA, 2003, p. 1)

Sara (2021) faz relato semelhante sobre o desaparecimento de famílias, gentrificação do bairro e a pressão financeira que esse processo representa. Afirma que a mistura social nunca foi o objetivo principal do seu HLM e, segundo ela, atualmente, a situação tem ficado cada vez pior no seu prédio no bairro de Barbés, no 18^{ème} arrondissement.

Para Mathieu o processo de gentrificação começa a se tornar cada vez mais aparente. Como para Jean-Pierre o crescimento e desenvolvimento urbano vem carregado com pressão social e gentrificação (c.f., EGA, s.d.). No entanto, Sara e Mathieu resistem, defendendo sua escolha na localização e na facilidade de transporte e, principalmente, no tempo de deslocamento.

Para Villaça (2003; 2012) o tempo é o fator essencial para designar acessibilidade e não a distância. Nesse senti-

²¹ Marseille - Les Olives : les commerçants inquiets pour l'avenir du village. La Provence, 2017.

do, o acesso a transportes, em quantidade e qualidade suficiente seria um fator fundamental para a apropriação do espaço urbano e também para a consolidação dos processos de segregação urbana.

Para o autor o espaço urbano é socialmente produzido e, portanto, é também instrumento pelo qual é possível expressar as relações de dominação. A concentração de benefícios urbanos e os processos de expulsão, são expressões de relações de diferenciação socio-racial. Assim, não é possível pensar o espaço urbano sem pensar em estruturas sociais.

Milton Santos (1990) coloca que em São Paulo a pobreza é estrutural e não residual e que o Estado, como estruturador, tem papel fundamental na divisão de renda, na especulação e na formulação de vazios urbanos. Nesse sentido se encontra o crescimento da periferia:

"Nesse quadro de extremas disparidades socioeconômicas a extensão desmesurada da cidade, enquanto dentro dela se mantem tantos vazios especulativos, é uma das causas do seu crescimento periférico." (SANTOS, 1990, p. 15)

Para Villaça (2012) o que ocorre é um efeito calcado no poder das classes dominantes. Elas comandam a produção do espaço urbano e o mercado imobiliário. E é essa mesma classe é que controla o Estado e utiliza de seus meios para manter seus benefícios.

Para isso, Villaça compara a zona sul e a zona leste da cidade de São Paulo, observando que a primeira, mesmo possuindo a ideia de ser "tout São Paulo", na verdade representa menos de 20% da população da metrópole paulistana. Associamos a cidade às avenidas Faria Lima,

Paulista, Sumaré. No entanto, esses são os locais da elite, ou seja, o centro é onde a elite está.

Por outro lado, a zona leste, local dos mais pobres e com maior população que a zona sul, sofre com a falta de infraestrutura adequada, maiores temperaturas (pois tem menor área de vegetação), maiores tempos de deslocamento para trabalho, estudo e demais atividades.

Durante toda a minha vida escolar e a maior parte da minha vida universitária, residi no Jardim Danfer e vivi essa realidade profundamente: a distância até a FAUUSP era de cerca de 30km, um trajeto entre duas horas e duas horas e meia, contando apenas o trajeto de ida.

O centro é definido pela elite, sua decadência também. Os aparelhos do Estado, a infraestrutura são definidos pelas classes dominantes, tornando a cidade um ambiente desenhado pela segregação. O desenho pode ser visto claramente quando visualizamos onde estão as universidades públicas, os edifícios públicos, os marcos do poder do Estado.

"Teoricamente a localização do Poder Público não deveria ser guiada pelas leis do mercado...No entanto é.

O próprio palácio do Governo do Estado de São Paulo mostra, em seu caminhar, essa simbiose entre o mercado imobiliário, a classe dominante e o Governo. Ele saiu do Pátio do Colégio, foi para Campos Elíseos e daí foi para o Morumbi. Será que vai voltar ao "centro velho" (que agora é dos mais pobres)? O mesmo ocorreu com a Assembleia Legislativa, e com a maioria das secretarias estaduais e municipais que se deslocaram da

Paulista para baixo. Apenas para mencionar as do Estado: as de Economia e Planejamento, de Habitação, Meio Ambiente, Recursos Hídricos, etc. e ainda com as empresas públicas (SABESP, CETESB, IBGE, PRODAM, CET, DSV, o Campus da USP etc.) todas se deslocaram ou se instalaram nesse chamado "centro novo". Quantos desses órgãos estão localizados na Zona Leste, a mais populosa da metrópole? Será que a maioria deles vai voltar ao "Centro Velho" como ocorreu com o Gabinete do Prefeito?

Nossa sociedade construiu assim uma metrópole altamente segregada, onde a maior parte das classes média e acima da média está concentrada do Quadrante Sudoeste, onde, numa área correspondente a algo como 14% da área urbanizada da Região Metropolitana, e onde estão apenas 10% de sua população, concentram-se algo como 50 a 60% das classes média e acima da média.. Para esse mesmo Quadrante se deslocaram e continuam se deslocando os serviços (públicos e privados) e o comércio , que atendem a essas classes" (VILLAÇA, 2012, p. 4)

Por vezes o Estado age nas periferias, para a construção de infraestrutura, mas essa ação é demorada e, muitas vezes, insuficiente. A exemplo disso temos o mutirão EMURB, que trouxe ao Jardim Danfer saneamento básico e asfalto, abrindo espaço para novas linhas de ônibus no bairro, desenvolvimento de um pequeno centro comercial e melhorias de infraestrutura.

Segundo relato da minha tia Maria de Lourdes, o meu avô foi o "embrião" da Associação de moradores, pois, logo

após se instalar no bairro do Jardim Danfer, em 1967, ia até a subprefeitura regional para demandar ao poder público a cobertura das ruas de barro com brita:

“O meu pai ia lá na sub,,,chamava regional, aí meu pai ia lá pedir para pedir brita corrida, porque quando chovia parecia sabão na rua. Muita gente falava que lá no fim da rua, que dava na Floresta Azul, era para descer escorregando para casa, era muito barro, era muito difícil para andar aqui.

Aí meu pai foi pedir para o administrador a brita corrida nas ruas, para ficar melhor para a gente pisar. Aí meu pai ia atrás e eu comecei a ir, chamei outras pessoas. Então meu pai ficou doente e eu continuei o trabalho que meu pai começou” (Maria de Lourdes)

A empresa de Urbanização de São Paulo chegaria cerca de 20 anos depois, durante a gestão do prefeito Mario Covas (1983-1986). Segundo minha tia, o então prefeito Mario Covas fez um levantamento pelo cartório das Associações de moradores de São Paulo e foi a partir desse levantamento que chegou até o Jardim Danfer e propôs o mutirão.

“Aí a gente aceitou e ele veio no sábado e no domingo, das cinco da manhã até as nove da noite. E o Covas ficou aqui com a gente, aqui no bairro.

Ele perguntou para a minha mãe: vó, a se-

nhora pode emprestar o salão da senhora por dois dias para a EMURB fazer os contratos? Ela disse: ‘Posso, prefeito, posso.’

Aí ele tava saindo e ela disse ‘vish, minha filha, o que vamos dar para o prefeito comer?’, aí ele voltou e disse: ‘vó, nem pro prefeito e nem pra ninguém, eu vou trazer marmitex.

Aí ele trouxe marmitex para todo mundo, sentou na calçada e comeu com o povo, aqui na calçada da minha casa. Aí foi a primeira vez que eu comi marmitex, trouxe até aquele leitinho de soja, eu não conhecia também. (Maria de Lourdes)

Antes do asfalto, ele colocou água, esgoto e energia elétrica na rua, os postes, porque só tinha energia nas casas, não tinha na rua. Aí na época era a Light,²² aí colocou os postes e aí veio a SABESP colocar água encanada e esgoto para a gente, e eles falaram para aterrar os poços e as fossas sépticas.

Aí a gente foi pro céu, né? Foi uns dois meses antes do mutirão. Quando estava tudo pronto, ele [Mario Covas] veio com o asfalto, o cimento, veio tudo da prefeitura,

até os carrinhos de mão. A gente entrou com a mão de obra.

Depois pagamos as promissórias. A Dina²³ pagou 69.0000 cruzeiros, a gente pagou 13.000 cruzeiros, a gente só pagou o básico para a EMURB” (Maria de Lourdes)

Minha família não lembra ao certo quando veio o ônibus. Minha tia Maria de Lourdes relata que os ônibus vieram bem depois do mutirão e minha avó Florentina coloca que seus filhos já tinham certa idade quando o transporte chegou à região. Antes ela andava longas distâncias até chegar à avenida São Miguel, onde ficava a igreja que frequentava.

“O vereador da Penha chamava José Bustamante²⁴, a gente foi lá falar com ele e ele disse que ia mandar ônibus para cá. Aí tinha 10 ônibus para a caixa d’água e 1 para o Jardim Danfer, aí quando a gente passava o pessoal falava não pega não, esse vai para Saramandáia.²⁵ Saramandaia era Jardim Danfer.

Aí os ônibus da Aviação Penha-São Miguel começaram a ficar muito lotados, então eles mandaram os ônibus para cá, na Padaria Nova Leste. A primeira pessoa a pegar o ônibus que veio para o Danfer, no

²² A Light é uma empresa privada de geração, distribuição e comercialização de energia elétrica. Foi fundada ainda na época de Antonio Prado, como São Paulo Tramway, Light and Power Company e foi extremamente importante para a instalação de bondes na cidade. Após a sua estatização na década de 1970, o Estado de São Paulo adquiriu a parte paulista da empresa, mudando seu nome para a atual Eletropaulo.

²³ Apelido da minha tia Wilma Sônia

²⁴ De acordo com documentos históricos da Câmara Municipal de São Paulo, o vereador José Bustamante foi vereador pelo MDB, entre 1973 e 1983

²⁵ Saramandaia tem diversos significados, mas pode ser associado a local de feitiçaria, misteriosos. Minha tia o compreendia em um sentido pejorativo.

dia a minha mãe ajoelhou agradecendo a Deus.

Porque a gente trabalhava na fábrica sete, oito horas e a gente saía quatro horas daqui de casa. A Nheia²⁶ saía daqui com o Seu Marciano, ele ia até a Praça Gaje com ela, armado.” (Maria de Lourdes)

No caso de Paris, o debate se pauta tanto na atuação do Estado sobre o espaço urbano, quanto numa mudança social: a passagem de uma sociedade pautada na luta de classes para uma sociedade de combate à segregação social. O que autores como Bidou-Zachariasen (1997) identificam como o paradigma da sociedade pós industrial francesa.

Ocorre, então, um debate sobre territórios, bairros e exclusão. Se a sociedade “muda”, se a segregação toma espaço e o meio urbano é palco dessa transformação, então a análise do meio urbano se torna imprescindível. No entanto um estudo focado apenas no urbano é uma resposta incompleta a esse processo, é necessário encarar o território a partir do que Rolnik (1997) coloca como um ambiente que favorece características de cidadania e civilidade conforme a população que o habita.

Diversos outros autores como Touraine (1991), Dubet e Lapyronnie (1992) se debruçam sobre as transformações da sociedade, tentando explicar essa transição dos embates industriais para os embates de raça. No entanto, aqui acredito que vale ressaltar que, apesar da abordagem de transformação da sociedade, que leva a crer em uma hierarquia de opressões ou mesmo numa “descoberta” da questão sobre a raça, as opressões de

raça sempre estiveram presentes. Em outras palavras, as opressões para mim seguem a ideia de Lélia Gonzales (2020) e o capitalismo seria próximo à Teoria da Reprodução Social, uma soma.

Dessa maneira, meu olhar sobre a sociedade francesa não segue exatamente a forma de análise dos autores em que me apoio. Não considero que houve uma total transformação da sociedade, que deixou de ter embates de classe, para se pautar em raça. Acredito que o capitalismo se fundamenta em segregações de classe, de raça e gênero. A França teve colônias, fundamentou sua sociedade, sua economia em formas de exploração e essa exploração não se estruturou primeiramente na classe, depois raça e gênero. Muito pelo contrário, esteve sempre estruturada na soma desses fatores.

O que ocorre atualmente, e Paris serve como grande exemplo disso, é o confronto de uma sociedade que se construiu sobre bases republicanas de “igualdade” - onde a polarização era credibilizada apenas entre classe - e que atualmente não consegue mais virar as costas para os debates de raça e gênero, e a interseccionalidade desses temas.

Esse olhar sobre as relações sociais pode, por exemplo, exemplificar o que Stébé (2010) coloca sobre a utopia das harmonias sociais, onde as relações de vizinhança e a mestiçagem social, seriam suficientes para uma “pacificação” dos embates sócio-raciais. Dubet e Lapeyronnie observam os “bairros de exílio” como locais de concentração de desequilíbrios (maiores taxas de desemprego, pobreza e etc). Acredito que a falha está numa visão que se foca muito mais no território por si só do que no território como resultado de interações sociais, como “me-

²⁶ Apelido da minha tia Maria José.

diador fundamental" mais do que assimilador. (cf. BIDOU, 1997)

Na Paris metropolitana, vivo ainda distante do centro da cidade, em Noisy Champs, e para mim é impossível encarar a metrópole sem observar suas divisões por raça, os espaços negros. Ainda em São Paulo, durante a graduação em Arquitetura e Urbanismo, apresentei o trabalho "Preta é a minha pele, Preto é o local onde moro", célebre frase de Carolina de Jesus, trabalho no qual entrevistei colegas e funcionários da FAU para saber onde eram seus locais de moradia, trabalho, lazer e os desafios de ser negro na Universidade.

Apresentei o trabalho abalada emocionalmente, pois o projeto me fez enfrentar o duro fato de que não existe O Racismo, mas OS Racismos, que as opressões não se sobrepõem, mas se somam, e o Estado e o espaço urbano desempenham papéis fundamentais na perpetuação de ciclos de segregação.

Em Paris, vivo essa somatória de opressões, como mulher, como negra (em um embate muito ligado à mestiçagem), como imigrante latina. O local onde moro expressa muito para mim esse embate, pois é aqui onde vejo em maior número os imigrantes, os negros. Assim como em São Paulo, o bairro onde vivi era a expressão viva da exclusão racial.

Catherine (1997) dialoga com minhas observações quando apresenta em seu trabalho o estudo de caso sobre o bairro Saint-Leu, em Amiens (Norte da França), o qual teve um grande plano de renovação, fazendo com que os moradores do local em parte decidissem por partir da região.

Segundo a autora, a renovação não só sacode muros

e ruas, afeta profundamente um grupo humano, provoca ou acelera uma mudança nas estruturas locais e sociais; seus efeitos vão além do domínio exclusivo da habitação e devem ser estudados como uma forma particular de mudança social em geral. Assim a cidade não seria um objeto, mas um recurso utilizado por certos indivíduos e grupos, resultando em um equilíbrio instável baseado em um jogo social extremamente complexo (entre raça, gênero e classe).

Conhecido como um *quartier ouvrier* (bairro operário), as mudanças causadas pelos projetos urbanos causaram a saída de habitantes rumos aos HLMs e certa gentrificação, com a chegada de novos moradores "interessados" no histórico da região e no seu desenvolvimento (Bidou, 1997).

Catherine realiza uma comparação entre os habitantes que saíram da região e aqueles que restaram. O resultado demonstra 3 grandes eixos de separação:

1. Acesso aos benefícios da urbanização: a autora ressalta a clara diferença de inserção na cidade. Os que se mudaram para outro HLM se encontraram em condições de vida em pior grau se comparado aos que ficaram
2. Sonhos e futuro: os que ficaram, com acesso às universidades e melhores escolas, conseguem visualizar mobilidade social, enquanto os que saíram se veem em uma encruzilhada urbana.
3. Gentrificação e cultura local: os habitantes locais continuam seus combates para uma construção do espaço urbano e sua permanência, enquanto os que saíram viram sua força de atuação dispersa, seus laços rompidos.

Esse estudo de caso mostra bem o poder de transformação do Estado e como os territórios urbanos podem influenciar, não só na vida coletiva, mas individual de cada habitante. O acesso à cultura, lazer, transporte tem efeito sobre a geração presente e o futuro das famílias. O acesso à educação tem poder de quebrar ciclos de exclusão, tornando-se assim fundamental para perpetuar (ou não) determinados grupos sociais à margem sócio urbana. Esse é o assunto a ser tratado no próximo capítulo

3. Educação, Saúde e Pobreza.

Formas de marginalização institucional versus a resistência e o ato político de reconhecer a si próprio como agente sócio-urbano



Carolina de Jesus, Audalio Dantas e Ruth Souza na favela do Canindé; Fonte: El país

Ao longo das entrevistas que foram desenvolvidas para este trabalho, ou mesmo nos formulários que foram utilizados, os ambientes escolares sempre apareceram em algum momento, como marcos na cidade (creches, escola, universidade), como meio de ascensão social, ambiente de exclusão e etc.

Para Françoise e Carolina a escrita foi meio de encontro e ascensão social. Carolina escrevia para sobreviver à vida na favela, Françoise escrevia em um âmbito de desabafo e descoberta de si e de suas irmãs. Para ambas é interessante pensar na subversão de uma ordem literária, que estava consolidada na época, na qual a pobreza era objeto de estudo de homens brancos. Nesse momento eram os subalternos que tomavam parte do discurso e se apropriavam do idioma.

A escola, como instituição e ambiente social, permeia ambos os livros de forma a demonstrar os embates sociais. Em Carolina era o local de educação de seus filhos, mas também era onde eles ficavam enquanto ela ia à cidade procurar alimento. Para Françoise, a escola era o local de guarda de seus filhos, enquanto ela estava fora, mas também local de exclusão, na medida que era o espaço no qual eles sofriam preconceito:

Meu colo é reconfortante quando, depois da escola, meus filhos são chamados de chineses, negros, pied-noir¹ ou ciganos, dependendo do humor do garoto que comanda a luta. É a era da falta de miseri-

córdia e as crianças são más. Tenho que convencer meu povo de que os chineses são muito bons, que não era nada mau ser blackfoot e que os negros, se tivessem que ser inúteis, o bom Deus não teria dado uma alma ao seu corpo. (EGA, 1978, p. 47)

Para minhas tias e minha mãe a educação foi um caminho tortuoso. Apenas minha mãe nunca parou os estudos e de 8 filhos, apenas 3 alcançaram em algum momento o estudo universitário (e somente 1 em uma universidade pública). Entre educação e trabalho, o segundo ganhava espaço, era preciso comer.

O que me surpreende é que, em conversa com minha tia Luci Lei, ouvi observações semelhantes sobre a educação: o acesso ao ensino não é para todos, a escola não é democrática e ao longo da trajetória o caminho se torna cada vez mais solitário.

Ao longo de grande parte da minha vida escolar o trajeto era um dos maiores desafios. À parte de um pequeno período no qual fiquei em uma creche próxima de casa, eu nunca estive em instituições próximas de casa, com o caso mais grave sendo a USP, para a qual fazia diariamente, ida e volta, um percurso de cerca de 4 horas de deslocamento, por vezes mais.

Essa imagem é interessante: conforme fui avançando na minha vida escolar, os deslocamentos se tornaram cada vez maiores mais demorados, oferecendo cada vez mais

¹ O termo "pieds-noirs" é um termo pejorativo que tem sua origem no final da Guerra entre França e Argélia. Ela se refere ao repatriados entre os anos 1950/1960 por causa da guerra e, por extensão, aos franceses de ascendência europeia que haviam se instalado no norte da África francesa até a independência, ou seja, até março de 1956.

Segundo Jean-Yves Le Naour, em entrevista ao France Inter em 2019: "Há historiadores, entre eles Guy Pervillé, especialista na Guerra da Argélia, que pensam que em algum lugar a expressão 'pieds-noirs' designava os 'nativos' e que era uma expressão pejorativa falar dos argelinos de origem. Porque? Porque muitas vezes eles não usavam sapatos nos 'bleds', nas aldeias. Como estavam descalços, seus pés estavam sujos. Essa designação seria então passada para a França metropolitana, onde designaria os franceses da Argélia, uma forma de rotulá-los como franceses de segunda classe."

obstáculos para o meu desenvolvimento acadêmico, ao mesmo tempo demonstrando 2 questões:

- O contraste entre o local de moradia e o local de estudo: minha distância do centro, uma distância não só física, de trajeto, mas uma distância social. A estruturas, os transportes, os espaços de lazer, os espaços de cultura... não estavam onde eu morava. Era sempre necessário reservar horas de trajeto, acordar mais cedo, chegar em casa mais tarde. Lembro bem as maquetes da FAU que fiz no transporte, o trajeto ônibus-trem-metrô-ônibus que devia significar produtividade. Era a tentativa de controlar o tempo, de dar um segundo sentido a esse período, que me parecia perdido.
- A permissão social dos espaços: a distância social e física dos espaços de ensino superior também expressa claramente que eu estava me inserindo em um ambiente que não foi constituído para mim, como mulher negra e da periferia. Quando Villaça (2012) diz que as instituições do Estado seguem o mercado, determinando onde estão as instituições públicas, isso diz muito também sobre para quem o espaço urbano é produzido: para as classes ricas e brancas.

Recordo-me de uma vez, enquanto debatíamos na FAU a necessidade do fim da bolsa mérito, em que, ao conversar com um dos professores presentes na reunião coloquei a ironia de, em uma escola de arquitetura e urbanismo, não considerarmos que os locais de moradia e os deslocamentos tenham influência no desempenho dos alunos na escola. Em outras palavras, falar em mérito, enquanto nem todos têm acesso às mesmas oportunidades, é, de certa forma, cruel.

Acordar às 5 horas da manhã e ter toda a cidade para

atravessar em direção à USP, em transporte público, e acordar às 7 horas e vir para a universidade de carro são situações diferentes e influenciam na maneira como vivenciamos o meio acadêmico.

O mérito não considera esses fatores e a luta era justamente para que a bolsa levasse em conta índices sociais. À época tive por resposta: você está menosprezando os alunos cotistas, eles estão entre os melhores.

Essa frase me faz pensar: sim, estamos entre os melhores (também entrei na USP pela política de cotas), mas a que custo? Quando se está em um universo que, repetidas vezes, te mostra que seu lugar não é lá, o peso de provar-se, de resistir, é enorme.

Minha história na FAUUSP e de muitos amigos negros dessa faculdade foi uma história combativa. Nos encontramos cada vez mais entrincheirados ao longo do caminho escolar, até chegarmos à USP e nos depararmos com um número mínimo de pretos entre mais de 150 alunos.

Estar sempre em combate cansa. Desgasta estar constantemente tentando provar que você pertence a um lugar, ao mesmo tempo que existe o peso de representatividade, pois quando se é preto, em um espaço branco, você não é indivíduo, mas coletivo.

E esse sentimento não é só meu. Em seu livro Françoise evoca esse sentimento de representatividade:

Carolina, que experiência eu estou fazendo! Eu li num jornal que estavam precisando de uma datilógrafa para uma substituição. Eu me apresentei, a diretora do escritório disse que a vaga não estava mais

livre. Ela me olhava espantada, eu compreendi que era minha pele que a surpreendia. É assim, infelizmente, na província: você diz que pode redigir corretamente uma correspondência comercial ou administrativa, então te respondem que querem uma pessoa com experiência. Você diz que tem experiência para dar e vender e mesmo uma preocupação em fazer um trabalho bem feito, em razão da responsabilidade que te dá sua cor de pele, você me entende! Não deve haver a ocasião para que digam que esses negros são inúteis para tudo. Deve-se fazer bem o que você tem a fazer, e isso por todos os negros do mundo. Então dizem que vão te repassar, ou mesmo que irão te escrever. Então você se irrita e vai no escritório de vagas para empregadas domésticas, se você tem pressa de ganhar seu pão. Lá, a funcionária será todo sorriso: a visão de uma mulher negra a fará feliz, (EGA, 1978, p. 32, grifo nosso)

No trecho de Françoise vemos pela ótica dela a luta das gerações anteriores para ocupar um espaço, dito branco. Apesar de falar mais de 1 idioma, escrever corretamente, ler, ter experiência, ela estaria ocupando um espaço não designado socialmente à uma mulher negra. Mais para frente no livro vemos o momento que ela consegue finalmente um posto como secretária, mas este é temporário e para evitar que a secretária anterior (mulher branca e jovem) perca seu trabalho “se ela colocar uma branca no

seu lugar, talvez ela o perca”. (EGA, 1978, p. 144)

A menina branca não aguentaria trabalhar em um escritório no verão, por causa do calor que a deixava doente (“ela está sozinha para fazer todo o trabalho em pleno verão, ela tem uma angina”²). Ega sim era “acostumada ao calor” (EGA, 1978, p. 148) e poderia se submeter ao trabalho sem colocar em risco uma organização de trabalho entre brancos e negros. Ela temporariamente ocuparia o posto, mas depois a divisão sócio-racial do trabalho retornaria à “normalidade”.



Desenho de Françoise Ega feito por Naiké Desquesnes. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE

² Inflamação nas amídalas. Trecho retirado da página 144 do livro de Ega (1978).

Françoise pensa em não aceitar o trabalho, pois queria passar férias com seus filhos em Paris e procurar um editor para o seu livro, mas a ideia de, mesmo temporariamente, sair do posto de empregada doméstica a interessa:

Meu marido chegou nesse meio tempo e ficou sabendo do pedido de Madame Roland e das minhas hesitações, ele exclamou:

Por uma vez você tem a oportunidade de deixar as caçarolas e de servir de cobaia, supostamente para documentar a si mesma! Você estará tão impregnada dessa vida que não poderá sair!

Isso me apavorou, não poder sair da vida de servitude por toda a minha vida, isso seria impensável. (EGA, 1978, p. 145)

Françoise vê a experiência também como oportunidade de viver, mesmo que por poucos dias, uma outra vida. Ela não seria empregada doméstica, ela seria secretária e estava disposta a agir como tal. No entanto a sociedade a relembra de forma cruel sobre sua função:

Eu entrei no escritório com um ar seguro, bem decidida a não contar que eu fazia limpeza na casa dos outros. Eu perdi rápido minha soberba, porque o advogado já me viu na casa de um doutor, um dia que ele estava acompanhando a sua esposa para tomar um chá lá. Eu fiquei com as orelhas quentes e esperei o momento no qual ele me mandaria limpar o chão. Hou-

ve um momento de rápida surpresa e ele me disse gentilmente: “Então você sabe o que fazer? Pode se instalar no escritório.”

Eu esperava tudo, exceto aquilo: eu gaguejei: “Isso não será que por alguns dias, a pequena estará logo curada”.

*Eu tinha vontade de chorar, eu compreendi que minha passagem no odor da vida dos outros havia me marcado, me complexado. [...] Eu não ousei ao longo de todo o dia dizer: “a secretária no telefone” como é devido. Meus interlocutores eram invisíveis, no entanto eu via seus olhos examinadores se perguntando onde haviam me visto, naquelas casas, na casa das madames. **Desde que eu me divirto em trocar de proprietário como troco de meias, eu devo esperar todas essas surpresas. Voilà, Carolina, o dia passou e minha vergonha também**”. (EGA, 1978, p. 147, grifo nosso)*

Para mim o mais surpreendente e mais triste dessa passagem é que a experiência para Françoise é tão marcante que ela mesmo chega a chamar seus patrões de proprietários, como se retornando à escravidão. Também é difícil ver, em sua escolha de palavras, a ironia e a tristeza, quando ela diz que “se diverte” em trocar de patrão. Não há diversão, há necessidade e racismo.

Ao longo de seus poucos dias no escritório, Françoise surpreende o advogado com seu estilo de escrita e destreza. No entanto Françoise sabe que o ciclo de trabalho

retornará ao que era antes, com ela na casa das madas e cada vez mais mulheres das "ex-colônias" chegando pelos portos em busca de emprego. Isso a estarrece:

*Esses pensamentos molestavam minha velha mente que deveria se ocupar de outras coisas, boas para as empregadas domésticas: o preço da cera de chão, o novo desgordurante para os fornos automáticos e outras coisas que deveriam me transformar em robô. Mas voilà, do outro lado do oceano, **centenas de milhares de mulheres e homens negros tateiam na noite de seu passado e de seu presente um caminho que os conduzirá à dignidade definitiva, é por isso, Carolina, que eu choro por aquele que estendeu a mão para mim.** Eu choro e meu rosto preto se enruga, e minhas mãos cinzentas estão tremendo e meu coração vira ao mesmo tempo que a esperança dos homens é colocada no homem. De Johannesburg ao Mississippi, passando por Douala e Fort-de-France, os homens de cor devem sentir uma emoção tão intensa quanto a minha. (EGA, 1978, p. 210, grifo nosso)*

Frente a um ciclo, Françoise faz o que pode para mudá-lo, ela sabe que não verá as transformações ocorrerem, mas o que a move é o que isso poderá trazer para as gerações futuras. A imagem é como jogar uma pedra em

um lago, o primeiro impacto gera uma pequena onda, mas que irá crescer cada vez mais com o passar do tempo.

Está quente e as vassouras já se enrolam sob o efeito do sol cortante. As minhas páginas vão avançando, vão de leitor em leitor, mesmo com a falta de compromisso sério, eu sinto que chegará o dia em que o meu livro encontrará um comprador, isso faz-me esquecer que me tornei "comprometida" e me transformei em um carpinteira!

*Fizeram de mim uma "babá" para cuidar de um anjo loiro,³ e me transformei em cozinheira! O que eu estou dizendo! Eu me fiz, sou ... não tive tempo de ser, foram por mim, isso passa pela minha cabeça, sem amargura, tá quente, posso escrever embaixo do meu pinheiro preferido enquanto as cigarras cantam, perto de mim Solange ri, a piada que ela me fez de partir assim! Os outros, Yolande, Renée, Madame Roland, dirão daqui a alguns anos aos filhos, aos pais: **"Você tem sorte! Você está nas melhores faculdades! Você está nas lojas de departamentos e em todos os lugares onde seu mérito pode. Não surpreende ninguém! No nosso tempo só tínhamos a capacidade de ser donas de casa! A vida mudou muito, acredite!"***

³ Ainda em 1963 Ega foi cozinheira na casa de uma família muito rica, a mesma na qual teve contato com a antiga empregada que morava no porão. Durante o tempo na casa, Françoise trabalhou como cozinheira, mas um dia ficou como babá de uma pequena menina chamada Evelynne por quem se afeiçoou grandemente. Nesse trecho vemos como esse episódio e muitos outros nos quais tentou mudar de profissão a tocaram.

Mas sim Carolina! Eu acredito! Estou esperando por essa mudança! (EGA, 1978, p. 218 – 219; grifo nosso)

A esperança da mudança é o que move Françoise. Ela vê o dia em que nós estaremos nas melhores faculdades, isso a faz feliz. Mam'ega, nós entramos na USP, uma das melhores universidades do mundo, nós entramos na *École d'Urbanisme*, mas o racismo ainda pesa. Só entramos porque você lutou, por causa de Carolina, da minha família e de tantos negros que vieram antes e, infelizmente, continuamos a combater pelos que virão depois.

Como Françoise diz, o mérito vem, mas antes dele todos devem ter as mesmas oportunidades. O que não corre e, por isso, é impossível pensar em meritocracia na Universidade Pública. Por isso existe a luta, na FAU, por meios de ingresso e de acesso a benefícios que considerem as relações sociais desiguais. Nesse sentido vem as cotas, fim da prova de habilidades específicas, mudança da bolsa mérito...

Pelas formas como a sociedade foi construída, cada negro que sai do ciclo de exclusão sente a pressão da representatividade. Segundo RokhSara Diallo⁴ essa é umas das charges raciais (pesos raciais). O fato de, por ser racializado, ter que se encarregar de questões a mais do que as pessoas brancas.

No podcast *Kiffe ta race* (ame sua raça), as apresentadoras abordam a representação, mas também a solidão de ser uma pessoa racializada e racizada.⁵ Esse trecho me tocou e me lembrou o motivo pelo qual, durante a minha graduação, eu me aproximei de locais onde encontraria pessoas “como eu”, onde poderia debater as minhas questões. Nesse sentido eu entrei para a Bateria Universitária Brutalista e, em 2017, com outros colegas da FAUUSP, fundamos o **Coletivo Malungo**, o primeiro coletivo de alunos negros da FAU.

Em outros trecho RokhSara e Grace colocam o poder desestruturador do racismo estrutural, do racismo velado (*Every day racism, racism ordinaire*), que fazem parte do neoracismo (termo utilizado pelas autoras). “É esse racismo que nos desgasta, porque encaramos ele diariamente. Lutar contra ele é o que suga nossa energia, essas pequenas micro agressões”. (DIALLO, 2021)

O problema é que os mecanismos de justiça não estão preparados para lidar com essas agressões de menor grau: “o sistema legal não foi feito para combater esse tipo de ação, porque na realidade o que permite processo é a injúria racial, pública, e as pequenas remarcações não são consideradas uma injúria. Você não pode ir à polícia, porque seu colega de trabalho fez uma piada sobre as suas origens”. (LY, Kiffe ta race, 2021)

A pressão e as micro agressões são presentes em gran-

4 Jornalista, escritora e militante antirracista e feminista, RokhSara produz o podcast *Kiffe ta Race* com Grace Ly. O episódio mencionado é o episódio 78 de 19/10/2021.

5 No episódio 75 do podcast, de 17/10/2021, Sarah Mazouz fala sobre a os termos *racialiser* e *raciser*, o primeiro se refere ao processo evidenciado pelo sociólogo WEB du Bois, sobre a criação de categorias socio-raciais, e pelo psiquiatra Frantz Fanon, que mostra, no processo da experiência de colonização, a lógica racial permite de inferiorizar os indivíduos e a cultura da colônia.

Raciser se refere a uma parte do processo de *racialisation*, termo cunhado por Colette Guillaumin, que debate o feminismo materialista. Segundo Sarah, *raciser* significa a maneira pela qual o grupo dominante vai construir como raça os grupos dominados.

Também é possível fazer o debate sobre racializar como um processo mútuo, pois ao racizar um grupo, criamos um processo de racialização que nos afeta, ou seja, ao impor a um grupo o estigma de raça inferior, estamos também tratando a nós mesmo pela ótica de raças. Podemos falar sobre o “efeito branco”, como coloca Sarah, que é a agrupamento de características positivas ligadas ao fato de ser branco, ou a culturas ditas dominantes e ligadas ao ideal branco (inferindo características de raça não só aos negros, mas a outros grupos ditos “não branco” como asiáticos, indígenas, judeus e etc).

de parte da minha vida escolar. No ensino fundamental, por exemplo, eu compartilhava o mesmo nome com outra colega, assim, para me diferenciarem, meus colegas de sala me chamavam de Dé Negona, pois eu era a única aluna negra da sala.

Durante a faculdade, ao realizar o trabalho “Preta é a minha pele, preto é o lugar onde moro”⁶ lembro que durante em entrevista minha amiga Maria Gabriela Feitosa dos Santos colocou que tinha medo de faltar às aulas, pois, como éramos poucos pretos, ela sentia que os professores perceberiam que ela não estava presente. Esse tipo de pressão eu compreendia profundamente e esse relato eu nunca mais esqueci.

Esse histórico de relações com a educação também foi relatado por Sara e Mathieu durante nossas entrevistas. A primeira relata que seu pai é extremamente culto, apesar de não ter feito estudos universitários e exercer uma profissão de menor qualificação, ele trabalha na construção civil, como pedreiro.

Ele [Pai de Sara] fez a escola no Mali, em uma região no Sul do país. Ele tem um nível BAC ligado à agricultura. Como não havia trabalho, ele veio...ele teve a sorte de ir para a escola, porque no Mali tem muitos analfabetos. Mas mesmo tendo ido para a escola ele não conseguiu emprego, então ele tentava vender coisas, como painéis.

Existe um pouco essa ideia de que os imigrantes não são cultos, esse não é nem um pouco o caso do meu pai, mesmo tendo

parado cedo os estudos ele é muito culto e curioso. Nós temos uma cultura política em casa, pode parecer bizarro, mas na nossa casa discutimos política, entre irmãos e com os nossos pais, a gente discute esse assunto.

Aí tem o preconceito das pessoas, porque com o meu pai, por exemplo, eu sei que ele ama os insetos, adora documentários sobre. E quando temos nojo, ele nos diz “não, vocês têm que ter um olhar crítico sobre as coisas, se interessar por tudo na vida.” (Sara, 2021)

Sua mãe também não teve muito acesso a estudos e viu na imigração as chances de uma vida melhor, por isso hoje pressiona os filhos para que eles alcem outros espaços:

Na família da minha mãe ninguém foi para a escola. Minha mãe passou toda a sua juventude cuidando da sua mãe, sem ir para a escola. Ela nem teve a educação religiosa, que os outros tiveram, aprendendo a ler o Alcorão, um pouco de árabe.

O pai da minha mãe aprendeu o francês pela guerra, porque ele era obrigado a ir na guerra, ele foi na guerra da Indonésia e da Argélia...

Ela tinha muita vontade de ir para a escola, quando ela chegou na França ela

⁶ Trabalho apresentado na disciplina de Linguagem Visual e Gráfica (LVG), em 2018, dirigida pelo professor Francisco Inácio Scaramelli Homem de Melo.

diretamente se inscreveu na escola para aprender o idioma. Ela insistiu muito para que fôssemos na escola “se vocês não forem na escola, vocês não vão encontrar o sucesso, ainda mais aqui na França”. (Sara, 2021)

Ela continua seu relato falando que se sentia bem na escola primária “na escola eu me sinto bem, porque não há diferença entre as pessoas, isso é bom na escola na França, não tem diferença seja você negro, chinês, judeu...a escola é a laicidade”, no entanto quando pergunto se ela tinha amigos negros durante toda a sua vida acadêmica, ela me diz:

Quando eu estava no primário eu tinha muitos amigos negros e depois, quanto mais eu avanço nos estudos, menos é esse caso. Nos primeiros anos de faculdade, por exemplo, eu me vi com duas amigas negras. Depois eu passei 2 anos no sul da França, fui à Périgueux, onde eu fiz meu DUT⁷ e eu me encontrei com zero amigos negros, havia zero pessoas negras na minha sala... havia uma guadalupense, ela é negra de pele... é complicada a história com os antillenses, pela cor de pele eu não sei se os consideramos negros... eles não são brancos, isso é certeza, mas com a mestiçagem é complicado. (Sara, 2021)

O relato de Sara nos fala sobre o conceito que Dubet et Lapeyronnie (1992) definem como a escola republicana, que se estabelece nos bairros mais sensíveis de Paris

como uma marca da presença do Estado, uma instituição integradora da população, alheia às diferenças sociais, mas que na verdade tem uma função econômica e seletiva, que não inclui toda a população:

A escola pública é certamente o aparelho do Estado o mais constantemente presente nas banlieues. Ela resta fiel a sua vocação de acolher todos os estudantes. Ela é o fio institucional que conecta os jovens desses bairros ao restante da sociedade.

Os autores colocam que, com as mudanças econômicas na sociedade, que diminui a oferta de empregos menos qualificados e aumenta a demanda por uma mão de obra qualificada, a escola tem um papel cada vez mais essencial sobre o futuro dos estudantes. Esse papel, associado a uma massificação do acesso à escola, faz rachar a imagem da escola republicana, pois as desigualdades sociais se tornam mais evidentes.

Enquanto os diplomas eram raros, notadamente porque as crianças das classes inferiores deixavam a escola no fim dos estudos primários, o acesso aos empregos pouco qualificados, que eram numerosos, era relativamente independente da qualificação escolar. Com o alongamento dos estudos e a multiplicação das qualificações escolares, esses estudos jogam um papel essencial para o acesso ao emprego. A demanda de utilidade social dos diplomas, sua adequação aos em-

⁷ DUT é um diploma técnico no território francês

pregos ofertados é sensivelmente reforçada com o desenvolvimento e alongamento da escolaridade, de uma parte, e as transformações de oferta de emprego, de outra.

A função integradora e simbólica da escola republicana se esconde atrás da sua função de adaptação econômica e seu papel de distribuição de competências." (DUBET, LAPEYRONNIE, 1992, p. 33-34)

Os autores defendem que a escola sempre teve um fator social associado, ou seja, os ensinos superiores reservados a uma parte da sociedade, enquanto os primários eram de acesso das massas. Como os empregos não necessitavam de extrema qualificação, a escola ficava à parte dos embates sociais.

No entanto, com os empregos para a mão de obra menos qualificada em decadência e empregos qualificados em maior oferta, os alunos dos bairros mais pobres se vêm com maiores obstáculos para ascender na escolaridade, num sistema que não foi construído para acolhê-los.

Quando a seleção se desenrolava fora da escola, a imagem da escola era intocada, no que os autores colocavam como "justiça dentro de um sistema desigual" (DUBET e LAPEYRONNIE, 1992, p. 34). No entanto a maior importância da educação no sistema socioeconômico faz com que a "injustiça entre na escola, diminuindo assim a imagem de uma instituição republicana situada acima da sociedade". (DUBET e LAPEYRONNIE, 1992, p. 34)

Dessa forma, cai o véu da escola republicana e ela também passa a ter papel mais efetivo na seleção social, em um processo de "falha contínua" associado aos alunos pobres. Cresce uma ideia de meritocracia, pois o sistema

escolar continua a se basear em um sistema de seleção que coloca no estudante a responsabilidade pela sua carreira estudantil, pois, legalmente, todos têm as mesmas chances de acesso à escola.

Nesse sentido cresce a ideia de mérito e meritocracia que atualmente busca dar uma sobrevida à escola republicana, mas que, na verdade, representa um peso a mais



Regiane, filha de Dina, em festa da escola, no Carrão. Fonte: Arquivo familiar.

aos alunos que, inseridos em uma sociedade desigual, são responsabilizados pelo seu sucesso ou fracasso profissional. Para os alunos pobres esse é um ciclo cruel, que representa o dobro de esforço para alcançar níveis maiores de escolaridade.

Em casa, eu fui ensinada que devia estar entre as melhores. Lembro que minha mãe comparava minhas notas com as dos meus colegas e me questionava caso minhas notas fossem menores. Na Universidade eu compreendi o motivo e vi, cada vez mais, que eu devia ser a melhor, não só por mim, pois meu papel era ocupar um espaço e alargá-lo para os que viriam depois.

Não só. Em uma sociedade que foi baseada no desequilí-

brio, eu deveria me acostumar a um trabalho mais árduo e a uma pressão maior. A Universidade foi construída pela elite para a elite, habituada a ter o indivíduo negro como objeto de estudo, mas não como agente. Nesse sentido vivemos o ciclo do racismo estrutural, no qual a cidade, as instituições, os investimentos acompanham a elite.

Na sociedade existe o espaço do negro e o espaço do branco. Assim Estado e Espaço urbano, controlados pelas elites, refletem essa divisão. Sara, em entrevista, coloca como a própria instituição escolar, com o seu avanço, tentou barrar seu desenvolvimento, obrigando-a a optar por outros caminhos:

Existem na sociedade muitas pessoas que vão dizer: primeiro você é negro, aí você é também imigrante, isso é duplamente um obstáculo para você, então não serve a nada que você estude [...] eu vou te dizer um caso, que resume para todo mundo: o Conselho de Orientação.

Quando a gente está no último ano do colégio, eles nos aconselham, então tem o Conselho de Orientação, que é frequentemente feito por mulheres, tem homens também, mas mais mulheres.

Eles nos empurram o tempo todo a ir no voie professionnel.⁸ Eu, mesmo eu tendo um ótimo nível no colégio, eles me em-

puravam para a via profissional. Teve um semestre que eu consegui 16 de média⁹ e ainda me aconselharam à via profissional, mesmo eu tendo ido muito bem... isso me chocou toda a vida e ainda me choca.

Agora eu vejo que eu estou no nível Master 1 e eu digo a mim mesma “se eu tivesse escutado a senhora, eu teria partido à via profissional, não teria feito longos estudos e minha vida teria sido desperdiçada.” Esse pensamento às vezes me faz mal, mas o Conselho fez isso.

Eu lembro que quando fizemos o Conselho de Sala, eu nunca tive um trimestre que não falassem que eu não fosse motivada pelos estudos, mas mesmo assim elas queriam que eu fizesse a voie professionnel... eu não estou falando que é uma escolha ruim, mas é uma escolha para quem sabe o que quer e eu, àquela época, não sabia o que eu queria e eu queria ir para a voie generale para me dar mais tempo para refletir no que eu queria fazer.

Como eu escapei? Eu disse que queria fazer um BAC STDSS, que é um BAC ligado à saúde, para ir à uma escola que tinha o STDSS e o Générale para poder ir para o

8 Segundo o *Ministère de l'éducation nationale de la jeunesse et des sports* (Ministério da Educação Nacional, da juventude e dos esportes) no nível equivalente ao colegial, nos moldes brasileiros, os alunos podem escolher entre 2 caminhos escolares: *voie générale et technologique* (via geral e de tecnologia) a *voie professionnelle* (via profissional). A segunda é a possibilidade de aprender uma profissão (algo semelhante aos cursos técnicos que temos em São Paulo). Na França essa via de estudos podem ser via *Certificat d'aptitude professionnelle* (Certificado de aptidão profissional - CAP), que forma em 2 anos para setores ligados à indústria, comércio, serviços e agricultura. Há também o *baccalauréat professionnel*, que é um estudo de 3 anos, ligado às áreas de produção e serviços

9 As médias escolares são contadas de 0 à 20 na França.

generale, se não eu estaria no profissional, eles teriam me jogado no profissional. Era a chance de ir fazer o que eu queria. (Sara, 2021)

Sara também me explica que seria graça a via geral que ela poderia ter mais chances de entrar nos estudos superiores e as estatísticas confirmam esse panorama, segundo Sandrine Chesnel e Mathieu Oui (2009)¹⁰ apenas 6% dos alunos que cursaram a via profissional de estudos continuam a carreira acadêmica até a universidade.

Eu sabia que eu era capaz, eu tenho meu BAC, eu tinha boas notas. Foi muito duro, eles não me deixavam fazer o que eu queria fazer....e durante meus estudos, quando pensava nisso eu ficava mal.

Meus amigos seguiram a via profissional por isso. Minha irmã, por exemplo, ela seguiu essa via por causa disso, porque eles a empurraram para isso, mesmo ela não querendo, ela ia muito bem também, ela era sempre a primeira na sua sala.

Ela teve seu BAC, teve a menção très bien, mas ela sempre teve esse arrependimento de não ter tido tempo de escolher o que ela queria fazer. (Sara, 2021)

Esse combate para sair de um sistema que tenta, repetidamente, decidir os locais socioeconômicos dos indivíduos também é compartilhado por Mathieu. Ele me relata em entrevista que ele é parte de uma minoria em sua

família, que prosseguiu para os estudos universitários e isso o obrigou a sair de La Réunion, já que lá as opções de ensino superior não eram muitas e estavam ligadas à agricultura.



Françoise Ega. Fonte: Arquivo de sua família, encontrados em *CELLE QUI DIT NON À L'OMBRE*

¹⁰ Réussite à la fac après un bac pro : mission impossible ? <https://www.letudiant.fr/etudes/fac/reussite-a-la-fac-apres-un-bac-pro-mission-impossible-10289.html>

Sua primeira opção foi estudar engenharia em Paris, mas sofreu muito preconceito na sala de aula "eles me perguntavam se eu sabia falar francês, falavam que *créole*¹¹ era língua de macaco", o que o fazia sentir o peso da racialização "eu sentia que tinha que provar que era bom e representar o meu país".

Esse sentimento eu compreendo também pois, como estrangeira em uma universidade francesa, sinto também a diferença pelo status da imigração. "Vocês são brasileiras, são todas iguais" ouviu uma amiga da mesma nacionalidade, que também está no mesmo curso que eu. "Eles deviam dar prioridade aos franceses" ouviu um amigo argelino. Eu mesma também já enfrentei esses preconceitos, vindo de outros alunos.

Nesse sentido percebi mais uma camada racial que era a mim anexada e que meu primeiro ato, mesmo inconsciente, foi me forçar a ir melhor do que os outros alunos, provar de que eu estava na escola não por sorte, mas por "merecimento". Mais uma vez caí no ciclo de exclusão e quando percebi, a primeira coisa que fiz foi abordar o tema com outros colegas franceses e dizer "eu passei pela mesma seleção que todos vocês, eu não preciso trabalhar mais, porque eu já faço a mais. Eu aprendo em outra língua, um idioma que não é o meu... eu falo, me expresso, escrevo, debato. Eu estou aqui pela mesma razão que vocês todos."

Se as experiências de exclusão social, unificadas aqui por um sistema de ensino excludente, entrelaçam Carolina, Françoise, minha família, Sara, Mathieu e eu mesma...

o que nos une é também a ruptura do ciclo. A ascensão por meio da educação.

¹¹ Segundo Georges Daniel Véronique (2010) no final do século 19, a linguística histórica descobriu as línguas crioulas. Essa "invenção" corresponde ao tema das pesquisas da época sobre o parentesco genético das línguas. Em uma fase marcada pela referência a Darwin, os crioulos aparecem para alguns como uma hibridização linguística, enquanto outros argumentam que são apenas uma extensão da língua da qual vem a maior parte de seu léxico. Os linguistas do final do século XIX formulam, a esse respeito, a maior parte das teses ainda hoje discutidas: os crioulos são o resultado de um processo de apropriação linguística; são produtos de cruzamentos linguísticos ou, novamente, essas línguas estão sob a esfera das línguas que doam seus léxicos. Sendo assim, o *créole* seria uma mistura do francês com idiomas locais.

3.1. Saúde: Atenção primária e pandemia na expressão de desigualdades sócio-raciais.

A penúltima entrevista que fiz para este trabalho foi com a minha avó paterna Florentina Nascimento. À época perguntei o motivo dela ter vindo para São Paulo e onde estavam meus bisavós. Ela então me contou uma das histórias que mais me tocaram durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Minha avó paterna nasceu em Sergipe, em Itabaianinha (cidade ao sul do estado): *“se chamava Riachão do Danta, meu pai vendeu o sítio que a gente morava... teve reumatismo e artrose e precisou vender o sítio”*.

Seu pai então abriu o que ela chama de Bodega, um pequeno empório, no qual ela trabalhava desde criança como vendedora. Minha avó me conta que eram 16 filhos: cinco mulheres e sete homens, considerando nessa conta a irmã Maria, que morreu com 10 anos e os 4 abortos de sua mãe.

Os filhos eram: José (mais velho, morreu com 95 anos), João, Anita, Maria (morreu com 10 anos), Messias, Florentina, Valério, Domingos, Antonio, Paulo, Filomeno, Maria e Joana.



Avó Florentina e suas irmãs. Fonte: Arquivo familiar.

Ela começa a me contar da madrasta, que tratava ela e seus irmãos muito mal *“ela matava um galinha para ela e meu pai, deixava a gente passando fome. A gente só comia comida ruim”*. Com 90 anos, 4 filhos, 7 netos e seus bisnetos a caminho, minha avó conta com muita lucidez as lembranças do passado e me explica a vida nos anos 1940/1950, evitando assim anacronismos durante o meu estudo.

Enquanto ela me contava sobre a madrasta, a interrompi *“mas vó, e a sua mãe? O que aconteceu?”* Ao que ela respondeu *“minha mãe morreu no desprezo”*. Sua mãe, quando Florentina tinha 16 anos, estava grávida e reclamava de muitas dores nas pernas: *“a gente vivia em fazenda, não era como agora com remédio, você comprava era o que o farmacêutico fazia”*, ela relata.

Aos 8 meses de gravidez, minha bisavó perde seu último filho.

“Ela tomava um remédio para desinchar as pernas, mas acho que dessa vez o remédio veio errado, porque ele misturava, né? Ela começou a falar que tava se sentindo mal...o bebê morreu na barriga dela”.

Minha avó continua o relato dizendo que, com a gestação já avançada, restava a minha bisavó esperar pelo parto, mesmo com o bebê sem vida. Foram 3 dias até que a parteira fosse chamada. A criança nasceu, mas minha bisavó teve uma hemorragia. *“foi tudo muito rápido, meu pai até tinha mandado celar o cavalo para chamar o médico, mas antes mesmo do menino sair, minha mãe já havia morrido”*.

Minha família materna também compartilha diversas his-

tórias sobre as dificuldades da pobreza, principalmente ao que se refere ao acesso à saúde, aos equipamentos de saúde pública. A que mais me relata essas situações é a minha tia Wilma Sônia, uma das irmãs mais velhas de minha mãe.

Na entrevista que fiz com ela, minha tia me conta como viveu a morte de alguns irmãos mais novos, quando ainda eram criança:

A minha irmã Vera Lúcia teve aquele mau, que a gente chamava de Mal de Simioto. Era o que tinha antigamente, que as mãe levavam para benzer... quando a Vera Lucia era pequeninha, uma madrinha levou ela, porque minha mãe estava para ter a Sueli.

Aí minha mãe morava na Cidade de Santa Fé do Sul,¹² e minha tia Maria morava em outra chácara. Naquele tempo quem fazia filho era a parteira, e a minha mãe mandou eu ir para casa da minha tia e minha tia ficou na casa com a minha mãe, esperando a parteira.

Aí nasceu a Sueli Suzana, aí minha mãe ficou lá na cama... ficava de dieta, né? Minha mãe mandou então os filhos vir de volta. A gente foi de manhã para voltar

a noite. Nesse meio, a madrinha da Vera Lucia disse para o meu pai – Olha que minha mãe tinha acabado de ter filho! No mesmo dia... – “Olha, cumpadi, peço desculpas por trazer sua filha, mas ela não vai sobreviver, ela vai morrer”.

Aí nós éramos assim: eu, Vavá, Lourdes... ela era pequena ainda... e minha mãe mandou a gente dormir. Aí quando minha mãe percebeu, tava com o bebê que nasceu, mas percebeu que minha irmã estava para morrer. Aí minha mãe falou “Dina,¹³ Dina, corre aqui. Segura sua irmã, porque ela vai morrer, ela não pode morrer nos braços da mãe”.

Ela não queria que ela [Vera Lúcia] morresse nos braços dela. Antigamente os outros acreditavam que mãe não cuidava do filho que tava morrendo. Aí eu segurei minha irmã. Ela acordou o Vavá, para pegar uma vela, para segurar... coisa feia, né, mas eu vi... Vavá com a vela e eu com minha irmãzinha no colo.

Aí quando ela acabou de morrer, minha mãe foi lá – eu continuei segurando – arrumou a toalha, arrumou a mesa, pôs uma

¹² A cidade de Santa Fé do Sul é uma cidade do Estado de São Paulo, que está situada nos limites entre Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

¹³ Todas as minhas tias e tios por parte de mãe tem apelidos, muitos deles dados pelos irmãos que morreram. Minha tia Wilma Sônia tem o apelido de Dina, minha mãe é apelidada de Nena, porque as irmãs mais velhas a chamavam de nenê... nós, segunda geração, aprendemos a tratar nossos tios e tias pelos apelidos, não pelos nomes de batismo (a exceção do meu tio Moacir, Maria de Lourdes e Luci Lei). Acredito que esse ato é uma forma de manter viva a lembrança desses irmãos que se foram e inseri-los nas gerações futuras.

A passagem oral de histórias é muito forte na minha família materna. Uma herança imaterial, que é a coisa mais preciosa que minha mãe e minhas tias poderiam deixar para mim, minha irmã e primos.

toalha e colocou o bebê lá. E nós passamos lá a noite velando a minha irmã.

O meu pai trabalhava com caminhão e ia chegar no outro dia... e nós ficamos lá, os 3 cuidando da irmã que morreu. De dia, minha mãe mandou buscar minha tia para ajudar no enterro, chegou meu pai e fez... fez as coisas lá pro enterro. Mas quem fez tudo a noite foi eu, minha mãe e Vává.

Quando meu pai morreu, quem estava de manhã... a Lourdes estava na casa de uma senhora que cuidava... pessoa que cuidava de assunto das pessoas. E a Lourdes tava lá para cuidar do processo da Lei.

Aí a Lei tava lá também [no Danfer]. E minha mãe tava em casa, quando meu pai passava mal eu ficava com a minha mãe. Eu tava deitada e minha mãe me chamou “Olha seu pai tá morrendo, vem pra cá”, aí foi eu. Aí veio minha mãe e veio a Lei.

A Lei falava assim “eu não quero, eu não quero!”. Aí sua mãe, a sua mãe, falou “Pode deixar que eu seguro a vela”, e seguiu a mão do meu pai morrendo.

Aí minha mãe falou “agora você segura a ânsia do seu pai”... você já viu uma pessoa morrendo? Ela dá uma... ela tem uma morte... ela vomita umas coisas ruim. E eu segurei. Minha mãe jogou um lenço pequeno... e a sujeira era preta, que saía do

coração do meu pai.

Aí eu enterrei lá no fundos da casa da minha mãe [o lenço]. Deu 11 dias, minha mãe disse “eu quero aquela toalha de rosto, porque eu quero guardar pro meu marido”, aí eu fui lá, desenterrei, lavei e dei para a minha mãe... É coisa ruim, né, mas aconteceu.

Então quando você me pergunta da minha irmãzinha... eu segurei, porque Deus não permitia que uma mãe segurasse a morte do filho, cê entendeu? É umas histórias ruins, né? Teve muitas coisas ruins e boas...

Transcrevo aqui todo o relato de minha tia, pois ela traz um importante panorama sobre a vida da minha família e o acesso à saúde. Para localização espacial, Vera Lúcia morre em Santa Fé do Sul, enquanto meus avós ainda se encaminhavam para a cidade de São Paulo. Meu avô morre no Jardim Danfer, pouco antes do mutirão da EMURB, em 30 de Outubro de 1977.

Minha avó Olinda Fernandes teve 18 filhos, considerando 4 abortos sofridos. São eles: Vava, Vanderlei e Vanderlita (irmãos gêmeos, mortos ainda crianças), Wilma Sônia, Moacir, Maria de Lourdes, Sueli Susana (morta ainda criança), Vera Lucia (morta ainda criança), Álvaro (morto ainda criança), Maria José, Luci Lei, Doralice, Vitória Régia, Fernando César (morto ainda criança).

Mal de Simioto, que minha tia conta, segundo Milcharek, Mufato e Oliveira (2016) é uma doença infantil que tem origem popular no Brasil, ou seja, o termo não é reconhe-

cido pela medicina tradicional. Simioto vêm de "símio", que significa macaco, trazendo, segundo os autores, a designação de "doença do macaco", como é conhecido no Centro-Oeste brasileiro.

É um agravo não descrito na literatura médica, entretanto pode ser caracterizado como um quadro de desnutrição em crianças por alergia ao leite de vaca ou a incapacidade de digeri-lo. Não há estudos que comprovem a correlação entre os dois quadros de adoecimento, tampouco que indique a eficácia do tratamento popular empregado para o Mal de Simioto.

Nos casos de crianças de baixo peso, há influência de fatores culturais nas famílias que podem contribuir para o quadro de desnutrição. Estes fatores também são determinantes na busca por uma alternativa informal de saúde na vivência do adoecimento infantil, posto que por meio da cultura os sujeitos constituem suas opiniões, valores, crenças e modos de pensar, sentir, relacionar e agir no mundo. A busca para o tratamento do Mal de Simioto, como um cuidado produzido no âmbito familiar e social, figura-se à busca de uma alternativa informal de saúde que pode ser entendida como um campo não profissional e não especializado da sociedade, na qual doenças são reconhecidas e definidas para posterior tratamento. (MICHAREK, MUFATO e OLIVEIRA, 2016, p. 1)

O Mal de Simioto é relacionado a um quadro de desnu-

trição. Os autores citados acima relacionam essa doença popular à não digestão do leite de vaca. No entanto diversos autores relacionam também a um quadro geral de desnutrição, como no caso de minha tia Vera Lucia. Na biografia de Sueli Carneiro,¹⁴ o Mal de Simioto também é definido:

No segundo ano de vida, Sueli teve uma doença: mal de simioto. Simio significa macaco, e o povo diz que bebês e crianças com desnutrição grave ficam parecendo macacos, com o rosto fundo – daí a linguagem popular se referir assim à doença, mal de simioto. A Organização Mundial da Saúde, porém, não reconhece esse nome fantasia: a CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde), consta mesmo é desnutrição.

Contava Eva que, quando bebê, Sueli engordava quinhentos gramas por semana. Estava tudo dentro dos eixos, nos conformes, quando de repente a evolução disparou numa curva decrescente. A criança enfraqueceu tanto que as perninhas ficaram uns gambitos. A principal causa desse mal costuma ser alergia à proteína do leite de vaca, mas Sueli só mamava no peito da mãe, que tinha leite suficiente para amamentar também outras crianças da vizinhança. Então só podia ser olho gordo ou coisa desse tipo, pensou Eva, aflita. Mas evidente que a desnutrição pode ter sido provocada por alguma infecção ou parasita". (SANTANA, 2021, p. 45)

¹⁴ Sueli Carneiro Jacoel é mulher negra, filósofa, escritora e militante do movimento negro.

Sueli Carneiro compartilha com a minha família o nome (uma das irmãs de minha mãe, que morreu ainda criança, chamava-se Sueli) e a doença que a acometeu ainda criança, mas felizmente Carneiro sobreviveu. Quando contei à minha mãe sobre o que pesquisei sobre a doença, ela me disse **“Nossa! Sua avó não devia saber disso... Podia ter sido o leite de vaca... Imagina se ela soubesse? Sua irmã bebê também teve alergia ao leite de vaca... Vera Lúcia podia estar viva. Você precisa contar isso para a Dina!”**.

Nesses momentos eu vejo como o acesso à informação é importante, não só o acesso à informação, mas acesso à saúde, a tratamento, a alternativas. Meu avô morreu em casa, décadas depois de Vera Lúcia, mas a “cerimônia” foi a mesma. Claramente existe uma tradição popular nesse cenário, mas existe uma falha do Estado também, pois o bairro do Jardim Danfer até hoje não tem nenhum equipamento público de saúde na proximidade. É preciso um meio de transporte para chegar ao equipamento de saúde mais próximo, a AMA Engenheiro Goulart, que fica há 18 minutos de ônibus (2 km andando).

As mortes infantis na minha família materna foram muito ligadas à desnutrição e esse quadro não acabou depois de Vera Lúcia. O último filho de minha avó Olinda também morreu, mas dessa vez foi no hospital, em uma história que foi contada por todas as minhas tias (tamanho o impacto desse evento em suas vidas).

A primeira a contar a história durante as entrevistas foi minha tia Maria José:

Foi uma coisa muito triste...Foi assim:

Quando a gente veio de Rio Preto, que meu pai foi buscar a gente, minha mãe estava

grávida. E aí a gente foi morar lá naquela casinha... Quase assim um casebre, né?

Aí o quintal era de terra, tinha lá um quarto, uma cozinha e meu pai fez um puxadinho. Mas o quintal, Débora, era cheio de cascalho, de pedra... Quem piso. Aí a minha mãe, ela tirava as pedra pesada, para acumular num canto e tal e tal. Aí o Fernando nasceu com hérnia, dos dois lados do saco... Quando ele chorava, o saco dele inchava, parecia duas bexigas.

Aí quando ele tinha dois anos, minha mãe conseguiu.... aí tinha que operar. Naque-la época, não operava a hérnia de fato, de uma vez... Era igual catarata, opera uma de cada vez.

Aí ele operou um lado, veio para casa. Aí depois ele foi... e a gente tudo trabalhava, eu, Lourdes, Dina. Aí minha mãe falou um dia... Disse que ia levar ele para operar lá na Santa Casa.

Aí minha mãe conta que quando a enfermeira foi pegar ele do colo da minha mãe, ele chorava, não queria ir com a enfermeira. Aí a enfermeira levou... Era muito precário, ninguém tinha telefone, né? Aí deixou o telefone da loja onde meu pai trabalhava e... aí ele ficou lá para operar.

Aí quando foi... Passando um dia, acho, depois que ele foi operar, eu ia trabalhar,

eu ia a pé. Eu saía da casa lá no Carrão e ia até lá no Largo São José do Maranhão. Pegava a Conselheiro Carrão, atravessava era a Antonio de Barros até a Celso Garcia... Aí da Celso Garcia pra frente era o Largo São José do Maranhão.

Aí minha mãe falou para mim assim: “Oh, minha filha, precisa que ligar lá no hospital para saber quando o seu irmão vai ter alta”. Falei: “tá bom, mãe”.

A gente não tinha telefone, ali na Conselheiro Carrão, perto da Serra de Botucatu, tinha um posto lá... Chamava Posto 800... acho que devia ser o número 800 da Conselheiro Carrão.

Aí tinha telefone público lá. Aí minha mãe falou “liga lá do Posto 800, no hospital para saber do seu irmão”, aí eu liguei e falei que queria falar no Pavilhão... o pavilhão que ele tava era o Pavilhão Fernandine.

Falei: “olha, eu sou irmã do menino que foi operar a hérnia aí ontem... Fernando César Fernandes dos Santos e queria saber se ele já está de alta”. Aí a moça: “Ah, pera um pouco.”.

Daqui a pouco ela volta e fala:

“Que que você é dele mesmo?”

“Eu sou irmã”

“E cadê sua mãe?”

“A minha mãe está em casa. Eu tô indo trabalhar”

“E o seu pai?”

“Meu pai também foi trabalhar, moça, e eles pediram pra eu sabê.”

Aí ela: “Ah, porque seu irmão morreu”. Ela falou assim, na cara dura. “Seu irmão morreu”... e eu tinha o que?... Ele nasceu em 1969, 1971 morreu... eu tinha o que? Uns 13, 14 anos.

Aí eu disse “Como assim, moça?!?”. “Ah, seu irmão morreu”. Aí eu larguei o telefone lá, voltei correndo aquela Conselheiro Carrão todinha, correndo. Aí cheguei gritando para a minha mãe: “Mãe, mãe, mãe, Fernando morreu, Fernando morreu!”

Aí minha mãe, atarantada assim, falou: “Nossa! Que que foi que aconteceu!?”, aí eu falei “mãe, falaram lá no hospital que o Fernando morreu”. Minha mãe catou um lençol, para embrulhar, acho, o corpo, sei lá... e saiu correndo, para ir lá pra Santa Casa. E a gente tudo atarantada, ficando em casa, todo mundo apavorado.

E aí, bem mais tarde, minha mãe veio e falou que ele ia ficar lá para fazer a autópsia, para saber do que que ele tinha morrido. E

aí a gente avisou meu pai e tal, né?

Aí falaram para a minha mãe voltar daqui 2 dias, para saber do que ele morreu e o enterro. Aí quando minha mãe chegou lá, ele tinha sido enterrado já, sem a gente saber, sem nada... Aí deram um atestado de óbito para a minha mãe... Aí falaram que ele foi enterrado no cemitério de São Miguel.

Aí minha mãe caçou, caçou, caçou... mas minha mãe não conseguia encontrar aonde ele foi enterrado. Ficou desse jeito. Aí eu escutava meu pai falar que achava que deram anestesia de adulto nele, né? E aí acho que ele não aguentou. Aí para não se incriminar... Não sei... Não sei porquê... Enterraram ele. Deram um atestado de óbito e enterraram na São Miguel. Minha mãe procurou, procurou, não achou não.

Ficou por esse jeito... Nunca a gente soube onde ele tava enterrado. É isso.

Minha tia Wilma Sônia me conta a mesma história, mas, por ser mais velha, ela lembra de mais detalhes sobre o contexto e os medos de minha avó.

A primeira operação foi em outro lugar, foi... como se fala?... Leonor Mendes da Barra.¹⁵ Mas esse amigo do meu pai, que trabalhava lá na... lá na Augusta... era médico também do Jânio Quadros. E ele falou

pro meu pai “não, opera aqui, que ele vai ser cuidado”.

Aí quando meu irmãozinho foi, com 2 aninhos, ele foi internado. Dizem hoje... Os médicos... Que a anestesia foi muito grande para ele... que ele operou... Eles erraram. Ele morreu na hora, ele nem saiu da Santa Casa. E eles não falaram nada, que ele tinha sofrido aquele negócio. Falaram que ia falar no outro dia, eles iam falar se ele ia estar bem. Aí tava eu e a Lourdes e minha mãe estendendo a roupa, para a minha mãe ir mais cedo para a Santa Casa... para ir ver o Aui, o nome dele era Fernando César, mas a gente chamava ele de Aui... porque a Lourdes chamava ele assim “Ah ui ui” e ele falava “Cai-cai” para Tede... mas ele morreu.

Sobre as mortes na família, minha tia Wilma Sônia diz “eram todos bebês... o mais velho foi o Fernando César, que tinha 2 anos”. Dessa maneira, de 18 partos que minha avó teve, 10 filhos morreram, 4 por abortos e 6 crianças nascidas não sobreviveram, o que evidencia um ciclo de exclusão aos meios básicos de saúde, à profilaxia, tratamento, alimentação adequada e ao saneamento básico.

Minha mãe e minha tia me contaram inúmeras histórias, nas quais retratavam a fome e as dificuldades de infância. Nos relatos eu muitas vezes me surpreendi com a idade que elas tinham, pareciam histórias vividas por adultos, mas elas eram apenas crianças. A doença era, dessa forma, temida, assim como era para Carolina de Jesus, pois

¹⁵ Na verdade minha tia quer dizer Hospital Leonor Mendes Barros, que fica na Av. Celso Garcia, 2477 – Belenzinho, zona leste de São Paulo.

os equipamentos de saúde eram distantes e insuficientes, além do mais a doença significava não trabalhar. Não trabalhar significava não comer.

O Estado não oferecia auxílio aos mais pobres, essa população era relegada à própria sorte. O descaso, refletido no desenho urbano, também estava no atendimento. Nos relatos de minhas tias, são inúmeras as ocasiões nas quais o Estado se apresenta de forma opressora, para a humilhar. O mesmo ocorre com Carolina de Jesus:

22 DE MAIO Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cozinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no Seu Manuel. Quando o João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas? .

Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaido-

sa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

— Mamãe, vende eu para a Dona Julieta, porque lá tem comida gostosa.

*Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. **A ironia com que são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.***

Fui no Palácio, o Palácio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palácio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem

que não é nipônico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

—Eu vim aqui pedir um auxílio porque estou doente. O senhor mandou me ir na Avenida Brigadeiro Luis Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o único dinheiro que eu tinha com as conduções.

—Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe:

—Eu sou pobre, por isso é que vim aqui.

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantrópico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

—Chama um carro de preso! (JESUS, 2014, p. 35 - 36, grifo nosso)

Carolina relata as vezes em que ficou doente ou seus filhos ficaram doentes, e é perceptível o desespero dessa situação, porque adoecer não tinha só um impacto individual, afetava toda a família e agravava ainda mais um quadro de pobreza. “Quando eu fiquei doente eu andava até querendo suicidar por falta de recursos.” (JESUS, 1960, p. 57).



Imagem WhatsApp Image 2021-11-28 at 18.41.45.jpeg

No Brasil, ao contrário de muitos países, temos o Sistema Unificado de Saúde (SUS) ¹⁶ e é graças a essa instituição que ainda há uma infraestrutura mínima de saúde que também atende os mais pobres. No entanto, o que defendo aqui é que as estruturas do Estado são voltadas para atender uma elite branca, os hospitais públicos existem, mas são saturados. Assim os mais ricos buscam os planos particulares de saúde, uma opção que as classes baixas não tem.

Na França existe a *Securité Sociale*, que designa diversos dispositivos e instituições que visam proteger os indivíduos de situações de risco social, incluindo diversas áreas como a saúde. Apesar do avanço na questão social, a *securité* falha ao dar atendimento a determinadas populações, como os imigrantes.

Françoise relata isso em seu livro, situações nas quais se depara com o abandono com o qual são tratadas as empregadas domésticas, imigrantes, ao chegar na França.

¹⁶ O Sistema Único de Saúde foi criado em 19 de Setembro de 1990, pela Lei nº 8.080, ou seja, posterior a grande parte dos relatos de minhas tias

A maioria delas trabalha ilegalmente, sem serem declaradas à *Securité Sociale*. Mesmo Françoise trabalha nesse estilo algumas vezes, trabalhando “no noir” como os pais de Sara. Ao trabalharem sem serem declarados, eles não acessam às proteções do Estado e vivem um sistema de exploração.

Em uma das passagens mais marcantes, Françoise encontra uma mulher negra chamada Yolande, que chegou em Marseille à busca de trabalho. A forma como ela chegou se assemelha muito à política de imigração feita na época de Antonio Prado em São Paulo: os empregadores pagavam as passagens e, a partir do trabalho para eles, os empregados pagariam a dívida. Esse sistema, na verdade, era uma armadilha, pois as dívidas eram quase impossíveis de serem quitadas.

[Yolande fala] eu tenho dois filhos no meu país, eu era vendedora em um snack bar, eu não sou casada, você sabe como é! Eu vim para tentar enviar dinheiro para a minha mãe criar meus filhos e me resta 8 meses para pagar. Eu estive na cidade duas vezes e meus 60 francos se foram. O taxi que eu peguei a primeira vez fez uma grande volta, eu não tenho mais que 2 francos! Isso me desespera! Eu não via a França assim! E além disso, como eu trabalho! Até as 10 horas da noite! Eu acordo às 6 horas da manhã, não tenho nem tempo de comer!

Carolina, meu sangue fervilhou!

“Como a senhora se deixa ser tratada assim! Isso é tráfico humano! A senhora tem contrato de trabalho? A senhora está na Securité Sociale?”

“Não, a Dama me disse que dentro de 3 meses ela vai me declarar! A camarada que deu meu endereço à patroa está como eu, nada antes de 3 meses. Mas ela não é como eu, ela tem parentes em Marseille”. (EGA, 1978, p. 13)

Françoise então vai debater sobre o ciclo de escravidão que se perpetua em Marseille. Suas irmãs são “compradas”, como a própria autora designa, na esperança de uma vida melhor, mas são exploradas, porque não tem informação. Os patrões de Yolande, quando ela começa a obter informações por meio de Françoise, a obrigam a se afastar, se isolar, facilitando assim a continuação do ciclo de exploração. Ela só se livra dessas amarras quando Françoise intervém de maneira direta:

“Yolande! O que a senhora faz aqui?” Eu nunca a tratei por você para fazê-la tomar consciência de sua personalidade. Todo mundo na casa dos empregadores fala com ela informalmente e a trata por você, mesmo a criança de 7 anos, mesmo a vó.¹⁷

17 Chama-me atenção esse ato de Françoise, como ela e suas irmãs são tratadas como objetos e animais, usar o “vous” é sinal de personalização, de demarcar a humanização, no sentido de resistência ao ciclo de desumanização que vivem. A sociedade francesa é hierarquizada, o tu e o vous têm sentidos diferentes, apesar de ambos designarem a segunda pessoa do singular (o vous também designa a segunda pessoa do plural, dependendo do contexto), a diferença se calca na demonstração de respeito. Tu seria uma forma informal (que pode ser, dependendo do contexto, considerada desrespeitosa), enquanto o vous seria uma forma mais formal de se dirigir à outra pessoa, uma maneira de demonstrar respeito e, no caso do diálogo, uma forma de demonstrar que elas merecem respeito, tanto quanto seus patrões. O processo de objectificação do indivíduo negro não é novo, calçou a escravidão e o pós-abolição, tanto no Brasil quanto na França, e ainda deixa seus traços nas relações sociais atuais.

“Yolande, hoje é domingo, o que faz a senhora com essa pá?”

“Eu estou doente, tenho reumatismo no joelho, eles foram todos para o campo”

“Então quem está cuidando de você?”

“Ninguém, eu comprei uma pomada na farmácia. A Dama me disse que eu ainda não tenho direito a Securité Sociale e eu não consigo pagar o médico com os meus 60 francos.

Eu peguei a p  das mãos de Yolande e a perguntei “Porque a senhora faz isso, ainda mais quando tens os joelhos machucados”

“A Dama me disse que eu sou boa para fazer tudo! Eu faço mesmo o jardim.”

“Yolanda, por que a senhora não vem nos ver?”

“A Dama me disse que desde que fui à casa dos senhores tenho tido maneirices, que os senhores me fizeram perguntar   ela sobre instalar um aquecimento no meu quarto, que fica na garagem, esse inverno! Não são os senhores, mas aqui faz muito frio, mesmo agora, imaginem no inverno!!!”

“A dama disse... a dama disse! É, bom, ela dirá! Primeiramente, a senhora irá ver um

médico, segundamente eu irei vê-la, depois a senhora precisa acordar! A senhora não é obrigada a ficar aqui porque eles te pagaram a viagem!”

“Mas o que eu vou fazer?”

“A senhora irá no escritório de empregos e eles encontrarão um emprego para a senhora. Se a senhora quiser continuar a trabalhar, exija que te declarem   Securité Socioale!”

Yolande tinha medo das pessoas, medo da sua sombra, medo dos brancos, como nos melhores tempos da escravidão.

Carolina, minha velha, eu vi a dama, uma ruiva manchada de grãos de chocolate, uma verdadeira felina.

Eu disse: “Senhora, eu vim buscar Yolande para levá-la ao médico, d -me a declaração S.S. dela”

Ela me respondeu: “Está em curso! Mas eu posso chamar o médico da minha f milia”

“Não, o médico da escolha dela! Ela não pode viver com 60 francos por mês, ela tem dois filhos que morrem de fome: será que isso vai continuar muito tempo? A inspeção de trabalho t mbem é feita para ela, a senhora sabe?”

“Não, mas no que a senhora está se mentendo? De início, quem é a senhora?”

Eu respondi: “Uma negra indigna. Não é visível? Ela não veio na sua casa para fazer jardinagem? Onde a senhora aprendeu essas coisas? Essas são as coisas que as mulheres europeias não aprendem, o instinto de dominação acorda quando elas encontram um elemento que as convêm.

Yolanda dá a senhora seus 8 dias! É necessário uma hora, todos os dias, para ir procurar emprego.”

A dama saltou: “Mas ela não irá a lugar nenhum, ela me deve dinheiro!”

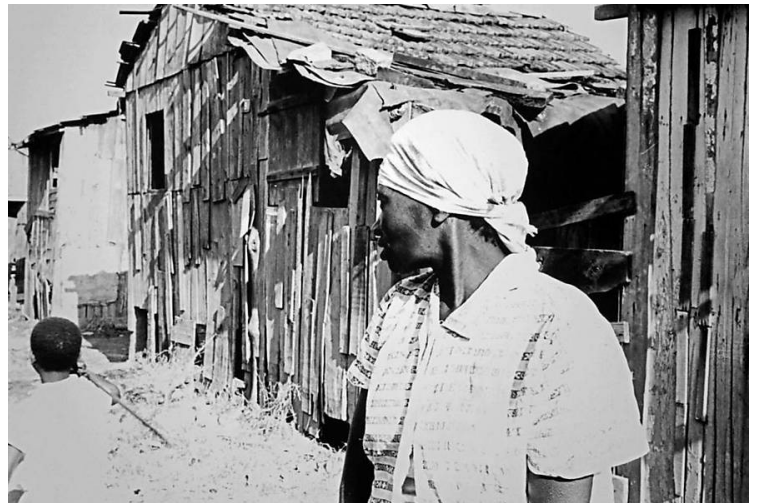
“Ela partirá, ela vai pagá-los fora da casa dos senhores! Os senhores não fizeram um contrato de trabalho, mas ela poderá fazer uma declaração de dívida! Quanto ela deve aos senhores?”

“Eu ainda não contei.”

Yolande se vestiu rapidamente e mancando ela me seguiu, a face radiante. Ela poderia pensar enfim que a sua servitude teria fim. (EGA, 1978, p. 18-19, grifo nosso)

Durante todo o livro de Françoise são diversas as Yolandes que ela encontra, o ciclo de exploração, que remete às relações entre colonizadores e colonizados, se

perpetua. Isso estarrece Françoise, que vê os portos da França cada vez mais cheio de seus irmãos e irmãs que partem da sua terra rumo à esperança de vida melhor, encantados pelo canto da liberdade, mas encontraram as durezas da espoliação.



Carolina de Jesus no Canindé. Fonte: Gustavo Cerqueira Guimarães

Mais de 50 anos depois da passagem entre Françoise e Yolande o ciclo se mantém. A pandemia de COVID 19 evidenciou, em São Paulo e Paris (e mesmo em escala nacional), as relações de desigualdade que fundamentam as sociedades e o desenho urbano, que refletindo essa construção oferece desequilibradamente os benefícios da urbanização.

No ano de 2020, quando a pandemia explode, se comparamos os dados de saúde no município de São Paulo,¹⁸ podemos ver que houve um aumento da expectativa de vida no território, mas que essa evolução não é igual para toda a região. No Jardim Paulista, zona oeste de São Paulo, a média de vida é de 81,5 anos, enquanto no Jar-

¹⁸ Dados do Mapa da Desigualdade de São Paulo no ano de 2020, realizado pela Rede Nossa São Paulo.

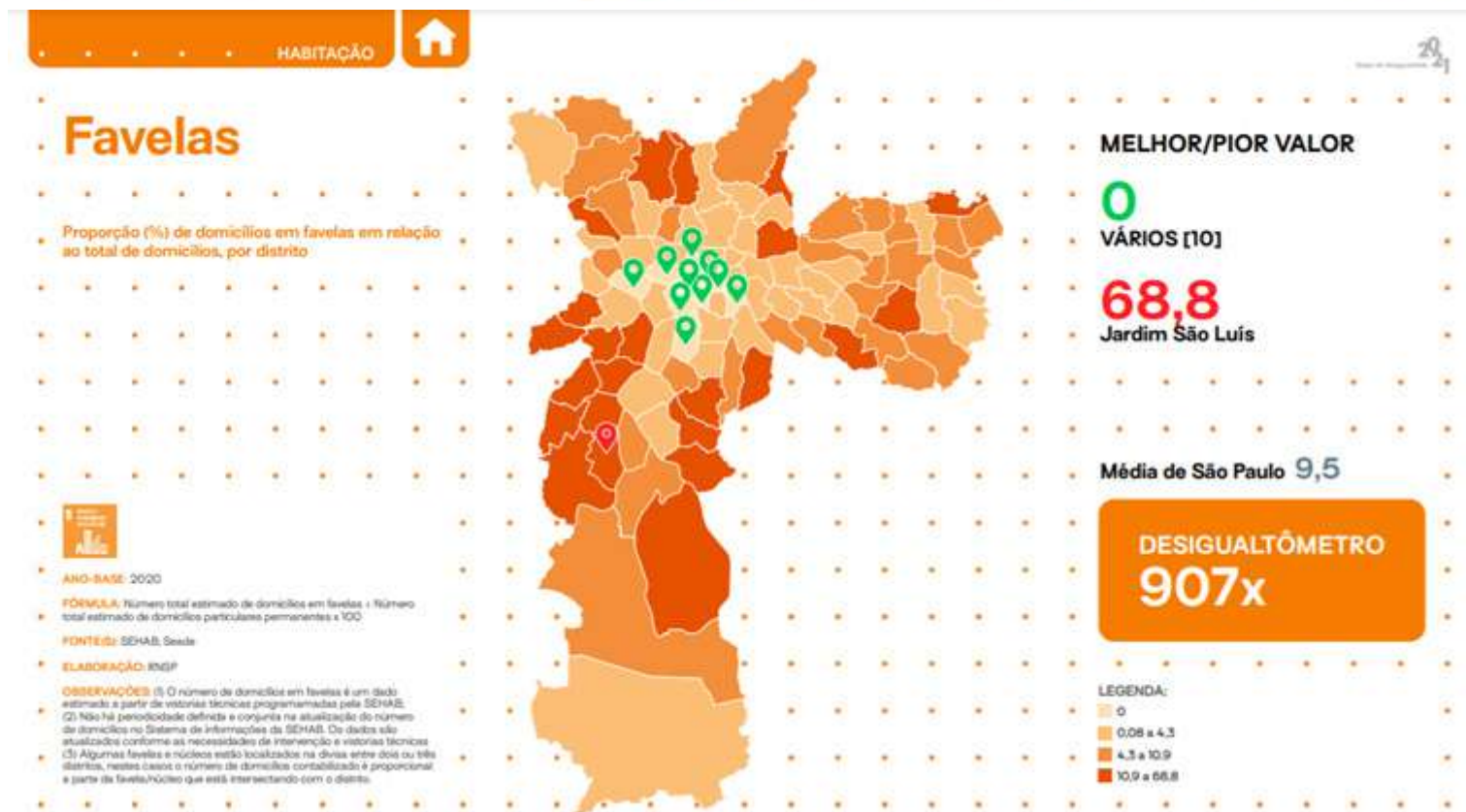
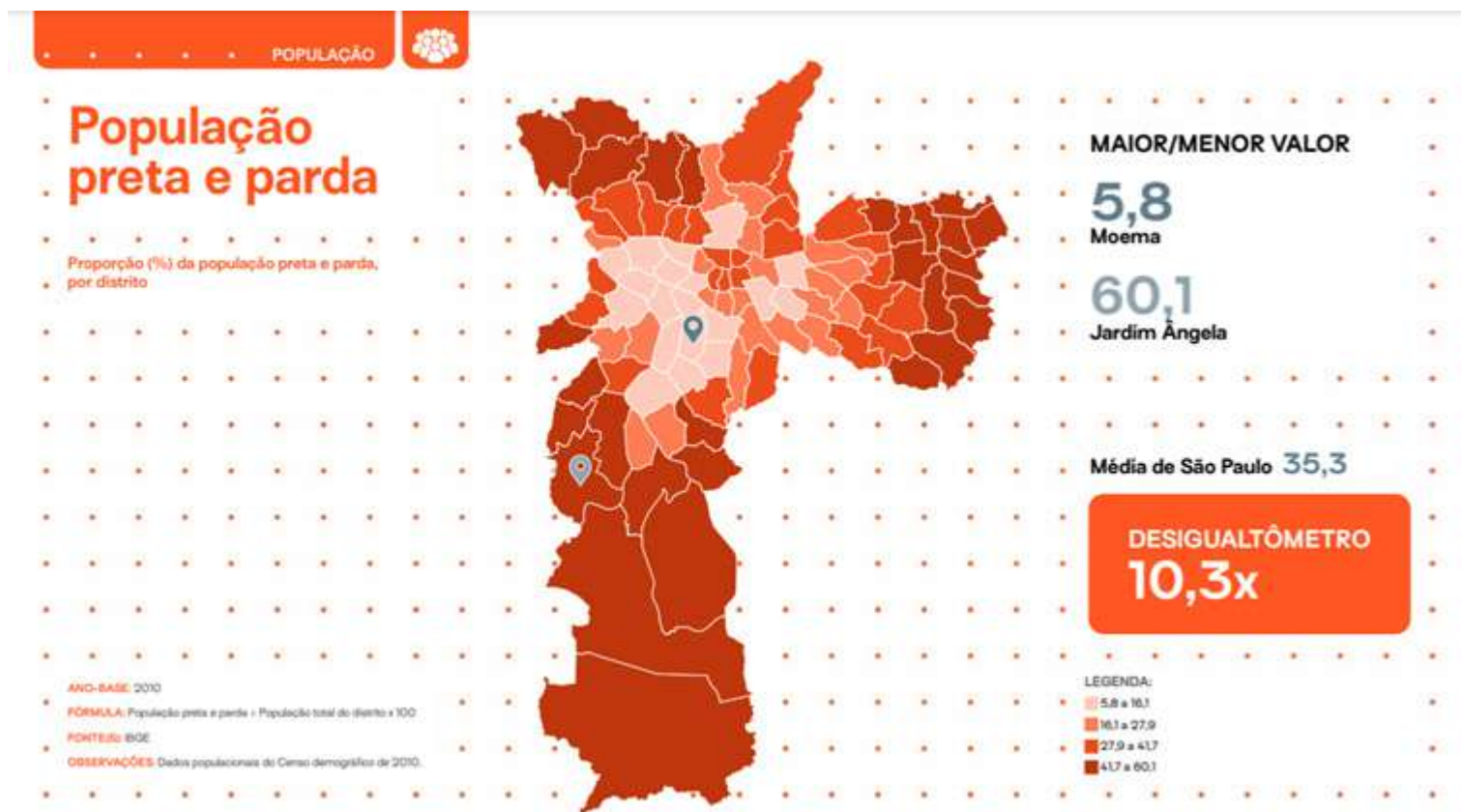
dim Ângela, bairro pobre na zona leste, essa média é de 58,3 anos.

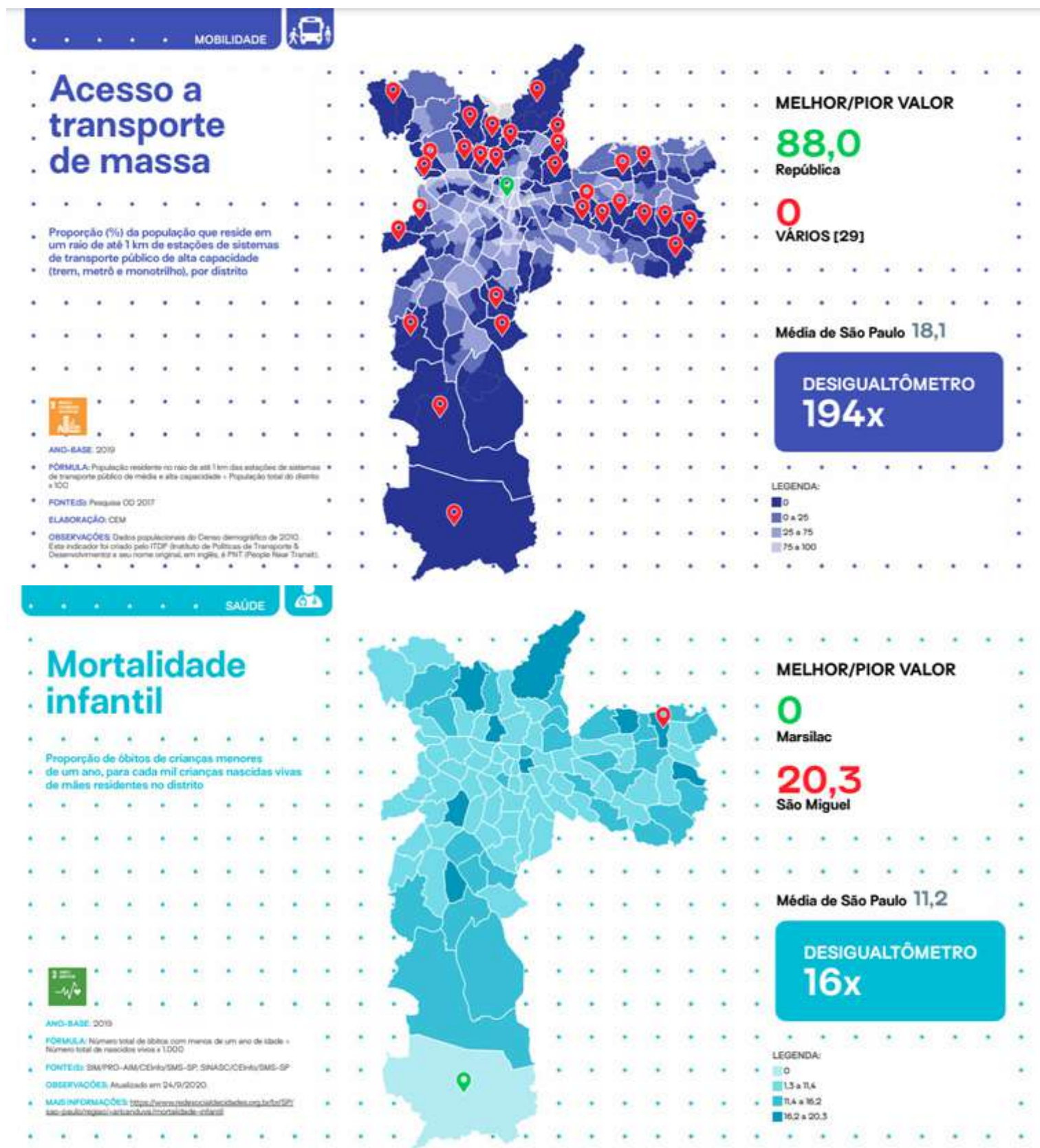
Além disso, em Jaçanã, zona norte paulista, o número de internações devido a dificuldades na atenção primária de saúde¹⁹ é 17 vezes maior que em Moema, zona sul da cidade. Se nessa análise considerarmos a distribuição racial da população,²⁰ compreendemos que essas áreas deficitárias também são as de maior concentração da população negra. Segundo dados da Rede Nossa São Paulo, cerca de 35,3% da população paulistana se auto-declara preta e parda e pelo mapa da cidade, fica claro os locais negros da cidade e sua relação com os locais de menor educação, menor acesso à saúde, transporte e infraestrutura básica.

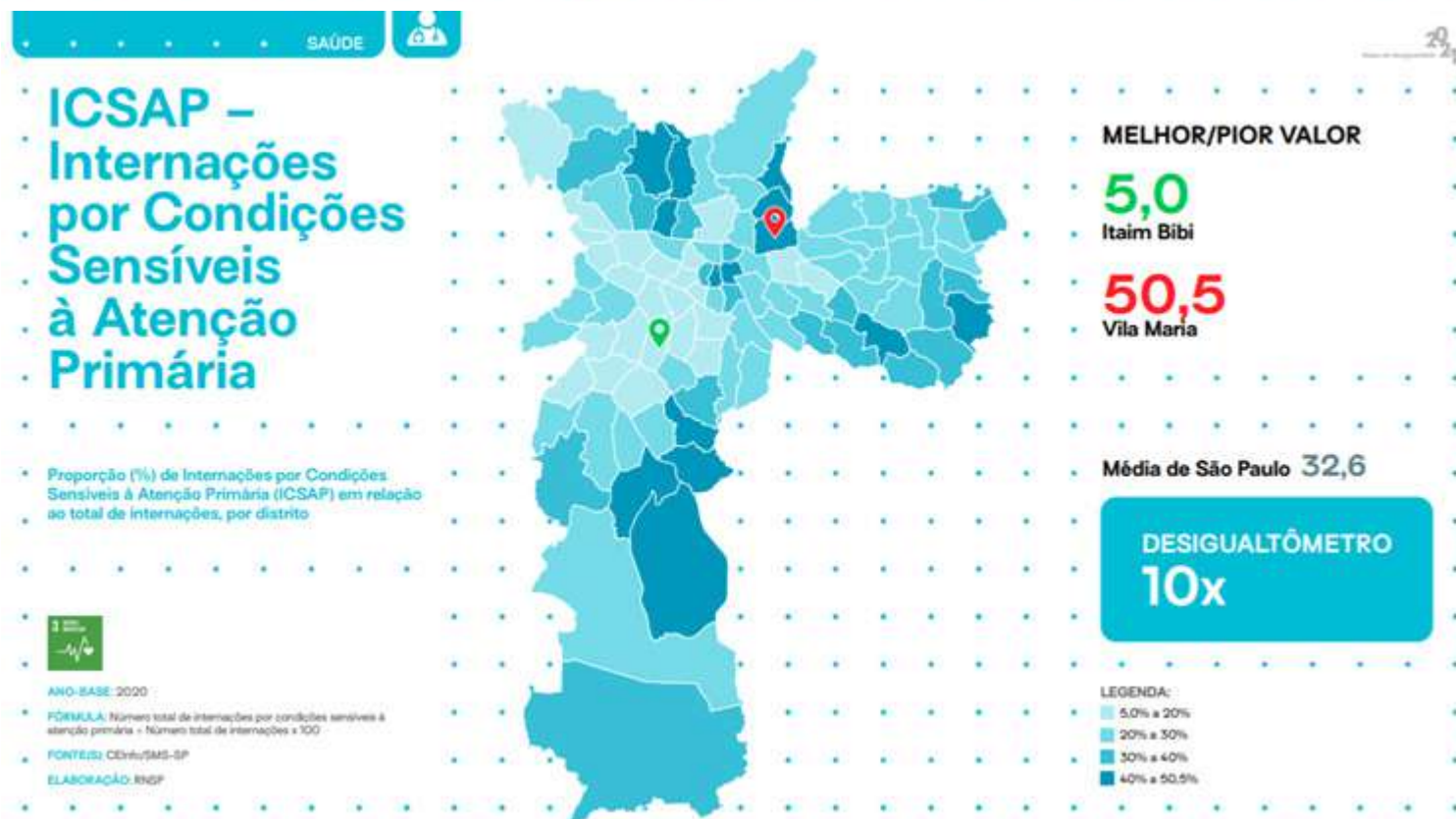
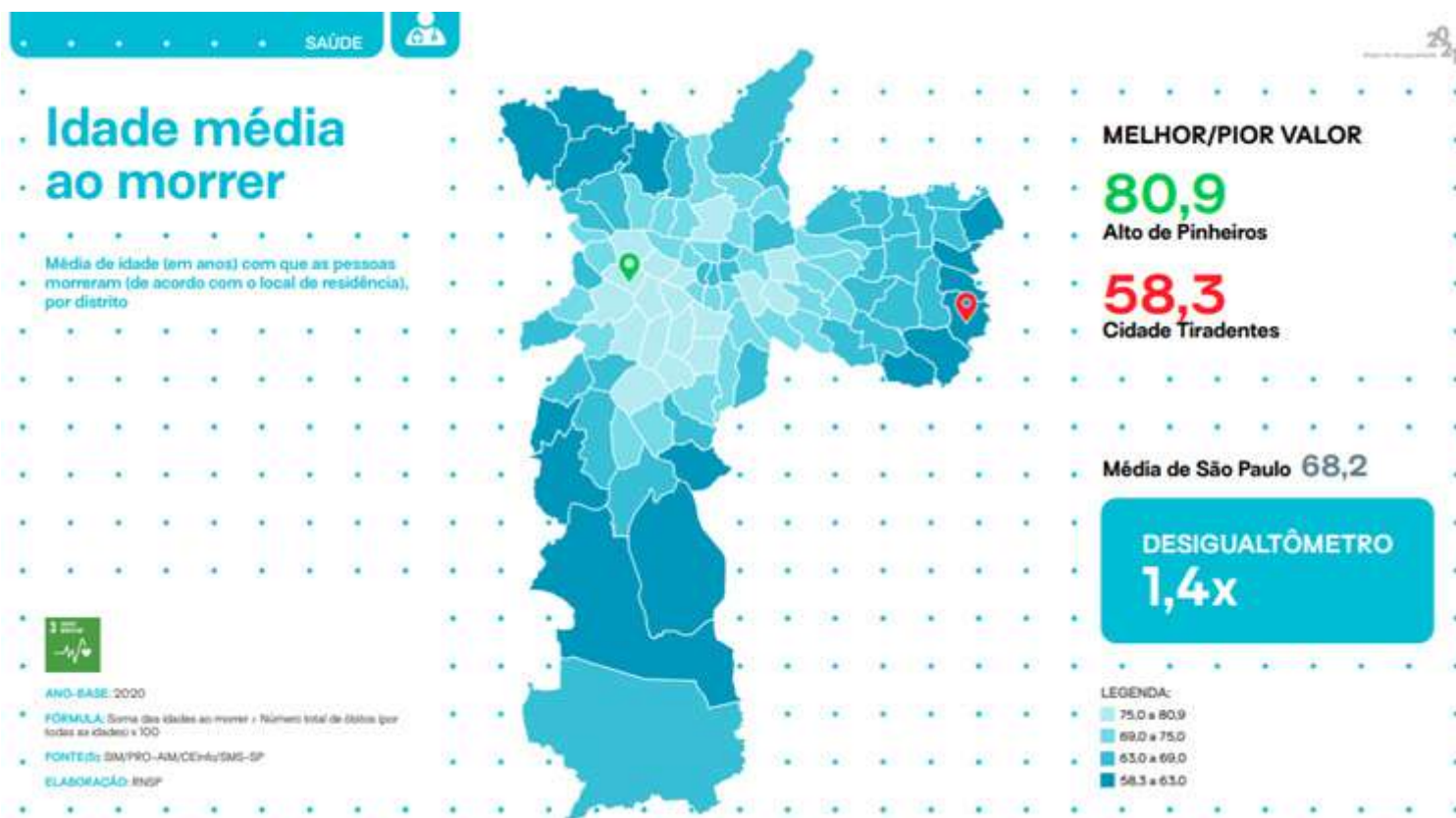
19 Segundo o site do governo de São Paulo, a Atenção Primária à Saúde (APS) é o primeiro nível de atendimento, caracterizado pelo conjunto de ações que visam profilaxia, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos e manutenção do sistema de saúde, considerando a escala individual ou coletiva.

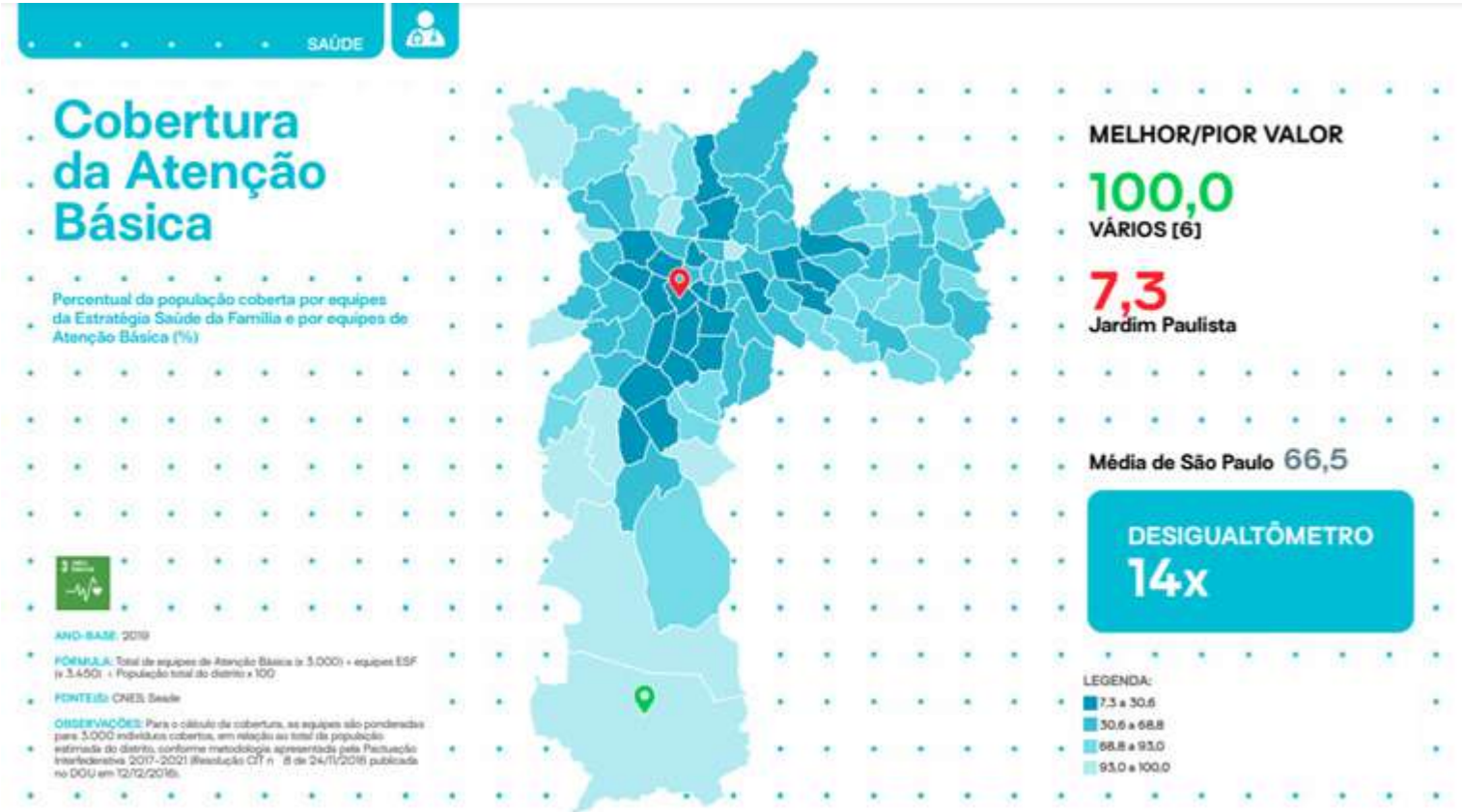
20 Desde o primeiro ano de mandato, Bolsonaro vem realizando um verdadeiro desmonte institucional no Brasil, agravando a desigualdade social no país. Um dos pontos afetados pelas políticas bolsonaristas foi o Censo IBGE, que, previsto para 2021, não foi realizado. Sendo assim os dados dessa pesquisa utilizam os resultados do último levantamento, em 2010 e dados da Rede Nossa São Paulo.

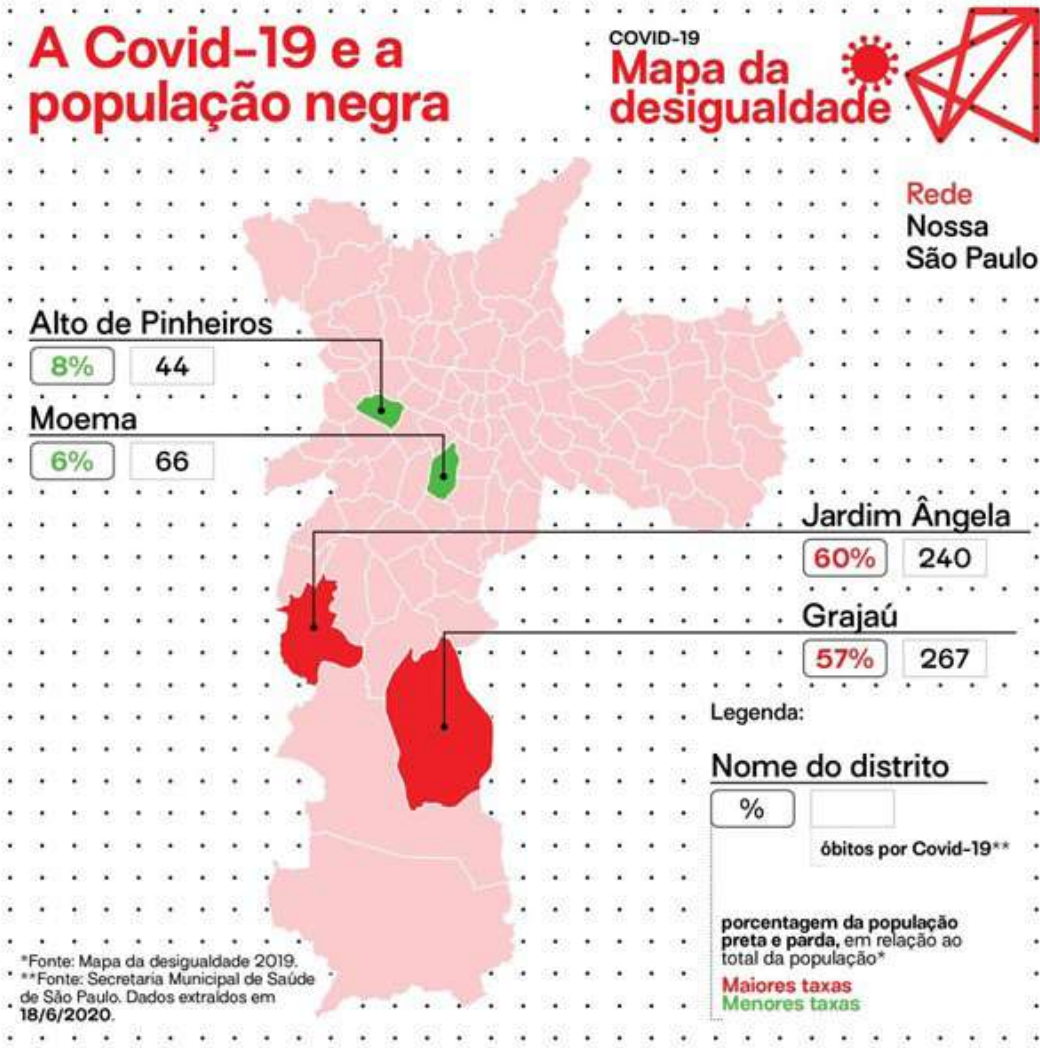
Atacar as estatísticas como Bolsonaro o fez revela um plano perverso, mas que não é inovador. Sem estudo, não há exposição, também não há conhecimento sobre a população. Esse objetivo também explica seu ataque à Universidade Pública.





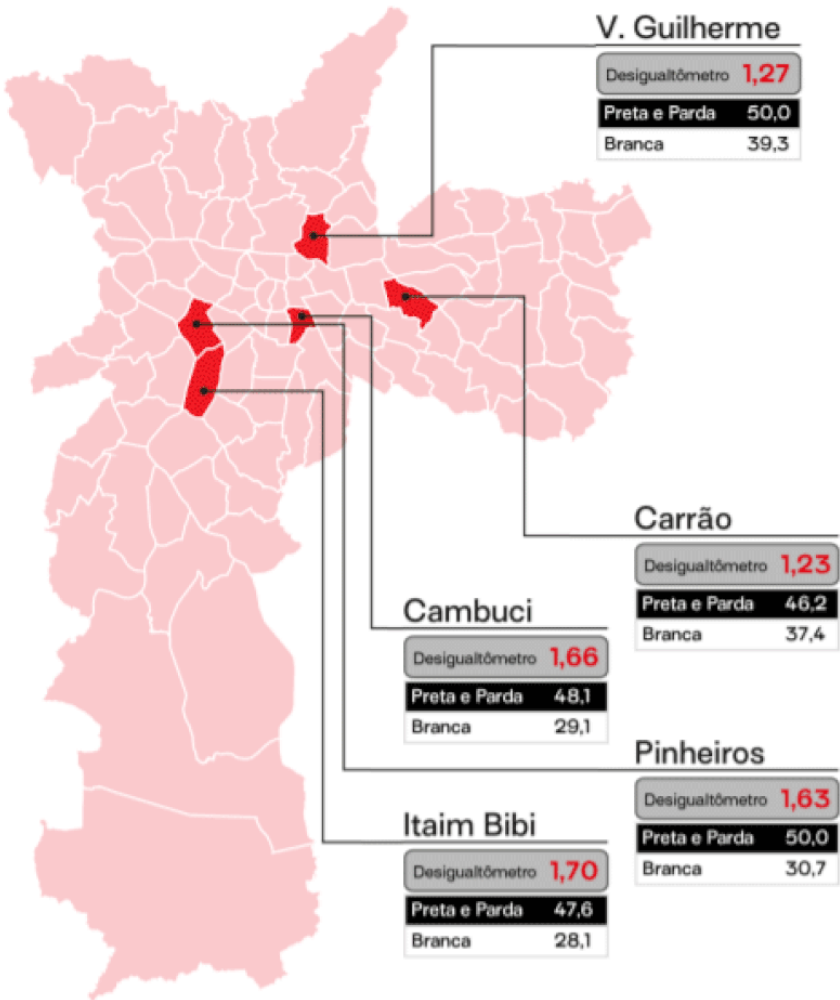








1. Mortalidade proporcional por Covid-19, por raça/cor



Mapa 1: Desigualdade nas proporções de óbitos por Covid-19 de acordo com Raça/Cor. Fonte: Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/PRO-AIM/CEInfo – SMS/SP. (de janeiro a julho de 2021). Data de atualização: 19/08/2021. Elaboração: Rede Nossa São Paulo, 2021.

Assim, percebemos claramente que o acesso à saúde também é condicionado à localização no espaço urbano, condicionado também pelos interesses do mercado imobiliário e das elites brancas. Assim, o Estado concentra diversos fatores de exclusão sobre a população pobre. Diante disso, em uma pandemia, fica clara a camada social que será mais afetada.

Segundo Silva (2018), o racismo também opera no sistema de saúde, afetando a qualidade dos serviços oferecidos e desafiando a agenda da gestão pública. Nesse panorama Maçulo (2021) acrescenta "Para além desses fatores, o racismo articula-se com a pobreza, o sexismo, o idadismo e as diferentes realidades subjetivas. Ora um elemento fica mais aparente, ora outro, e diversas vezes há interseccionalidade de dois ou mais desses elemento".

Assim, o racismo estrutural na sociedade não vem acompanhado de um, mas de diversos fatores. O que evidencia esse fator de forma cruel é que a primeira morte por COVID 19 no Brasil foi de uma mulher negra, de 57 anos, empregada doméstica. Segundo dados da Agência Brasil²¹ (2020), a vítima foi internada no Hospital Municipal Dr. Carmino Caricchio, na Avenida Celso Garcia, na região do Tatuapé, São Paulo. Ou seja, uma mulher negra, pobre, da zona leste paulista.

Em Paris, algo semelhante ocorre quando observamos a raça considerando também a imigração. De acordo com Stébé (2010) os imigrantes e operários são maioria nos banlieues parisienses, que são estigmatizados e parte de um processo de segregação. São esses locais, marcados pelos "grands ensembles" (conjuntos habitacionais), que sofrerão com as maiores taxas de demolições e de dinâmicas de segregação.

Conforme dados do INSEE, entre 2019 e 2020, na França houve um aumento da mortalidade por COVID 19 de 191% entre pessoas de origem magrebina e de 368% para imigrantes oriundos de outros países africanos. Véran (2020) adiciona a essa análise os imigrantes ilegais, que não têm acesso à sistemas de proteção como a *Securité Sociale*, mas um sistema específico: AME (*Aide Medicalde de l'État* – Ajuda Médica do Estado).

Segundo o autor, a busca por assistência médica na França está fortemente ligada ao status administrativo, ou seja, a busca por cuidados de saúde é bem menor entre imigrantes e ainda pior entre os irregulares. Além do mais é preciso colocar também o fator de cobertura médica, existem casos em que as pessoas ainda não estão cobertas pela AME, seja por desconhecimento desse direito ou pelo processo de acesso em si.

Por experiência coloco também uma questão essencial: o idioma. Durante os quase 3 anos que estive na França, fui ao médico apenas após 2 anos. A língua, mais o tempo restrito devido a carga de trabalho, estudos e confinamento me impediram por muito tempo de encontrar o momento para me dedicar à minha própria saúde. Além do mais, como explicar meus sintomas em outro idioma?

Um exemplo claro desse entrave está em uma experiência vivida por mim e pela minha amiga Carla dos Santos Gomes alguns dias antes do decreto do primeiro confinamento, ainda no começo de 2020. Morávamos as duas juntas na Residência Universitária do CROUS, próxima da *École d'architecture de la ville et des territoires Paris Est*.

Nós tínhamos acesso apenas ao número provisório da

21 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>

AMELI²² e evitávamos ir ao médico por causa do preço das consultas. Até que um dia a Carla acordou com dor de ouvido, o que nos obrigou a ir ao médico.

Quando entramos no consultório, após pesquisar como descrever os sintomas e o que acreditávamos que seria a causa (uma otite), a Carla entrou na sala do médico sozinha, mesmo após explicarmos que éramos imigrantes e que seria importante as duas estarem juntas, para fins de tradução. O médico recusou, alegando os riscos da pandemia de COVID.

Apesar da Carla exclamar diversas vezes que seu ouvido estava infeccionado, o médico, após quase nenhum exame, receitou um anti-inflamatório. Era difícil que protestássemos nessa situação, pois não dominávamos o idioma nesse nível. Resultado: a otite da Carla piorou com a falta de cuidados - pois os remédios não foram eficazes - deixando-a de cama por quase 1 mês.

A falta de conhecimento de direitos e dificuldades com a língua também afetou minha amiga Vitória Paiva, que enfrentou sozinha os processos burocráticos para encontrar tratamento para pedra nos rins, quando ficou doente durante o confinamento, em seu intercâmbio em Nantes.

Véran (2020), em sua análise sobre os impactos da pandemia, ressalta as consequências do confinamento sobre as famílias trabalhadoras e imigrantes. O confinamento causou uma perda financeira considerável sobre essa população, ainda pior sobre os imigrantes irregulares que têm como única alternativa o emprego informal, não ligado a *Securité Sociale* e sem ajudas compensatórias do

Estado.

As famílias então se reúnem, imigrantes formam foyers, um agrupamento que também propicia a circulação do vírus nessas residências:

Essas perdas de recursos afetarão profundamente a organização social das casas dos trabalhadores. Somando-se à densidade inicial da população desses locais, a intensidade das redes sociais, multiplicada por dez pelos imperativos de sobrevivência, criou condições para a circulação particularmente ativa do vírus. (VÉRAN, 2020, p. 14)

Essas residências com diversos imigrantes, muitas vezes irregulares, é descrita por Sara ao me contar sobre o local onde seu pai residiu ao chegar na França, que ela denomina como “*foyer*”. Recentemente visitei um desse alojamentos ao visitar um amigo de Sara, que divide o seu tempo entre a costura e alguns trabalhos temporários.

O apartamento ficava na região de *Chateau Rouge* (bairro conhecido pela sua concentração de população negra), era extremamente pequeno, com apenas 1 banheiro, 1 quarto e 1 espaço sala-cozinha. O quarto tinha duas camas de casal encaixadas, tomando quase a totalidade do espaço, uma televisão e um armário de ferro, que servia para as roupas. Ao entrarmos, Sara me explicou a disposição: como ainda eram irregulares, empregos fixos eram difíceis de encontrar, assim eles compartilhavam o apartamento entre várias pessoas.

22 AMELI ou *Assurance Maladie* é a cobertura médica na França, que reembolsa até 70% dos gastos médicos de um indivíduo. O número AMELI está relacionado a regularidade do imigrante. Em um processo extremamente demorado (demorei 2 anos para ter meu cartão de saúde oficial chamado *carte vitale*), o número provisório é uma forma de oferecer uma pré-cobertura até a emissão da *carte vitale*.

Ocorre que, com o número provisório, os gastos só são reembolsados após o envio da fatura por correio ao CPAM (Caisse Primaire d'Assurance Maladie – escritório primário de seguro de saúde) responsável pela área em que a pessoa habita, tornando o processo como um todo extremamente complicado e demorado.

Esse cenário pode ser considerado também para São Paulo, para as favelas e bairros mais pobres. O confinamento, nesses casos, é impossível, seja pelo número de pessoas na residência, seja pelas necessidades financeiras. Era necessário ir trabalhar para poder comprar comida.²³

Não é mais possível dizer para as pessoas lavarem as mãos sem que exista saneamento adequado ou para não se aglomerarem em transportes públicos lotados. Não são os comportamentos individuais que explicam as desigualdades estruturais e a pandemia só as escancara. (WERNECK, 2021, p. 5)

Esse contexto vai influenciar as estatísticas sobre o vírus. Segundo dados do instituto Polis (2020), os óbitos e contaminações são maiores nos empregos populares como faxineiras(os) e auxiliares de limpeza (62%); aposentados(as) (30%); empregadas domésticas (6,5%); diaristas e cozinheiras (6,5%); técnicos e profissionais de saúde de nível médio (0,3%); vendedores(as) (0,3%); caminhoneiros (0,3%); entregadores de mercadorias (0,3%); e auxiliares de produção (0,3%).

Esse é o preço da exploração, que não é específico do momento atual. Os pais de Sara e minha família refletem em seus corpos, na sua saúde, os preços da exploração. Minhas tias têm diversas doenças relacionadas aos esforços da vida de trabalhos, os pais de Sara têm dores nas costas pelo esforço de carregar peso na construção, Françoise perde as unhas das mãos pelos produtos químicos de limpeza (cf. EGA, 1978), Carolina desmaia frequentemente e tem dores nos rins pela falta de comida e excesso de trabalho (cf. JESUS, 2014).

Acesso a comida de qualidade é um dos fatores que nesse trabalho considero como ligados à saúde. Em algumas das histórias sobre a infância, minha mãe me conta sobre uma das doações que a família recebeu, enquanto elas ainda eram crianças e não teriam dinheiro para comer:

Foram os mórmons, foi em São José do Rio Preto... não foi 1 vez só, foram duas vezes. Lógico que um tempo maior entre uma vez e a outra.

Chegaram uns caras, muito bem apresentados, com roupas chiques, terno, assim bem apresentados... e falou que vieram entregar isso para a minha mãe.

E minha mãe ficou muito emocionada, primeiro falou que não era para ela, porque ela não conhecia quem poderia dar esse tipo de coisa para ela. Eles falaram “foi sim, foi para a senhora sim” e minha mãe ficou emocionada, até chorou e perguntou “Olha, quem foi que mandou?” e eles falaram “a gente não pode dizer quem mandou, porque foi anônimo”. Depois que foi saber que foram os mórmons.

Foi isso, foram duas vezes... e a Nhéia disse que foi na época que meu pai ia viajar com o caminhão, fazendo frete. Entre uma ida e volta... porque era assim: meu pai ia fazer as coisas e a família ficava, aí ia acabando o dinheiro, acabando a provisão...

²³ Tenho consciência do auxílio emergencial que foi oferecido à população, mas considero que 400 reais é insuficiente para assegurar o confinamento com qualidade de vida para a população brasileira.

ficava num miserê do caramba, quase não tinha nada. Aí meu pai voltava e trazia arroz, carne...era uma alegria! E depois tinha mais um filho pra nascer. (Doralice, 2021)

Em outra passagem, minha mãe conta sobre quando teve lombrigas na infância. Ela comia terra, me dizia que gostava da terra, do cheiro da terra quando chovia e acabava comendo. Minha avó tentava impedi-la de fazê-lo e, por isso, muitas vezes, minha mãe apanhava. “Era por causa da lombriga isso, acho”, me disse ela, mas segundo o Doutor Ivan Ferreira²⁴ esse desejo por terra pode estar ligado a problemas relacionados à fome, desnutrição ou à falta de nutrientes como o ferro, cálcio e zinco.

Nos períodos de maior pobreza, minha avó fazia sopa de osso com fubá para alimentar seus filhos. “A Dina era pequena e ela [minha avó] fazia sopa com osso e fubá. A Dina detestava e não queria comer. Aí ela apanhava porquê era só isso que tinha para comer”, me escreve minha mãe. Essa passagem me lembra a relação de Vera Lucia e Carolina, na qual a primeira por vezes apanhava, porque não queria comer o que a mãe conseguia trazer.

Carolina também relata em seu livro as dificuldades da fome. São diversos os relatos em que ela conta que se alimentava de comida vinda do lixo ou quando recebia pedaços de ossos e carne do “frigorífico”.

Conforme lemos Quarto de Despejo, temos a impressão que Carolina vive uma montanha russa. Há momentos onde ela pensa haver uma alternativa, chega mesmo a se sentir feliz, em outros a fome a enlouquece. Nós, como leitores, quase conseguimos sentir a sua angústia.

27 DE MAIO... Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago (JESUS, 2014, p. 37)

*...Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizerme que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: —Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: —É que eu tinha fé no Kubstchek. —A senhora tinha fé e agora não tem mais? —Não, meu filho. **A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia. ...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.** (JESUS, 2014, p. 33, grifo nosso)*

14 DE JUNHO ... Está chovendo. Eu não

²⁴ Formado pela Escola Paulista de Medicina / Universidade Federal de São Paulo em 1985. Médico endocrinologista adulto e infantil, inscrito na Ordem dos Médicos de Portugal - Seção Regional do Norte, nº 47.996. <https://medicoresponde.com.br/vontade-de-comer-terra-e-doenca/>

posso ir catar papel. O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes. E hoje é sabado. Os favelados são considerados mendigos. Vou aproveitar a deixa. A Vera não vai sair comigo porque está chovendo. (...) Ageitei um guarda-chuva velho que achei no lixo e saí. Fui no Frigorífico, ganhei uns ossos. Já serve. Faço uma sopa. Já que a barriga não fica vazia, tentei viver com ar. Comecei desmaiar. Então eu resolvi trabalhar porque eu não quero desistir da vida.

Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói. Porque quem não é forte desanima.

... Vi uma senhora reclamar que ganhou só ossos no Frigorífico e que os ossos estavam limpos.

—E eu gosto tanto de carne.

Fiquei nervosa ouvindo a mulher lamentar-se porque é duro a gente vir ao mundo e não poder nem comer. Pelo que observo, Deus é o rei dos sábios. Ele pois os homens e os animais no mundo. Mas os animais quem lhes alimenta é a Natureza porque se os animais fossem alimentados igual aos homens, havia de sofrer muito.

Eu penso isto, porque quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais.

... Enquanto eu esperava na fila para ganhar bolachas ia ouvindo as mulheres lamentar-se. Outra mulher reclamava que passou numa casa e pediu uma esmola. A dona da casa mandou esperar (...) A mulher continuou dizendo que a dona da casa surgiu com um embrulho e deu-lhe. Ela não quis abrir o embrulho perto das colegas, com receio que elas pedissem. Começou pensar. Será um pedaço de queijo? Será carne? Quando ela chegou em casa a primeira coisa que fez, foi desfazer o embrulho porque a curiosidade é amiga das mulheres. Quando desfez o embrulho viu que eram ratos mortos.

Tem pessoas que zombam dos que pedem.

Na fabrica de bolacha o homem disse que não ia dar mais bolacha. Mas as mulheres continuaram quietas. E a fila estava aumentando. Quando chegava alguém para comprar, ele explicava:

— O senhor desculpe o aspecto hediondo que este povo dá na porta da fabrica. Mas por infelicidade minha todos os sábados é este inferno.

Eu ficava impaciente porque queria ouvir o que o dono da fabrica dizia. E queria ouvir o que as mulheres dizia. Que dile-

ma triste para quem presencia. As pobres querendo ganhar. E o rico não queria dar. Ele dá só os pedaços de bolacha. E elas saem contentes como se fossem a Rainha Elisabeth da Inglaterra quando recebeu os treze milhões em joias que o presidente Kubstchek lhe enviou como presente de aniversário.

O dono da fábrica vendo que elas não iam embora, mandou dar. A empregada nos dava e dizia:

— Quem ganhar deve ir-se embora.

Eles alegam que não estão em condições de dar esmola porque a farinha de trigo subiu muito. Mas os mendigos já estão habituados a ganhar as bolachas todos os sábados. Não ganhei bolacha e fui na feira, catar verduras. Encontrei com a dona Maria do José Bento e começamos a falar sobre o custo de vida. (JESUS, 2014, p. 52)

Em um relato muito semelhante, temos Françoise Ega, que relata a feira de restos em Marseille:

Ela me disse para vir ao mercado depois das cinco horas essa noite, que vendiam a carne a um preço inacreditável em um açougue na frente da Rua Longue des Capucins. Valia a pena, ela me assegurou. Todas as donas de casa avisadas estariam presentes.

Eu repartí essa tarde com os meus meninos e eu encontrei minha compatriota, ela também trazia duas crianças. Ela me conduziu à hora dita diante do estabelecimento onde deveria se desenrolar a venda. Uma mulher disse:

O Ernest não pode demorar para começar as vendas do “bada” tarde como na semana passada”. Eu dei uma olhada em torno de mim, estavam reunidos todos os miseráveis de Marseille e muitos curiosos para vê-los. Eu tentei de me misturar entre os curiosos, mas a minha compatriota me chamou e me recomendou de guardar bem o meu lugar: senão eu não teria um lote interessante.

Ernest vende a carne aos gritos: todos os restos do imenso frigorífico onde ele trabalha são transportados para a parte de trás da loja que dá para a rua de trás do estabelecimento. Ernest tranquilamente organiza a sua tenda: de tempos em tempos um aprendiz vem para trazê-lo uma bandeja na qual estão vários pedaços não identificáveis. A multidão à primeira vista cresceu consideravelmente e eu devia constantemente empurrar para frente o meu menino para que ele não fosse pisoteado. Ernest não mede peso nem tem balança. Ele faz, dos restos que trazem para ele, bandejas de coisas, à 5 francos cada. Ele começou pelos pratos incomedíveis

de costela de carneiro misturados com alguns pedaços de um merguez infectado.

Pessoas com pressa apreenderam este lote, minha compatriota então me disse que, até que ele acabasse de vender o que eu pensei ser carneiro, ele não passaria para outros pratos. Naquele momento, Ernest gritou:

“Vamos ao pot au feu!”²⁵ Quem comprar pot au feu terá bada!”

O bada, pelo que entendi, é um suspeito bife que Ernest generosamente deposita em seus lotes. Quando ele anunciou, havia mais mãos do que lotes para vender. O Ernest conhece os seus fregueses, dá-lhes blanquette de vitela ou qualquer animal assado não muito azulado pelo mesmo preço de 5 francos. A visão desses lotes de escolha desencadeia seu público gritando:

“Então, Ernest, você está me decepcionando? Agora para mim!”

Ernest não sabe mais para onde olhar, uma cabeça de boné xadrez. Os homens não são os menos ferozes, e esquecem o cavalheirismo que deveria permitir que cedessem o seu lugar para as damas. La, é uma história de barriga, Carolina, e ter um lote potável é uma vitória para quem

esperou mais de uma hora.

Ernest parou de cortar e embrulhar pedaços de coisas e, de repente, gritou:

“Senhoras! Tenha cuidado, não há batedores de carteira, mas existe o mesmo bandido do sábado passado que assustou meus clientes. É o picareta que está lá no fundo! Ele vai apalpar vocês! Ele vem para isso, vocês estão avisadas!”

Olhei para o picareta corado que ia embora sem pedir descanso, pois todas as mulheres estavam prometendo a ele, que o chutariam com salto agulha, que bateriam com a sacola de compras. Minha compatriota me disse:

“A senhora entende por que é melhor chegar cedo? Os bandidos estão sempre esperando que a multidão se forma para que eles se aproximem sorrateiramente dos compradores.”

Ernest, neste momento, pegou grandes pratos de coisas não comestíveis debaixo da bancada, ele fez as bandejas e ainda grita:

“Então! Não aumentou, ainda são 5 pratos a bandeja, o preço de um maço de cigarros! Vocês nem iriam querer a peça preta!”

²⁵ Pot-au-feu é um prato tradicional francês feito com carne. Nesse caso, compreendi que a relação com o prato vem da mistura de carnes. O pot-au-feu é um tipo de cozido de carne com legumes.

Bem, eu adiciono o bada!” Algumas mãos estavam estendidas, sem firmeza! Ernest descobriu que a pressa não era grande o suficiente, ele cruzou os braços e ameaçou sair com as travessas de entrecôte²⁶ que acabavam de ser trazidas para ele, caso não se livrasse dos lotes já preparados.

Não deu certo: então Ernest misturou tudo: o entrecôte, as coisas e o merguez restante, até cortou rodelas de rôti para agregar valor às bandejas. Satisfeito, ele ajustou o boné e passou as mãos no avental excessivamente comprido:

“Agora, vá dizer que não estou acostumando vocês mal!”

Minha compatriota me disse:

“Agora é a hora de pegar dois ou três lotes, a senhora vai jogar o merguez fora e o que a senhora não quiser!”

Comprei três lotes e fiquei cara a cara com Guadalupama, classifiquei os lotes e acabei de recuperar um quilo de entrecôte ! O resto era muito gorduroso para um pot au feu ou muito ósseo para um guisado. Coloquei no monte de lixo perto do cami-

nho, porque já aqueles que não têm nem dinheiro para os lotes começaram a aparecer no mercado e remexer no que os outros jogaram. Meu pacote foi retirado rapidamente e eu não senti como se tivesse jogado meu dinheiro fora! Tudo o mesmo! (EGA, 1978, p. 123 – 125)

Esse “espetáculo” da fome não ficou nos anos 1960, ele se perpetua. Mathieu me relata, em entrevista, que em La Réunion, apesar da agricultura, os alimentos são caros, o que impede uma dieta balanceada para a maior parte da população. “A comida é muito cara, porque... somos uma ilha, né... vem tudo de avião. E os auxílios não consideram isso, a gente recebe o mesmo valor que as pessoas na França metropolitana, que pagam mais barato no alimento. Aí na Réunion as pessoas comem mal, muito enlatado, porque é o que dá”.

Segundo previsões do Banco Mundial a situação tenderá a piorar por causa da pandemia. De acordo com comunicado divulgado em outubro de 2020, a pandemia de COVID-19 coloca em risco 150 milhões de pessoas, que podem entrar na extrema pobreza até o fim do ano de 2021.²⁷

Os impactos já podem ser vistos no Brasil, que retornou ao mapa da fome da ONU²⁸ – com a insegurança alimentar quase dobrando de valor entre 2018 e 2020 – e possui mais de 14 milhões de famílias na extrema pobreza, o que equivale a quase 40 milhões de pessoas com

26 Tipo de corte de carne bovina apreciado na França.

27 La pandémie de COVID-19 risque d'entraîner 150 millions de personnes supplémentaires dans l'extrême pauvreté d'ici 2021. [banquemondiale.org/fr/news/press-releases/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021](https://www.banquemondiale.org/fr/news/press-releases/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021)

28 Com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome. Na nação que já celebrou a redução da miséria, falta até mesmo esperança em dias melhores. <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/frente-ampla/com-bolsonaro-o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>.

renda mensal per capita de 89 reais.²⁹

A procura de comida pelas lixeiras cresceu na cidade, trazendo para a realidade atual os relatos de Carolina, esfregando de forma cruel a fome, a pobreza e a desigualdade no nosso país. Ecoa na cabeça a fala de Carolina **A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia...** a democracia está fraca e quando ela enfraquece a desigualdade cresce em proporcionalidade.

"O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças". Na página 25 de seu livro Carolina traz essa reflexão, expondo claramente um Estado Patrimonialista, que não serve à classes mais pobres.

Mais de 60 anos após os escritos de Carolina, o que vemos é no mesmo dia imagens de pessoas revirando um caminhão de lixo em busca de comida, enquanto o Senador Eduardo Bolsonaro, filho do Presidente da República, posa com a família em Dubai, em viagem oficial paga com recursos públicos.



Imagem: Eduardo Bolsonaro posa vestido de sheik com esposa e filha durante viagem de comitiva para Dubai para participar da Expo 2020. 18/10/2021. Foto: Reprodução/Redes sociais. Fonte: O Globo.³⁰



Imagem: Pessoas buscam comida em caminhão de lixo em bairro nobre de Fortaleza. 18/10/2021. Fonte: Diário do Nordeste.³¹

²⁹ Mais de 14 milhões de famílias vivem na extrema pobreza, maior número desde 2014. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/06/mais-de-14-milhoes-de-familias-vivem-na-extrema-pobreza-maior-numero-desde-2014.ghtml>

³⁰ Foto de Eduardo Bolsonaro como 'sheik' em Dubai causa onda de críticas; deputado defende gastos. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/18/foto-de-eduardo-bolsonaro-como-sheik-em-dubai-causa-onda-de-criticas-deputado-defende-gastos.ghtml>

³¹ VÍDEO: Pessoas procuram comida em caminhão de lixo em bairro nobre de Fortaleza. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/video-pessoas-procuram-comida-em-caminhao-de-lixo-em-bairro-nobre-de-fortaleza-13149124>

Enquanto um governo corrupto³² esbanja dinheiro público promovendo a destruição de todas as instituições que atendem a população, os impactos da crise econômica crescem nas famílias pobres. A inflação cresce no Brasil, a gasolina é cara, o alimento é caro e a pobreza cresce feroz, a fome é impiedosa... Temos a impressão de viver os relatos de Carolina, de encontrar diversas "Carolinas" pelas ruas de São Paulo.

"Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe." (JESUS, 2014, p. 37). A impressão que tenho é que atualmente a fome é ainda mais cruel, o capitalismo nos aproxima de Françoise, quando ela relata a comercialização de carnes podres. O osso hoje no Brasil não é dado, ele é vendido.



Imagem: Supermercado Extra vende osso por mais de 13 reais o kilo. Fonte: Brasil 247³³



Imagem: Comerciante em Santa Catrina coloca placa para venda de ossos. Fonte: G1³⁴

32 7 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro. MST. <https://mst.org.br/2021/09/29/7-escandalos-de-corrupcao-do-governo-bolsonaro/>
 REZENDE, Contança. EXCLUSIVO: Governo Bolsonaro pediu propina de US\$ 1 por dose, diz vendedor de vacina. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml>
 Para 70% dos brasileiros, há corrupção no governo Bolsonaro, diz Datafolha. G1 <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/11/para-70percent-dos-brasileiros-ha-corrupcao-no-governo-de-jair-bolsonaro-diz-datafolha.ghtml>

33 Osso de patinho é vendido por R\$13,49 e gera revolta. "Brasil da fome". <https://www.brasil247.com/economia/osso-de-patinho-e-vendido-por-r-13-49-gera-revolta-brasil-da-fome>

34 Açougues e mercados podem vender ossos de boi? Entenda a polêmica sobre a placa em SC. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/08/acougues-e-mercados-podem-vender-ossos-de-boi-em-santa-catarina.ghtml>



Imagem: Carcaça de peixe é vendida no Pará. Fonte: Brasil 247³⁵

O ciclo da acumulação de capital se perpetua, a exploração é a base, a desigualdade é a fundação desse sistema. A saúde vira questão secundária. O principal é a sobrevivência em um contexto no qual nem mesmo o Estado age de forma a garantir direitos básicos. A saúde, não só física mas mental, fica afetada, a violência vira diária a ponto de tornar-nos indiferentes à morte, ao sofrimento. Essa violência diária também adoece (cf. Véran, 2019).

Assim, crescem relatos sobre o sofrimento das pessoas, sobre a raça e a classe da fome e da pobreza. Isso me faz questionar a cidade que estamos construindo... Para quem e para quem. Educação construída e oferecida para quem? Saúde para quem? A resposta o próprio espaço urbano expressa, a máquina do Estado Patrimonialista e a resistência de um povo.³⁶

³⁵ Fome avança no país e carcaça de peixe é vendida em mercado no Pará. <https://www.brasil247.com/brasil/fome-avanca-no-pais-e-carcaca-de-peixe-e-vendida-em-mercado-no-para>

³⁶ As imagens a seguir são parte do projeto SP Invisível, que conta histórias de pessoas em situação de rua em São Paulo e que teve início após a pandemia de COVID 19 no Brasil



Josué, em situação de rua, 32 anos (Avenida Paulista). 10/11/2021. Fonte: @spinvisível



Aparecido, em situação de rua, Avenida Paulista. 09/11/2021. Fonte: @spinvisível



Claudinei, vulgo Lobisomen, em situação de rua, 32 anos (Shopping West Plaza – Barra Funda). 07/11/2021. Fonte: @spinvisível



Antônio, em situação de rua, 58 anos (Viaduto Antártica – Barra Funda). 10/11/2021. Fonte: @ spinvisível



Alex, em situação de rua, 45 anos (Av. São João - Centro). 14/11/2021. Fonte: @spinvisível



Paulo Roberto de Almeida, em situação de rua, 66 anos (Shopping West Plaza – Barra Funda). 14/11/2021. Fonte: @spinvisível

4. Sociedade e Mulheres na cidade.

Resistência e
Protagonismo feminino
na construção urbana



Meninas indo para escola, *Bidonville du Chaâba*, 1970. Biblioteca Municipal de Lyon

*“Quando me perguntam se estou bem, eu digo que
“to bem, dividida entre saber, me alimentar e lamen-
tar”.*

*Eu sinto uma saudade estranha de saber um pouco
menos, de ser aquele humano médio que passa sem
se importar.*

*O caminho da consciência é o lugar do desassossego
e eu, jamais banal notícia, já me tira do lugar.*

*E a mente perturbada busca pelo aconchego lendo de
Sueli Carneiro a Morena Mariah.*

*A quem importa estudar a existência de Kush¹ e de
que a filosofia grega descende da africana?*

*A quem importa estudar cosmovisão Yoruba e refle-
tir a revolução Haitiana?*

*Qualquer pessoa preta que se abre à consciência res-
guarda um certo respeito por qualquer preto que en-
louqueceu.*

*É preciso estar ciente que a verdade estraga a ideia
de norma que a vida te ofereceu.*

*Você começa a respeita o torpor de quem bebe, de
quem fuma, de quem chora e quem sente demais*

*E aos pouquinhos apreende da vivência que a loucu-
ra é de quem espera essa cura venha junto de omis-
são e paciência.*

*Quando entende que sua cor faz parte da base de um
sistema que sem base não tinha se erguido,*

*Compreende a inocência de esperar que os instru-
mentos do opressor vão ajudar a libertar o oprimido.*

*Existe uma barreira após cada obstáculo e sobre essa
armadilha Aza Njeri² vai dizer:*

*O genocídio é como um monstro grande, cheio de
tentáculos e a certa altura um deles atinge você.*

Tem um tentáculo para a preta de roupa mais cara,

tem o que ataca o crespo e a pele retinta dela,

*tem um tentáculo que enrosca o corpo todo da negra
de pele clara e atravessa o peito grande dela,*

*o genocídio tem um tentáculo para a negra idosa,
atravessada pela ideia de que aguenta tudo,*

*tem um tentáculo pro preto que é porteiro e segu-
rança, que por ter de trabalhar desde cedo não teve
estudo,*

*tem um tentáculo para o preto que ama estudar, mas
não performa a sua revolta, então parece “afemina-
do”*

*e tem para aquele que, vivendo intensamente a sua
revolta, já acorda e espera ser exterminado.*

Tem um tentáculo para a preta que faz sua faxina e

¹ Luciene faz referência ao reino de Kush, que dominava a a região do continente africano situada ao sul do Egito, que na época era Núbia e hoje faz parte do Sudão. Era um reino extremamente rico, surgido em 2000 a.C. e que “desapareceu” na Era Cristã, por volta de 350 d.C.

² Doutora em Literaturas Portuguesas e Africanas e pós doutora em Filosofia Africana, ambas pelo Instituto de Filosofia e Ciências sociais da UFRJ.

tem para aquela que já está fazendo seu mestrado.

*Essa metáfora do monstro nos ensina que não tem
escapatória para um racismo que é tão em estru-
rado.*

*Eu aprendi recentemente que vivo no caos, que é
preciso estar lucida do caos vivido,*

*que é necessário conhecer a nossa história não con-
tada, ter na mente o maior número de livros lidos.*

*Contar em roda essas histórias e ouvir atenta quem
despertou para a lucidez muito antes de nós*

*E acumular saberes para com sabedoria providenciar
que mesmo longe escutem nossa voz*

*E que essa voz seja de tal maneira articulada que até
quem não viveu, não entenderia, seja tocado para não
só se emocionar, mas de tão desassossegado, querer
se movimentar no dia-a-dia, e finalmente estar mini-
mamente organizado, ao conduzir com lucidez toda
essa dor que a gente sente*

*Eu recomendo se benzer para enfrentar o fim do ano,
que por vezes, sem notar, marca também o fim da
gente.*

*Me perguntam se o que eu falo é por amor à causa...
vê se eu aceito um amor que me dê tanta azia.*

*Já não dá tempo de ler Angela Davis, provar que a
terra é redonda e colocar amor em poesia*

Aliás,

Ouçá me bem, amor, preste atenção

O mundo é um moinho

*Vai triturar seus sonhos tão mesquinhos,
vai reduzir a ilusão a pó*

Ouçá e respeite a dor

Tenha visão

Você não está sozinho

Vai encontrar mais gente no caminho

Para dividir o banzo, a raiva e a dó

*Eu falo da ilusão e da tristeza que invade, porque eu
entendo que a clareza dessa nocividade*

*É o que permite nos reconhecer na passividade, para
resgatarmos todos juntos nossa humanidade*

*E reunirmos energia para algum dia alterar a reali-
dade*

(Poema da Lucidez, Luciene Nascimento, 2019)³

³"Luciene é poetiza e, entre seus livros, escreveu Tudo Nela é de se Amar - a pele que habito e outros poemas sobre a jornada da mulher negra", Estação Brasil, 2021, onde está publicado este poema.



Quando li os livros de Carolina e Françoise, seus relatos me tocaram, como tocam a muitos, mas conforme eu explorava suas histórias e os pontos de discussão que me sensibilizavam, percebi que a sociedade, mesmo impactada com os relatos dessas mulheres, reservou a elas um espaço cruel. Mesmo que durante o livro de Françoise ela demonstre o anseio de se comunicar com Carolina, chame Carolina de irmã, em nenhum momento é explicado quem é Carolina de Jesus e o motivo da história dela ter sensibilizado Françoise.

Essa foi a primeira coisa que me surpreendeu e me deu ainda mais anseio de me debruçar sobre esse trabalho, a oportunidade de concretizar essa ligação. A decisão difícil de fazer um Trabalho Final de Graduação que não foca em um projeto arquitetônico ou urbanístico, mas em evidenciar um processo social que se reflete no espaço urbano e, perpetuado, continua a segregar parte da população.

Me lembro nesse momento de uma fala do Professor Silvio Macedo,⁴ que, em um momento de indecisão minha e do meu grupo, ainda no primeiro ano da faculdade, sobre o projeto de paisagismo, nos disse: "não intervir é também uma forma de agir". Essa fala ecoou de diversas maneiras na minha cabeça durante toda a graduação... não intervir também é uma forma de agir, não intervir em ciclos de exclusão também é uma forma de perpetuá-los. Por isso evidenciar esse processo (ou projeto social) é uma forma de combate, resistência e intervenção na cidade.

Os livros de Carolina e Françoise alcançaram a população, mas logo foram invisibilizados. Em aula no instituto BRAVA,⁵ lembro que em certo momento iniciamos um debate sobre como os relatos dessas mulheres são vistos como uma história triste, mas é só isso. Elas, que dialogam tanto, são forçadas a se separar. O tempo e a sociedade apagam sua ligação, assim como a estigmatizam.

Carolina, por exemplo, fica associada à imagem de favelada. Em Casa de Alvenaria são diversas as vezes que ela coloca sua vontade de experimentar novas coisas, escrever sambas, ao que Audálio Dantas⁶ representa, por vezes, um obstáculo. Poucos sabem dos outros livros de Carolina, dos seus sambas.

Se a sociedade aceita a "ex-favelada", rapidamente a coloca no seu "devido lugar" através do racismo. A casa de Alvenaria chega, mas não pode ser no centro, porque lá não é lugar de preto. Algo semelhante ocorre com Françoise e Solange que, alcançando Paris, vão morar em apartamentos extremamente pequenos, ou mesmo sendo obrigadas a, apesar de suas formações como secretária e cabeleireira, respectivamente, a trabalhar como empregadas domésticas.

Durante o curso da instituição BRAVA foram os diversos debates sobre esse assunto, qual o limite entre a "dó" que seus relatos causam na sociedade e o "desassossego"? Qual o grau da inclusão da Carolina quando ela, até hoje, ainda é associada à favela?

4 Silvio Soares Macedo era Doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e professor nesta mesma instituição. Entre seus inúmeros trabalhos dentro e fora do laboratório da Universidade, seus livros, bancas, aulas, ensaios do coral e treinos no Cepe, Silvio dava início aos estudos em paisagismo dos alunos do primeiro ano da FAU, na disciplina AUP 650 Arquitetura da Paisagem. Infelizmente no início de 2021 Silvio Macedo faleceu em decorrência do COVID 19.

5 Curso Carolina e Françoise: escrevivência, inspiração e legado. Oferecido por Maria Carolina Casati, pós graduanda pela EACH USP.

6 Nascido em Alagoa, no município de Tanque D'Arca, Audálio Dantas foi jornalista, deputado federal e primeiro presidente eleito da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Enquanto jornalista, encontrou Carolina de Jesus e foi responsável por publicar os escritos da autora.

Os relatos delas não me causam apenas pena, mas causam raiva, me revivem experiências, as quais apresento também neste trabalho. Fazem-me questionar meu lugar na Academia e a profissão que escolhi, me fazem perguntar: estamos construindo uma cidade para quem?

É claro que França e Brasil, vivendo processos históricos tão diferentes, não podem ser encarados como um só, mas não é de surpreender (e talvez estarrecer), que esses países – antiga colônia e antigo colonizador – compartilhem processos de exclusão que discuto neste TFG, mas que, antes de mim, já foram evidenciados por Françoise e Carolina, fazendo com que a primeira decidisse escrever para a segunda, a despeito do idioma e do oceano que as separam. Elas eram irmãs.

É claro que havia diferenças entre elas: Françoise não estava na extrema pobreza como Carolina, ela tinha um círculo maior de apoio e trabalhava para fins “de experiência”, como ela diz no livro. No entanto o que me faz questionar ao longo da leitura é que, mesmo ela colocando que ela talvez não precisasse trabalhar, são constantes os exemplos que nos dizem justamente o contrário. O que me levou a pensar que talvez Françoise colocasse que não precisasse trabalhar em respeito ao lugar social de seu marido: ele era o provedor e não ela.

Nesse sentido, mesmo que ela tivesse que trabalhar, ela não o diria, nem mesmo à sua irmã, mesmo que ao longo do livro ela coloque as necessidades dos filhos e da família. Essa é outra marca social que passa ao fundo do livro de Françoise, além da discussão da mulher-negra-empregada, e também aparece no livro de Carolina: o lugar da mulher negra, tanto na sociedade branca, como na comunidade negra. Um matriarcado disfarçado de pa-

triarcado. A mulher negra é a base do sistema.

Foram diversos os momentos durante a leitura dos livros dessas duas mulheres que essa conclusão me veio na cabeça: a mulher negra é a base. E como Luciene fala tão bem, é inocente pensar que o sistema do opressor será o caminho da liberdade do oprimido. A abolição não representou efetiva liberdade aos escravos, os *bumidoms* não calcaram o sonho de ascensão social e econômica que prometeram. Eles não os fizeram, não por um acaso do destino, mas simplesmente porque não foram pensados nesse sentido. Eles foram instrumentos da elite para perpetuar ciclos de exclusão.

“E que essa voz seja de tal maneira articulada que até quem não viveu, não entenderia, seja tocado para não só se emocionar, mas de tão desassossegado, querer se movimentar no dia-a-dia.” Meu trabalho tem seu objetivo mais importante nesse trecho: o que eu quero é evidenciar um ciclo e conseguir o máximo de mãos para quebrar um processo, para combater um urbanismo que segrega. Dar voz à Carolina e Françoise, retirá-las desse espaço, que a sociedade as colocou, de subalternas, de pena. E reconhecer o lugar de mulheres que representam a resistência e evidenciam novas formas de encarar os espaços urbanos.

As bases e os tentáculos desse sistema sócio-racial, que encontra no Estado o auxílio aos seus tentáculos, têm sua construção desde a época da escravidão. Para explicar esses pontos é válido utilizar um dos vídeos que mais me tocaram durante a elaboração deste trabalho: “Boa Noite, família” do programa Greg News.⁷

O primeiro ponto que o programa aborda é a base do apagamento negro, sinalizado pelo sobrenome. Sobreno-

7 GREG NEWS. Boa noite, família. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghQ9Oa9fR3w&t=1299s&ab_channel=HBOBrasil.

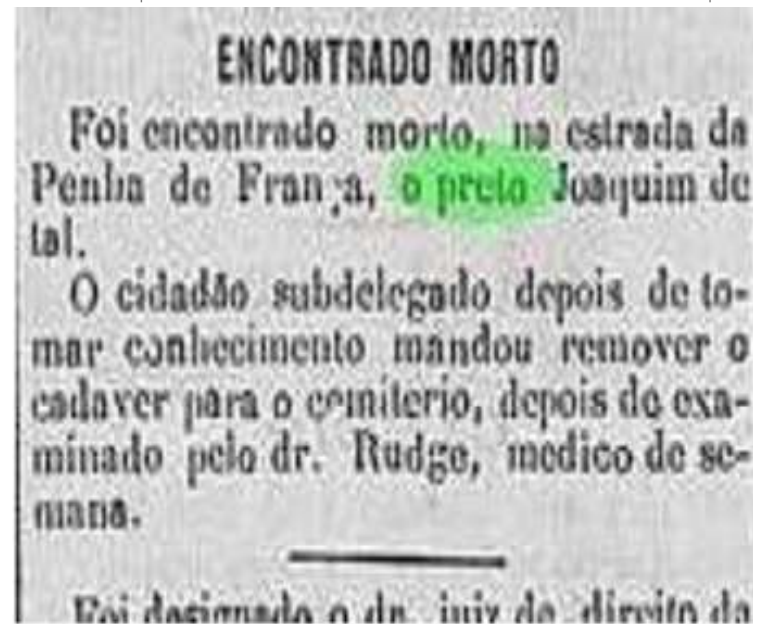
me como sinônimo de linhagem genealógica, história e pertencimento é um privilégio branco: “a verdade é que existe uma enorme parcela do povo brasileiro que não faz a menor ideia de onde os antepassados vieram. São pessoas cujas histórias foram apagadas e que não conhecem seus ancestrais: são os negros brasileiros.” (DUVIVIER, 2021)

O sobrenome no Brasil era símbolo de dominação. Segundo censo realizado pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea), em setembro de 2016, cerca de 87,5% dos trabalhadores do cadastro da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), tinham nomes de origem ibérica (de Espanha ou Portugal), o que evidencia um processo de dominação (cf. Nascimento, 2019). Ao chegar, os negros eram proibidos de utilizar seus nomes e, caso libertos, deviam utilizar o nome de seus senhores, sob risco de serem punidos com a re-escravidão.

De acordo com o historiador Rodrigo Bonciani (2017) apagar o nome e o sobrenome era sinal do processo de dominação, marcando a despersonalização do indivíduo. Ao chegarem às Américas, os negros recebiam o batismo cristão, no qual recebem novos nomes europeus genéricos (Manuel, João e etc) e sobrenome associado ao local de origem, etnia ou porto de chegada. (NASCIMENTO, 2019, p. 69)

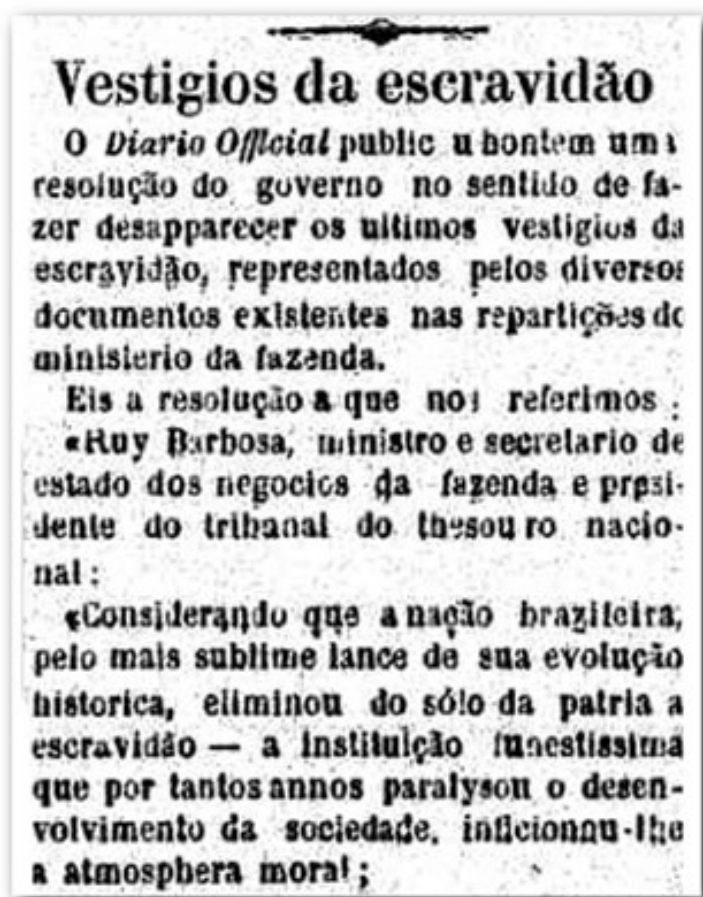
A partir da leitura do periódico “O Correio Paulistano”, durante o mandato de Antônio Prado, é possível perceber que os negros são tratados constantemente pelo primeiro nome e aparecem sobretudo nas páginas policiais. Essa ação corrobora a despersonalização do indivíduo negro e sua associação à violência. (cf. NASCIMENTO, 2019)

O anseio por se livrar da marca da escravidão na Repú-



Encontrado morto. 11/02/1890. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

blica é explicitado em 14 de dezembro de 1890, quando Ruy Barbosa assinou um despacho ordenando a destruição de todos os documentos relativos à escravidão. A república “era obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria e em homenagem aos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que com a abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira”. (O Estado de São Paulo – 19/12/1890).



Estadão, 19/12/1890

“Muitas palavras bonitas para defender queima de arquivo. No fundo Rui [Barbosa] estava preocupado mesmo com a possibilidade de fazendeiros, que se sentiam prejudicados, pedirem indenizações ao Estado”, coloca o apresentador Gregório Duvivier. Ações desse tipo não foram exclusivas de Rui Barbosa, Antônio Prado, conhecido por ter ajudado na elaboração da Lei Áurea, na verdade estava apenas protegendo a posição da elite e assegurando que a abolição não significasse prejuízos aos fazendeiros:

Nessa posição, foi escolhido para auxiliar na redação de leis como a Saraiva Cotegipe e a Lei Áurea, numa posição de estrategista, buscando as melhores ações para manter a estabilidade econômica e política de acordo com os desejos da elite. Como coloca Thomas E. Skidmore: “Antônio Prado, um dos mais ricos fazendeiros de São Paulo, [...] apoiou a emancipação incondicional em maio de 1888, ainda que no ano anterior se opusesse com ardor ao fim da escravidão” (SKIDMORE, 2012 apud NASCIMENTO, 2019, p. 79)

Para Alberto (2017) e Fernandes (2008) a abolição foi construída de forma a apagar o ex-escravo da sociedade. Ao contrário do que Rui Barbosa, então ministro da fazenda, coloca, os negros não seriam incluídos no seio da sociedade brasileira, muito pelo contrário. A imigração seria estimulada para substituí-lo, já que “[o manumitido] perdendo sua posição como mão de obra exclusiva, ele também perdeu todo o interesse que possuía para as camadas dominantes” (FERNANDES, 2008, p. 32).

Sendo assim um dos primeiros atos da República Brasileira é representativo sobre a posição do Estado e suas ações ao longo do desenvolvimento do país: um preterimento ao negro e um estímulo ao imigrante branco que, por mais pobre que fosse, chegava ao país com todos os seus documentos. Esse “apagamento” documental feito por Barbosa tem impactos até hoje, impossibilitando o conhecimento de nossas raízes.

Lembro que aqui em Paris, quando fiz minha primeira renovação de visto, ao conversar com a atendente, ela me disse: “você tem cara de quem veio do Senegal. Muitos irmãos foram levados para o Brasil durante a escravidão que tinha lá... Acho até que era a maioria... Você tem que

ir para lá, tenho certeza que você tem algum ancestral no país". Eu nunca esqueci dessa fala e como ela me deu um sentimento estranho, uma dúvida e curiosidade, que a muito eu já havia matado dentro de mim (impossível saber a composição da minha família, eu sabia que os mais antigos tinham sido escravos e só).

Eu percebo que na França a genealogia é forte, a ligação com os países africanos, com suas origens, é forte, a cultura é viva. O apagamento não foi arrasador como no Brasil, mas existe, por outro lado, uma visão muito forte de colônia e colonizador.

Os negros foram banidos até do nosso imaginário comum, excluídos até das narrativas de construção do país [...] Para os negros brasileiros, o Brasil, como bem explicou o historiador Luiz Antônio Simas, é e sempre foi um empreendimento de ódio.

O Brasil foi construído a partir do maior esquema de importação de gente escravizada de todos os tempos: pelo menos 4 milhões e oitocentas mil pessoas foram arrancadas de suas famílias, sequestradas, vendidas, e trazidas pra cá para trabalhar à força. E essas pessoas tiveram filhos, e esses filhos também foram obrigados a trabalhar à força. E os filhos desses filhos...40% de todas as pessoas escravizadas que foram levadas para as Américas, vieram pra cá, pro Brasil.

Só os negros africanos que morreram no caminho, nos porões dos navios a caminho do Brasil, foram o triplo do número de todas as pessoas escravizadas que chegaram nos Estados Unidos. Foi tipo um transplante de país.

(DUVIVIER, 2021)

No Brasil Colônia (até 1822) o número de escravos era quase o dobro do número de homens livres e ainda hoje os negros são maioria no nosso país, seja pelo IBGE (no qual em 2018, dos 20.7 milhões de brasileiros, 55.8% se declaravam pretos e pardos), seja pelo nosso DNA. Segundo pesquisa realizada pela USP sobre os genomas brasileiros, coordenada pelas professoras Lygia Pereira e Tabita Hunemeier, a herança materna e paterna dos brasileiros é bem diferente:

a maior parte da herança genética materna dos brasileiros tem origem africana (36%) e indígena (34%), enquanto a maior parte da herança genética paterna (75%) tem origem européia. Esse dado reflete o fato de que, durante a história do Brasil, os homens pretos, indígenas e de outros grupos étnicos não-brancos tiveram menos oportunidade de gerar descendentes, muitas vezes por conta da violência que sofreram e sofrem até hoje. Enquanto, no caso das mulheres pretas e indígenas, muitas nunca nem tiveram opção e acabaram por gerar descendentes através de situações de abuso, como sabemos que acontece desde o período colonial. (Jornal do Campus, 29/10/2020)

Essa é a herança do ódio e da violência que constituiu nosso país. A ideia de República não aceitava a ideia de escravidão, que é expressa no próprio hino da Proclamação da República:

Nós nem cremos que escravos outrora

Tenha havido em tão nobre País

Hoje o rubro lampejo da aurora

Acha irmãos, não tiranos hostis

Medeiros e Albuquerque e Leopoldo Américo, compositores do hino em 1890, expressam na letra a ambiguidade do poder público e da sociedade com relação à escravidão, que trazia vergonha, não pela exploração, mas pela presença da população negra após a abolição. A vida desse indivíduo continuou a ter nenhum valor, agora como homem livre, não houve nenhuma compensação por seus anos de exploração, muito pelo contrário. O Estado usou de seus meios para garantir a marginalização dessa camada social, sócio-espacialmente.

A ideia de República, como uma forma de governo que atende aos interesses gerais dos cidadãos, recusa uma ideia de diferenciação entre os representados. Por isso chama atenção, no hino, a ideia de irmandade, como se todos os brasileiros fossem iguais. No entanto, para mim fica clara mais uma ambiguidade: essa irmandade vem da exclusão desses ex-escravos ou da sua inclusão?

De acordo com Barone (2019) o Censo Demográfico de 1950 marcou o início de contagens desse tipo no país (antes haviam contagens, mas menos específicas, relacionadas apenas ao número da população), sendo também o primeiro a apresentar dados de raça associados aos municípios de São Paulo. Essa ação pode representar ao mesmo tempo a ideia de república, em que todos são iguais, muito ligada ao conceito de Harmonia Racial, mas também o esforço para não encarar a sociedade brasileira como de maioria negra.

Essa ideia de República, onde todos são iguais, é ainda muito forte na França, onde a Sociedade, acostumada a um embate geral de classes, ainda encontra dificuldades

para encarar os conflitos de raça e de gênero. A expressão dessa situação vem da lei nº 78-17 de 6 de janeiro de 1978 relativa à informática, dados e liberdades. Na seção 2, artigo 8 está escrito:

É proibido processar dados pessoais que revelem a alegada origem racial ou étnica, opiniões políticas, crenças religiosas ou filosóficas ou filiação sindical de uma pessoa física ou processar dados genéticos, dados biométricos com o objetivo de identificar exclusivamente uma pessoa física, dados relativos à saúde ou dados relativos à vida sexual ou orientação sexual de uma pessoa singular.

Esse asco pela palavra raça é reiterado quando, em 2018, o então presidente Emmanuel Macron expressa seu desejo de ver a palavra ser abolida da Constituição. Pouco tempo depois, a Assembleia Nacional iria retirar raça da Constituição, em uma luta contra a ideia associada ao nazismo, sem, no entanto, considerar as relações sócio-raciais que baseiam a sociedade francesa. Essa ação, ao mesmo tempo que significa uma ruptura com a ideia de nazismo, significa também um posicionamento de "ignorar" os embates raciais no país, uma deslegitimação da discussão sobre o tema.

A minha questão nesse ponto fica: como combater as diferenças sócio-raciais, como criar políticas públicas, se nos recusamos a aceitar que a própria sociedade faz diferenciações entre seus indivíduos, não de base biológica, mas sociologicamente. É, de certa forma, uma hipocrisia, na qual recusamos dizer raça, mas aceitamos eufemismos como "origem", mesmo quando falamos de pessoas nascidas na França, mas que tem características de outras nacionalidades.

Nesse sentido me chamam a atenção dois episódios: o primeiro é a entrevista de Thais d'Escufon com a atriz Irina Muluile; o segundo é o debate ocorrido durante a aula de sociologia da *École d'Urbanisme de Paris*, no qual os alunos discutiram qual a utilidade de realizar pesquisas de raça e gênero na França, se, ao separarmos entre ricos e pobres, já estaríamos abarcando essas questões.

Quanto à entrevista, realizada pela estação televisa Canal + em 16/10/2021, é interessante observar que a primeira questão que aparece é o espaço urbano. ***“Você não tem medo do 93”*** questiona Irina, ***“Medo? Não, mas não vou esconder que no trajeto para vir aqui, recebi alguns olhares estranhos e insistentes. Eu não estava muito à vontade, mas não, não tive medo”***, responde Thais.

Cabe aqui colocar que Thais é uma menina branca, cabelos pintados de loiro, olhos azuis, de 22 anos, militante da extrema direita e moradora de Toulouse. Irina possui 10 anos a mais que sua entrevistada, é uma mulher negra moradora do distrito de Seine-Saint Denis (departamento 93 ao qual ela faz referência), francesa, mas de origem familiar da República Democrática do Congo.



Thais d'Escufon. Fonte: France 3



Irina Muluile. Fonte: Canal +

Segundo a classificação a partir dos impostos dos departamentos mais ricos da França no ano de 2019, um estudo realizado a partir da declaração do imposto de renda, o departamento de Haute-Garonne (31), que inclui Toulouse, é um dos 15 mais ricos da França, enquanto Seine-Saint-Denis aparece na posição 93. A taxa de pobreza, segundo dados do Insee (2018) é de 28,4% para o departamento 93 e 13,3% para o 31.

Tendo esse rápido panorama em mente, é possível constatar que, mesmo ocupando momentaneamente o mes-

mo espaço, existem grandes diferenças entre as duas mulheres que estão sendo gravadas, diferenças urbanas, sociais e raciais. Ao longo da entrevista essa situação se torna ainda mais pungente.

Com a resposta de Thais à sua primeira resposta, Irina pondera: *“Mas de toda maneira, os olhares insistentes não seriam do fato de você estar na periferia, não?”* ao que Thais responde contundentemente: *“Todas as pessoas que já me insultaram, me seguiram na rua, que me fizeram me sentir insegura na rua, não eram branquinhos, com calças cáqui e sapatos de couro, não. Era mais uns ‘Rachid’⁸ ou outro.”*

O racismo e a expressão de estereótipos que essa frase nos evidencia é um processo histórico, que também aproxima São Paulo e Paris. Na metrópole brasileira, esse processo vem desde a abolição, quando o indivíduo negro passa a ser associado a um caráter degenerado, um elemento criminoso, perigoso, que *“não serve para a constituição de nacionalidade, por ser representante de raça inferior”* (A Raça Negra. O Correio Paulistano, 1890).

Em Paris percebemos um movimento semelhante, associando imigração à desemprego, insegurança e criminalidade. Esse estereótipo não atinge apenas os indivíduos, mas toda uma comunidade e território. Assim surgem termos como “ciganos”, que concentram em uma classe diferentes populações e culturas.

O espaço urbano continua a aparecer quando Irina questiona: Eu hoje quis te encontrar, porque eu me deparei com um vídeo seu, no qual a senhora explica ter pegado o metro e o trem e que percebeu que a senhora era a única branca. Eu utilizo frequentemente o transporte [público]

e isso não é algo que eu já tenha visto”.

Thais responde: *“Escute, talvez a gente não utilize o mesmo transporte. Eu habito à Toulouse... mais de uma vez, e mesmo regularmente, eu me dei conta que efetivamente havia extremamente poucos brancos no trem, às vezes nenhum e eu era a única, e é verdade que minha experiência na faculdade me fez encarar essa imigração de forma bem próxima. Geralmente são de populações que têm um sentimento de pertencimento muito mais próximo de sua identidade, que é própria dele. Eles utilizam de seus próprios costumes, hábitos e etc... e não se comunicam com as outras comunidades, que estavam lá antes deles e que não compartilham da mesma religião e etc”*

Nesse momento Irina interfere para demonstrar que a opinião de Thais não se relacionava com a sua realidade: “Mas isso não é verdade. Eu, quando cheguei na Banlieue...”, ao que Thais interpela *“mas então nesse caso ainda haveria brancos na banlieue!”*. Irina continua: “Eu quando cheguei na banlieue, eu habitava com uma portuguesa. Era multiétnico, a gente nunca teve esse problema, não é verdade.”

O debate continua:

Thais: *“Mas a maior parte das pessoas que habitam no banlieue são, de qualquer maneira, de origens.”*

Irina: *“Faça um tour então. Essa ‘maior parte’ está só na sua cabeça! É uma preponderância que querem te fazer crer, mas não é uma realidade. Eu estou te dizendo, de verdade, não é uma realidade.”*

⁸ Thais utiliza Rachid para designar árabes,

“Eu entendo que a senhora pôde viver bem na banlieue e etc...”

“Sim, mas eu não sou a única. Tem bastante gente como eu.”

“Sim, mas eu acho que se fosse eu a habitar na banlieue não seria a mesma coisa.”

“Mas claro que não, eu tenho diversos amigos brancos. Você acha que eu os encontrei onde? Antes de entrar na faculdade? Eu os encontrei na banlieue.”

Todo mundo se conhece, todo mundo se fala e essa é uma das coisas boas de uma cité!⁹ Depois a gente cresce e quer sair.”

“Para a população francesa que vive na banlieue, que hoje minoritária, porque ela foi expulsa das banlieues...”

“Expulsa das banlieue?”

“Sim, eles foram expulsos das banlieues sim”

“A senhora já foi em uma cité?”

“Em uma cité não, mas eu não acho que, por não habitar em uma banlieue, não temos direito de falar destes.”

“Sim...”

“Em segundo lugar eu estudei no quartier du Mirail,

que faz parte da banlieue de Toulouse. É isso o ‘viver junto’¹⁰ não dá certo e então essas pessoas devem retornar para a casa delas, porque hoje é impossível de habitar juntos. Eles não querem viver com a população francesa. Elas não querem e a única solução é essa ‘reimigração’, esse retorno aos seus países de origem de uma maioria de ‘extra-europeus’ presentes na França e Europa.”

“Mas e essas pessoas como eu, elas retornam para onde? Se a gente tem que retornar, nós retornamos para onde? Porque eu, eu sou francesa. Então eu vou para onde?”

“Sim, a senhora tem com certeza suas origens “

“Sim, mas não é minha casa. Minha casa é a França”

“Nesse caso, se te incomoda viver em uma França que é orgulhosa dela mesma, que é orgulhosa de seu passado e que afirma sua identidade...se não te incomodar, nesse caso não há problema.”

“E a senhora tem essa exigência também para os... para os franceses brancos?”

“Mas os franceses estão na casa deles. Os franceses estão aqui tem 1000 anos e ficarão ainda 1000 anos. É uma população estabelecida que existe. Eu acho que não podemos negá-la, existe uma população de origem francesa. No início, havia uma base...os franceses estão na casa deles, não vamos dizer para eles retornarem se eles estão na casa deles”.

⁹ Cité é usada nesse contexto para designar a área de banlieues.

¹⁰ Referência ao lema de *cohesion sociale* (coesão social), que é *vivre ensemble*.

“Nós não estaremos jamais de acordo, mas...”

“Mas é sempre interessante essa troca com todo mundo”

A transcrição do trecho da entrevista entre Irina e Thais se justifica pelo resumo que ele traz sobre o papel do Estado, espaço urbano e sociedade sobre a segregação sócio-racial em Paris, bem como os fenômenos de exclusão que aproximam Paris e São Paulo. Não é à toa que na conversa sobressaltam questões como a *“crise des grands ensembles”* (crise dos grandes conjuntos habitacionais), exclusão sócio-racial-urbana, territórios urbanos e racismo.

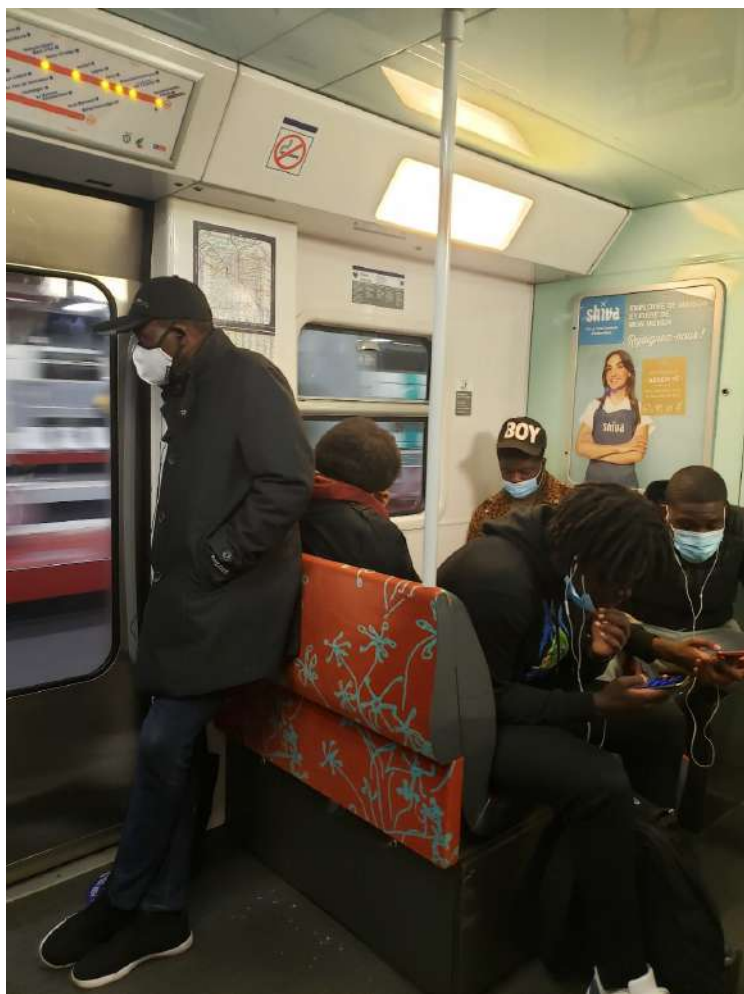
No começo do trecho, Thais fala sobre os transportes urbanos, onde se sentia isolada por ser branca. Aqui é possível trazer mais duas questões, sem questionar a veracidade de sua experiência: em qual região da cidade ela se encontrava? A que horas?

Diversas são as vezes que Thais cita essa situação em que “se via só como branca”, mas ela não especifica o local. Tampouco ela registra horários, ou mesmo intervalos de tempo, para quando ela observou esse panorama, que ela reitera que foi mais de uma vez.¹¹ Esses, no entanto, são pontos importantes para mim, pois o metro, conforme horários e locais, tem uma mudança expressiva de população.



Trem em direção à Marne la vallée, por volta das 18 horas. Fonte: Arquivo próprio

¹¹ Em 2020 Thais D' Escufon já havia expressado essa situação em entrevista ao site LesObservateurs em 05/08/2020. <https://lesobservateurs.ch/2020/08/05/thais-descufon-generation-identitaire-je-ne-voudrais-pas-que-mes-filles-aient-a-porter-le-voile-interview/>



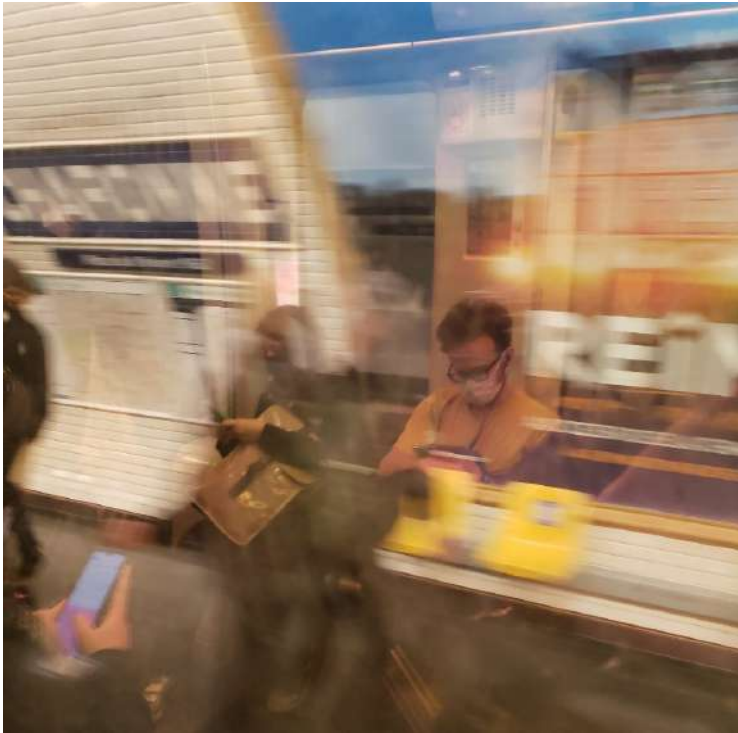
Trem em direção à Paris, saindo de de Marne la vallée, por volta de 8h. Fonte: Arquivo próprio



RER B em direção à Pantin, por volta de 18h. Fonte: Arquivo próprio

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) 73% dos imigrantes que chegam aos países do Norte¹² são trabalhadores pouco qualificados. A diferença racial que Thaïs evidenciou pode ser, na verdade, reflexo de uma lacuna socioeconômica, ou seja, havia mais imigrantes no transporte, pois eles estavam indo ao emprego.

A localização também é importante, pois Thaïs poderia estar em um local onde a maior parte da população era negra, em um horário de deslocamento ao trabalho. Não temos informações, mas também pode ser a expressão de uma divisão sócio-racial da cidade que não necessariamente expressa se em Paris ou na França inteira há mais imigrantes do que franceses.



Trem na linha 9 de Paris, por volta de 10 horas da manhã. Fonte: Arquivo próprio

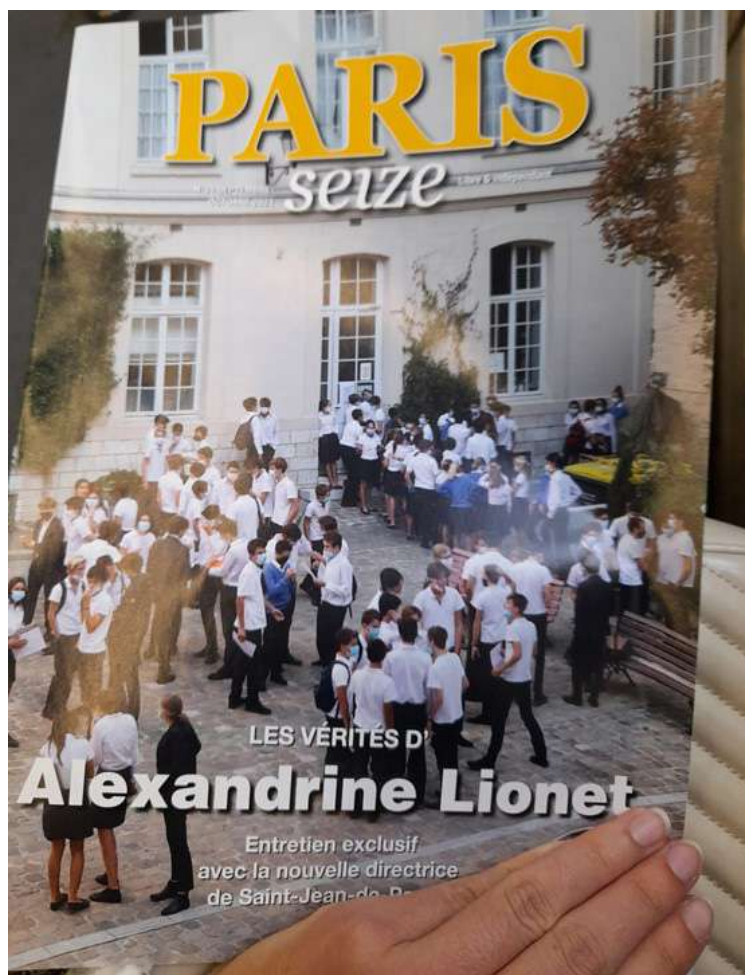


Trem Linha 9 de Paris, por volta das 16h. Fonte: Arquivo próprio

A ironia na entrevista de Thaïs reside no fato de que eu vivo Paris também racialmente, meus deslocamentos mudam de cor conforme me aproximo de determinados locais da cidade. A visão de Thaïs de um imigrante negro perigoso é recorrente, como por exemplo no jornal do

¹² Utilizo aqui a separação países do Norte e países do Sul para a divisão socioeconômica. Apesar dos conflitos que tenho com essa terminologia, os quais não poderão ser abordados neste trabalho, acredito que ainda é melhor que a separação entre "desenvolvidos, subdesenvolvidos e em desenvolvimento", que pressupõe um atraso e avanço entre países.

16^{ème} arrondissement Paris Seize (imagens abaixo), próximo ao Arco do Triunfo, no qual a imagem de periculosidade e criminalidade é associada à imigração.



Capa do jornal Paris Seize. Fonte: Leticia Martins.



Artigo Paris Seize. Fonte: Leticia Martins

A ideia do imigrante negro associado aos trabalhos de base também pode ser vista nas revistas. Artigo publicado em outubro de 2021 na revista *Challenges* debate uma das maiores questões hoje em dia na França, e que embasam a extrema direita no país: a imigração.



Propaganda revista Challenges em Paris. Fonte: arquivo próprio

O artigo da revista¹³ debate a situação da imigração na França, considerando que o problema do país não é a entrada de imigrantes, mas as barreiras que o país apresenta para esses indivíduos, muitas vezes desfavorecendo a permanência de populações qualificadas, que realizaram seus estudos na França, mas que não encontram meios de permanecer no país.

Assim, a relação entre imigrante e desemprego, palavra de ordem na extrema direita francesa, não expressa a verdade, mas sim a junção de estereótipos:

Mais polêmico do que nunca, o tema da imigração também se divide quanto aos seus efeitos sobre a economia. "Vocês são uma chance para a França", regularmente lança Emmanuel Macron para imigrantes e filhos de imigrantes.

Por outro lado, Marine Le Pen retoma a velha antífona de seu pai ao relacionar o desemprego e a chegada de trabalhadores imigrantes. "Com 6 milhões de desempregados e 10 milhões de pobres, a França não precisa apelar para a imigração", disse ela no final de setembro. Quanto a Eric Zemmour, repete quase palavra por palavra o discurso na Assembleia Nacional ao afirmar que "há um custo colossal da imigração" ... Sem nunca avançar um número preciso. (FARGUES, 2021)

A imigração tem um impacto positivo no PIB por habitante, considerando que os imigrantes possuem uma relação de complementariedade com os franceses, contando até com maior dinamismo. No entanto, ocorre na

¹³ FARGUES, Laurent. Immigration: un drame ou une chance pour l'économie? Challenges. https://www.challenges.fr/economie/immigration-un-drame-ou-une-chance-pour-leconomie_785807

França um efeito de suas políticas de imigração: com as barreiras existentes, parte da mão de obra imigrante qualificada sai do país, perdendo uma preciosa oportunidade de desenvolvimento econômico.

O efeito são que essas barreiras concentram uma mão de obra pouco qualificada, com menores salários, numa propagação de um efeito perverso, principalmente sobre as mulheres:

Na verdade, muitas vezes os imigrantes possuem competências complementares às dos não imigrantes, o que facilita o recrutamento pelas empresas e alarga o leque de perfis. Vários estudos universitários também mostram que os imigrantes são geralmente mais móveis no território, mais dispostos a se reciclar em novas profissões, ainda mais empreendedores. "A imigração, portanto, promove uma melhor distribuição dos fatores de produção, decifra um relatório da France Strategy, uma organização de pesquisa colocada com Matignon, mesmo que seja às custas da estabilidade profissional dos imigrantes." De acordo com um estudo da economista Cristina Mitaritonna cobrindo a França, um aumento de 10% no emprego de imigrantes em um departamento aumenta a produtividade do setor manufatureiro em 1,7%.

No entanto, a França não está na melhor posição para impulsionar sua economia com seus imigrantes. E por um bom motivo: sua imigração é proporcionalmente menos qualificada do que em outros países ricos e mais frequentemente desempregada do que o resto da população. Em 2020, 38% dos imi-

grantes não tem diploma, contra 19% dos não imigrantes (ver gráfico), e a diferença na taxa de emprego entre imigrantes e não imigrantes é de 18 pontos percentuais!

"O subemprego das mulheres imigrantes é particularmente acentuado no nosso país," salienta Cédric Audenis, vice-comissário geral da France Stratégie. "Uma melhoria no seu nível de atividade permitiria um crescimento".

Menos qualificados, os imigrantes ainda ocupam, em sua maioria, os empregos mais árduos ou mal pagos. Assim, representam 35% dos empregos domésticos, 28% dos cargos de guarda e segurança, 27% dos trabalhadores da construção e 19% dos funcionários de hotéis e restaurantes. Em seu estudo, o pesquisador Hippolyte d'Albis observa, porém, que ao aumentar a oferta de serviços pessoais (casa, creche, etc.), os imigrantes também promovem a atividade de mulheres não imigrantes qualificadas.

"O paradoxo é que, ao limitar a imigração econômica, a França se isolou dos trabalhadores imigrantes mais qualificados que outros países estão abocanhando", lamenta Hillel Rapoport, professor da Escola de Economia de Paris. "Nada é feito, por exemplo, para facilitar a instalação de estudantes estrangeiros após seus estudos." Entre 2000 e 2010, a contribuição dos imigrantes para o aumento da força de trabalho qualificada foi, portanto, de apenas 3,5% na França, contra mais de 10% no Reino Unido e 7,5% no Reino Unido. A imigração para a França também parece

menos diversificada do que em muitos países ricos, com uma sub-representação de pessoas da China, Índia ou Brasil. "É uma pena porque está comprovado que os imigrantes promovem o comércio e o fluxo de capitais com seus países de origem", continua Hillel Rapoport. (FARGUES, 2021).

A busca por especialização e emprego está entre as maiores demandas de visto, o que corrobora esse panorama. Segundo dados do Ministério do Interior, dos 277.406 vistos deferidos pela primeira vez em 2019, 90.502 foram por motivo familiar, 90.336 para estudantes e 39.131 por razões econômicas. Apenas 37.851 foram demandas de asilo.

Pode-se acreditar que essa situação poderia ocasionar em despesas para o Estado, mas isso não é verdade. Se os imigrantes pagam menos impostos, devido aos empregos menos qualificados, eles também têm acesso às piores aposentadorias. Além do mais, essa população utiliza menos os equipamentos públicos de auxílio social e saúde:

Na verdade, duas organizações - a OCDE e a CEPII - analisaram seriamente esta questão e ambas terminam com um custo de cerca de 0,3% do PIB, ou 7,3 bilhões de euros. "Nos últimos trinta anos, a imigração nunca representou um grande determinante do déficit orçamental", assinalaram também os deputados Stéphanie Do (LREM) e Pierre-Henri Dumont (LR) no seu relatório de avaliação, custos e benefícios da imigração. Sublinhando que "o impacto nas finanças públicas é um pouco mais negativo na França do que em outros países da OCDE devido à baixa taxa

de emprego de imigrantes e à escala redistributiva do sistema sócio-fiscal francês.

"Em termos de despesa pública, os pagamentos de pensões mais baixos compensam, grosso modo, os benefícios sociais adicionais em termos de assistência à habitação ou mínimos sociais", nota Cédric Audenis. O problema é que a sobre-representação dos imigrantes nas habitações sociais ou entre os beneficiários do RSA é mais visível e reforça a imagem errônea da imigração que é muito cara para a comunidade. E, neste assunto inflamável, a percepção às vezes pesa mais do que a realidade. (FARGUES, 2021).

Un faible niveau de qualification

► Niveaux de diplôme (répartition en %)

■ Immigrés ■ Non-immigrés



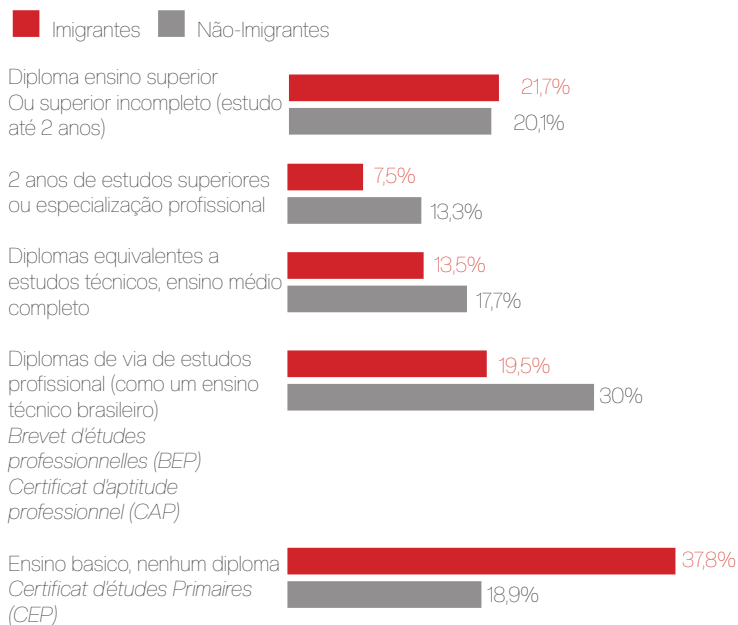
SOURCE : INSEE, 2020

La France n'est pas la mieux placée pour doper son économie avec l'immigration, car elle est moins qualifiée proportionnellement que dans d'autres pays riches.

Fonte: FARGUES, 2021

Um baixo nível de qualificação ¹⁴

Grau de diploma (em %)



A França não é a melhor colocada para impulsionar sua economia com a imigração, porque ela é menos qualificada em comparação à outros países

Diante desses dados, o que percebemos é que uma das questões que Thais na verdade busca abordar é o senso de comunidade que existe entre esses imigrantes, que ela observa como um risco para a cultura dita francesa. O que a incomoda verdadeiramente é qualquer expressão de comunitarismo, seja pela vestimenta, pelo idioma ou, ainda mais grave, pela religião (nesse ponto observamos um verdadeiro foco no islamismo).

A questão se foca, portanto, em uma radicalização cal-

cada na ideia de branco e outros. A cidade vivida por Thais é totalmente diferente da cidade vivida por Irina. Vamos isso pela ideia da primeira de que nas *banlieues* não há brancos, que eles foram expulsos, como se pessoas como Irina fossem um risco. O "francês" é associado ao branco, tanto que quando Irina reitera que ela é francesa, Thais parte para a suas "origens", deixando claro que Irina, mulher negra, não se enquadra no seu ideal de francês. Estes, brancos, estão no seu próprio país, Irina não.

A racização é explícita na conversa, apesar de Irina reiterar uma imagem da *banlieue* de partilha, de comunidade, Thais encara em dicotomia entre brancos e não brancos, eles e eu. Importante encarar nesse olhar como o espaço urbano vai se formando: os locais em que Thais se sente em risco, não são os mesmos para Irina, locais de amizade, convivência.

Não passa despercebido também quando Irina traz uma pequena percepção sobre a construção de territórios brancos e negros em Paris. ***"Eu tenho diversos amigos brancos. Você acha que eu os encontrei onde? Antes de entrar na faculdade? Eu os encontrei na banlieue"***, nesse momento podemos pensar que os territórios brancos não eram vividos por Irina na cidade, a única forma de verdadeira interação seria ou na *banlieue* ou no ensino superior.

Esse embate racial e urbano observado entre a conversa de Irina e Thais foi debatido, a partir de outra perspectiva, na aula de Sociologia, na *École d'Urbanisme de Paris*, na qual é debatido o texto "Chicago, experiência étnica" de Maurice Halldwachs. Durante o debate sobre o texto, uma das questões foi como trabalhar o espaço urbano

¹⁴ As traduções dessa tabela foram feitas de modo a facilitar a compreensão através da associação, em determinados aspectos, com semelhanças no sistema educacional brasileiro.

Mesmo com essas aproximações, os sistemas educacionais francês e brasileiro são diferentes, por isso os termos em francês foram mantidos

que expressa dinâmicas de raça, gênero e classe além da relevância ou não de realizar estudos estatísticos calçados em raça em Paris, por exemplo.

O debate foi fervoroso, pois havia o medo da palavra raça (que ainda é associada ao seu sentido biológico e, de certa forma, a um conceito nazista), mas também a questão de como lidar com a diversidade do espaço e suas "novas" demandas. O sentido de comunidades também foi debatido, comunidades como espaços ambíguos de segregação e agrupamento e o que elas representariam na sociedade francesa.

Não surpreendentemente eu e meu amigo Bernardo,¹⁵ algeriano, fomos os primeiros a colocar que a comunidade não era um risco para a cultura francesa. Era uma forma de sobrevivência e de conforto em um espaço, onde você não está confortável: o idioma é outro, as regras, a cultura.

Era impossível não se adaptar à cultura e à sociedade francesa, mas para isso era preciso o apoio de uma comunidade. No meu caso foram outros brasileiros e imigrantes na França, para Bernardo foi algo semelhante, com algerianos e imigrantes que, como nós, vivenciavam as dificuldades da burocracia francesa, das políticas de imigração e da permanência no país.

Nesse sentido seria importante encarar o racismo na sociedade francesa e estabelecer formas de atuação que consideram esses debates. Quando perguntada sobre as estatísticas étnicas e sua importância, respondi: é importante conhecer como a população de seu país é formada, quais são suas necessidades, e para isso relações

calcadas somente em classe não consideram todas as dinâmicas.

Trouxe o exemplo da favela de Paraisópolis, uma das maiores favelas da cidade de São Paulo.¹⁶ Enquanto trabalhei na favela, tanto durante meu estágio na Coordenadoria de Regularização Fundiária, na Secretaria de Habitação do Município de São Paulo, como quando fui voluntária pela FAU Social, era clara a situação de entrelaçamento de raça, gênero e classe: a maioria das casas tinham na mulher a chefe de família, eram comunidades pobres e em grande parte negras.

Na SEHAB a minha função era realizar mapas e documentações que auxiliassem a tomada de decisão sobre os diversos processos de regularização previstos para a favela. Como voluntária eu auxiliava mais de perto nesses processos, fazendo entrevistas e cadastramento das famílias, afim de entregar a documentação da moradia. Diante do papel da mulher nas famílias, a proposta era que as casas ficassem no nome das mulheres.

Jamais vou me esquecer quando, durante o cadastramento de um dos quarteirões de Paraisópolis, uma senhora se aproximou de mim e disse: ***Desiste daqui menina, Paraisópolis não tem jeito. Prometem, prometem e nunca fazem nada!*** Essa situação de abandono com relação ao Estado, de exclusão, de impotência foi experienciada por mim diversas vezes, não só com Paraisópolis.

Ainda na SEHAB quando estudei o Jardim Damasceno, ficou claro para mim o papel do Estado na perpetuação das moradias irregulares. O Jardim Damasceno, assim como Paraisópolis, tem um processo extenso de regu-

¹⁵ Nome alterado

¹⁶ VAZ, Luiza. Paraisópolis, 2ª maior comunidade de SP, completa 100 anos com festa e campanha de arrecadação. G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/16/paraisopolis-2a-maior-comunidade-de-sp-completa-100-anos-com-festa-e-campanha-de-arrecadacao.ghtml>

larização, que prevê a realocação da população devido ao risco de deslizamento e vazamento de gás. O local era um antigo lixão que foi ocupado, por falta de fiscalização da prefeitura.

Durante a aula coloquei essas questões, os locais pobres são os locais negros. As mulheres negras são a base de um sistema racial em São Paulo, mas também em Paris, e trabalhar o espaço urbano sem encarar essa realidade é perpetuar relações de exclusão social.

No entanto, o que faz muitos terem ressalvas com estatísticas raciais é o uso político que elas podem ter. "Não se pode considerar que não queremos falar de raça, mas temos que ter cuidado em como vamos abordar essa questão em um país como a França. É preciso uma análise interseccional, que considere uma multiplicidade de estatizações sociais: ser negro e imigrante é diferente de ser negro e francês. Porém ambos sofrem racismos", pondera a professora Anne Jarrigeon.

Nesse sentido relembro a entrevista de Sara, quando ela colocou a diferença entre ela e uma colega de Martini-que. Ambas eram negras, mas seus pais tinham status diferentes: antilhanos são considerados franceses, legalmente, mas o Mali não. As diferenças de cor de pele são presentes, mas a nacionalidade traz outras dinâmicas. Mas em ambos os casos o Estado tem papel essencial.

Eu considero que a sociedade francesa tem particularidade na questão da raça, principalmente na sua relação com imigração. A França, com expressão ainda maior de Paris, vive a realidade de um país que, com histórico colonizador, vive as dicotomias de uma economia globalizada, uma pós-colonização e um nacionalismo baseados na proteção da cultura francesa. Por isso, é preciso sim ter cuidado sobre o tema, mas é impossível continuar

ignorando que a sociedade francesa é racializada, não no sentido biológico, mas sociologicamente. É impossível, então, pensar políticas públicas considerando "indivíduos cinzas", sem raça, gênero, mas apenas classe.

A racização que é vivida pela população não branca em São Paulo e em Paris é uma realidade. Gregorio Duvivier no episódio "Boa Noite, família", relata essa racização, que permite que, por exemplo, enquanto os números de assassinatos no país sofreram uma queda de quase 13% em 2020, os assassinatos de negros subiram 11, 5% em 10 anos (Atlas da Violência 2020).

O homicídio é a principal causa de morte de jovens e estes são em maioria negros. "A distorção é enorme, a ponto de a população negra ter 3 vezes mais chance de ser assassinada que a branca". A população negra sofre um processo paulatino de apagamento e genocídio, que, por ser frequente e duradouro, quase já não causa alvoroço na opinião pública. A população negra sofre com o apagamento e o descaso.

Seus bebês tem o maior índice de mortalidade infantil. Se conseguirem acesso à escola, terão mais experiências violentas e, nas busca por saúde, moradia e alimentação, estão entre o grupo de maior risco:

"a população negra, em geral, tem menos acesso a serviços de saúde, tem piores condições de vida, de moradia e também menor acesso a saneamento básico. Por isso tudo são também os que mais apresentam casos de hipertensão e diabetes, que fazem parte do grupo de doenças que mais mata no Brasil.

Para piorar, o próprio Ministério da Saúde já admitiu a existência de racismo no SUS, que se reflete em exames e diagnósticos incompletos, recusa de se tocar o pacien-

te e até desprezo em emergências (DUVIVIER, Boa noite, família. 2020).

Chama-me a atenção como a saúde aparece tanto em Paris como em São Paulo como uma linha divisora da racialização. Durante todo este trabalho, tenho procurado estabelecer um olhar interseccional dessas questões, não no intuito de reiterar diferenças, mas de acordar políticas públicas eficazes para uma situação extrema.

"Há no Brasil mais de 11 milhões de famílias monoparentais, 90% delas tem mulheres como responsáveis do lar, 68% dessas mulheres são negras", coloca Duviver. Isso significa que os jovens negros estão sendo assassinados, quase diariamente escutamos na televisão notícias de assassinatos, a maior parte deles são negros, mas essa constatação já não choca. Segundo pesquisa realizada pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e pelo Senado Federal, 56% da população brasileira concorda com a afirmação de que "a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco", ou seja, a morte negra não causa revolta. Como diria Elza Sores, a carne mais barata do mercado é a carne negra.

A morte de jovens negros, sistematicamente, nas periferias, não causa choque, não causa o choque... como deveria causar. O assassinato de pessoas.

Estima-se que de todos os jovens mortos nos últimos anos, 77% sejam jovens negros. O fato do encarceramento em massa atingir pessoas negras e jovens negros, isso não

causa espanto. O fato de pessoas negras frequentarem certos ambientes e isso causar espanto, também demonstra o quanto nós naturalizamos a ausência de pessoas negras também em certos locais.

Nesse tema, relacionado ao assassinato de jovens negros, podemos associar o papel da violência policial e analisar aqui os eventos que tomaram conta do debate mundial, muito motivados pelo assassinato de George Floyd.¹⁷ Apesar da maior visibilidade em 2020, a violência policial, o racismo e a atuação do Estado no extermínio de populações "indesejadas" não são especificidades atuais.

No Livro *La Force de l'Ordre* (A força da ordem, em tradução livre) Fasssin, Debomy e Raynal (2020) apresentam, na forma de quadrinhos, algumas das experiências de Fasssin (que se tornariam um estudo de mesmo nome) durante suas análises sobre a relação entre polícia e bairros populares de Paris, fundamentadas no dia-a-dia BAC (Briagada anti-criminal). O autor tem uma conclusão clara: a soma de embates sócio-raciais, metas a cumprir na atuação da polícia imprimem uma fundamentação racial em muitas ações da Brigada.

¹⁷ George Floyd era um cidadão afro-americano que foi assassinado em Minneapolis no dia 25 de maio de 2020, em uma intervenção policial. Sua morte desencadeou diversos protestos que se alastraram em escala nacional.

Reunidos pelo título de Black Lives Matter, esses protestos denunciavam a situação de racismo dos negros, a violência policial e evidenciaram uma escala mundial nessas discriminações.

< POLÍCIA NACIONAL BRIGADA
ANTI CRIMINALISTA >

<Um antigo responsável do serviço departamental de ordem pública dizia que normalmente uma alcateia produzia mais danos indo ao terreno do que resolvia >

UN ANCIEN RESPONSABLE DE SERVICE DÉPARTEMENTAL D'ORDRE PUBLIC DISAIT QUE C'ÉTAIT SOUVENT « UNE MEUTE QUI PRODUISAIT PLUS DE DÉGÂTS EN ALLANT SUR LE TERRAIN QU'ELLE NE RÉGLAIT DE PROBLÈMES ».



MAIGRÉ CES DÉBORDEMENTS, LES BAC JOUISSSENT D'UN STATUT PARTICULIER DANS LES COMMISSARIATS EN RAISON DES INTERPELLATIONS QU'ELLES OPÈRENT.

< Apesar dos excessos, as BAC [Brigadas Anti Criminalista] gozavam de um status particular entre o comissariado pelas prisões que elas operam >

< Segundo um alto funcionário do ministério do interior, "elas eram a menina dos olhos de seus superiores porque eram elas que produziam números" >

SÉLON UN HAUT FONCTIONNAIRE DU MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR, « ELLES SONT LES BIEN-AIMÉES DE LEURS SUPÉRIEURS PARCE QUE CE SONT ELLES QUI FONT DU CHIFFRE ».



AUTREMENT DIT, CE SONT ELLES QUI FONT LE PLUS D'INTERPELLATIONS.

< Como dito, são elas que fazem as prisões >

< Desde então, ainda que as BAC estejam na origem da maioria das mortes ligadas às intervenções de forças de ordem, elas permanecem no centro do dispositivo de segurança pública >

DÈS LORS, BIEN QUE LES BAC SOIENT À L'ORIGINE DE LA PLUPART DES DÉCÈS LIÉS À DES INTERACTIONS AVEC LES FORCES DE L'ORDRE, ELLES RESTENT AU CŒUR DU DISPOSITIF DE SÉCURITÉ PUBLIQUE.

« ELLES SONT UN MAL NÉCESSAIRE », DÉCLARAIT LE COMMISSAIRE D'UNE GRANDE CIRCONSCRIPTION DE POLICE DE BANLIEUE.



< "Elas são um mal necessário", declarou o comissário de um grande distrito de polícia da periferia >

< Os emblemas desenhados pelas BAC refletem suas relações tensas com os bairros populares, >

LES ÉCUSSENS DESSINÉS POUR LES BAC REFLÈTENT AINSI LEURS RELATIONS TENDUES AVEC LES QUARTIERS POPULAIRES,



JUSQUE DANS LA REPRÉSENTATION D'UN POING DÉCLANCHANT UN ÉCLAIR AU-DESSUS D'UNE CITÉ, QUI NE MANQUE PAS DE RAPPELER LA TRAGÉDIE DE CLICHY-SOUS-BOIS.

< até na representação de um punho desencadeando um raio sobre uma cidade, que não cansa de lembrar a tragédia de Clichy-sur-Bois >

< As BAC foram criada no meio dos anos 1990, num período no qual o discurso de segurança social se impunha cada vez mais no mundo político >

LES BAC ONT ÉTÉ CRÉÉES AU MILIEU DES ANNÉES 1990, DANS UNE PÉRIODE OÙ LE DISCOURS SÉCURITAIRE S'IMPOSANT DE PLUS EN PLUS DANS LE MONDE POLITIQUE.



LEUR NOMBRE N'A CESSÉ D'AUGMENTER DEPUIS LORS.

< Seu número não parou de aumentar desde então >

< Suas ações estão concentradas principalmente nos bairros populares, e notadamente nos conjuntos de habitação social >



LEUR ACTION EST PRINCIPALEMENT CIBLÉE SUR LES QUARTIERS POPULAIRES, ET NOTAMMENT LES CITÉS DE LOGEMENT SOCIAL.

CONTRAIREMENT AUX AUTRES POLICIERS, QUI SONT EN UNIFORME, CEUX DES BAC SONT GÉNÉRALEMENT EN CIVIL ET CIRCULENT EN VÉHICULE BANALISÉ.

< Contrariamente às outras polícias, que são uniformizadas, as BAC se vestem como civis e circulam em veículos comuns >

< Esses agentes são temidos pelos habitantes dos conjuntos >

CES AGENTS SONT REDOUTÉS PAR LES HABITANTS DES CITÉS.



« LES JEUNES N'ONT PAS PEUR DE LA POLICE DANS LA VOTURE SÉRIGRAPHIÉE, MAIS ILS ONT PEUR DES POLICIERS DE LA BAC PARCE QU'ILS SAVENT TRÈS BIEN QU'ILS IRONT JUSQU'AU BOUT », OBSERVAIT UN REPRÉSENTANT SYNDICAL NATIONAL.

BÉNÉFICIAIRE D'UNE GRANDE AUTONOMIE, CES POLICIERS PEUVENT FACILEMENT SE LIVRER À DES ABUS DE POUVOIR.

< Beneficiando de grande autonomia, esses policiais podem facilmente se permitir abusos de poder >

< "Os jovens não têm medo das polícias em viaturas oficiais, mas tem medo dos policiais das BAC, porque sabem muito bem que eles vão até o fim", observou um representante sindical nacional >

Assim, não são poucas as mortes causadas pelos embates policiais, como em Clichy-sous-bois,¹⁸ em 2005, Villiers-le-Bel¹⁹ (2007) e muitas outras que se seguiriam. Durante o confinamento na França, em 2020, a Anistia Internacional, organização internacional de defesa dos direitos humanos, emitiu um alerta sobre as violências policiais durante a pandemia, baseadas na discriminação ligada ao local de residência e ao status sócio-racial (situação já denunciada por Fassin, quando relacionada a violência às *banlieues* e à população imigrante).

o som da gravação permite ouvir a polícia formular insultos de natureza discriminatória. Em 26 de abril, na Île Saint Denis, um policial descreveu a pessoa presa como "*Bicot*"²⁰ : "um bicote como esse, não nada", "Você devia ter enganchado uma bola no pé dele". Em Torcy, em 19 de março, um policial troca insultos com um vizinho que estava assistindo a cena. O policial usa insultos homofóbicos ("*tafirole*", "*Baltringue*") e usa observações discriminatórias ("retornar ao seu país") (AMNESTY INTERNATIONAL, USO ILEGAL DA FORÇA E PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS: ANÁLISE DE CERTAS PRÁTICAS DE FORÇA DA LEI DURANTE CONTENÇÃO, 2020)

18 Os incidentes em Clichy-sous-Bois estão ligados à morte, em 27 de outubro de 2005, de dois adolescentes, Zyed Benna e Bouna Traoré, eletrocutados em um centro de energia, onde entraram para fugir de um controle policial.

Protestos se seguiram a esse episódio, culminando por vezes em confrontos com as forças policiais francesas. Essa violência, que começou na noite de 27 de outubro de 2005, deu início aos distúrbios de 2005 nos subúrbios franceses.

19 No domingo, 25 de novembro de 2007, um carro policial, em velocidade, colide com dois adolescentes andando de moto. A violência do choque é fatal para os dois jovens: Moushin Sehhouli e Laramy Samoura, com 15 e 16 anos, respectivamente. Como resultado do incidente, os policiais saíram de cena sem fazer nenhuma proteção ou observação.

20 *Bicot*, termo pejorativo para designar uma pessoa árabe.

< De fato, os jovens, quando nós chegamos, eles correm, mas eles não sabem nem mesmo porquê. Nós os pegamos e os levamos para o posto policial, e lá descobrimos que eles não fizeram nada >

< Nós perguntamos "mas por que você correu?" Você não tem ideia, deve ser um reflexo pavloviano [aprendido] >



< Deve ser o mesmo reflexo que faz os policiais correrem para segui-los >

< A experiência ensinou a esses jovens que não basta não ter feito nada para escapar dos controles, das revistas e, as vezes, das prisões >



< Outubro de 2005, Zyed e Bouna, eletrocutados em Clichy-sous-Bois >



< Novembro de 2007, Moushin e Laramy, atropelados em Villiers-le-Bel >



Arquivos Le Parisien. Confrontos entre policiais e habitantes em Clichy-sous-bois.



Protestos em Villiers-le-Bel em novembro de 2007. L'Express.



Protestos em Villiers-le-Bel em novembro de 2007. L'Express.

A própria atuação da polícia identifica em Paris determinados territórios e relaciona a eles características de cidadania e civilidade conforme a população habitante. Assim, tratar Paris por territorialidade é sim, de certa forma, tratar o espaço urbano por comunidade e agrupamentos conforme características de religião, nacionalidade, cultura.... ou seja: há uma racialização da população.

Um caso que posso colocar aqui de como a violência policial me atingiu perto foi com relação às *bindovilles* próximas da minha casa, em Champs sur Marne. Na ocasião estava em intercâmbio na *École d'architecture de la ville et des territoires Paris Est* e cursava a disciplina *Bindovilles*, oferecida pela professora Pascale Joffroy. Durante o ano debatemos como era o processo de regularização das *bidonvilles* em Paris, as políticas públicas a elas focalizadas e as necessidades e composição de seus habitantes.

Segundo Mathilde Coridier, não são todas populações que podem escolher os territórios onde querem habitar, nem como, o que nos explica a formação das *bidonvilles*. Segundo Cordier (2021) as desigualdades sociais em ter-

mos de percurso habitacional se traduzem também espacialmente, pois os mais ricos podem selecionar locais com acumulação de benefícios, enquanto os mais pobres são obrigados a se distanciar do centro.

Isso faz com que, de acordo com Mathilde (2021), 22% da população francesa, no hexágono europeu, esteja em situação de habitação inadequada. Essa situação, associada a uma produção insuficiente de HLMs faz com que a população tenha poucas opções de moradia, sendo obrigada a se dirigir ao mercado de aluguel de habitações insalubres, os chamados *hôtels du 15* (número de emergências do Estado para os sem abrigo), super ocupação de habitações ou mesmo às *bidonvilles* e *squats* (que segundo Mathilde tem sido a opção mais utilizada por imigrantes ilegais)

Na disciplina de Pascale Joffroy encaramos um agrupamento de imigrantes de diferentes nacionalidades, com crianças e bebês. Sem acesso aos equipamentos públicos de saúde, educação ou auxílio, eles moravam dentro da floresta, se aqueciam o quanto podiam e viviam sob o medo da expulsão, mesmo durante a chamada *trêve hivernale*.²¹

Durante o semestre realizamos dois trabalhos: a construção de um banheiro público em Saint Denis e de um abrigo de inverno/escola em Champs sur Marne. A professora explicava a situação de abandono e o sentimento de "enclausuramento". As crianças não tinham acesso à escola pela falta de domicílio fixo, as famílias não tinham acesso aos auxílios do governo (seja por falta de informação, medo ou burocracia), saúde ou alimentação.

²¹ Segundo o site oficial da administração francesa, a chamada "trégua de inverno" é quando, durante esse período, geralmente entre novembro e março do ano seguinte, os despejos não podem ocorrer, sendo adiados. Essa trégua, no entanto, não se aplica ao posseiro que ocupa uma residência (*squats*) e por vezes também não se aplicam às *bidonvilles*.

Os *squatteurs* são pessoas que ocupam um lugar (moradia, garagem, terreno, etc.) após entrar ilegalmente. Em seguida, é necessário registrar uma reclamação na polícia e solicitar a sua saída.

Para o caso de Champs sur Marne, o abrigo funcionaria como uma pequena escola para as crianças e uma oportunidade de inserção social, pelo aprendizado do idioma e acesso à educação. A estrutura era simples e foi construída por nós, alunos da disciplina, e voluntários da Organização SystemB.



Construção de banheiro em Saint Denis. Arquivo SystemB



Abriço de inverno Champs sur Marne. Arquivo SystemB

A disciplina foi uma oportunidade para discutir as diferenças entre Brasil e França no que se refere às habitações precárias, as ações do Estado e a resistência da população. Segundo Mathilde (2021), a partir de entrevistas com pessoas em situações de habitação precária, a questão pode ser analisada seguindo de 3 pontos principais: o sentimento de racismo institucional; sentimento de abandono pelo poder público; e, como resultado dos dois anteriores, o sentimento de falta de recursos (sejam jurídicos, seja pelo poder de escolha, seja pela qualidade de vida).

O trabalho realizado durante o semestre, que foi interrompido devido à pandemia de COVID 19, tornou-se um curta, difundido pelo canal France 3²² intitulado *Des jeunes se mobilisent pour que des enfants Roms puissent étudier* (Os jovens se mobilizam para que as crianças sem abrigo possam estudar, em tradução livre). Ao assistir ao vídeo, a surpresa: a escola havia sido destruída pela polícia pouco após sua construção.

O projeto da escola nasceu para pré-escolarizar as crianças que estavam nas *bidonvilles* e que não estavam na escola (...) Eu fiz meus estudos na escola de arquitetura de Marne la Vallée e a escola é situada num campus contornado por florestas, onde vivem numerosas famílias Roms, desde 2010. Nós começamos então a ir à essas *bidonvilles* para compreender como essas pessoas viviam.

Dorina [líder da ocupação] compreendeu o projeto e o apoiou grandemente, assim como outras famílias [...] tornou-se então uma verdadeira demanda dos habitantes, de ter esse

espaço e além disso, os pequenos progridem em uma velocidade enorme.

Nós queremos só continuar a fazer as aulas, a ter esse local de comunhão com eles, que eles sintam que estaremos sempre lá e que não iremos deixá-los na mão...

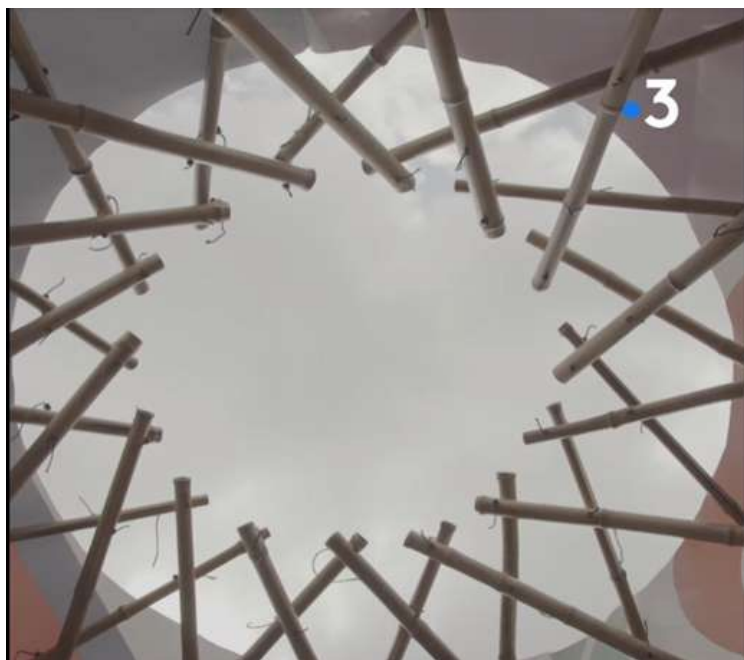
A presença da escola fez com que a *bidonville* cresça, representando cerca de 300 pessoas à época, que se esconderam durante certo tempo, como acontece a cada vez que ocorre uma expulsão, e que voltaram e, assim que nós os reencontramos, eles nos disseram: **“A escola, A escola, A escola!!!”**

Nós nos perguntamos então **“como faremos uma escola para o inverno?”** A escola foi destruída pela polícia com uma verdadeira violência. Foram os habitantes que nos ligaram dizendo **“eles estão destruindo a escola, o que faremos??”**

Quando chegamos no local no dia seguinte, não estava apenas vagamente destruído, como a gente pensava, que possibilitava a gente consertar, estava totalmente destruído, irreconstituível àquilo que era antes.

O caminho é muito longo, até o momento todas as nossas construções foram destruídas, Nós raramente conseguimos ganho de causa, mas ainda há esperanças.” (*Des jeunes se mobilisent pour que des enfants Roms puissent étudier*, 2021)

22 [https://www.francetv.france-3/la-france-en-vrai/2797245-emission-du-lundi-20-septembre-2021.html?fbclid=IwAR2HjgM_5dbEJOjtLskY3QiuiKvXl3jzPQKXooAQ5bvcX_XeBgEZfQ7I3IM#xtor=CS3-1040-\[france3\]-\[lafrancenvraiejeunesrom\]-\[\]-\[\]](https://www.francetv.france-3/la-france-en-vrai/2797245-emission-du-lundi-20-septembre-2021.html?fbclid=IwAR2HjgM_5dbEJOjtLskY3QiuiKvXl3jzPQKXooAQ5bvcX_XeBgEZfQ7I3IM#xtor=CS3-1040-[france3]-[lafrancenvraiejeunesrom]-[]-[])



Pascale Joffroy e Juliette Hennequin. Champs sur Marne. France 3



Crianças e construção da escola. France 3



Dorina em Champs sur Marne. France 3



Destruição Da bidonville e suas estruturas. France 3



O relato mostra para mim uma imagem muito potente: o papel de liderança feminina e a violência do poder público. Por um lado é latente o papel das mulheres na construção, na liderança da ocupação: Pascale, Dorina, Juliette... representam nelas uma resistência constante e preenchimento de um espaço deixado pelo próprio Estado. Esse embate é recorrente quando o governo aparece de forma punitivista, destruindo as estruturas básicas sem, no entanto, oferecer alternativas para o sustento e a inserção desses moradores.

Nas entrevistas que fiz com Dorina, ficou claro que existe um "limbo político" que perpetua um ciclo de exclusão. A sensação que tive, compartilhada por outros amigos à época, é uma ação progressiva de apagamento e expulsão dessa população, um problema que não é resolvido, mas apenas "removido", deslocado para outro local, outra região, para que o Governo local já não tenha que lidar com a questão.

Diante da ação do Estado, o que resta a essa população, - de origens tão diversas, mas que é agrupada pejorativamente sob o nome "ciganos" - é se agrupar em comunidade. Lembro bem quando perguntei a Dorina como eles se comunicavam, considerando os diferentes idiomas e nacionalidades. Ela me disse: "se eles falam algo que eu não entendo, a gente usa a mimica. Comunicar não é tão difícil".

E de todas as histórias aqui contadas o que me sobressai é esse sentido de família, se comunidade, que ultrapassa os laços de sangue. Minha família, Carolina e Françoise, Sara com seus pais, irmãos, amigos são relações que formam um sentido de "estar no mesmo barco", uma rede de apoio que, se por um lado mostra uma imagem bonita de comunhão, por outro lado é resultado de um processo de apagamento e do papel punitivista do Estado.

Quando o poder público é ausente ou pouco eficaz, o que nos resta é contar com os nossos.

Em um momento em que o governo é tão claramente racista e excludente quanto no mandato de Bolsonaro - como podemos ver não só pelas políticas e discursos, mas também pelas imagens difundidas pelo presidente e seus filhos - o papel de liderança, de proteção, fica na população e para mim é impossível não falar no papel das mulheres nesse momento.



Eduardo Bolsonaro 🇧🇷 🇺🇸 @Bol... · 15 de nov ...
Torcendo para que a decisão seja justa, logo, ele seja absolvido.



Rafa Glau @GlauRaf4 · 15 de nov
Hoje é dia de argumentos finais da defesa e acusação no Julgamento de Kyle Rittenhouse.

2 horas pra cada lado com 30 minutos de resposta pra cada. E aí o caso vai pra mão do júri decidir.



325

135

1,2 mil



Tweet de Eduardo Bolsonaro em 21/11/2021 com relação ao julgamento de Kyle Rittenhouse, que matou dois manifestantes antirracistas em Kenosha, Winsconsin, durante os protestos de Agosto de 2020 do movimento Black Lives Matter

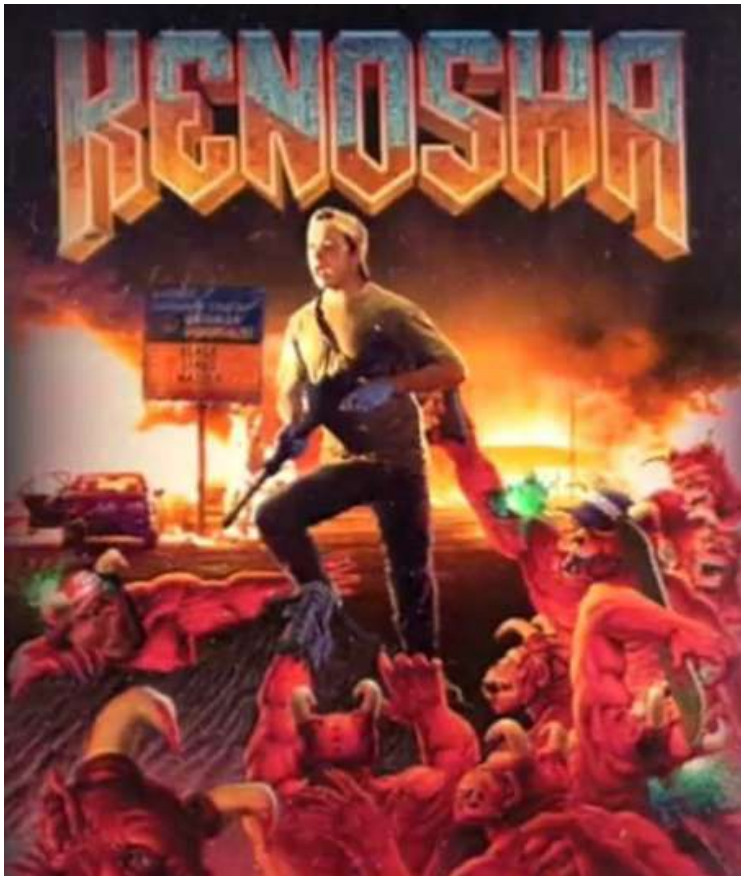


Imagem difundida por Eduardo Bolsonaro, a qual colocar os manifestantes negros como demônios e Kyle Rittenhouse no papel de herói.

Em todas as histórias aqui colocadas, a mulher tem papel central, mesmo em uma sociedade dita patriarcal. São as mulheres que, como coloca França, oferecem colo, são também elas, como na minha família, que oferecem o papel de procura de alternativas, de liderança, como com minhas avós.

A raça não pode ser desconsiderada nesse contexto, porque é essa racialização que cria os laços, a partir do compartilhamento de experiências de opressão. Foi também isso que uniu minha história à de França e Carolina.

na, esse laço assusta a elite branca, porque é uma união forte, resistente, combatente e potente.

Por isso olho com uma visão crítica o fato que na publicação de 1978 do livro de França em nenhum momento Carolina de Jesus, à quem França tratava como irmã, foi citada. Em nenhum momento explica-se quem foi Carolina de Jesus e o conteúdo de seu livro que tanto tocou França. O inverso também é verdade: no Brasil o livro de França só foi traduzido esse ano (2021).

Assim vejo nessa situação a marca da elite que, permitindo a voz das subalternas, tenta separá-las. Carolina fica conhecida pela favela, mas poucos conhecem seus outros livros, seus sambas. França é marcada pela sua luta, mas poucos conhecem seus livros. Dos que as conhecem, são poucos os que têm ciência dessa conexão.

Acredito que essa é a força do meu trabalho, a resistência a um sistema que nos separa e quer controlar nossas vozes. Meu trabalho busca expor uma problemática, mas mais do que isso procura unir histórias de mulheres negras, mulheres fortes, explicitar os caminhos percorridos e os espaços construídos. Reiterar que há esperança e que os laços nunca estiveram mais fortes.

Para Gregório Duviver é esse sistema racista que obriga a população negra a expandir o conceito de família para o coletivo "na adversidade, quem está mais próximo de você precisa virar sua família":

... então toda a sua rede vira a sua família. Todos os seus espaços de socialização viram a sua família. Não é a toa que os bairros do, abre aspas, asfalto são chamados de bairros e as periferias, morros e favelas são chamadas de comunidades.

Foi esse sentido de família expandida que definiu nossa produção cultural mais rica. Não é a toa que o próprio samba nasceu de reuniões musicais que aconteciam na casa da Tia Ciata, que era Tia de todos os que frequentavam a sua casa, como muitas das mulheres pretas que abrigavam comunidades inteiras em seus terreiros e quintas. (DUVIVIER. Greg News. 2021)



Tia Ciata. Fonte: geledes.org

O samba é a música da diáspora, dessa grande família negra que se perdeu pelo mundo, que se juntava para cantar suas dores para lembrar suas histórias, para dançar o seu corpo coloca Gregório Duviver. O samba foi perseguido ao longo da história (cf. SILVA, 2020), punido como uma cultura degenerada ligada a população negra e avessa à imagem de modernidade prevista pelos administrados públicos. Assim a população e todos os traços de cultura, convivência ou sociabilidade dos manumitidos foram paulatinamente expulsos do centro da cidade (cf. NASCIMENTO, 2019; SANTOS, 2019).

Em um panorama geral, percebemos que uma das raízes do nosso país, por mais dura que essa constatação possa parecer, é o ódio. Uma aversão ao elemento negro que causou o seu apagamento do espaço urbano sofrendo tentativas contínuas de apagamento na própria sociedade e um genocídio que não foi barrado na abolição (vide o caso da Liberdade que, conhecida como um local de histórico marcado pela presença negra desde a escravidão, hoje tem esse passado apagado em prol de uma imagem de bairro asiático).

Nesse sentido, me preocupa os fenômenos de exclusão sócio-racial que são compartilhados por São Paulo e Paris, que permitiram que mesmo tão distante Françoise se enxergasse em Carolina, Sara se relacionasse com Mathieu e eu me conectasse a todos eles. Paris precisa abordar as relações sócio-raciais que possui, a exclusão e o racismo que se desenvolvem em sua sociedade. Olhar para as feridas de forma a curá-las.

Com esse intuito este trabalho procuro expor essa realidade, não para expor culpados, num sentido de punição e ligada ao passado, mas no sentido de responsabilidade, de enxergar dinâmicas e, ao invés de negá-las ou justificá-las parcialmente, reconhecer ações e buscar a

mudança.

Enquanto estivermos em um sistema radicalizado, que nos inferioriza, haverá resistência e essa resistência reside na união. Não é a toa que o conceito de família e comunidade apresentado ultrapassa o sangue. O coletivo negro da FAUUSP, por exemplo, traz em seu nome a expressão dessa força de união e combate. Somos companheiros, estamos no mesmo barco: Malungo.



4.1. *Entrelinhas. Histórias que se relacionam*

Um dos maiores receios que tive ao longo deste trabalho foi que minhas observações sobre Paris, São Paulo, Françoise, Carolina e até mesmo minha família fizessem parte de um olhar individual sobre as questões sócio-raciais dos dois países. E, tendo consciência de todas as dificuldades do debate sobre raça (e mesmo do uso da palavra) na França, tinha medo de comparar países tão diferentes, desconsiderando seus históricos, realidades socioeconômicas. Ter um olhar “viciado” sobre Paris e suas dinâmicas, que me impedisse que encarar também as peculiaridades dessas questões.

Assim, além do livro de Françoise e das entrevistas com Sara e Mathieu, também realizei uma pesquisa online divulgada em São Paulo e Paris entre agosto e novembro de 2021. As enquetes tinham as mesmas perguntas (em português, inglês e francês) e possibilitaram perceber que minhas experiências não eram únicas.

A ligação entre Carolina e Françoise ainda podia ser observada pelos relatos e pelas respostas ao questionário e é por isso que dedico esse momento para a sua análise.

Os questionários foram respondidos por pessoas que de alguma forma fazem parte do meu círculo social – colegas estudantes, seus amigos e familiares. Neste sentido, não pretende ser uma pesquisa abrangente com resultados universalizáveis. Mas sim, uma fonte de dados e relatos que podem elucidar algumas das questões analisadas aqui.

4.1.1 São Paulo:

A primeira característica a nos chamar a atenção é a faixa etária das pessoas que responderam à enquete. Em São Paulo apenas cerca de 17% eram nascidas entre 1959 e 1993, sendo os 83% restante indivíduos entre 19 e 27 anos, a maior parte brasileiros. Apenas 1 pessoa assinalou que era naturalizada brasileira (era nascida em Portugal).

Esses jovens em sua maioria são estudantes universitários, nascidos e moradores de São Paulo. Entre a naturalidade, as seguintes cidades apareceram:

- São Paulo (Região Metropolitana): 70,3%
- São Paulo (Estado):
 - » Campinas: 1,1%
 - » Presidente Prudente: 2,2%
 - » Ribeirão Preto: 3,3%
 - » Itu: 1,1%
 - » Jandira: 1,1%
 - » Marília: 1,1%
 - » Piracicaba: 1,1%
 - » Santo André: 1,1%
 - » Santos: 1,1%
 - » São José do Rio Preto: 1,1%
 - » Suzano: 1,1%

- Sudeste Brasileiro:
 - » Rio de Janeiro (RJ): 2,2%
 - » Belo Horizonte (MG): 3,3%
 - » Pouso Alegre (MG): 1,1%
 - » Camanducaia (MG): 1,1%
- Centro-Oeste Brasileiro:
 - » Brasília (DF): 1,1%
- Nordeste Brasileiro:
 - » Caetité (BA): 1,1%
 - » Vitória da Conquista (BA): 1,1%
 - » Fortaleza (CE): 1,1%
- Internacional:
 - » Lisboa (POR): 1,1%
 - » Paris (FRA): 1,1%

Todos os entrevistados moram em São Paulo, tendo em vista que essa era a única especificação para responder ao questionário. No entanto, por serem em sua maioria estudantes universitários, as moradias são, em geral, próximas as instituições de ensino, como a USP.

De todas as respostas, 70,7% era mulheres, 27,1% eram homens e 2,2% se reconheceram como "outros". Quanto à sexualidade, destes 20,66% eram bissexuais, 46,8% heterossexuais, 31,44% homossexuais e 1,1% outros. Em outras palavras, a amostra era formada por uma maioria heterossexual, habitantes das zonas Sul e Oeste de São Paulo, jovens e universitários.

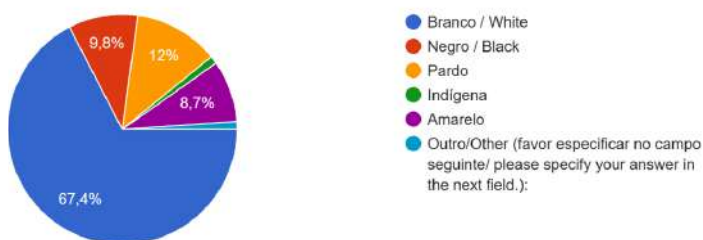
Na questão de cor e raça, não surpreende que a maioria dos respondentes se declarem como branca, se relacionando assim às caracterizações anteriores. 8,7% dos indivíduos se caracterizaram como "amarelo"; 9,8% consideram-se negros; 12% pardos; 1,1% indígena; e 1,1% mestiço (branco e amarelo). Ou seja, 67,4% das respostas eram de pessoas brancas.

Quando relacionamos raça e localização percebemos que grande parte dos negros habitam entre o centro-velho, Zona Leste e Zona Norte, enquanto os brancos estão mais próximos do dito centro-novo, da Zona Oeste

e Zona Sul. A análise de Flavio Villaça (2012) encontra eco aqui, quando analisa o desenvolvimento do Quadrante Sudoeste que, com mais infraestrutura urbana, é o local de moradia com maior taxa de brancos e menor taxa de negros.

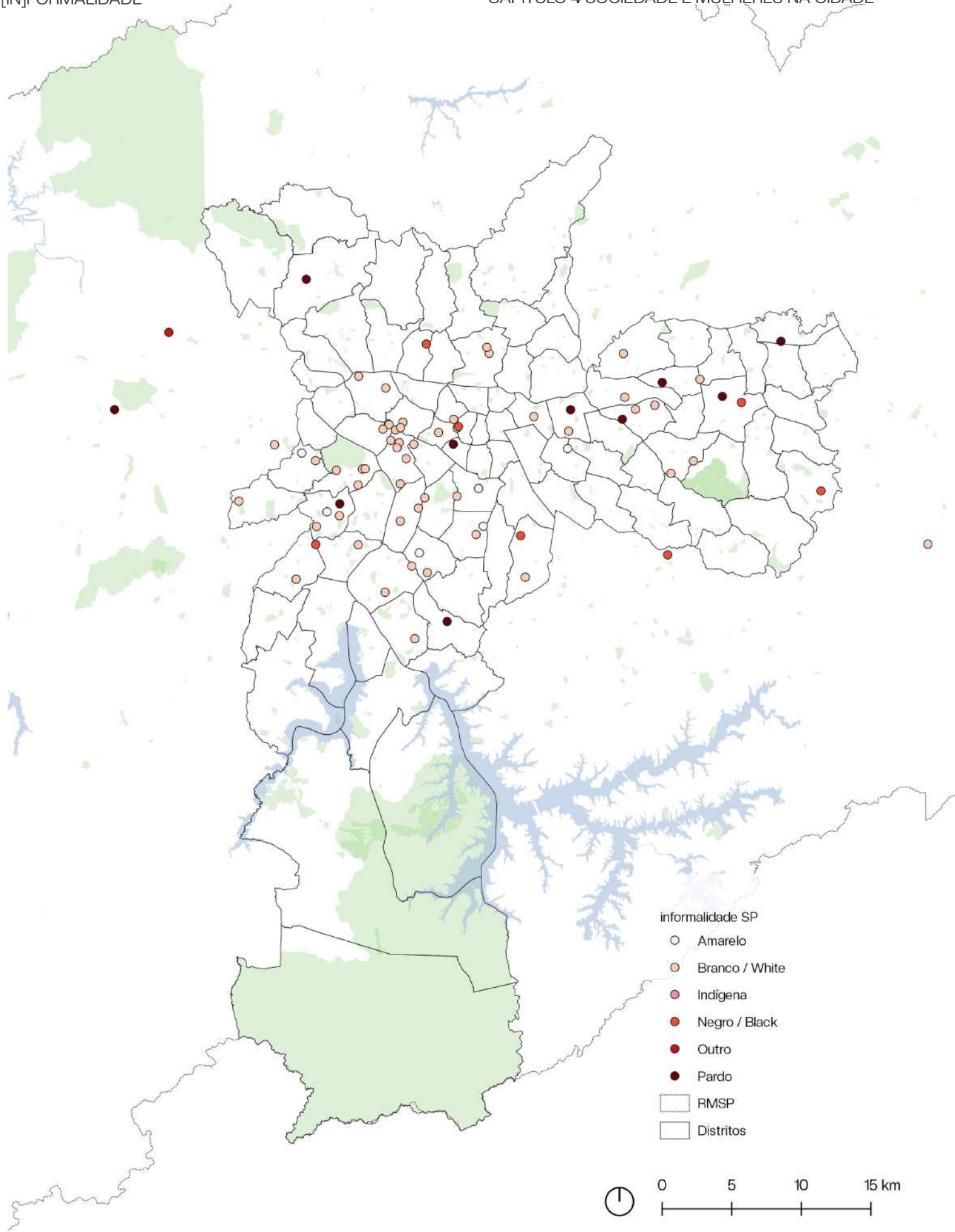
Quanto à renda, 54,3% indicaram que tem uma renda familiar de mais de 6 salários mínimos, 23,9% entre 3 e 6 salários mínimos, 7,6 entre 2 e 3 s.m., 4,3% entre 1 e 2 s.m., 3,3 entre 0 e 1 s.m., 3,3% não possuem renda e 3,3% preferiram não informar seus rendimentos. De acordo com a classificação do IBGE, na qual as classes D e E seriam aquelas abaixo de 4 salários mínimos (considerando aqui aqueles que se colocaram até 6 salários mínimos), temos 48,7% de brancos, 37,9% de negros e pardos e 13,4% de amarelos, entre eles os negros e pardos se encontram entre aqueles com menores salários, enquanto os brancos e amarelos estão nas faixas mais altas (com maior taxa de brancos).

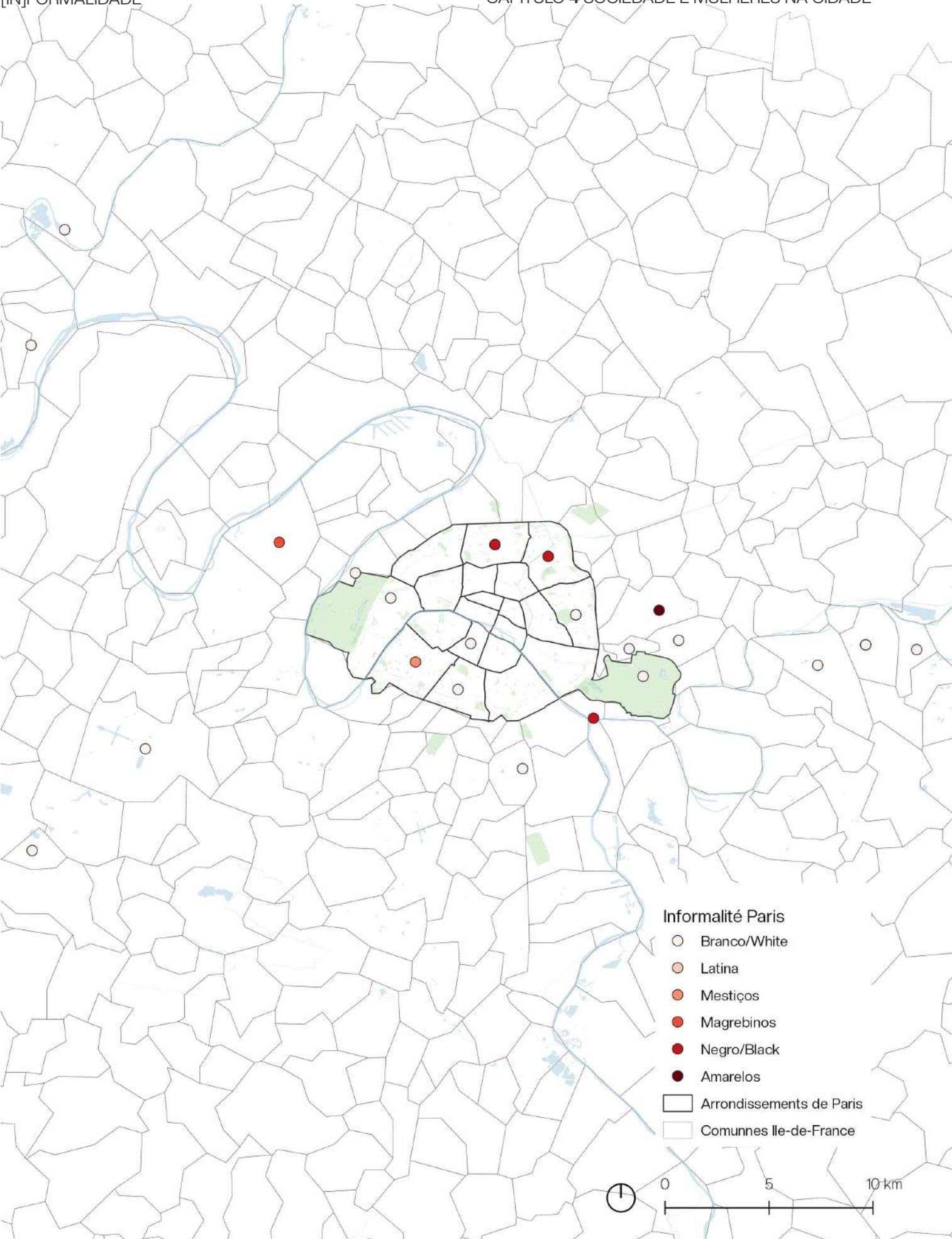
Cor ou Raça/Race
92 respostas



Qual a renda da sua família?/What is your family income?
92 respostas







38% dos entrevistados afirmaram possuir uma religião: destes 44,3% são católicos, 20% são cristãos, 20% espíritas, 9,3% evangélicos, 3,2% judeus e 3,2% outros (católico e espírita). Entre as respostas, grande parte eram brasileiros. Apenas 2,2% eram estrangeiros e entre todas as respostas 67,4% dos entrevistados moram na casa de terceiros, 22,8% possuem casa própria e 9,8% alugam uma residência em seu próprio nome.

Entre aqueles que moram na casa de terceiros, 65,6% são brancos, 23% são negros, 9,7% amarelos e 1,7 indígenas. Os brancos são a maioria dos que possuem casa própria (25% negros, 10% amarelos e 65% brancos) e dos que alugam em seu próprio nome (12,5% negros para 87,5% brancos).

Quanto aos auxílios do Estado, 92,4% afirmou não receber nenhuma ajuda do governo, enquanto 7,6% afirmara receber. Nesse ponto é interessante observar que apenas 1 pessoa considerou a Universidade Pública como um auxílio do Estado (um subsídio), 28,6% colocaram que receberam auxílio emergencial, 14,3% pensão, 28,6% passe livre e 14,3% Vale Alimentação+Auxílio Uniforme+Material escolar.

79,3% responderam que possuem plano de saúde privado, enquanto 20,7% apontaram o uso único do SUS. Dos que têm plano de saúde 15,3% são negros ou pardos, 8,4% são amarelos, 1,4% são mestiços e 74,9% são brancos.

Quando a pergunta é "você já se sentiu discriminado", 45,7% responderam sim. Destes 39,02% são brancos, 19,51% são amarelos, 2,44% mestiços e 39,03 são negros. Entre aqueles que consideram não ter sofrido nenhum tipo de discriminação apenas 8,2% se declararam pretos ou pardos.

Entre os relatos de discriminação de **brancos** estão:

*As experiências que mais me marcaram foi na escola, sofria **discriminação por ser nordestina**, pelo meu nariz e meu cabelo cacheado (que estava **"fora do padrão de beleza"**). Nesse caso sofria discriminação de forma verbal e também de exclusão social. Também já fui subestimada e no ambiente de trabalho, familiar e acadêmico **por eu ser mulher**. Não sei se é a abordagem mas também já sofri assédio físico e verbal.*

Homofobia

*Discriminação por causa de **religião**, me sinto desconfortável pois as pessoas sempre associam o espiritismo ao ritual de "macumba", ou **magia negra**. Ou então associam aos orixás como algo ruim por desconhecimento.*

*Discriminação por causa de **religião**, me sinto desconfortável pois as pessoas sempre associam o espiritismo ao ritual de "macumba", ou **magia negra**. Ou então associam aos orixás como algo ruim por desconhecimento.*

*No exterior, por ser brasileira, e no Brasil, por ser judia (por meio de **comentários antissemitas**).*

*Passei por 2-3 situações desconfortantes por ser **ateu**, quando morei na casa de um amigo durante o ensino médio, por conta da família dele ser extremamente tradicional e religiosa, em uma abordagem na rua e em outro momento na minha própria família*

Microagressões de motivação xenófoba: comentários negativos a respeito do meu sotaque, sugestões de que nordestinos são “burros”. **Homofobia** era comum no ensino fundamental: comentários negativos direcionados aos meus trejeitos afeminados, etc

Sou cadeirante e uma vez fui abastecer o carro em um posto de gasolina e aproveitei para calibrar as rodas da cadeira de rodas. Informe ao frentista que eram 90 libras em cada roda e ele não somente duvidou de mim por ser mulher e **não entender “sobre coisas de homem”**, como colocou apenas 60 libras nos pneus da cadeira, sendo que o pneu aguenta até 145 libras. Só descobri porque outro frentista chamou atenção dele.

Conversas com estrangeiros que achavam que eu, **por ser mulher e brasileira**, necessariamente era super sexy por natureza ou colocaram em cima de mim esse preconceito, mesmo sem eu ter dito nada.

Por ser um **homem gay**, muitas vezes já sofri com xingamentos ou olhares atravessados na rua. Sinto que nos momentos em que me apresento mais afeminado ou usando roupas que não necessariamente respondem ao padrão imposto essas atitudes se tornam mais frequentes.

Grau de escolaridade e união com homem negro .

Minha sexualidade: aceitação dos meus pais e situações desagradáveis em festas

Entre os relatos de discriminação de **negros e pardos** estão:

Discriminação racial

Homofobia

Minhas experiências com a discriminação aconteceram majoritariamente pela **minha orientação sexual**. Além das várias “pequenas” discriminações naturalizadas no dia a dia, já tive uma experiência pesada, na qual **um homem heterossexual branco me deu um tapa no rosto no meu caminho do estágio para o metrô, porque segundo ele eu falava igual um “viadinho”**.

Piadas sobre baiano que acontecem com frequência nos círculos sociais aqui em São Paulo, **perseguição por ser negra, discriminação por ser LGBT**

Racismo na escola;

Ser vigiado em lojas;

Ser ignorado por atendentes em lojas.

Xenofobia, discriminação por causa da **religião**

Raça

Inúmeras vezes quando eu era criança ouvia falar que meu **cabelo era ruim** “**bom bril**” tanto de adultos, quanto das próprias crianças e eu sempre tive muitos complexos quanto ao meu **peso**, eu sentia que **só as minhas amigas eram olhadas** por outros meninos por serem magras.

Cor da pele e religião

A maioria das experiências de que me lembro foram durante o ensino básico, não era incomum ser **chamado pelos colegas de macaco** ou ser alvo de piadas sobre minhas orelhas, nariz, cabelo. No ensino médio isso ocorreu, mas com muito menos frequência e não chego a me lembrar de nenhuma situação específica. Tanto na França quanto no Brasil eu não passei mais por situações do tipo desde que saí do EM.

Sempre me senti mal com o meu cabelo e tinha vergonha de ficar muito bronzeada

Fui discriminada pelo meu cabelo.

Cor da pele, já fui discriminada em shoppings, outros espaços públicos, faculdade, escola...

Entre os que se consideram **amarelos**:

Sendo **mulher descendente** de japoneses, frequentemente sou importunada por **assedio verbal** (alguém gritando palavras japonesas e chinesas aleatórias, chamando de ‘japinha’ ou fazendo qualquer outro comentário sobre meu corpo)

Pessoas puxando os olhos ou usando sotaque para me imitar, a expectativa de ser uma pessoa inteligente, tímida, educada, obediente (**o estereótipo japonês**)

Por muito tempo fui a única amarela na minha escola (até o ensino médio), sofri diversos tipos de “brincadeiras” em relação ao meu **sobrenome**, meu **fenótipo**, até mesmo a **comida tradicional** que eu levava para lanchar. Na rua já me mandaram **voltar “para meu país”, sendo que nasci aqui**. Em relacionamentos amorosos, já escutei que era “**exótica**” ou encontrei homens não amarelos que só saiam com amarelas e fetichizadas todas.

Ter descendência asiática

Sempre tem pessoas desconhecidas que se referem a mim como **japa, chinês, etc**. Além disso tem todo o **estereótipo de japonês bom aluno, bom em matemática, e tals**.

No geral quando morei na França por ser brasileira (ex: ser barrada no aeroporto de forma humilhante e ter a bagagem espalhada pelo chão após verem a origem do passaporte)

Nesse ponto é importante colocar que a palavra chave que permite analisar todos os relatos é: interseccionalidade.²³ Mesmo se tratando de uma amostra não representativa da população brasileira, é possível perceber as diversas facetas da discriminação presentes e como elas permitem a relação entre diferentes grupos racializados. Entre os relatos dos declarados brancos, a discriminação está ligada a gênero e sexualidade, bem como à religião (o que nos remete ao conceito de “efeito branco”, no qual toda ação ou cultura dissociada ao ideal branco é racizada) e xenofobia pela migração ou mesmo imigração.

Entre negros e amarelos, aparece o racismo, tendo uma diferença entre o racismo dito positivo (asiáticos são mais inteligentes, obedientes e etc) e um racismo negativo. De mesma forma, nos relatos também é possível observar recortes de gênero, sexualidade e classe, permitindo um encontro dos relatos com os daqueles que se consideram brancos.

Entre os negros e pardos, os relatos são todos marcados pelo racismo, mas também o preterimento e a solidão da mulher preta,²⁴ a xenofobia, o preconceito com religiões não enquadradas nos moldes tradicionais cristãos, a gordofobia e a construção de um estereótipo de beleza, que nega toda característica ligada à população negra.

Entre os amarelos, o racismo vem na forma de um estereótipo ligado à inferiorização disfarçada de aspectos positivos, além do sexismo ligados às mulheres e a aversão à cultura asiática. Não só, é possível também observar a violência no agrupamento de diferentes culturas a partir da fenotipia (japoneses, chineses e etc. Algo que permitiu, por exemplo, agrupar a África em diferentes nações du-

rante a colonização ou tratá-la como um só país). Grace Ly, no podcast *Kiffe ta Race*, fala sobre isso como uma carga mental, a preocupação em não reiterar estereótipos, ao mesmo tempo que a sociedade os espera de você.

Entre amarelos e negros é importante também ressaltar o peso das micro agressões, do racismo diário que não é previsto legalmente como crime, mesmo que represente uma grande carga racial para essa população. Também importante colocar o grau de inserção social desses grupos na sociedade atual, chegando ao ponto de colocar em dúvida a cidadania do indivíduo (*Na rua já me mandaram voltar “para meu país”, sendo que nasci aqui*).

As questões seguintes se referiram focalizadamente às experiências urbanas, sobre os territórios da cidade e os equipamentos públicos disponíveis. Quanto à segurança, aqueles que se consideram como amarelos atribuíram boas notas:

23 Interseccionalidade ou interseccionalismo é um conceito utilizado na sociologia, que se refere à situação de pessoas que vivenciam simultaneamente várias formas de estratificação, dominação ou discriminação em uma sociedade. Em outras palavras, existe uma somatória de diferenciações, não uma relação de hierarquia.

24 Falar de solidão nesse caso é também falar de interseccionalidade, já que essa solidão é resultado do racismo e do sexismo existente na sociedade;

Tabela: classificação das avaliações de infraestruturas urbanas por raça.

	Segurança	Saúde (disponibilidade de farmácias e hospitais próximos) and hospitals) :	Disponibilidade de espaços públicos de lazer (parques, espaços verdes, etc.)	Educação (escolas, creches, etc.)	Disponibilidade de serviços (centros comerciais, mercados, etc.)	Transporte
AMARELO	8,5	9	9	9,5	10	10
BRANCO	8,5	5,5	5,5	8	8	9
NEGRO	5,5	6,5	6	6	6,5	7
PARDO	7	8	8,5	7	8,5	7,5
INDÍGENA	7	7	4	8	5	3
MESTIÇO	2	6	3	8	8	7

Fonte: Questionários respondidos para esse trabalho via GoogleForms.

Em uma primeira análise, é possível observar uma diferença racial nas percepções da cidade. Negros, pardos, mestiços e indígenas têm médias menores na avaliação urbana do que amarelos e brancos. No entanto apenas a análise superficial proposta aqui não é suficiente para explicar, por exemplo, por que em saúde brancos marcaram a menor avaliação, assim como para espaços de lazer. Além do mais, os dados desconsideram características de gênero e localidade.

Nesse sentido, vale ressaltar que as mulheres foram as que marcaram as menores avaliações de segurança urbana. Esse fato me chamou a atenção sobre o sexismo presente na cidade, o machismo que gera insegurança para a mulher no espaço urbano e escancara que a cidade é construída por homens. Uma sociedade machista e patriarcal, o que contrasta com a população (que tem 51% de mulheres) e o papel social das mulheres, debatidos aqui.

As mulheres são em muitos casos as chefes de família, são as responsáveis por uma dupla jornada trabalho-casa, mas ao mesmo tempo são eclipsadas por uma realidade sexista, que torna o ambiente urbano inseguro conforme seu gênero e também sua sexualidade;

Quanto aos espaços de lazer e equipamentos públicos, percebemos entre os brancos e amarelos as melhores notas. Essa informação associada à lista de bairros, permite concluir que estes grupos estão nas melhores localidades da cidade. No entanto, os indivíduos brancos que colocaram notas ruins nesses aspectos são aqueles que moram longe do centro, nos bairros e cidades periféricos à metrópole de São Paulo.

Entre negros, pardos, indígenas e mestiços as melhores notas são dos que vivem nos bairros mais centrais, como Bela Vista. No entanto, entre negros, a maioria dos formulários se encontra nas áreas mais distantes do centro.

Quanto ao acesso ao transporte e aos locais de concentração de infraestrutura, foi colocada a questão: Você concorda com a frase “Não me importo de morar a quilômetros do centro, desde que a viagem dure menos de 30 minutos”. Dos entrevistados, 53,3% estão de acordo com a resposta, enquanto 46,7% discordam da colocação.

As respostas mostram que o transporte é relevante, mas apenas isso não é suficiente, ou seja, a desigualdade reflete sim no tempo de deslocamento, causando desgastes. Vivendo em áreas com maior concentração de equipamentos e infraestrutura urbana, as elites têm uma vantagem sobre o desgaste nos deslocamentos diários (VILLAÇA, 2012). No entanto, apenas encarar as dinâmicas urbanas pela distância centro e periferia é insuficiente para trabalhar as questões sócio-urbanas de São Paulo.

Sobre essa questão, os relatos reforçam os diversos obstáculos gerados pelo espraiamento da mancha urbana, que normalmente não é acompanhado por infraestrutura urbana adequada:

Indivíduos que se consideram **amarelos**

moro numa casa muito “bem localizada” e que está passando por um processo de valorização pela classe média, mas não temos carro e isso torna o local menos seguro em comparação a quem só se locomove com carro. também não propicia grandes melhorias no transporte público (está piorando com os cortes de trajetos das linhas, inclusive), e os pontos de ônibus mais próximos estão a cerca de 600m de distância

Minha cidade é muito segura, mas a parte de lazer e cultural é fraca.

Indivíduos que se consideram **brancos**

São Paulo é uma boa cidade pra quem tem dinheiro, caso contrário ela consegue ser bem hostil.

Não moro apenas em São Paulo. Desloco-me constantemente entre Santos e São Paulo há 6 anos e confesso que nunca me acostumei com as coisas aqui (distâncias, contrastes etc.).

Mudar do Rio pra São Paulo foi uma das melhores escolhas de moradia que já fiz

Falta metrô perto. Estão construindo uma linha mas está 8 anos atrasada, prejudicando a mobilidade

Talvez seria mais um feedback. Minha família (mãe, pai, irmã e irmão) veio da Bahia quando eu tinha 2 anos de idade, em busca de emprego. **Por muito tempo passamos por muitas privações e morávamos em habitações precárias, casas de fundo de quintal em bairros mais afastados.** Por muitos anos moramos em casa que tinha 1 quarto para 5 pessoas, todas com paredes mo-fadas. Começamos a melhorar nossa qualidade de vida depois de eu e meu irmão começarmos a trabalhar. **A formação na faculdade (em faculdade publica) também ajudou muito na ascensão social, mas até ai foi muitos momentos de insegurança financeira.**

Morar perto do local de estudo, no meu caso a USP, possui outras vantagens além do menor tempo de deslocamento. Durante os 6 primeiros meses da pandemia, estive só em São Paulo, dentro de uma kitnet pequena e longe da minha família no Piauí. **O fácil acesso ao campus, um amplo local arborizado, cheio de gramados e bosques, foi umas das poucas coisas que me ajudaram a não surtar e entrar em um quadro depressivo.**

Eu sempre morei na Vila Madalena, um bairro de classe média/média alta, e minha experiência morando nesse bairro foi sempre muito boa e sem problemas. A minha vivência na cidade de São Paulo em si, onde eu moro, veio principalmente depois de entrar na FAUD e de conviver com pessoas de varios lugares. **Eu consigo facilmente ir de onibus ou de metrô para todos os lugares que preciso, e para grande parte do centro/ centro extendido de sp eu consigo ir a pé. No entanto, isso nao acontece com a maioria dos meus amigos, que gastam mais de quatro horas por dia no trânsito para, por exemplo, chegar ate a usp. Eu sei que nao sou eu que moro perto da USP, é a USP que está perto de mim e longe de maioria da população, assim como todos os outros serviços de que eu sou provida, e acho que isso mostra um pouco da segregação enorme que construiu São Paulo.**

Indivíduos que se consideram **negros**

Eu considero que moro muito longe, pois para qualquer lugar eu demoro mais ou menos 1:40 horas pra chegar

*Talvez eu concordasse com a frase caso ela especificasse o meio de transporte público sendo capaz de me levar ao centro em trinta minutos. **Mas ainda sim me parece que a posição ideal para se consumir a cidade é morando no centro**, uma vez que na cidade de São Paulo, mesmo que se more a menos de meia hora do centro, **as passagens são muito caras em relação ao salário mínimo e o tempo de integração de transportes é pequeno.***

Quase sempre que vou ao centro eu vou com um propósito bem determinado e faço tudo o mais rapidamente possível, principalmente por conta da janela de integração e dos limites diários do bilhete único, mas também por conta de que além do transporte, ficar distante de casa por um longo período implica também no custo de se alimentar fora. Nos últimos tempos, sem passe livre, nem me lembro da última vez que fui ao centro.

*Existem pontos muito específicos no centro onde a sensação de insegurança é potencializada, como sob os viadutos, praças sem muito movimento e com pouca iluminação, regiões onde não há muitos equipamentos e comércios e etc. **É “comum” a gente ter picos de adrenalina ao andar na cidade e passar por tais pontos.***

*Tenho uma dualidade em relação ao bairro onde moro, por um lado ele é muito familiar, então as pessoas que moram aqui raramente querem ir para outro lugar, então nós acabamos tendo boas relações de vizinhança, apesar de a minha rua ser a única que **tem uma comunidade/favela e por isso o restante do bairro a considera perigosa**, e por outro lado, apesar do acesso fácil a transporte, demoro muito tempo para chegar na faculdade ou em outros locais da cidade para acessar bons serviços, por exemplo.*

Sempre gostei de andar pelo centro, mas hoje não me sinto segura.

4.1.2 Paris:

Os formulários relativos a Paris (IDF) foram respondidos por jovens e adultos entre 21 e 37 anos, nos quais a grande maioria foi de jovens. Apenas 11,4% dos entrevistados tinha mais de 30 anos.

Quanto ao status de nacionalidade, houve a participação de imigrantes e franceses. De todas as respostas, 23% dos participantes indicaram ser brasileiros, 7% tinham dupla nacionalidade (portuguesa e brasileira, franco-portuguesa, francesa e bosniaca), 65,4% eram franceses, 2,3% eram italianos e 2,3% eram tunisianos.

Entre os que responderam 38,5% morava em Paris intra-muros, 34% no Departamento de Seine-et-Marne (77), 7% no Departamento de Yvelines (78), 4,5% no Departamento de Hauts-de-Seine, 4,5% no Departamento de Seine-Saint-Denis (92), 9% em Val-de-Marne (94) e 2,5% moravam em Val-de-Oise (95).

Assim como nas respostas relativas a São Paulo, a grande maioria dos participantes foi de mulheres: 81,8% contra 18,2% participantes do sexo masculino. Quanto a sexualidade, 70% se consideram heterossexuais, 23,3% são bissexuais e 6,7% são homossexuais. Para raça 79,5% se consideram brancos, 11,4% classificaram em "outros" e 9,1% marcaram negros. A grande porcentagem de brancos pode ser um reflexo do ambiente onde os formulários foram aplicados: grande parte das respostas vieram de estudantes da universidade e habitantes da Residência Universitária CROUS.

Àqueles que demarcaram a opção "outros" quanto a raça, solicitei que escrevessem qual o grupo, comunidade ou raça eles se identificam: 20% disseram amarelos, 40% magrebinos, 20% latinos e 20% mestiços.

A questão seguinte referia-se à religião, 77,3% afirmam ter uma religião, enquanto 22,7% dizem não ter. Entre os que dizem ter uma religião, 40% são muçulmanos, 30% são católicos, 20% são cristãos e 10% são islâmicos.

Com relação ao status em solo francês, 56,8% dos entrevistados eram franceses, 27,3% eram imigrantes com titre de séjour, 15,9% eram imigrantes sem titre de séjour. Entre os imigrantes 80% havia escolhido a França como primeira opção de país de imigração, enquanto 20% não tinham a França como o primeiro destino.

Quanto à moradia, 56,8% dos entrevistados afirmou morar em uma residência alugada em seu próprio nome, 31,8% indicou morar em casa de terceiros e 11,4% possuía a própria casa. Uma grande diferença está nos auxílios recebidos entre os entrevistados: metade dos respondentes afirma receber algum tipo de auxílio, enquanto metade não tem acesso.

Dos que recebem algum subsídio, 69% tem acesso ao APL (aide au logement, auxílio aluguel em tradução livre), 23% recebem algum tipo de bolsa e 8% tem acesso ao auxílio alimentação do CROUS. Entre estes 14% recebiam mais de um tipo de subsídio. A comparação entre grupos mostra que entre os que recebem auxílio 68% são franceses, entre aqueles que não recebem a taxa é um pouco menor, de 63%.

Para saúde e dados financeiros os dados foram: 88,6% dos entrevistados afirmavam ser cobertos pela Sécurité Sociale (AMELI), sendo 2,3% com acesso a um sistema privado e 9,1% sem nenhuma cobertura de saúde. Para a renda mensal familiar:

- 27,3% não possuem nenhuma renda
- 25% - 0 a 1 s.m. (1.365€)

- 13,6% - 1 a 2 s.m. (1.366€ - 2.732€)
- 13,6 % - de 2 a 3 s.m. (2.733€ - 4.098€)
- 13,6% - de 3 a 6 s.m (4.099€ - 8.196€)
- 6,9% não quiseram informar.

Entre os grupos, os brancos são aqueles que concentram as rendas entre 3 e 6 salários mínimos, acesso aos serviços de saúde. Nesse grupo há uma expressiva diferença de renda entre os que são imigrantes e o que são franceses: entre todos os imigrantes, apenas 15% declararam receber entre 3 e 6 salários mínimos, 23% entre 1 e 2 salários mínimos e 62% declararam não ter nenhum ou apenas 1 salário.

Entre os franceses 13% tem renda entre 3 e 6 salários mínimos, 13% possuem entre 2 e 3 salários mínimos, 13% entre 1 e 2 salários mínimos e 61% possuem de 0 a 1 salário mínimo. Independente da nacionalidade, os que são racizados estão entre os menores salários: 23% recebem até 1 salário mínimo, 33% recebem entre 1 e 2 salário, 11% não possuem renda, 11% possuem entre 2 e 3 salários mínimos, 11% entre 3 e 6, e 11% não quiseram informar.

Quanto à discriminação, 56,8% dos entrevistados consideram já ter sofrido algum tipo de preconceito, enquanto 43,2% afirmaram nunca ter encarado esse tipo de situação:

Entre aqueles que se consideram **brancos**:

*Morava num bairro com predominância de imigrantes árabes. **Era bem complicado andar na rua, principalmente à noite, por ser mulher.** Havia poucas mulheres andando na rua, e **quando percebiam que eu não era francesa geralmente o assédio era maior.***

Também sentia um tratamento diferente de alguns professores por ser brasileira, e já fui parada de forma humilhante no aeroporto pela aduaneira - eu e um grupo de rapazes africanos - quando viram a origem do nosso passaporte (abriram minha mala procurando cigarros contrabandeados, enquanto os europeus ficavam observando em silêncio)

*Embora brasileiros sejam, em geral, bem tratados na Europa, em algumas situações **senti medo ao revelar ser brasileira**, o que para as mulheres às vezes vem carregado de estigmas e comentários como “lambada” e “samba” (principalmente da parte de pessoas pouco instruídas) e, **a fim de evitar esse assédio, preferi omitir minha nacionalidade algumas vezes ou até mesmo dizer que sou portuguesa.***

Je suis une femme qui vient d'un milieu populaire, parfois j'ai eue des relations homosexuelles

*Sou uma mulher que vem de um **ambiente popular**, às vezes quando tive **relações homossexuais***

Mon nom de famille, sujet de bizutage plus jeune, et le fait d'être une femme

Meu sobrenome**, foi tema de bullying quando mais jovem, e o fato de **ser mulher

Je suis nouvelle à Paris/en France et je n'ai pas encore eu l'occasion d'avoir beaucoup d'échanges avec les français, mais j'ai déjà entendu pas mal des questions du type « quelle est votre origine ? » et dans quelques situations ce n'était pas confortable. Exemple : hommes qui s'approchent et font des commentaires du type « ah brésilienne c'est pour ça » en regardant mon corps, clients âgés (donc avec qui je n'ai pas assez d'intimité pour discuter ma vie personnel) avec une expression peu amicale, etc.

*Sou nova em Paris / França e ainda não tive a chance de interagir muito com os franceses, mas ouvi algumas perguntas como “**de onde você é?**” “E em algumas situações não era confortável. Exemplo: homens que se aproximam e fazem comentários do tipo “**ah é brasileira por isso**” olhando para o **meu corpo**, clientes idosos (portanto com quem não tenho privacidade para discutir minha vida pessoal) com expressão **hostil**, etc.*

Je cherchais à louer un appartement pour mes études et quand le propriétaire a su que mon père était ouvrier et étranger, il a coupé court à l'interview et ne m'a jamais rappelée

Eu procurava alugar um apartamento para meus estudos e quando o dono soube que meu pai era trabalhador e estrangeiro, encurtou a entrevista e nunca mais me ligou.

Mon prénom est d'origine arabe et c'est arrivé qu'on me fasse des remarques dessus

Meu primeiro nome é de origem árabe e já aconteceu de fazerem comentários sobre isso

Entre os **magrebinos** :

« Tu n'es pas assez blanche »

Você não é branca o suficiente

Malgré que la France soit un pays « multiculturel » certaines personnes pensent encore qu'avoir un teint basané et des cheveux bouclés veut dire que nous sommes des étrangers pourtant je suis française tout comme mes parents et mes grands parents. J'entend toujours des gens blancs me dire (moi et ma famille): « rentrez chez vous »

Embora a França seja um país “multicultural”, **algumas pessoas ainda pensam que ter uma pele morena e cabelos cacheados significa que somos estrangeiros**, embora eu seja francesa como meus pais e meus avós. Eu sempre ouço pessoas brancas dizerem para mim (eu e minha família): “volte para casa”

Entre os **mestiços** :

Parfois, les gens me regardent de haut en bas

Às vezes as pessoas me olham de cima a baixo

Entre os **amarelos** :

Un enfant dans une excursion scolaire qui zombait des mes yeux avec ses collègues.

Uma criança em uma excursão escolar que **zombavam dos meus olhos** com seus colegas.

Des personnes qui trouvent impossible une asiatique venir du Brésil.

Pessoas que acham **impossível um asiático vir do Brasil**.

Une homme dans la rue qui a essayé de m'embrasser en disant qu'il aime les chinoises.

Um homem na rua que tentou me beijar dizendo que gosta de chinesas

Entre os **negros**

À l'université certains profs étaient étonnés que j'utilise un vocabulaire soutenu en français parce que pour eux en tant que Noire il y a des choses que je ne suis pas censée maîtriser

Na universidade, alguns professores ficaram surpresos por eu usar um vocabulário abrangente em francês porque, para eles, **como negra, há coisas que não devo dominar**

Ma couleur de peau

Minha cor de pele

En raison de mon patronyme (corrélation avec les attaquants terroristes de 2015).

De mon milieu social d'origine (Famille immigrée).

*Por causa do meu **sobrenome** (correlação com os agressores terroristas de 2015).*

*Da minha formação social (**família de imigrantes**).*

Quanto às experiências urbanas e de infraestrutura da cidade, as avaliações relatadas são geralmente positivas. As piores notas estão relacionadas à segurança e espaços de lazer. Para o primeiro aspecto as mulheres foram aquelas que avaliaram a segurança pública da pior forma, entre os que avaliaram negativamente esse aspecto (entre 3 e 5, em uma escala de 0 a 10) apenas 16% moravam em Paris intramuros. Quanto aos espaços de lazer, aqueles que avaliaram abaixo de 5 para a disponibilidade de áreas de lazer todas são mulheres e habitam fora do centro de Paris.

Embora as avaliações gerais sobre Ile de France sejam boas, é necessário salientar que as piores notas nos 6 fatores apresentados (Segurança, Saúde, Disponibilidade de espaços de lazer, Educação, Serviços e Transportes) são de pessoas que moram fora do centro de Paris.

Entre os que quiseram compartilhar suas opiniões sobre o espaço urbano, temos:

Amarelos:

Les réponses a tes questions (surtout les questions où il faut donner une note) changent beaucoup si on compare le lieu où j'habite avec Sao Paulo ou avec Paris.

Il faut prendre en compte qui j'ai utilisé Paris comme référence pour répondre.

*As respostas às suas perguntas (principalmente as perguntas onde você tem que dar uma nota) **mudam muito se você comparar o lugar onde moro com São Paulo ou com Paris.***

Você tem que levar em conta a quem usei Paris como referência para responder.

Branco:

Je crois que dans le 18ème, d'après mon expérience, il y a beaucoup d'harcèlement contre les femmes. Je subis des situations gênantes régulièrement et j'ai l'impression assez forte en raison des commentaires que j'écoute que l'incidence est plus importante parce qu'on voit que je ne suis pas française, je me porte différemment et j'ai une apparence « exotique ». Pourtant, cela n'est jamais une excuse pour faire toute mes sorties un enfer.

*Acredito que 18 [arrondissement], pela minha experiência, existe muito **assédio contra as mulheres. Sofro regularmente situações constrangedoras** e tenho a impressão bastante forte pelos comentários que ouço que o impacto é mais **importante porque se vê que não sou francesa**, me comporto de maneira diferente e **tenho uma aparência “exótica”**. Ainda assim, isso nunca é uma desculpa para tornar todas as minhas saídas um inferno.*

Par rapport aux grandes distances a parcourir en RER/Metro il est difficile de se rendre compte de la pénibilité sans jamais l'avoir vécu

*Em comparação com as longas distâncias a serem percorridas pelo RER / Metro, **é difícil perceber a penosidade sem nunca tê-la experimentado***

*as condições de moradia em paris foram as possíveis com a pressa de achar um local, **dividia um studio de 22m² com uma amiga e ainda penávamos para pagar o aluguel sem a CAF, que demorou cerca de 8 meses para cair.***

*apesar de ser **um local afastado e não tão “bonito” quanto o resto de paris, criei vários laços afetivos com o local** (como os mercados árabes, que vendiam produtos que nós brasileiros também consumimos) **e o transporte era de fácil acesso** (muito mais do que minha casa “bem localizada” em são paulo). **o custo de mercado e farmácia também era mais reduzido do que no centro e acabava ajudando no custo de vida no geral***

Magrebinos:

Je trouve qu'il y a des quartiers multiculturel qui ont un reel savoir vivre vis a vis de toutes races et d'autre beaucoup plus bourgeois où les non-blancs se sentent mal à l'aise et moins français qu'eux

*Acho que existem bairros multiculturais que têm uma verdadeira convicência tendo em vista todas as raças, e outros muito mais **burgueses onde os não-brancos se sentem incomodados e menos franceses do que eles.***

Para os formulários franceses, tendo em vista a questão sobre as bidonvilles, HLMs e conjuntos habitacionais, achei pertinente também adicionar questões para explorar qual era a imagem desses locais e de seus habitantes para a comunidade de entrevistados. Na questão "Você já teve algum contato com as bidonvilles e/ou HLM?", 73,7% afirmaram já ter contato a partir da mídia, 15,8% afirmaram morar em um HLM e 10,5% colocaram não ter tido contato nenhum com o tema.

Quando questionados sobre se as bidonvilles eram nocivas para o ambiente urbano, 57,9% dos entrevistados responderam sim, enquanto 42,1% não concordaram com a colocação. Entre os que comentaram sobre o tema:

Pour des raisons sanitaire (maladie, saleté...) , sociale (des erros humains ne devraient pas vivre avec aucun confort : accès à une eau potable illimité, électricité...). Les bidonvilles sont nocifs pour les habitants des villes habitant ou non dans ces bidonvilles.

*Por motivos de **saúde** (doença, sujeira, etc.), **sociais** (o ser humano não deve conviver com nenhum conforto: acesso ilimitado a água potável, eletricidade, etc.). **As favelas são prejudiciais para os moradores da cidade, quer eles vivam ou não nessas favelas.***

Pour des raisons sanitaires, sociales

Por razões sanitárias, sociais

Les bidonvilles ont forcément un impact sur le quartier environnant (il peut s'agir de nuisances visuelles pour les riverains, de problèmes d'hygiène, d'un sentiment d'insécurité pour les passants...). Au delà de ça, les bidonvilles montrent les limites du logement en ville : ce n'est pas normal que des individus vivent dans ces conditions.

*As bidonvilles inevitavelmente **impactam a vizinhança** (pode ser um incômodo visual para os residentes, problemas de higiene, uma sensação de insegurança para os transeuntes, etc.). Além disso, as favelas mostram os limites da moradia na cidade: **não é normal que as pessoas vivam nessas condições.***

Personne ne devrait avoir à vivre dans un bidonville, les gens dans cette situation devraient être pris en charge et avoir un logement décent

Ninguém deveria morar em uma bidonville, as pessoas nessa situação deveriam ser cuidadas e ter uma moradia digna

Je ne sais pas s'ils sont nocifs pour l'environnement urbain (je ne sais pas trop ce que cela voudrait dire), mais je pense que ce ne sont pas de bonnes conditions de vie pour les habitants (insalubrité, précarité, pauvreté).

*Não sei se prejudicam o meio urbano (não sei bem o que isso significaria), mas acho que não são boas **condições de vida** para os habitantes (insalubridade, precariedade, pobreza).*

Tout le monde devrait avoir accès à des conditions de logement décentes

Todos devem ter acesso a condições de habitação decentes

Problèmes de santé, hygiène

Problemas de saúde, higiene

A questão seguinte, "Você acha que as bidonvilles e HLMS concentram a violência urbana, em outras palavras que são locais de grande delinquência?" 68,4% dos entrevistados disseram sim, contra 31,6% dos que negaram essa situação.

Para aqueles que responderam sim à questão anterior, questionei "Você acha que essa criminalidade está ligada aos indivíduos que habitam nessas localidades (características morais) ou à ciclos de exclusão social?", para a qual 100% das respostas encaixavam essa criminalidade a uma dinâmica social.

Quanto às políticas públicas: "Você acha que o governo

tem boas políticas para as bidonvilles e os HLMS", 63,2% responderam não, 21,1% responderam sim e 15,8 preferiram não responder à questão.

Entre os comentários sobre essa parte dos formulários, temos:

Améliorer les conditions de vie par l'état du logement qui est souvent dégradé, améliorer l'accessibilité, les services

Melhorar as condições de vida através das condições de habitação, muitas vezes degradadas, melhorar acessibilidades, serviços

Arrêter d'enclaver et ouvrir ce que l'urbanisme moderniste a voulu refermer sur lui même

Parar de isolar e abrir o que o planejamento urbano modernista queria fechar sobre si mesmo

Je ne crois pas à une réponse qui passerait par des politiques réformistes

Não acredito em uma resposta que passaria por políticas reformistas

le gouvernement a des bonnes idées, mais les met en place de manière difficile donc les résultats ne sont pas là

o governo tem boas ideias, mas as implementa de forma difícil então os resultados não estão aí



A redenção de Cam, Modesto Brocos, 1895



Imagem ZAC Charenton Bercy, Grand Paris Aménagement, 2019

4.1.3 Conclusão:

Escolhi duas imagens para a conclusão dos dados apresentados, pois considero que elas têm muito a expressar sobre as dinâmicas sócio-raciais que foram aqui apresentadas e os ciclos de exclusão denunciados por Françoise e Carolina e que ainda podem ser vistos, tanto pelos relatos das entrevistas de Sara e Mathieu, pelos formulários, quanto pela minha família e por mim mesma.

Em *A Redenção de Cam*, o autor busca expressar as vantagens do processo de branqueamento populacional. A idosa negra, agradece aos céus pelo neto branco, a sua filha, de tom de pele mais claro (pressupondo uma relação interracial da sua mãe) observa sua prole, apontando para sua mãe. O homem, branco, está de costas para as mulheres, mas observa orgulhoso "seu feito". O salvamento da família pela terceira geração.

O quadro, pintado logo após a abolição, ilustra bem a imagem do indivíduo negro na sociedade à época (e ainda hoje). Negro, um sinônimo de atraso, era necessário branquear a população, por isso o imigrante branco europeu era essencial, para salvar a nação.

O quadro "*A Redenção de Cam*", reverenciado e premiado em sua época, é considerado uma representação visual dessa tese. Literalmente no caso do médico e diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda (1846-1915). No Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, em 1911, a pintura ilustrou um artigo de sua autoria sobre branqueamento. Ele assim descreveu a imagem: "O negro passando a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças". (RONCOLATO, Murilo. *A tela "A Redenção de Cam" e a tese do branqueamento no Brasil*, Edusp, 2018)

Além da pintura, o título do quadro é elemento principal. Cam é um personagem bíblico que, amaldiçoado pelo pai à servidão eterna, inclusive seus descendentes, é associado à escravidão. Os negros eram associados à prole de Cam, logo condenados à servidão, mesmo que em nenhum momento o texto especifique a cor de sua pele. A redenção de Cam não vem pela liberdade, mas pelo apagamento de sua herança. A redenção vem pela dissociação ao elemento negro, ou melhor, o extermínio desse elemento.

O contexto de difusão do mito bíblico sobre a maldição de Noé é o do início da chamada Era Moderna, quando a cristandade europeia buscava formas de justificar a escravização de habitantes do continente africano, sob o marco do cristianismo" (LOTIERZO apud RONCOLATO, A tela "*A Redenção de Cam*" e a tese do branqueamento no Brasil, Edusp, 2018)

O ciclo de ódio está explícito. A mulher negra, idosa, é associada à escravidão, sua filha, mais clara, pode ser o fruto de um estupro. Não há valorização das mulheres na cena, o homem branco não parece se interessar nelas, o que interessa é o apagamento representado pela pequena criança que está sentada no colo de sua mãe.

A questão do branqueamento, apesar de parecer atrelada ao século passado, aos anos da escravidão, ainda é muito presente no país. Uma das histórias que me surpreenderam e que também me expuseram essa situação foi contada pela minha mãe. Ela me conta que, ao casar com meu pai (um homem branco), ela ouviu de seu irmão Vavá:

"Parabéns, você está branqueando a família".

Para mim essa aversão ao negro explica a discriminação

racial que aparece em diversos momentos nos formulários, ao mesmo tempo que outros preconceitos aparecem relacionados à imagem do homem, branco, hétero. Nesse sentido, os negros sofrem, homens, mas também as mulheres. O cabelo, a cultura as feições e as características que não são consideradas brancas são atacadas.

A mulher negra é sexualizada e sofre um processo de exploração que aparece nos livros de Françoise e Carolina, nos relatos da minha família, nos formulários e mesmo na minha história. É interessante observar como o fato de ser mulher faz sentir-se menos segura, faz com que seus direitos tenham quase uma menor validade e essa situação é encontrada tanto em Paris quanto em São Paulo.

Esse racismo não atinge apenas os negros, mas os asiáticos, mestiços, magrebinos, mulçumanos, tudo que não se enquadre no ideal branco de sociedade. E podemos observar isso em São Paulo e em Paris. Nesse sentido existe a interseccionalidade de análise, o fato de podermos observar características de exclusão que funcionam em um sistema de somatória.

É possível compreender porquê, nos dois países, a sexualidade e a religião aparecem como fatores de segregação, mesmo entre pessoas brancas, isso sem contar a xenofobia (tanto na migração quanto na imigração). Também é importante ressaltar nessas dinâmicas o papel preponderante das mulheres.

Me permito aqui colocar um relato pessoal. Na França para muitos sou considerada morena, assim como no Brasil, mas aqui, quando peço para me caracterizarem, a maioria responde: latina. Eu sou uma mulher não-branca, latina, com traços que eles dizem "fortes da mestiçagem". Esse fato já me fez encarar o racismo de forma tão fortes quanto em São Paulo e uma sexualização em mesmo

nível.

São diversos os relatos que posso colocar de homens que me seguiram na rua, ultrapassaram meus limites do "não". Já fui tocada, sem que desse permissão, já fui assediada, inclusive no transporte público, e não foram poucas as vezes em que fui definida como exótica.

O fato de ser imigrante também me fez encarar a xenofobia, em uma dinâmica que associa "não europeu e não branca". Em supermercados e shoppings foram várias as vezes em que fui revistada, mesmo que acompanhada de uma pessoa branca (a qual não era incomodada pelos seguranças). Meu cabelo é motivo de curiosidade, meu corpo é exótico.

Esse panorama é um dos meus maiores problemas aqui na França. Porque se por um lado as micro-agressões são impossíveis de serem denunciadas institucionalmente, por outro lado os assédios possibilitam a denúncia, mas sempre contra um indivíduo sem nome, chamado de "X", já que nunca consegui gravações do transporte quando fui denunciar na delegacia o que aconteceu comigo. Assim o desgaste emocional e físico fica concentrado na mulher.

Não sou uma negra de pele escura, meu cabelo não é crespo, mas como coloca Luciene Nascimento (2019) o racismo também tem um tentáculo para mim. O "não ser tão branca", mas "também não ser tão negra" me acompanha em São Paulo e Paris, fazendo com que constantemente eu tenha que me colocar em um espaço combativo de resistência.

Eu, por ser mais clara, devia me manter nessa cor, evitar ficar "muito bronzeada". Ao mesmo tempo que, não sendo branca o suficiente, aguentei apelidos como "urubu",

"cotas" e etc. Meu cabelo, eu sempre pedia a minha mãe para alisar e sentia sempre que eu era feia demais, gorda demais, menos do que os outros.

Nesse sentido, esse trabalho foi difícil de realizar, porque requeria que observasse as feridas de outras pessoas, ao mesmo tempo que as minhas, além de encarar o quanto o racismo é abrangente. O racismo vivido por uma mulher negra, não é o mesmo de homem negro, nem o mesmo de uma pessoa asiática, nem o mesmo de um jovem gay e assim segue. O racismo é um monstro enorme com vários tentáculos, que vai machuca de maneiras diferentes, sempre.

O espaço urbano e o Estado têm fator de exposição e intervenção nesse ciclo, em Paris e em São Paulo. Na metrópole brasileira ficam expressos nas respostas os locais negros da cidade e os locais brancos, onde ficam os transportes, onde ficam as estruturas e também a relação entre o tempo e espaço urbano.

Os relatos que me chamam atenção são também aqueles que mostram a possibilidade de ascensão e, como nas histórias relatadas neste TFGO, a importância da educação. Se há um sistema que é racial, que busca perpetuar determinados grupos a margem do desenvolvimento social e urbano, existe na educação a possibilidade de sair desse ciclo.

Importante também o debate identificado nos formulários sobre a qualidade das moradia. A casa de Carolina aparece em um dos relatos em São Paulo, em uma casa degradada, mas também aparece em Paris, quando as entrevistas debatem a imagem sobre as bidonvilles e o poder das políticas públicas para a mudança dessa situação. Há um inconformismo nas respostas, ao mesmo tempo que um questionamento sobre o papel do Estado.

A segunda imagem é uma propaganda da ZAC Charenton Bercy, que busca demonstrar como seria Charenton Bercy, localizada na divisa com Paris intramuros, após as operações urbanas previstas para a região. Eu, em estágio na agência Urban Water, que trabalha nesta operação, tive contato próximo com os relatórios e previsões para a área: desenvolvimento econômico, resiliência urbana, desenvolvimento social e preocupação com a ecologia estão entre os focos da ZAC.

No entanto, ao observar as fotos do que se pretende, vemos apenas pessoas brancas. Não há deficientes, não há imigrantes, não há negros, são todos brancos, de classe média. A imagem visa demonstrar um objetivo de cidade e, ao não integrar outros grupos, expressa uma noção de não inclusão. É uma cidade moderna, ecológica e branca.

A escolha desta imagem junto ao quadro a redenção de Cam pretende traçar o paralelo sobre a imagem de superioridade branca que vem atrelada às imagens, que com séculos de diferença suscitam o debate sobre para quem a cidade é construída? Quem é efetivamente cidadão? Qual nosso papel na sociedade e, mais importante, o que podemos fazer para mudar esse panorama?

Como mulher negra e estudante, latina e imigrante, arquiteta e urbanista, não poderia ter escolhido outro tema para finalizar minha graduação na FAUUSP. Escolhi evidenciar um sistema de construção da cidade, um sistema racista, que bem sei que sozinha não sou capaz de mudar. Mas a força desse trabalho reside em mostrar esse sistema para cada vez mais pessoas, compartilhar histórias e acessar outras narrativas, para aí sim, como Sociedade e como profissionais da Arquitetura e do Urbanismo, propor novas formas de construir e integrar o espaço urbano.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiame:

—É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. E indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

—Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 2014, p. 55)



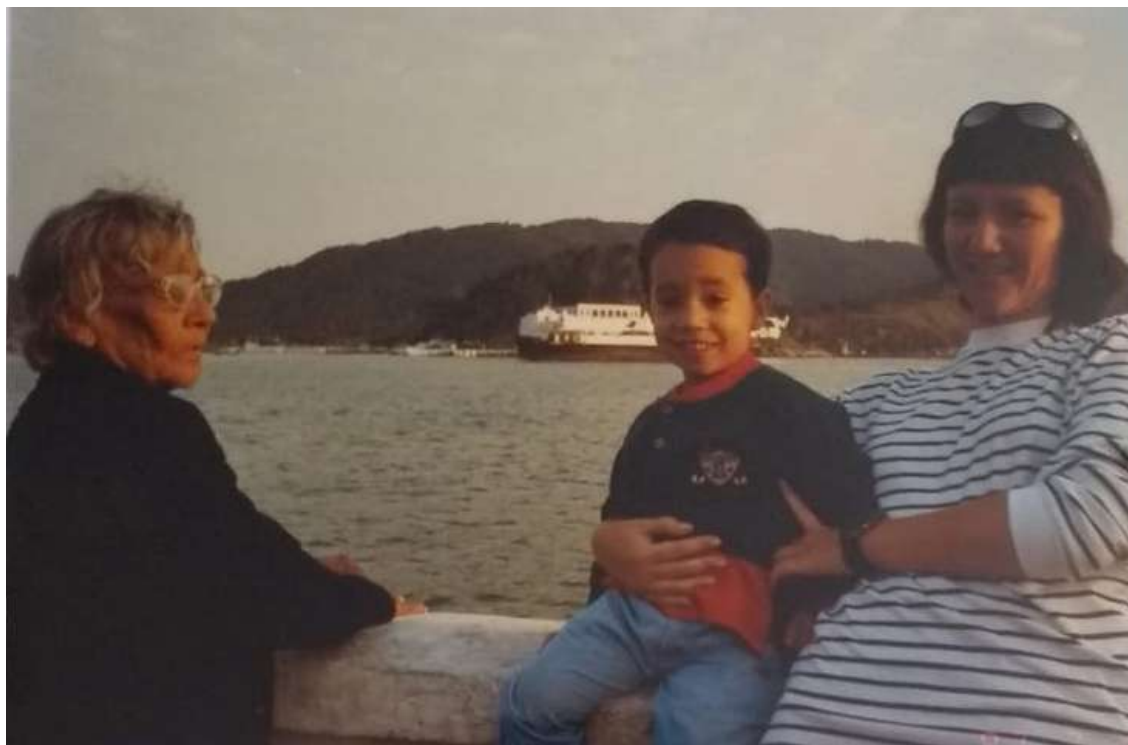
*Luci Lei (camisa vermelha),
Tede, Nhêia, mãe e Dina*



*Mãe e Luci Lei (cima)
Nhêia, Lourdes e Dina (baixo)*

ÁLBUM DE FOTOS:

Um aprofundamento nas histórias por
meio da fotografia



Vó Olinda e Victor Augusto
(viagem de uma casa)





Vó Olinda e Victor Augusto
(2)

Vó Olinda, Victor Augusto
(meu primo por parte de mãe)
e Dama em Porto de
Galinha.





Dina, Lei, Mãe Olinda e
Victor Augusto.



Eu, Victor Augusto e
Danilo



Eu e Victor Augusto

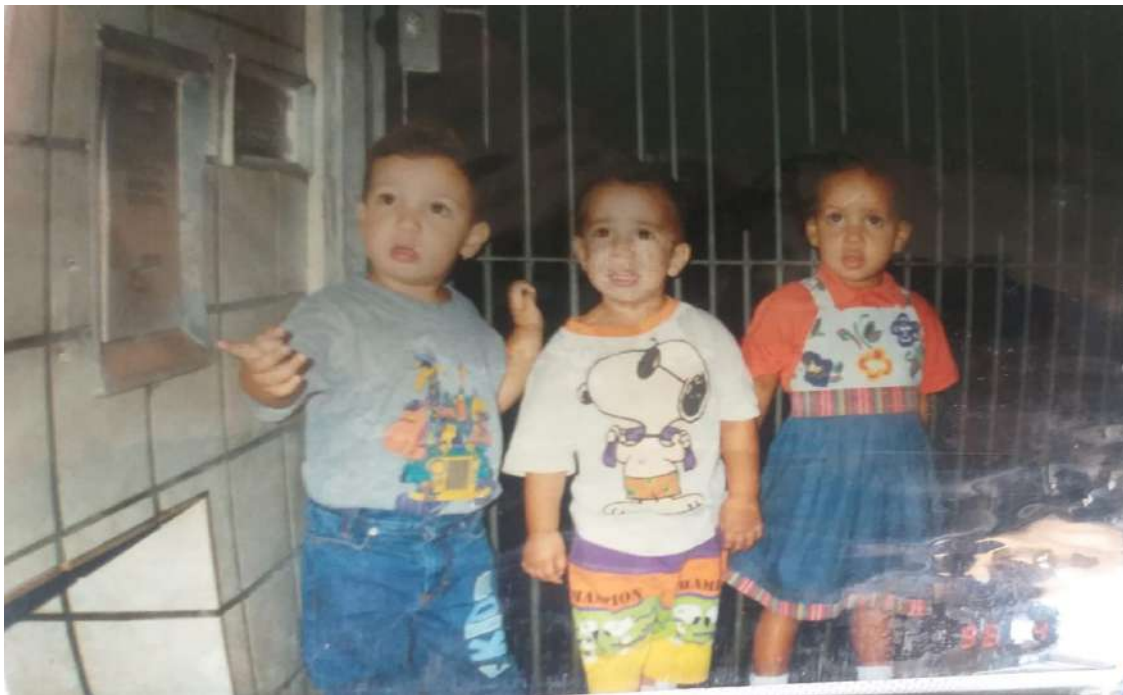




Thaís (wimã)



Eu na festa da escola



Danielo, Victor Augusto
e eu



Danielo (pumo) e eu



Thaís com Leonardo (primeiro no colo), eu, Victor Augusto e Danilo

Nhêia e seus netos:
Leonardo (camiseta amarela)
e Danilo





Eu, Danilo e Thaís

Viagem de família:
Dina (camisa listrada), Dani-
lo, Leonardo, Geraldo, Nhêia,
Guerrina, Jasmína, colega e
Lourdes



Danielo, Nháia e Vó
Olinda



Meus aniversários:
Leí (blusa azul), Ihaís, Vó
Florantina com Lucas no
celo (puma), Patúcia (tia
por parte de pai), Eliise (prima
por parte de pai), Daniel e
Victor Augusto.





Mãe e Pai



Mãe (camiseta vermelha e branca),
família e colega



Vó José Fernandes com
Regiane (prima) no colo



Vó Olinda com Regiane
no colo

Thaís, Pai e eu



Thaís, eu, Pai e mãe



Família por parte de pai

Referências bibliográficas

OBRAS GERAIS

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. São Paulo: UNICAMP, 2017.

ALCANTARA, Alex Sander. *Motivos mais fortes*. FAPESP. 2008. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/motivos-mais-fortes/9305/>

ALONSO, Angela. *O Movimento abolicionista como movimento social*. Novos Estudos, CEBRAP São Paulo, novembro de 2014

_____. *Flores, votos e balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868 – 88)*. 1ª ed. São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2015

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888 - 1988)*. Bauru: EDUSC, 1998

BARONE, A. C. C. *Negra ou pobre? Migrante ou despedida? Carolina de Jesus e o enigma das classificações (1937-1977)*. Afro-Ásia, [S. l.], n. 59, 2019. DOI: 10.9771/aa.v0i59.24977. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24977>. Acesso em: 14 nov. 2021

BASTIDE, Roger. FERNANDES, Florestan. *Brancos e Negros em São Paulo*. 4ª ed. São Paulo: GLOBAL, 2008

BAUMAN, Zygmunt. *Vies perdues, la modernité et ses exclus*. Rivages poches, 2009

BLANCHARD, Emmanuel. *Eliminar os indesejáveis: uma lógica de ação para o policiamento dos argelinos em Paris (1944-1962)*. Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ), France, 2012

BÓGUS, Lúcia Maria Machado ; TASCHNER, Suzana Pasternak. São paulo, velhas desigualdades, novas configurações espaciais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos*, nº1. 1999

BOUILLON, Florence. *Les mondes du squat*. Anthropologie d'un habitat précaire, Presses universitaire de France 2009.

BRODWYN, Fischer. *A Poverty of Rights*. 1ª ed. California: STANFORD UNIVERSITY, 2008.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Sanitarismo e configuração do espaço urbano. In: Simoni Lucena Cordeiro. In: LUCELA, Simone (Org.). *Os cortiços de Santa Efigênia: sanitarismo e urbanização (1893)*. São Paulo: Imprensa

Oficial/Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

CAMPOS, Cândido Malta et al. São Paulo: Metrópole em trânsito – percursos urbanos e culturais. São Paulo: EDITORA SENAC, 2004

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da Liberdade: a escola de Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013

COSTA, Emília Viotti da. *Da Senzala à Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

COSTA, Luiz Augusto Maia. *O ideário urbano paulista na virada do século. O engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886-1903)*. São Paulo: RIMA/FAPESP, 2003.

_____. Victor da Silva Freire: a vida, as ideias e as ações de um urbanista paulistano de primeira hora – 1869/1951. São Paulo; Cadernos de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Mackenzie, 2015

DEBOMY, Frédéric ; FASSIN, Didier ; RAYNAL, Jake. *La force de l'ordre : d'après un texte original de Didier Fassin*. Paris : Seuil-Delcourt, 2020

DUBET, François ; LAPEYRONNIE, Didier. *Les quartiers d'exil*. Paris : Editions du Seuil, 1992.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: SENAC, 2004.

FARIAS, Juliana Barreto et al. *Cidades Negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. 2 ed. São Paulo: ALAMEDA, 2006

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes – volume 1: ensaio da interpretação sociológica*. 5ª edição. São Paulo. EDITORA GLOBO, 2008

FERREIRA, João Sette Whitaker. São Paulo: Cidade da Intolerância, ou o urbanisme "à brasileira". Dossiê São Paulo. Estudos avançados. São Paulo, 2011

FRIEDMAN, Yonna. *L'architecture de survie, une philosophie de la pauvreté*. Casterman, 1978

GAHYVA, Helga da Cunha. *A epopeia da decadência: um estudo sobre o ESSAI sur l'inégalité des races humaines (1853 – 1855), de Arthur de Gobineau*. Rio de Janeiro: MANA vol. 17 no. 3, 2011

GARCIA, Antônio dos Santos. *Desigualdades raciais e segregação urbana em capitais antigas: Salvador, cida-*

de D' Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2009

GONZALES, Lelia; RIOS, Flavia. Por um feminismo afro-latino-americano. ZAHAR, 2020

HARVEY David. Le capitalisme contre le droit à la ville: néolibéralisme, urbanisation, résistances. Paris : Éditions Amsterdam, 2011

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Antônio da Silva Prado, prefeito da cidade de São Paulo: 1899-1910. V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais, Campinas : FAU-PUCCampinas, 1998.

_____. O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: MARTINS FONTES, 1996

JESUS, Carolina Maria. Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favela. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2014.

JOFFROY, Pascale. Pour les bidonvilles en France, d'architecture n° 239 (octobre 2015) et 244 (mai 2016)

KOWARICK, Lucio. Espoliação urbana. São Paulo: Paz e Terra, 2012

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. O Plano e o Pânico – Os movimentos sociais na década da abolição. São Paulo: EDUSP, 1994.

MARICATO, Emilia. Metrôpole na periferia do capitalismo. São Paulo: Hucitec, 1996 (série de Estudos Urbanos)

MASTROMAURO, Giovana Carla. Surtos epidêmicos, teoria miasmática e teoria bacteriológica: instrumentos de intervenção nos comportamentos dos habitantes da cidade do século XIX e início do XX. São Paulo. XXXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

MOURA, Clovis. Brasil: raízes do protesto negro. São Paulo: GLOBAL, 1983

MUFATO, Leandro. Mal de Simioto: práticas de saúde às crianças no interior do Brasil. Mato Grosso: 2016

NASCIMENTO, Débora. O Prefeito Antonio Prado e a população Negra da Cidade de São Paulo (1899 – 1911). Relatório de Iniciação Científica. São Paulo: FAPESP, 2019.

PARK, Robert. On social Control and Collective Behavior. Chicago: Chicago University Press, p. 3, 1967

PEROU, Collectif. Considérant qu'il est plausible que de

tels événements puissent à nouveau survenir : sur l'art municipal de détruire un bidonville. Post-éditions, 2014

PETRONE, Pasquale. A Cidade de São Paulo no século XX: São Paulo transforma-se em metrópole industrial. Revista de História, São Paulo, v.6, n.21/22, p.127-170, jan./jun 1955

PEREIRA, Gabriela Leandro. O exercício de atravessar a cidade pela narrativa de carolina maria de Jesus. São Paulo: XVI ENANPUR. Belo Horizonte: 2015

PEREIRA, Gabriela Leandro. Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. 1ª edição. São Paulo : FAUUSP, 2019.

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier. A construção da cidade de São Paulo, 1872-1914. São Carlos: RIMA/FAPESP, 2004.

SANTOS, Maria Gabriela Feitosa. A formação do parque peruche como território negro. ENANPARQ. Anais: Salvador, 2019.

SILVA, Gleuson Pinheiro. Raça, cultura e disputa territorial: o caso do Príncipe Negro da cidade Tiradentes. São Paulo. Biblioteca USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-28042021-151654/pt-br.php>

PORTA, Paula (org). História da cidade de São Paulo. A cidade na primeira metade do século XX 1890-1954. São Paulo: PAZ E TERRA, 2004 – 3 volumes.

RIBEIRO, Antônio Sérgio. Antônio Prado. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2014

ROLNIK, Raquel. A Cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1997.

SANTANA, Bianca. Continuo Preta: A vida de Sueli Carneiro. Companhia das letras, São Paulo, 2021

SANTOS, Renato Emerson (org). Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o negro na geografia do Brasil. São Paulo: EDITORA AUTÊNTICA, 2007.

_____. Questões urbanas e racismo. Petrópolis: DE PETRUS, 2012.

SAUNDERS, Doug. Des migrants à la ville, comment les migrants changent le monde (Arrival city, 2010) ; Le Seuil 2012

SCHWARTZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 – 1930). São Paulo: COMPANHIA DAS LETRAS, 2015.

SEGAWA, Hugo. Preludio da Metrôpole: arquitetura e

urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX só XX. 2 ed. São Paulo: ATELÊ EDITORIAL, 2004.

SILVA, Rosa et al. Iniquidades raciais e envelhecimento: análise da corte 2010 do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE). Rev Bras Epidemiol. 2018

» <https://doi.org/10.1590/1980-549720180004.supl.2>

SILVA, Marcos Virgílio da, 2005. Naturalismo e biologização das cidades na constituição da ideia de meio ambiente urbano. São Paulo: FAUUSP (mestrado)

SIMÕES, José Geraldo. Anhangabaú: História e Urbanismo. São Paulo: EDITORAL SENAC, 2004

SKIDMORE, Thomas. 1976. Preto no Branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: COMPANHIA DAS LETRAS, 2012.

SANTOS, Milton. Metrópole Corporativa Fragmentada: o caso de São Paulo. Nobel, 1990.

SORRENTINO, Isa da Silva. A interseccionalidade como aporte no estudo da territorialidade e vulnerabilidade ao HIV e outras ISTS entre as mulheres trabalhadoras do sexo no bairro da Luz, São Paulo. In I Congresso da Interseccionalidade, 2019, São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0BwVR-Q1otg-I_LU5UakxPbnlyazJSZEsxeFVhUklEeFAzN2pz/view

TOLEDO, Benedito Lima de. Três cidades em um Século. 3 ed. São Paulo. COSAC & NAIFY, 2004.

VILLAÇA, Flávio. A SEGREGAÇÃO URBANA E A JUSTIÇA (ou A Justiça no Injusto Espaço Urbano). Texto publicado na Revista Brasileira de Ciências Criminais, ano 11, no. 44, julho/setembro 2003, ps 341/346

_____. São Paulo: segregação urbana e desigualdade, artigo de Flávio Villaça. Revista EcoDebate, São Paulo, 2012.

WISSEMBACH, M. C. Sonhos africanos, vivências ladinas – escravos e forros em São Paulo (1850-1880). Mestrado, USP, 1998.

ZACHARIASEN, Catherine Bidou. La prise en compte de « l'effet de territoire » dans l'analyse des quartiers urbains. Revue française de sociologie Année 1997 38-1 pp. 97-117

REPORTAGENS

A destruição dos documentos sobre a escravidão. Estadão. <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/>

acervo,a-destruicao-dos-documentos-sobre-a-escravidao-,11840,0.htm. Acesso em: 25/11/2021.

BARBOSA, Felipe. Distrito mais negro de São Paulo é um dos mais carentes em serviços essenciais. IG. <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-11-06/distrito-mais-negro-de-sao-paulo-e-um-dos-mais-carentes-em-servicos-essenciais.html>. Acesso em: 13/11/2021

BATTISTELLA, Clarissa ; BORGES, Caroline ; MUELLER, Fernanda. Açougues e mercados podem vender ossos de boi? Entenda a polêmica sobre a placa em SC. <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/10/08/acougues-e-mercados-podem-vender-ossos-de-boi-em-santa-catarina.ghtml>. Acesso em: 14/11/2021

BOURDON, Gwenael. Clichy-sous-Bois en 2005 : le fracas des émeutes, le silence du président Chirac. Le Parisien. <https://www.leparisien.fr/seine-saint-denis-93/clichy-sous-bois-en-2005-le-fracas-des-emeutes-le-silence-du-president-chirac-26-09-2019-8160777.php>. Acesso em : 21/11/2021.

Bumidom, un inaccessible eldorado. France TV. <https://www.francetelevisions.fr/et-vous/notre-tele/a-ne-pas-manquer/bumidom-des-francais-venus-doutre-mer-4685>. Acesso em 03/11/2021

Campanha Vidas Negras - Pelo fim da violência contra a juventude negra no Brasil. UNODC <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2017/12/campanha-vidas-negras---pelo-fim-da-violencia-contr-a-juventude-negra-no-brasil.html>. Acesso em : 20/11/2021

CARMONA, Christelle. Marseille - Les Olives : les commerçants inquiets pour l'avenir du village. La Provence. <https://www.laprovence.com/article/edition-marseille/4463206/les-commerçants-inquiets-pour-lavenir-du-village.html>. Acesso em : 03/11/2021

CAVALLINI, Marta. Mais de 14 milhões de famílias vivem na extrema pobreza, maior número desde 2014. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/01/06/mais-de-14-milhoes-de-familias-vivem-na-extrema-pobreza-maior-numero-desde-2014.ghtml>. Acesso em; 14/11/2021

CÉSAR, Davi. VÍDEO: Pessoas procuram comida em caminhão de lixo em bairro nobre de Fortaleza. Diário do Nordeste. <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/video-pessoas-procuram-comida-em-caminhao-de-lixo-em-bairro-nobre-de-fortaleza-1.3149124>. Acesso

em: 14/11/2021

CHEVALIER, Justine. Tout comprendre - pourquoi les statistiques ethniques font débat en France. BFM TV. https://www.bfmtv.com/societe/tout-comprendre-pourquoi-les-statistiques-ethniques-font-debat-en-france_AN-202006150240.html#:~:text=Les%20statistiques%20ethniques%20sont%20interdites%20en%20France%20par%20la%20loi,date%20du%206%20janvier%201978.&text=Cette%20interdiction%20a%20%C3%A9t%C3%A9%20rappel%C3%A9,l'origine%20ethnique%20des%20personnes. Acesso em 03/11/2021

CHESEL, Sandrine ; OUI, Mathieu. Réussite à la fac après un bac pro : mission impossible ? L'Étudiant. <https://www.letudiant.fr/etudes/fac/reussite-a-la-fac-apres-un-bac-pro-mission-impossible-10289.html>. Acesso em 10/11/2021. Acesso em: 22/11/2021

Clichy-sous-Bois en 2005 : le fracas des émeutes, le silence du président Chirac. Le Parisien. <https://www.leparisien.fr/seine-saint-denis-93/clichy-sous-bois-en-2005-le-fracas-des-emeutes-le-silence-du-president-chirac-26-09-2019-8160777.php>. Acesso em : 22/11/2021

Constitution : Emmanuel Macron contre le mot "race". Le président de la République a indiqué mercredi soir, lors d'un dîner avec des élus ultramarins à l'Élysée, qu'il souhaitait "voir aboutir" la suppression du mot "race", dans le cadre du projet de réforme constitutionnelle. L'Express. https://www.lexpress.fr/actualite/politique/lrem/constitution-emmanuel-macron-contre-le-mot-race_2021059.html. Acesso em: 18/11/2021

DE TUDELA, Quentin Perez. Des habitants de La Busserine à Marseille mobilisés pour dire stop à la violence. France Bleu, <https://www.francebleu.fr/infos/societe/marseille-a-la-busserine-des-habitants-mobilises-pour-dire-stop-a-la-violence-1610825629>. Acesso em 03/11/2021

D'où vient l'expression "pieds-noirs" ? France Inter. <https://www.franceinter.fr/histoire/d-ou-vient-l-expression-pieds-noirs>. Acesso em 16/11/2021.

FARGUES, Laurent. Immigration: un drame ou une chance pour l'économie? Challenges. https://www.challenges.fr/economie/immigration-un-drame-ou-une-chance-pour-leconomie_785807. Acesso em: 20/11/2021

Fome avança no país e carcaça de peixe é vendida em mercado no Pará. Brasil 247. <https://www.brasil247.com/brasil/fome-avanca-no-pais-e-carcaca-de-peixe-e-vendida-em-mercado-no-para>. Acesso em: 14/11/2021

Foto de Eduardo Bolsonaro como 'sheik' em Dubai causa onda de críticas; deputado defende gastos. G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/10/18/foto-de-eduardo-bolsonaro-como-sheik-em-dubai-causa-onda-de-criticas-deputado-defende-gastos.ghtml>. Acesso em: 14/11/2021

Genoma: o que os novos estudos dizem sobre a história e o futuro da nossa gente. Jornal do Campus. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/10/genoma-o-que-os-novos-estudos-dizem-sobre-a-historia-e-o-futuro-da-nossa-gente/>. Acesso em 18/11/2021

Governo confirma cancelamento do Censo em 2021. DW. <https://www.dw.com/pt-br/governo-confirma-cancelamento-do-censo-em-2021/a-57319018>. Acesso em: 13/11/2021

GUIMARÃES, José. Com Bolsonaro, o Brasil voltou ao mapa da fome 'Na nação que já celebrou a redução da miséria, falta até mesmo esperança em dias melhores'. <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/frente-ampla/com-bolsonaro-o-brasil-voltou-ao-mapa-da-fome/>. Acesso em; 14/11/2021

JULLIEN, Boris. Pourquoi le mot "race" pose-t-il problème. France Info. https://www.francetvinfo.fr/politique/ump/nadine-morano/pourquoi-le-mot-race-pose-t-il-probleme_1108099.html. Acesso em 03/11/2021

Kyle Rittenhouse, jovem que matou dois manifestantes antirracistas nos EUA, é absolvido. Correio Braziliense. <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/11/4964347-kyle-rittenhouse-jovem-que-matou-dois-manifestantes-antirracistas-nos-eua-e-absolvido.html>. Acesso em: 22/11/2021.

L'Assemblée supprime de la Constitution le mot « race » et interdit la « distinction de sexe »

Premier amendement adopté, fortement symbolique, au projet de révision de la loi fondamentale : les députés ont supprimé à l'unanimité le mot « race » et interdit toute « distinction de sexe ». Le Monde. https://www.lemonde.fr/politique/article/2018/07/12/l-assemblee-supprime-dans-la-constitution-le-mot-race-et-interdit-la-distinction-de-sexe_5330615_823448.html. Acesso em : 18/11/2021

Les enfants Roms en France : des enfants pauvres dans un pays riche. Humanium. <https://www.humanium.org/fr/les-enfants-roms-en-france/>. Acesso em : 09/11/2021

MAÇULO, Leticia. COVID e a população negra. ABRASCO. <https://www.abrasco.org.br/site/gtracismoesaude/2021/10/13/covid-19-e-a-populacao-negra/>. Acesso em: 14/11/2021

Osso de patinho é vendido por R\$13,49 e gera revolta: "Brasil da fome". Brasil 247. <https://www.brasil247.com/economia/osso-de-patinho-e-vendido-por-r-13-49-gera-revolta-brasil-da-fome>. Acesso em: 14/11/2021

PACHECO, Jadine Labbé. Bumidom, un chapitre oublié de l'Histoire de France. Boukan Le courrier Ultramarin. <https://www.une-saison-en-guyane.com/article/histoire/bumidom-un-chapitre-oublie-de-lhistoire-de-france/>. Acesso em 03/11/2021

Para 70% dos brasileiros, há corrupção no governo Bolsonaro, diz Datafolha. G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/07/11/para-70percent-dos-brasileiros-ha-corruptao-no-governo-de-jair-bolsonaro-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 02/12/2021

PEILLON, Luc. Pourquoi le mot "race" reste-t-il dans la constitution, malgré sa suppression ? Libération. https://www.liberation.fr/checknews/2018/07/13/pourquoi-le-mot-race-reste-t-il-dans-la-constitution-malgre-sa-suppression_1666333/. Acesso em 03/11/2021.

PEREIRA, Sydney. Com 33% da população negra, Vila Maria perde Centro Municipal de Igualdade Racial. 32xsp. <https://32xsp.org.br/2018/04/24/com-33-da-populacao-negra-vila-maria-perde-centro-municipal-de-igualdade-racial/>. Acesso em 12/11/2021

Primeira morte por coronavírus no Brasil aconteceu em 12 de março, diz Ministério da Saúde. G1. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 13/11/2021

Quand s'applique la trêve hivernale ? Service-Public.fr. <https://www.service-public.fr/particuliers/vosdroits/F34736>. Acesso em: 22/11/2021

REZENDE, Contança. EXCLUSIVO: Governo Bolsonaro pediu propina de US\$ 1 por dose, diz vendedor de vacina. [https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml)

[por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml). Acesso em: 02/12/2021

RONCOLATO, Murilo. A tela "A Redenção de Cam" e a tese do branqueamento no Brasil. Edusp. <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/>. Acesso em: 25/11/2021

ROSSI, Clovis. O engenheiro que sonhava ser presidente desde criança. Folha Online. https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/mario_covas-biografia.shtml. Acesso em 07/11/2021

SANTIAGO, Tatiana. Parelheiros tem 7,8 vezes mais negros que Pinheiros, diz levantamento. G1. <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/09/parelheiros-tem-7-8-vezes-mais-negros-que-pinheiros-diz-levantamento.html>. Acesso em 13/11/2021

SANTIAGO, Tatiana. Negros morreram quase duas vezes mais de Covid- 19 do que brancos no Itaim Bibi em 2021, diz pesquisa. G1. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/13/populacao-negra-morreu-17-vez-a-mais-de-covid-19-do-que-populacao-branca-no-itaim-bibi-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 13/11/2021

7 escândalos de corrupção do governo Bolsonaro. MST. <https://mst.org.br/2021/09/29/7-escandalos-de-corruptao-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 02/12/2021

VERDELIO, Andreia. Primeira morte por covid-19 no Brasil aconteceu em 12 de março. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em; 13/11/2021

Villiers-le-Bel: 7 à 20 ans requis contre les présumés tireurs. L'Express. https://www.lexpress.fr/actualite/villiers-le-bel-7-a-20-ans-requis-contre-les-presumes-tireurs_903812.html. Acesso em: 22/11/2021

Usage illégal de la force et pratiques discriminatoires : analyse de certaines pratiques des forces de l'ordre pendant le confinement. Amnesty International. https://amnestyfr.cdn.prismic.io/amnestyfr/10799550-b926-4e77-b95c-12bfab03bd74_+la+force+et+pratiques+discriminatoires_+analyse+de+pratiques+polici%C3%A8res+pendant+le+confinement.pdf. Acesso em : 22/11/2021

SITOGRAFIA

Loi SRU : 232 communes exemptées pour la période 2020-2022. Banque des Territoires. <https://www.banquedesterritoires.fr/loi-sru-232-communes-exemptees-pour-la-periode-2020-2022>. Acesso em : 24/10/2021

Quotas de logements sociaux : le Sénat facilite les exemptions pour les communes. Public Senat. <https://www.publicsenat.fr/article/parlementaire/quotas-de-logements-sociaux-le-senat-facilite-les-exemptions-pour-les-communes>. Acesso em 24/10/2021

Les Territoires Outre-Mer. Ministère des Outre-Mer. <https://outre-mer.gouv.fr/les-territoires>. Acesso em : 24/10/2021

Que sont les départements et les régions d'outre-mer ? République Française. <https://www.vie-publique.fr/fiches/20146-que-sont-les-departements-et-les-regions-doutre-mer>. Acesso em 24/10/2021

La Réunion. Ministère des Outre-Mer. <https://outre-mer.gouv.fr/la-reunion>. Acesso em : 24/10/2021

Notre responsabilité sociétale. ParisHabitat. <https://www.parishabitat.fr/nous-connaître/responsabilite-societale/>. Acesso em: 24/10/2021

Bailleur Social. Ooreka Argent. <https://location-immobilier.ooreka.fr/astuce/voir/489413/bailleur-social>. Acesso em 24/10/2021

SRU : 56% des communes ne remplissent pas leurs obligations. République Française. <https://www.vie-publique.fr/en-bref/19801-sru-56-des-communes-ne-remplissent-pas-leurs-obligations>. Acesso em : 24/10/2021

Les aides personnelles au logement. CAF.fr. <https://www.caf.fr/allocataires/droits-et-prestations/s-informer-sur-les-aides/logement-et-cadre-de-vie/les-aides-personnelles-au-logement>. Acesso em : 24/10/2021

Quartiers de la politique de la ville. Ministère de la cohésion des territoires et des relations avec les collectivités territoriales. <https://www.cohesion-territoires.gouv.fr/quartiers-de-la-politique-de-la-ville>. Acesso em 25/10/2021.

Les permis de construire et autres autorisations et actes relatifs à l'occupation ou à l'utilisation du sol. République Française – Collectivités Locales.fr. [https://www.collectivites-locales.gouv.fr/competences/les-permis-](https://www.collectivites-locales.gouv.fr/competences/les-permis-de-construire-et-autres-autorisations-et-actes-relatifs-a-l-occupation-ou-a-l-utilisation-du-sol)

de-construire-et-autres-autorisations-et-actes-relatifs-l'occupation-ou. Acesso em 29/10/2021

30 années d'activités dans les quartiers Nord de Marseille. Mam'Ega vivre ensemble. <https://vivreensemble.org/presentation-du-comite-mamega/>. Acesso em 03/11/2021

Françoise Ega : celle que dit non à l'ombre. Mam'Ega vivre ensemble. <https://vivreensemble.org/francoise-ega/>. Acesso em 03/11/2021.

Vereador José Bustamante. Base de Dados - Camara Municipal de São Paulo. <https://www.saopaulo.sp.leg.br/biblioteca/arquivo-vereadores/>. Acesso em 03/11/2021

Arquivo Histórico de São Paulo. Cangaíba uma História: Ensaio Fotográfico sobre o bairro do Cangaíba (SP). <https://issuu.com/ahsp/docs/cangaiba-uma-historia/11>. Acesso em 07/11/2021

Kiffe ta race Live ! Musée de L'Histoire de L'immigration. <https://www.histoire-immigration.fr/agenda/2018-12/kiffe-ta-race-live>. Acesso em : 09/11/2021.

Que faire après la 3e ? La voie professionnelle. Onisep. <https://www.onisep.fr/Choisir-mes-etudes/College/Orientation-au-college/Que-faire-apres-la-3e/La-voie-professionnelle>. Acesso 10/11/2021

Que faire après la troisième ? Ministère de l'éducation nationale, de la jeunesse et des sports. <https://www.education.gouv.fr/que-faire-apres-la-troisieme-12506>. Acesso em : 10/11/2021

O que é atenção primária. Ministério da Saúde – Secretaria da Atenção Primária à Saúde (SAPS). <https://aps.saude.gov.br/smp/smpoquee>. Acessom em: 13/11/2021

La pandémie de COVID-19 risque d'entraîner 150 millions de personnes supplémentaires dans l'extrême pauvreté d'ici 2021. Banque Mondiale. <https://www.banquemondiale.org/fr/news/press-release/2020/10/07/covid-19-to-add-as-many-as-150-million-extreme-poor-by-2021>. Acesso em : 14/11/2021

DICIONÁRIOS

LAROUSSE. Taudis. <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/taudis/76834>. Acesso em 07/11/2021

CORDIAL. Racialiser, verbe. <https://www.cordial.fr/dictionnaire/definition/racialiser.php> . Acesso em

09/11/2021

LEIS CONSULTADAS

LEI N 6.766 de 19 de Dezembro de 1979. Planalto do Governo Brasileiro: Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6766compilado.htm. Acesso em 23/10/2021

L'article 55 de la loi solidarité et renouvellement urbain (SRU), mode d'emploi. Ministère de la transition écologique. <https://www.ecologie.gouv.fr/l'article-55-loi-solidarite-et-renouvellement-urbain-sru-mode-demploi>. Acesso em 24/10/2021

Loi 1305. Constitution du 4 octobre 1958 - treizième législature - enregistré à la présidence de l'assemblée nationale le 9 décembre 2008. Proposition de loi visant à lutter contre les discriminations liées à l'origine, réelle ou supposée. Assemblée nationale. <https://www.assemblee-nationale.fr/13/propositions/pion1305.asp>. Acesso em 03/11/2021.

Loi solidarité et renouvellement urbain (sru). Ministère de la Cohésion Territoriale, <https://www.cohesion-territoires.gouv.fr/loi-solidarite-et-renouvellement-urbain-sru>. Acesso em 24/10/2021.

Loi n° 78-17 du 6 janvier 1978 relative à l'informatique, aux fichiers et aux libertés. Légifrance. <https://www.legifrance.gouv.fr/loda/id/JORFTEXT000000886460/>. Acesso em: 03/11/2021.

Lei n° 8.080 de 19 de Setembro de 1990. Presidência da República: Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm. Acesso em: 25/11/2021

BIBLIOGRAFIA ONLINE

ASSUNÇÃO, Luiza Maria ; QUERINA, Rosimás Alvez ; RODRIGUES, Leiner Resende. A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadoras, usuários e benzedores. Scielo Brasil. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/xCvw755JYqQjYvzghpdx9vC/?lang=pt>. Acesso em 11/11/2021

CARDOSO, Claudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Scielo Brasil. <https://www.scielo.br/j/ref/a/>

TJMLC74qwb37tnWV9JknbkK/?lang=pt. Acesso em 03/11/2021

FASSIN, Didier. Ni race, ni racisme, Ce que racialiser veut dire. Les Nouvelles Frontières de la société française, p. 147 – 172, 2012. <https://www.cairn.info/les-nouvelles-frontieres-de-la-societe-francaise--9782707174536-page-147.htm>. Acesso em 09/11/2021

MANSANERA, Adriano Rodrigues ; SILVA, Lúcia Cecília. A influência das idéias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. Scielo Brasil. <https://www.scielo.br/j/pe/a/VSy9ddmBqr4ZmNXgDJr6j9g/?lang=pt#>. Acesso em: 03/11/2021

PALMISTE, Claire. Génocide par substitution: usages et cadre théorique. HAL, Université des Antilles, 2018. <https://hal.univ-antilles.fr/hal-01771854>. Acesso em 03/11/2021

VÉRAN, Jean-François ; VIOT, Marianne ; MOLLO, Batiem ; VINCENT ; Charline . Précarités et Covid-19 : Évolution de l'Accès et du Recours à la Santé Paris, Île-de-France mars-juin 2020. https://www.academia.edu/44909214/Pr%C3%A9carit%C3%A9s_et_Covid_19_%C3%89volution_de_l_Acc%C3%A8s_et_du_Recours_%C3%A0_la_Sant%C3%A9_Paris_%C3%8Eile_de_France_mars_juin_2020?email_work_card=title. Acesso 09/11/2021

VÉRONIQUE, Georges Daniel. Les créoles français : déni, réalité et reconnaissance au sein de la République française. Langue Française. Vol.3. n°167. P. 127 – 140, 2010. <https://www.cairn.info/revue-langue-francaise-2010-3-page-127.htm>. Acesso em 11/11/2021

WERNECK, Guilherme Loureiro; BAHIA, Ligia; MOREIRA, Jéssica Pronestino de Lima; SCHEFFER, Mario. Mortes evitáveis por Covid-19 no Brasil [Internet]. São Paulo; 2021 [citado 15 Jul 2021]. Disponível em: https://idec.org.br/sites/default/files/mortes_evitaveis_por_covid-19_no_brasil_para_internet_1.pdf

PODCAST

Kiffe ta race 75: Race le mot qui fâche. RokhSara Diallo e Grace Ly. Adel Ittel El Madani, 17 out. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/RU3sgHTD6rlp6?si=3BTaqBerRY2nQuvHtdUJKQ&utm_source=whatsapp. Acesso em 09/11/2021

Kiffe ta race 78 : « Charge Raciale », la double peine.

RokhSara Diallo e Grace Ly. Adel Ittel El Madani, 19 out. 2021. Disponível em: https://open.spotify.com/Yuw4KXfjclUzxyh?si=fsgHg9xYTiCx6HroHc0dtw&utm_source=whatsapp. Acesso em 09/11/2021

INSTAGRAM

@SPINVISIVEL

VIDEOGRAFIA

GREG NEWS. Boa noite, família. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghQ9Oa9fR3w&t=1299s&ab_channel=HBOBrasil. Acesso em: 14/11/2021

DIÁRIO DO NORDESTE. Pessoas buscam comida em caminhão de lixo em bairro nobre de Fortaleza. https://www.youtube.com/watch?v=rXVLGMJux4A&ab_channel=Di%C3%A1rioDoNordeste. Acesso em: 14/11/2021

Des jeunes se mobilisent pour que des enfants Roms puissent étudier. France 3. <https://www.facebook.com/france3/videos/914401315821763/>. Acesso em : 22/11/2021

ESTUDOS INSTITUCIONAIS

Instituto Pólis. Raça e covid no Município de São Paulo [Internet]. São Paulo: Instituto Pólis; 2020.. Disponível em: <https://polis.org.br/estudos/raca-e-covid-no-msp/>

Nossa São Paulo. Mapa da Desigualdade 2021. São Paulo: Rede Nossa São Paulo. https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Mapas.pdf

Nossa São Paulo. Mapa da Desigualdade 2020. São Paulo: Rede Nossa São Paulo. <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-MAPAS-site-1.pdf>

Em homenagem à Júlia Albuquerque.

